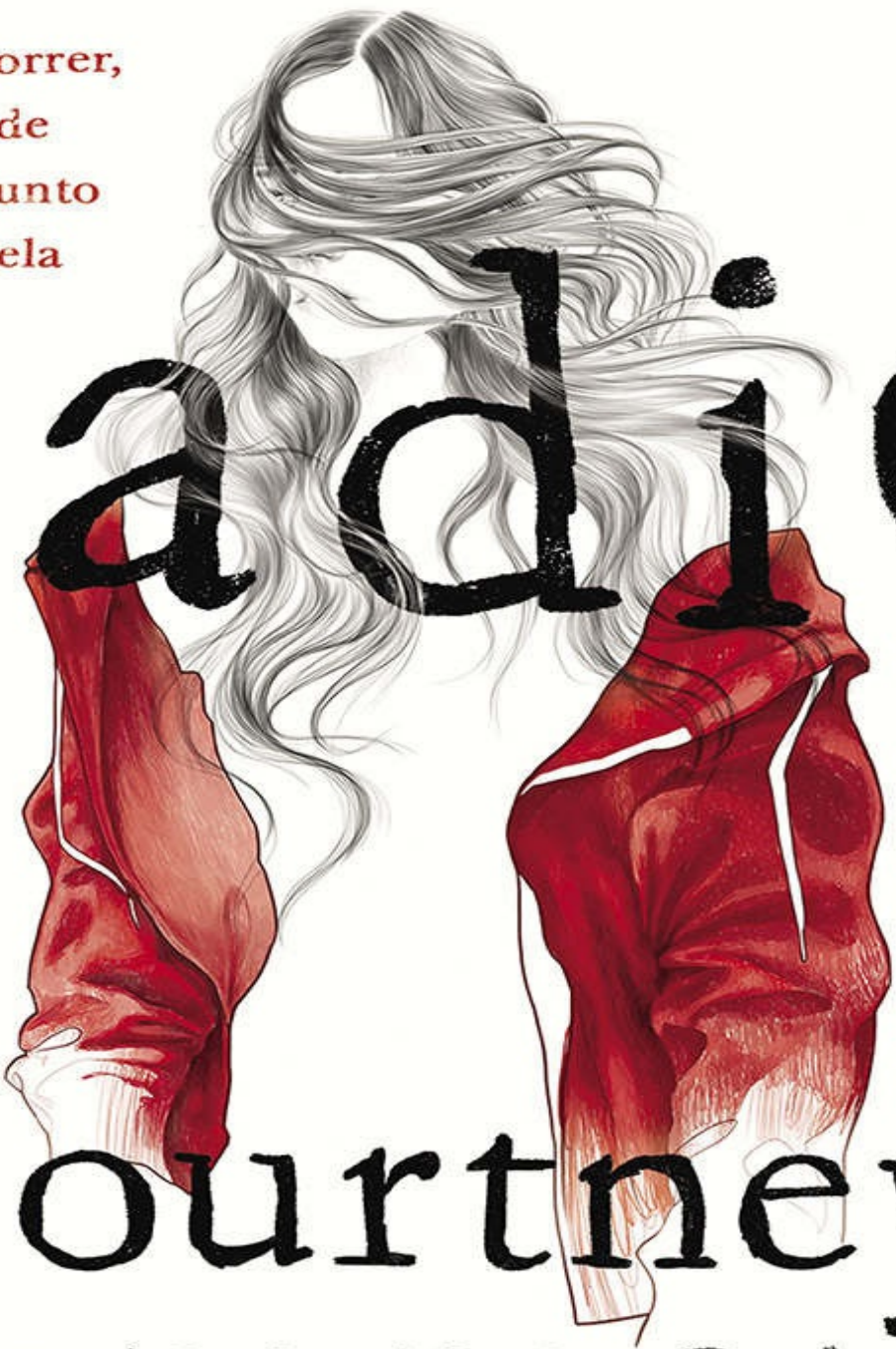


Best-seller do New York Times

Se ela morrer,
a verdade
vai junto
com ela



sadie

courtney
summers

PLATA
FORMA 31



Índice

1. [Sadie](#)
2. [Créditos](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [...](#)
5. [AS GAROTAS - Episódio 1](#)
6. [Sadie](#)
7. [AS GAROTAS - T1E1](#)
8. [Sadie](#)
9. [AS GAROTAS - T1E1](#)
10. [Sadie](#)
11. [AS GAROTAS - Episódio 2](#)
12. [Sadie](#)
13. [AS GAROTAS - T1E2](#)
14. [Sadie](#)
15. [AS GAROTAS - T1E2](#)
16. [Sadie](#)
17. [AS GAROTAS - Episódio 3](#)
18. [Sadie](#)
19. [AS GAROTAS - T1E3](#)
20. [Sadie](#)
21. [AS GAROTAS - T1E3](#)
22. [Sadie](#)
23. [AS GAROTAS - Episódio 4](#)

14. [Sadie](#)
15. [AS GAROTAS - T1E4](#)
16. [Sadie](#)
17. [AS GAROTAS - T1E4](#)
18. [Sadie](#)
19. [AS GAROTAS - Episódio 5](#)
20. [Sadie](#)
21. [AS GAROTAS - T1E5](#)
22. [Sadie](#)
23. [AS GAROTAS - T1E5](#)
24. [Sadie](#)
25. [AS GAROTAS - Episódio 6](#)
26. [Sadie](#)
27. [AS GAROTAS - T1E6](#)
28. [AS GAROTAS - Episódio 7](#)
29. [AS GAROTAS - Episódio 8](#)
30. [Agradecimentos](#)
31. [Nota do editor](#)
32. [Opinião](#)

Landmarks

1. [Cover](#)

sadie

courtney
summers

TRADUÇÃO
REGIANE WINARSKI

PLATA
FORMA 31

TÍTULO ORIGINAL *Sadie*

© 2018 by Courtney Summers

Originalmente publicado por Wednesday Books, uma divisão da St. Martin's Press. Direito de tradução acordado com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Ana Luiza Candido e Ana Lima Cecilio

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

DESIGN DE CAPA Kerri Resnick

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Agata Wierzbicka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Summers, Courtney

Sadie [livro eletrônico] / Courtney Summers; tradução Regiane Winarski. -- São Paulo: Plataforma21, 2019.

750 Kb; ePub

ISBN 978-85-92783-99-0

1. Ficção canadense 2. Literatura juvenil I. Título.

19-24121 CDD-C813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura canadense C813

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

*Para as minhas avós, Marion LaVallee
e Lucy Summers, pelo amor e apoio incondicionais*

DANNY GILCHRIST:

Faz um dia lindo na cidade. O sol está brilhando e não tem uma nuvem no céu. Meu almoço no Central Park foi ótimo, um *shawarma* de frango do Sharwarma Stop, muito recomendado pelos ouvintes depois do episódio da semana passada sobre os segredos mais bem guardados de Nova York. Agradecemos por isso, pessoal. Estava tão gostoso que eu talvez volte no jantar. Na WNRK de Nova York, sou Danny Gilchrist, e você está ouvindo o *Sempre por aí*.

Hoje vamos fazer uma coisa nova, uma coisa grande. Hoje vamos adiar o episódio agendado para lançar o primeiro episódio do nosso novo podcast seriado, *As garotas*. Se quiserem ouvir mais, vocês podem baixar os oito episódios – isso mesmo, a temporada inteira – pelo nosso site. Temos certeza de que vocês vão querer ouvir mais.

Criado e apresentado por um dos nossos antigos produtores, West McCray, *As garotas* explora o que acontece quando um crime horrendo revela um mistério perturbador. É uma história sobre família, sobre irmãs e sobre vidas anônimas em uma pequena cidade dos Estados Unidos. É sobre até onde estamos dispostos a ir para proteger quem amamos... e o preço que pagamos quando não podemos ir.

E começa, como tantas outras histórias, com uma garota morta.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 1

[TEMA DE AS GAROTAS]

WEST McCRAY:

Bem-vindos a Cold Creek, Colorado. População: oitocentas pessoas.

Se procurarem imagens no Google, vocês verão a rua principal – o coração quase parado desse mundinho – e vão perceber que metade dos prédios está vazia ou interditada. Os mais sortudos, aqueles que têm um bom emprego, trabalham no mercado local, no posto de gasolina ou nos outros poucos estabelecimentos comerciais básicos da rua principal. Os demais têm que procurar oportunidades uma cidade ou duas adiante, para si e para os filhos; as escolas mais próximas ficam em Parkdale, a quarenta minutos de distância. Alunos de outras três cidades são recebidos por lá.

Além da rua principal, Cold Creek se espalha por casas velhas e maltratadas, como aquelas que não têm mais lugar no tabuleiro do Monopoly. Depois, há uma espécie de vazio rural. A estrada é interrompida por várias estradas de terra que levam a lugar nenhum com a mesma frequência com que levam a bolsões de casas depredadas ou trailers em condições ainda piores. No verão, uma van de comida aparece na cidade distribuindo almoço grátis para as crianças até que as aulas voltem, porque na escola elas têm garantidas pelo menos duas refeições gratuitas por dia.

Há um silêncio surpreendente para quem viveu a vida toda na cidade grande, como eu. Cold Creek é cercada por uma linda e ininterrupta área de terra e céu que parecem infinitos. Os pores do sol são belos: dourados e laranja vivos, rosas e roxos, uma beleza natural que não foi estragada pelos insultantes arranha-céus. Só a vastidão do espaço já nos deixa mais humildes, é quase divina. É difícil imaginar a sensação de estar *preso* aqui.

Mas a maioria das pessoas se sente exatamente assim.

RESIDENTE DE COLD CREEK *[MULHER]*:

As pessoas moram em Cold Creek porque nasceram aqui, e quem nasceu aqui provavelmente não vai sair nunca.

WEST McCRAY:

Isso não é bem verdade. Temos histórias de sucesso, de estudantes universitários que seguiram a vida e conseguiram empregos bem pagos em cidades distantes, mas elas costumam ser a exceção e não a regra. Cold Creek oferece um tipo de vida que quem tem privilégios é criado para não aceitar como suficiente.

Aqui, todo mundo se esforça tanto para cuidar das suas famílias e sobreviver que, se as pessoas desperdiçassem tempo com os dramas mesquinhos, escândalos e ressentimentos que parecem definir as cidadezinhas no imaginário da nossa nação, elas não conseguiriam sobreviver. Isso não quer dizer que não há dramas, escândalos nem ressentimentos; só que essas coisas costumam ser mais do que os habitantes de Cold Creek podem se dar ao luxo de se preocupar.

Até que *aquilo* aconteceu.

As ruínas de uma escolinha abandonada da virada do século, a menos de cinco quilômetros da cidade, foram consumidas pelo fogo. O teto caiu e o que restou das paredes foi queimado. Ficava ao lado de um pomar de macieiras que está sendo lentamente ocupado pela natureza: mato novo, árvores novas, flores selvagens.

Tem algo de quase romântico ali, como um respiro do resto do mundo. É o lugar perfeito para se estar sozinho com os pensamentos. Pelo menos era.

May Beth Foster – que vocês vão passar a conhecer com o desenrolar desta série – me levou lá. Eu pedi para ver. Ela é uma mulher branca e gorducha de sessenta e oito anos com cabelo grisalho. Tem um jeito de avó, com uma voz tão convidativa e familiar que aquece a gente por dentro. May Beth é a gerente do camping para trailers Sparkling River Estates, residente de Cold Creek desde que nasceu. Quando ela fala, as pessoas param para escutá-la. Com muita frequência, tomam como verdade tudo o que ela diz.

MAY BETH FOSTER:

Foi por... aqui.

Foi aqui que encontraram o corpo.

ATENDENTE DO 911 *[TELEFONE]*:

Atendimento do nove-um-um. Qual é a emergência?

WEST McCRAY:

No dia três de outubro, Carl Earl, de quarenta e sete anos, estava indo para o trabalho em uma fábrica em Cofield. Fica a uma hora de carro de Cold Creek. Ele mal tinha começado o trajeto quando avistou uma fumaça preta manchando o horizonte logo cedo.

CARL EARL:

O dia começou como qualquer outro. Pelo menos eu acho. Imagino que acordei, tomei café e dei um beijo na minha esposa quando estava indo pra porta, porque é isso que faço todas as manhãs. Mas, sinceramente, não consigo me lembrar de nada que fiz antes de ver a fumaça e tudo o que aconteceu depois... bem.

Eu queria poder esquecer.

CARL EARL *[TELEFONE]*:

Oi, meu nome é Carl Earl e quero relatar um incêndio. Tem uma escola abandonada na estrada Milner, que está pegando fogo. Fica a quase cinco quilômetros a leste de Cold Creek. Eu estava passando e reparei. Encostei pra ligar. Parece que a coisa está feia.

ATENDENTE DO 911 *[TELEFONE]*:

Certo, Carl, vamos enviar alguém.

Tem mais alguém por perto? Alguém que precise de ajuda e que você consiga ver?

CARL EARL *[TELEFONE]*:

Só tem eu aqui, pelo que posso perceber, mas acho que não estou tão perto assim... Acho que posso chegar mais perto pra olhar...

ATENDENTE DO 911 *[TELEFONE]*:

Senhor... Carl, por favor, fique longe do fogo. Preciso que você faça isso pra mim, tá?

CARL EARL *[TELEFONE]*:

Ah, sim, não... eu não ia...

CARL EARL:

Fiz o que me mandaram, apesar de uma parte de mim querer bancar o herói.

Ainda não sei o que me fez ficar lá, porque eu não podia faltar no trabalho, mas esperei até a polícia e os bombeiros chegarem. Vi quando eles foram apagar o fogo e fiquei olhando até as chamas serem controladas, e foi aí que reparei... depois da escola, eu vi... fui eu que, hã... fui eu que vi primeiro.

WEST McCRAY:

O corpo de Mattie Southern foi descoberto entre a escola incendiada e o pomar de macieiras, fora do campo de visão da estrada. Seu desaparecimento tinha sido registrado três dias antes, e ali estava ela.

Morta.

Decidi que os detalhes grotescos do que foi descoberto no pomar não farão parte deste programa. Mesmo que o assassinato, o crime, possa ter capturado o seu interesse a princípio, a violência e a brutalidade dele não existem para o entretenimento de vocês, então, por favor, não nos perguntem. Os detalhes deste caso podem ser facilmente encontrados online. Na minha opinião, vocês só precisam saber de duas coisas.

A primeira é que a causa da morte dela foi traumatismo craniano, decorrência de um golpe de força bruta.

A segunda é o seguinte:

MAY BETH FOSTER:

Ela só tinha treze anos.

CARL EARL:

Não consigo mais dormir direito desde que isso aconteceu.

WEST McCRAY:

Mattie tinha uma irmã de dezenove anos, Sadie; uma avó de consideração, May Beth; e uma mãe, Claire. Mas Claire está fora de cena há um tempo.

Ouvi falar pela primeira vez do assassinato de Southern em um posto de gasolina perto de Abernathy, a uns trinta minutos de Cold Creek. Eu estava com minha equipe nas planícies orientais, e tínhamos acabado de encerrar as entrevistas para um segmento de um episódio de *Sempre por aí* dedicado a delinear os perfis das pequenas cidades dos Estados Unidos. Vocês sabem, essas que estão em franca decadência. Queríamos que os habitantes nos contassem o que as cidadezinhas perderam não porque acreditávamos poder retomar sua antiga glória, mas só para o público saber que elas existiam.

Queríamos dar a elas uma voz antes que desaparecessem.

JOE HALLORAN:

É uma ideia legal. A de que alguém se importa.

WEST McCRAY:

Esse foi Joe Halloran, um dos residentes de Abernathy que entrevistamos. Eu não estava pensando nas palavras dele quando parei atrás de um cara no posto de gasolina e o ouvi contando ao funcionário *exatamente* o que aconteceu com a menina. Os fatos horrendos não me inspiraram a ficar lá. Minha equipe e eu conseguimos o que precisávamos e estávamos prontos para ir para casa. Era uma coisa horrível, claro, mas vivemos em um mundo onde não faltam coisas horríveis. Não dá para parar por causa de todas.

Um ano depois, eu estava no meu escritório de Nova York. Era outubro, um ano exato depois da morte de Mattie. Na verdade, era dia três... e minha atenção ficava vagando da tela do computador para a janela, por onde eu via o Empire State Building. Eu gostava do meu trabalho na WNKR e gostava da minha vida na cidade, mas talvez uma parte de mim – a mesma parte que me permitiu me afastar da história de Mattie na primeira vez sem nem pensar duas vezes – estava precisando de uma mudança radical.

Essa mudança chegou na forma de uma ligação.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

É West McCray?

WEST McCRAY [TELEFONE]:

É, sim. Como posso ajudar?

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Aqui é May Beth Foster. Joe Halloran me disse que você se importa.

WEST McCRAY:

Não havia nenhuma novidade no caso de Mattie Southern, nenhum suspeito. A investigação parecia ter chegado a um beco sem saída. Mas esse não foi o motivo para o contato de May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Preciso da sua ajuda.

WEST McCRAY:

Três meses atrás, em meados de julho, ela recebeu uma ligação da delegacia

de Farfield, Colorado, uma cidade que fica a muitos quilômetros de Cold Creek. Encontraram um Chevy preto de 2007 estacionado no acostamento e, dentro dele, um saco verde cheio de pertences da irmã mais velha de Mattie, Sadie Hunter, que tinha desaparecido em junho. Sadie não estava em parte alguma, e ainda não tinha sido encontrada. Depois de uma investigação superficial, as autoridades locais declararam que ela tinha fugido de casa. Vendo todas as possibilidades esgotadas, May Beth Foster me procurou. Eu era sua última esperança. Ela achava que talvez eu pudesse fazer Sadie voltar para casa viva. Sadie *tinha* que estar viva, porque...

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Não aguento outra garota morta.

sadie

Encontro o carro nos classificados.

A marca não faz diferença, acho, mas para quem precisar de mais do que isso para entender, é todo quadradão e preto como a noite. Do tipo de cor que desaparece no meio de outras. Banco de trás grande o bastante para servir de cama. Estava sendo vendido por um anúncio escrito às pressas em um mar de anúncios escritos às pressas, mas esse estava cheio de erros de ortografia que indicavam um tipo especial de desespero. *Faça uma oferta, pr favo* foi o que me fez bater o martelo. O pedido significava *Preciso de dinheiro agora*, o que quer dizer que alguém está encrocado ou com fome ou tem algum tipo de necessidade química. Quer dizer que eu tenho vantagem, então o que fazer, senão comprar?

Nem passa pela minha cabeça que me encontrar com alguém em uma estrada fora da cidade para comprar um carro por qualquer quantia que eu estivesse disposta a pagar talvez não fosse a coisa mais segura do mundo, mas isso só porque o que vou fazer quando estiver com o carro é ainda mais perigoso do que isso.

– Você poderia morrer – eu digo, só para ver se o peso das palavras na minha boca faz a realidade da situação entrar na minha cabeça pelo choque.

Não funciona.

Eu poderia morrer.

Pego minha mochila de lona verde no chão, penduro no ombro e passo o polegar pelo lábio inferior. May Beth me deu mirtilos ontem à noite, que comi no café da manhã, quando acordei. Não sei se mancharam minha boca, e já tenho uma enorme dificuldade com primeiras impressões naturalmente.

A porta de tela do trailer está enferrujada e solta um gemido nesse Nenhum Lugar Importante que nos cerca. Para quem precisar de uma imagem, é só pensar num lugar bem pior que um subúrbio e me imaginar num lugar ainda mais pobre, morando, durante toda minha vida, em um

trailer alugado pela May Beth dos mirtilos. Moro em um lugar que só serve pra ser abandonado, isso é tudo que precisa ser dito, e não me permito olhar para trás. Não importa se quero, só é melhor não olhar.

Pego a bicicleta e pedalo para fora da cidade. Faço uma parada rápida na ponte verde por cima do rio Wicker, olho para a água e sinto a atração vertiginosa da corrente forte nas minhas entranhas. Remexo na bolsa, afasto roupas, garrafas de água, umas batatas fritas e minha carteira até encontrar o celular enrolado em uma bola de roupas íntimas. É um pedaço barato de plástico; não tem nem tela *touch*. Eu jogo o aparelho na água, volto para a bicicleta e pedalo para a estrada Meddler, perto da rodovia, para encontrar a mulher que escreveu o anúncio nos classificados. O nome dela é Becki *com i*. Ela escreveu isso, *com i*, como se eu não tivesse notado em cada e-mail que enviou. Ela está parada ao lado do carro preto quadrado, uma das mãos no capô e a outra na barriga de grávida. Atrás dela tem outro carro parado, um pouco mais novo. Um homem está no volante com o braço pendurado para fora da janela, e ele está tenso até me ver, momento em que toda sua tensão parece derreter. Ofensivo. Eu sou perigosa.

Você não deveria subestimar as pessoas, tenho vontade de gritar. Eu tenho uma faca.

É verdade. Tem uma faca retrátil no meu bolso de trás, esquecida por um dos namorados da minha mãe, Keith. De muito tempo atrás. Ele tinha a melhor voz de todos, tão suave que era quase fofinha, mas não era um homem legal.

– Lera? – pergunta Becki, porque foi esse nome que dei a ela.

É meu nome do meio. É mais fácil de dizer do que o meu.

Becki me surpreende pelo jeito como fala. Como um joelho ralado. Fumante há muito tempo, tenho certeza. Eu faço que sim, tiro o envelope cheio de dinheiro do bolso e entrego. Oitocentos no total. Tudo bem, ela negociou em cima da minha oferta inicial de quinhentos, mas sei que é um bom negócio. Estou mais ou menos pagando os consertos que eles fizeram na lataria. Becki diz que deve durar pelo menos um ano.

– Você parecia bem mais velha no e-mail – ela diz.

Dou de ombros e estico o braço mais um pouco. *Pega o dinheiro, Becki, tenho vontade de dizer, antes que eu pergunte pra quê você precisa dele.* Porque o homem no carro parece inquieto, abstinente. Eu conheço aquele olhar. Reconheceria em qualquer lugar, em qualquer um. Veria até no escuro.

Becki esfrega a barriga redonda e chega mais perto.

– Sua mãe sabe que você está aqui? – pergunta ela, e decido dar de ombros, o que parece satisfazê-la até que isso para de funcionar de repente. Ela franze a testa e me olha de cima a baixo. – Não sabe, né? Por que ela deixaria você vir aqui sozinha comprar um carro?

Não é uma pergunta para a qual eu possa balançar a cabeça, assentir ou dar de ombros. Lambo os lábios e me preparo para a briga. *Eu tenho uma faca*, tenho vontade de dizer para a coisa que gosta de esganar a minha voz.

– Minha m-mãe está *m-m-m...*

Quanto mais eu repito o m-m-m, mais vermelho o rosto dela fica, e menos ela sabe para onde olhar. Não para mim, diretamente nos meus olhos. Minha garganta está apertada, apertada demais, engasgada, e o único jeito de me libertar é parar de tentar conectar as letras. Por mais que eu me esforce na frente da Becki, elas nunca vão se conectar. Só sou fluente quando estou sozinha.

– ...orta.

A gagueira melhora.

Eu respiro.

– Meu Deus – diz Becki, e sei que não é por causa da tristeza natural do que acabei de contar, é por causa do jeito quebrado como saiu da minha boca. Ela recua um pouco porque essa merda é contagiosa, sabe, e, se ela pegar, tem cem por cento de chance de transmitir para o feto. – Quer que eu... você sabe dirigir?

É uma das maneiras mais sutis das quais alguém já se valeu para me perguntar se sou burra, mas isso não torna a pergunta menos irritante, ainda mais vinda de uma mulher que não consegue nem escrever *por favor* direito. Guardo o envelope no bolso e deixo que o gesto fale por mim. Mattie dizia que era a minha teimosia, não a gagueira, a minha pior característica, mas uma não existiria sem a outra. Mesmo assim. Posso me dar ao luxo de fingir que a ignorância da Becki é mais do que estou disposta a aguentar pelo carro usado. Ela ri um pouco, constrangida.

– O que estou dizendo? Claro que sabe... – E, mais uma vez, de forma menos convincente: – Claro que sabe.

– Sei – eu digo, porque nem todas as palavras que digo se partem em pedacinhos.

A normalidade vocal faz Becki relaxar. Ela para de me fazer perder tempo

e me mostra que o carro ainda está funcionando ao dar vida ao motor. Ela me diz que a mola do porta-malas está ruim e brinca que vai me deixar ficar com a vareta que eles usam para abri-lo sem cobrar por isso.

Faço *ahans* e *hã-hãs* durante toda a transação até fecharmos o negócio, depois me sento no capô do meu novo carro e os vejo darem ré e virarem à esquerda em direção à rodovia. Giro a chave no dedo enquanto o calor da manhã me envolve lentamente. Os mosquitos me acham uma afronta ao território deles e fazem um banquete na minha pele clara e sardenta. O cheiro seco e poeirento de estrada faz cócegas nas minhas narinas, um sinal claro para a parte de mim que está pronta para ir embora, então desço do carro, enfio a bicicleta no mato e a vejo cair sem graça nenhuma de lado.

May Beth me dá mirtilos às vezes, mas também coleciona placas vencidas e as exhibe com orgulho no barracão atrás do trailer duplo onde mora. Tem de todas as cores e estados, até de outros países. May Beth tem tantas placas que acho que não vai sentir falta de duas. Os adesivos de registro são cortesia da velha sra. Warner, que mora a três trailers do meu. Ela está fraca demais para dirigir e não precisa mais deles.

Sujo as placas de lama e limpo as palmas das mãos no short enquanto contorno o carro e entro pelo lado do motorista. Os assentos são macios e fundos, e uma queimadura de cigarro marca o espaço entre as minhas pernas. Enfio a chave na ignição e o motor ruge. Enfio o pé no acelerador e o carro se desloca pelo terreno irregular, pelo mesmo caminho que a Becki tomou, até alcançar a rodovia e seguir na direção oposta.

Eu lambo os lábios; o gosto dos mirtilos já sumiu faz tempo, mas ainda consigo imaginar aquela doçura enrugada e sentir falta dela. May Beth vai ficar bem decepcionada quando bater na minha porta e descobrir que fui embora, mas acho que não vai ficar surpresa. A última coisa que ela me disse, com meu rosto aninhado com firmeza nas suas mãos, foi: *Seja lá o que você estiver pensando, é melhor tirar dessa sua cabecinha tola agora mesmo. Só que não estava na minha cabeça, estava em meu coração, e foi ela mesma que me disse que, se era pra seguir alguma coisa, melhor que fosse o coração.*

Mesmo que ele esteja todo bagunçado.

AS GAROTAS

T1E1

WEST McCRAY:

Garotas somem toda hora.

Meu chefe, Danny Gilchrist, já vinha falando sobre a ideia de eu apresentar um podcast meu e, quando contei sobre a ligação da May Beth e sobre Mattie e Sadie, ele pediu pra eu dar uma olhada na história. Parecia coisa do destino, na opinião dele, que eu estivesse perto quando Mattie morreu. Mesmo assim, essas foram as primeiras palavras que saíram da minha boca:

Garotas somem toda hora.

Garotas adolescentes agitadas, garotas adolescentes imprudentes. Garotas adolescentes e seus dramas inevitáveis. Sadie tinha sobrevivido a uma perda terrível, e com pouquíssimo esforço da minha parte, deixei a história de lado. Deixei *ela* de lado. Eu queria uma história nova, diferente e empolgante, e como o sumiço de uma garota adolescente poderia ser isso?

Todo mundo já ouviu essa história.

Danny me lembrou na mesma hora de por que eu que trabalhava para ele, e não o contrário.

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

Você deve, a si mesmo, uma investigação mais profunda. Não decida o que você *não* tem antes de saber mais. Você é melhor do que isso. Vá até lá, veja o que descobre.

WEST McCRAY:

Parti para Cold Creek na mesma semana.

MAY BETH FOSTER:

Sadie ficou destruída com o assassinato da Mattie. Ela nunca mais foi a mesma, e entendendo isso, mas o fato de que a polícia nunca encontrou o

monstro que fez aquilo, bem... Deve ter sido a gota d'água.

WEST McCRAY:

Foi isso que a Sadie disse?

MAY BETH FOSTER:

Não, mas nem precisava. Dava para perceber.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

Não houve justiça para Mattie Southern.

É impossível para os residentes de Cold Creek aceitarem que um crime executado de forma tão hedionda e caótica ficasse sem solução. A televisão é a referência; afinal, em programas como *CSI*, o assassino seria capturado em uma hora, muitas vezes com menos pistas do que o que foi descoberto naquele pomar de macieiras.

O detetive George Alfonso, do Departamento de Polícia de Abernathy, chefe das investigações, parece um astro de cinema que passou do auge da carreira. É um homem negro de um metro e oitenta e dois, com sessenta e poucos anos e cabelo curto e grisalho. Ele expressa consternação pela falta de pistas, mas, considerando as circunstâncias, não está exatamente surpreso de haver tão poucas.

DETETIVE ALFONSO:

Nós não percebemos de cara que estávamos lidando com um assassinato. Recebemos uma ligação sobre um incêndio e, infelizmente, boa parte da cena do crime foi destruída pelos esforços do corpo de bombeiros para apagar as chamas.

WEST McCRAY:

As amostras de DNA que eles encontraram foram inconclusivas e não bateram com as de ninguém. Até o momento, não há grupo de suspeitos a investigar.

DETETIVE ALFONSO:

Nós preenchemos as lacunas entre o desaparecimento de Mattie até o momento de sua morte da melhor forma que pudemos. Assim que recebemos a informação de que ela estava desaparecida, emitimos um alerta. Procuramos na região e falamos com várias pessoas de interesse, gente com quem Mattie tinha falado nas horas anteriores ao desaparecimento. Elas foram inocentadas.

Temos uma única testemunha que disse que a viu entrar em uma picape na noite em que desapareceu. Foi a última vez que ela foi vista.

WEST McCRAY:

A testemunha foi Norah Stackett, dona do Mercado Stackett, o único mercado em Cold Creek. Norah tem cinquenta e oito anos, é branca e ruiva e tem três filhos adultos, todos empregados na loja.

NORAH STACKETT:

Eu estava fechando a loja quando vi a menina. Tinha acabado de apagar as luzes, e ali estava Mattie Southern, na esquina, entrando numa picape. Estava bem escuro e não consegui ver se era azul ou preta, mas acho que preta. Não consegui ver a placa nem o motorista, nunca tinha visto aquela picape e não a vi depois. Tenho certeza de que reconheceria se a visse de novo. No dia seguinte, eu ouvi que tinha polícia por toda Sparkling River, e imaginei que ela estivesse morta. Eu só sabia. É estranho, não é? O fato de eu saber? *[RISADAS]* Isso me dá arrepios.

WEST McCRAY:

As garotas moravam em Sparkling River Estates. É um camping pequeno, só tem uns dez trailers, uns mais bem-cuidados do que outros. Objetos decorativos fofos e canteiros de flores decoram o gramado de um, enquanto um sofá podre cercado de lixo chama a atenção para outro. Não tem nenhum rio por perto, mas, seguindo a rodovia para fora da cidade, é possível encontrar um.

Como mencionei antes, o camping é gerenciado por May Beth Foster, a avó de consideração das garotas. Ela me mostra o trailer das meninas, um trailer duplo que está exatamente do jeito que Sadie o deixou. May Beth está em um estado suspenso de luto que não permite que ela o esvazie, apesar de não poder se dar ao luxo de não alugá-lo.

Não sei o que estou esperando quando entro, mas o ambiente está arrumado e limpo. Nos últimos quatro anos de vida, Sadie criou Mattie sozinha, mas, mesmo assim... ela era uma adolescente, e quando penso em adolescentes, penso em uma espécie de desastre natural; um furacão indo de aposento em aposento, deixando carnificina por onde passa.

Não era assim no lugar que elas chamavam de lar. Ainda tem copos na pia da cozinha e na mesinha de centro na frente da velha televisão na sala. O

calendário na geladeira está congelado em junho, quando a Sadie desapareceu.

As coisas ficam sinistras nos quartos delas. O da Mattie parece que está esperando a volta dela. Tem roupas no chão, a cama está desfeita. Tem um copo vazio com manchas de água na mesa de cabeceira.

MAY BETH FOSTER:

Sadie não deixava ninguém tocar em nada.

WEST McCRAY:

O contraste com o quarto da Sadie é enorme e faz parecer que ele sabe que ela não vai voltar. No quarto dela, a cama está arrumada, mas, fora isso, todas as superfícies estão vazias. Parece que foi desocupado.

WEST McCRAY [*PARA MAY BETH*]:

Não tem nada aí.

MAY BETH FOSTER:

Encontrei todas as coisas dela no lixão nos fundos do terreno no dia em que me dei conta de que ela tinha ido embora.

WEST McCRAY:

Que tipo de coisas?

MAY BETH FOSTER:

Ela jogou fora os livros, os filmes, as roupas... praticamente tudo.

Fico machucada de pensar nela jogando a vida no lixo assim, porque é isso que sobrou. Tudo que era parte dela, tudo, estava naquela lata de lixo, e quando vi, comecei a chorar, porque pra ela... nada valia mais.

WEST McCRAY:

Você percebeu que isso ia acontecer? Ela deu algum tipo de indicação de que planejava ir embora?

MAY BETH FOSTER:

Naquela semana, antes de partir, Sadie ficou muito quieta, como se estivesse pensando em fazer alguma besteira, e falei para ela não fazer o que estava na cabeçinha dela. Eu disse: “Não faz isso.” Mas, àquela altura, eu já não conseguia mais me conectar com ela.

Mesmo assim, nunca imaginei isso...

Tenho que dizer que está me matando estar aqui. Eu só... preferia não estar.

WEST McCRAY:

Nós continuamos conversando no trailer dela, um aconchegante trailer duplo que ficava na parte da frente do terreno. Ela me faz sentar no sofá coberto de plástico, que faz um barulho alto cada vez que eu me mexo. Quando digo que não é um lugar muito bom para uma entrevista, vamos para a cozinha, nos sentamos à mesa, onde ela serve um copo de chá gelado e me mostra o álbum de fotos que fez das garotas ao longo dos anos.

WEST McCRAY:

Você fez isso?

MAY BETH FOSTER:

Fiz.

WEST McCRAY:

Parece o tipo de coisa que uma mãe faria.

MAY BETH FOSTER:

Ah, sim. Uma mãe deveria fazer.

WEST McCRAY:

Claire Southern, mãe da Mattie e da Sadie, não é um tópico de conversa que agrada, mas é inevitável porque, sem a Claire, as garotas não existiriam.

MAY BETH FOSTER:

Quanto menos falarmos sobre ela, melhor.

WEST McCRAY:

Eu gostaria de ouvir mesmo assim, May Beth. Pode ajudar. No mínimo, vai me ajudar a entender melhor a Sadie e a Mattie.

MAY BETH FOSTER:

Bom, a Claire era um problema, e não havia motivo pra isso. Algumas pessoas nascem... ruins. Ela começou a beber aos doze anos. Aos quinze, usava maconha, cocaína. Aos dezoito, heroína. Ela foi presa por pequenos crimes algumas vezes, contravenções. Um problemão. Eu era a melhor amiga da mãe dela, Irene, desde que Irene começou a alugar um trailer meu. Foi assim que entrei na vida delas. Nunca houve alma tão gentil quanto a Irene. Ela poderia ter sido mais firme com a Claire, mas não adianta remoer isso agora.

WEST McCRAY:

Irene morreu de câncer de mama quando a Claire tinha dezenove anos.

MAY BETH FOSTER:

Antes da Irene morrer, a Claire engravidou. Irene estava tentando aguentar por conta do neto ou neta, mas não... não era pra ser. Três meses depois que enterramos a Irene, Sadie nasceu. Eu prometi à Irene no leito de morte dela que cuidaria da garotinha, e foi exatamente isso que fiz. Foi o que sempre fiz porque, bom... você tem filhos?

WEST McCRAY:

Tenho, sim. Uma filha.

MAY BETH FOSTER:

Então você entende.

sadie

Três dias depois, eu pinto o cabelo.

Faço isso em um banheiro público no caminho. A amônia se mistura com o fedor nas cabines sujas e me dá vontade de vomitar. Eu nunca tinha pintado o cabelo, e o resultado é um louro sujo. Na garota da embalagem ficou dourado, mas não importa, porque o objetivo era só ficar diferente.

Mattie teria odiado. Teria dito na minha cara. *Você nunca me deixa pintar o cabelo*, ela ia choramingar com aquela voz fina. E quando digo fina, não quero dizer frágil nem fraca. A voz só nunca encorpou. Quando ela ria, ficava tão aguda que machucava meus ouvidos. Mas não estou reclamando porque, quando a Mattie ria, era como estar em um avião à noite, olhando para uma cidade que você nunca visitou e que está toda iluminada. Ou pelo menos imagino que seria assim. Nunca andei de avião.

E é verdade, mesmo. Eu nunca deixei que ela pintasse o cabelo. Quando ela estava violando todas as regras do meu livro (*ligue se for para a casa de uma amiga, não mande mensagem de texto para meninos sem me dizer, guarde o celular e faça a porcaria do dever de uma vez*), foi só essa que ela escolheu honrar: *nada de pintar o cabelo antes dos quatorze anos*. Foi por pouco.

Acho que o verdadeiro motivo para a Mattie nunca ter tocado no cabelo foi porque ela herdou o louro da mamãe e não conseguia nem imaginar perder o pouco dela que ainda tinha. Sempre me deixou louca o quanto as duas eram parecidas, com o cabelo, os olhos azuis e o formato do rosto iguais. Mattie e eu não tínhamos o mesmo pai e não parecíamos irmãs, a não ser que alguém nos visse fazendo as mesmas expressões nos raros momentos em que tínhamos a mesma opinião sobre alguma coisa. Entre eu, ela e nossa mãe, eu que era a diferente, com cachos castanhos e desgrenhados e olhos cinzentos em um rosto que May Beth sempre chamou de *rosto de pardal*. Mattie era tão magra que parecia não ter se desenvolvido e chegava a ser

desengonçada, mas isso vinha com um tipo especial de suavidade, uma coisa menos visualmente cínica em comparação a mim. Sou o resultado de mamadeiras cheias de refrigerante Mountain Dew. Tenho um organismo que não sabe muito bem absorver as melhores coisas da vida. Meu corpo é anguloso o suficiente para cortar vidro e sofre de uma necessidade desesperada de se arredondar, mas às vezes não me importo. Um corpo pode nem sempre ser belo, mas um corpo pode ser uma bela enganação. Sou mais forte do que pareço.

Está escuro quando aparece a placa da parada de caminhões Whittler.

Uma parada de estrada. Era a coisa mais próxima de um botão de pausa para as pessoas que vivem aceleradas. Só que elas não param exatamente, apenas reduzem até chegar numa velocidade que, ainda assim, é mais ou menos o dobro daquela das pessoas normais. Eu trabalhava em um posto de gasolina nos arredores de Cold Creek, e meu chefe, Marty, nunca me deixava trabalhar à noite sozinha de tão pouco que ele confiava nos caminhoneiros que passavam. Não sei se era justo da parte dele, mas era o que ele achava. Whittler é maior do que o lugar de onde venho, e não parece tão limpa. Ou talvez as pessoas estejam tão acostumadas com a sujeira de casa que com o tempo se convencem de que tudo está exatamente onde deveria. Nada aqui está se esforçando para ser bom. As luzes néon do letreiro do posto de gasolina parecem mais apagadas do que deveriam estar, como se estivessem escolhendo se apagar lentamente em vez de sumir com aquele *pop* repentino.

Vou para a lanchonete, onde tem *Ray's* escrito em letra cursiva em uma placa pequena demais para o prédio embaixo dela, fazendo tudo parecer vertiginosamente torto. MELHOR TORTA DE MAÇÃ DO CONDADO DE GARNET!, diz um cartaz malfeito preso na janela. EXPERIMENTE UMA FATIA!

Empurro a pesada porta de vidro e entro nos anos 1950. O *Ray's* é exatamente como descreveram, vinil vermelho e turquesa, as garçonetes de vestidos e aventais combinando. Bobby Vinton está tocando em uma jukebox antiquada no canto, e fico ali parada, absorvendo a nostalgia, o cheiro de batata ao molho do ambiente, antes de seguir até o balcão nos fundos. O balcão de condimentos e a cozinha ficam logo depois.

Sento-me em um dos bancos e apoio as mãos na bancada fria de fórmica. À minha direita, há uma garota. Garota. Mulher. Ela está curvada sobre um prato de comida parcialmente consumida, os polegares se movendo rapidamente na tela do celular. Seu cabelo é castanho ondulado e ela tem

tanta pele pálida exposta que tremo só de olhar. Está de scarpins pretos, um short bem curto e um top fino e apertado. Acho que trabalha no estacionamento. *Lagartas de estacionamento*. É assim que chamam garotas como ela. Meu olhar procura uma visão melhor do seu rosto, mais jovem do que parece, com a pele maltratada pelas circunstâncias, não pela passagem do tempo. As linhas nos cantos dos olhos e acima da boca me lembram rachaduras numa armadura.

Apoio os cotovelos na bancada e baixo a cabeça. Agora que parei, começo a sentir o efeito da viagem no meu corpo. Não estou acostumada com tanto tempo ao volante e estou cansada pra caralho. Os músculos das minhas costas estão travados em nós apertados. Tento concentrar cada dor individual em uma dor única que eu possa ignorar.

Depois de um minuto, um homem sai da cozinha. Ele tem pele morena, cabeça raspada e lindos braços fechados com tatuagens coloridas. Crânios e flores. A camiseta preta dizendo *Ray's* está esticada no peito, apertada o suficiente para exibir as partes do corpo que ele deve ter se esforçado para obter. Ele seca as mãos no pano de prato oleoso pendurado no cinto e me olha de cima a baixo.

– Vai querer o quê?

A voz dele parece uma faca que se afia nas outras pessoas, intimidante o suficiente para eu nem conseguir imaginar como seria o som de um grito dele. Antes que eu possa perguntar se ele é o Ray, reparo que o crachá na camisa diz SAUL. Ele vira o ouvido para mim e me pede para repetir, como se eu tivesse soltado palavras e ele só não tivesse ouvido.

Minha gagueira está quase sempre presente. Conheço-a melhor do que qualquer outra parte de mim, mas quando estou cansada pode ser tão impossivelmente imprevisível quanto Mattie quando tinha quatro anos e começou a brincar de esconde-esconde por todo o bairro sem dizer para ninguém que estava brincando. Chega uma hora em que preciso falar, mas não quero desperdiçar um possível espetáculo com alguém que não sei se vai me dar o que preciso, então limpo a garganta e pego o pequeno cardápio plastificado ao lado de uma cesta de guardanapos e procuro algo barato. Olho para Saul, aponto para a garganta e digo *desculpa* com movimentos labiais, como se eu estivesse com uma porra de laringite. Bato com o dedo no cardápio para ele perceber que isso sou eu me comunicando. Seu olhar segue meu dedo e as batidinhas até chegar em *café... dois dólares*.

Um minuto depois, ele coloca uma caneca embaixo do meu nariz e diz:

– Só pra ficar bem claro, você não pode passar a noite enrolando só com isso aí na mão. Beba enquanto ainda está quente ou acrescente uma refeição.

Deixo o vapor envolver meu rosto antes de tomar o primeiro gole. O café queima minha língua e minha garganta e me desperta mais rápido do que a cafeína em si, mas o gosto é tão forte que sei que posso contar com isso também. Coloco a caneca na bancada e reparo em uma mulher na janela de atendimento. Ela está usando uma camiseta preta do Ray's, assim como Saul, e me lembra uma May Beth um pouco mais jovem, só que o cabelo dela está pintado de preto. O da May Beth é todo branco com alguns fios pretos. Mas as duas têm rostos carnudos e feições acentuadas, e tudo abaixo do pescoço delas é mais arredondado e bem menos definido. Macio. May Beth me envolvia nos braços e me abraçava quando não havia mais ninguém para fazer isso, até eu ficar velha demais para esse tipo de coisa, e eu amava a maciez dela. Deixo a lembrança inspirar um sorriso cuidadoso em mim. Ofereço o sorriso para a mulher. Ela me presenteia com o dela.

– Você está me olhando como se me conhecesse – diz ela.

Tem outra coisa que a separa da May Beth além do cabelo: a voz. A voz da May Beth é como cubos de açúcar se desfazendo. A da mulher é torta de maçã. Ou talvez não seja sua fala, mas o cheiro que estou sentindo. Tem um suporte de tortas a alguns metros de mim no balcão, com a famosa torta de maçã da lanchonete e seus pedaços macios e açucarados de fruta em uma linda massa crocante. Minha boca saliva, e sei que já senti mais fome na vida, mas o beijo de caramelo e canela deixa difícil lembrar de quando foi isso. Meu estômago ronca. A mulher arqueia a sobrancelha, e reparo que o crachá acima do seio direito dela diz RUBY. Vai ser uma merda forçar esse nome pelos meus lábios.

– Esquece, Roo – diz Saul atrás do balcão de condimentos. – Ela não consegue falar.

Ruby se vira para mim.

– É mesmo?

– ...

Eu fecho os olhos. Um bloqueio: um momento que parece eterno em que minha boca está aberta e nada acontece, pelo menos não do lado de fora. Lá dentro, a palavra está presente, e a luta para dar forma a ela me deixa paralisada, me sentindo desconectada.

– V-você p... – Luto com o *P*, luto para voltar a mim. Abro os olhos. Sinto a mulher ao meu lado me encarando. Ruby nem pisca, o que me deixa agradecida, mas também odeio isso, porque o tipo de decência que todo mundo deveria ter não é algo que mereça minha gratidão. – Você p-parece uma p-pessoa que eu conheço.

– Isso é bom?

– É.

Eu faço que sim, um pouco satisfeita com o resultado positivo. *É*.

– Achei que você não falava – diz Saul, nada impressionado.

– Quer alguma coisa pra comer com o café? – pergunta Ruby.

– Não, tudo bem.

Ela repuxa os lábios.

– Você sabe que não pode ficar segurando o mesmo café a noite toda.

Meu Deus. Eu limpo a garganta.

– Eu q-queria saber se p-posso f-fazer uma p... – *Pergunta*. – Uma questão.

Essa é uma coisa que consigo fazer às vezes: driblar a gagueira. Finjo que vou falar uma palavra, ela vem pra cima, para me atrapalhar, e então troco por outra no último segundo, e de alguma forma a gagueira nunca me alcança. Quando descobri isso, achei que tinha finalmente me libertado, mas não; eu era refém de um jeito diferente. É exaustivo precisar pensar tanto para ter um tipo de conversa que as pessoas têm sem nem pensar. E não é justo, mas muitas coisas na vida não são.

– Claro – diz ela.

– O R... – Eu fecho os olhos brevemente. – Ray está?

Ela faz uma careta.

– Morreu alguns anos atrás.

– S-sinto muito.

Merda.

– Por que você precisa do Ray?

– Você t-trabalha aqui há muito t-tempo?

– Quase trinta anos. – Ela me olha. – O que você quer?

– Encontrar uma p-pessoa.

Tem um jeito mais rápido de fazer isso. Antes que ela possa responder, eu aperto os lábios e levanto o dedo. Ela aguarda o minuto que estou pedindo silenciosamente, enquanto abro a mochila e pego uma foto. Tem oito anos,

mas é a única foto que mostra o rosto da pessoa que estou procurando. É uma cena de verão, todas nós fazendo pose na frente do trailer da May Beth. Sei que é verão porque os canteiros de flores dela estão todos florescendo. Foi ela quem tirou a foto, e eu peguei do álbum que ela fez para mim e para a Mattie. É a única foto de nós que inclui a minha mãe... e o Keith.

Ele tem um rosto endurecido, barba de uma semana e pés de galinha fundos que não acredito serem produto de muitos sorrisos. Ele parece capaz de sair da foto só para te odiar mais de perto. Está com uma criança no colo, e essa criança, com o cabelo louro e desgrenhado, é a Mattie. Ela tinha cinco anos. A garota de onze anos de maria-chiquinha e fora de foco no canto da foto sou eu. Eu me lembro do dia, de como estava quente e desagradável, e que não fui convencida a posar com eles até minha mãe dizer *Tudo bem, vamos tirar a foto sem você*, e isso também não me pareceu certo, então me infiltrei na imagem e me tornei o canto borrado. Olho por tempo demais, como sempre faço, e aponto para a caneta no bolso do avental da Ruby. Ela a entrega. Viro a foto e rabisco rapidamente atrás:

VOCÊ VIU ESSE HOMEM?

Mas já sei a resposta, porque foi o Keith que me contou sobre o Ray's. Ele falava sobre aquele lugar, dizia que era cliente regular, aninhava a Mattie nos braços, passava a mão pelo cabelo dela e dizia que *um dia, talvez* ele a levaria até o Ray's para comer uma fatia de torta de maçã porque *gatinha, você nunca comeu nada tão gostoso...* Se a Ruby está aqui pelo tempo que diz que está, sei que ela o viu. Eu passo a foto para ela. Ela a segura com cuidado enquanto eu me inclino para a frente e a observo com atenção em busca de sinais de reconhecimento. Seu rosto não revela nada.

– Quem quer saber? – ela finalmente pergunta.

Meu coração só sente o pouco de esperança que eu permito.

– A f-filha d-dele.

Ela lambe os lábios, e reparo que o batom saiu e que só sobrou a linha forte do contorno. Ela me encara e suspira de um jeito que me faz pensar com que frequência isso acontece, garotas perguntando por homens que não têm nada para oferecer.

– Muitos homens vêm aqui, e eles só se destacam se tiver alguma coisa errada. Quer dizer, mais coisa errada do que o habitual. – Ela meio que dá de ombros. – Ele pode ter passado aqui, mas, se passou, não me lembro.

Consigo identificar uma mentira a um quilômetro de distância. Não é uma

vantagem super-heroica para compensar a gagueira, estar sintonizada com as merdas emocionais das pessoas. É só o resultado de uma vida ouvindo mentirosos.

Ruby está mentindo.

– Ele disse que era c-cliente re-regular. Conhecia o R-Ray.

– Bom, eu não sou o Ray e não conheço ele. – Ela me devolve a foto, e o tom de voz dela assume um tom meloso. – Sabe, meu pai me abandonou quando eu era mais nova do que você. Acredite quando falo que às vezes é melhor assim.

Eu mordo a língua porque, se não fizer isso, vou dizer alguma coisa feia. Só olho para o balcão, para uma mancha seca de café que não foi limpa. Coloco as mãos no colo para ela não ver que estão bem apertadas.

– Você disse que ele é cliente regular? – pergunta Ruby. Eu assinto. – Qual é seu número de telefone?

– N-não tenho te-telefone.

Ela suspira, pensa um segundo e estica a mão para pegar um cardápio de entregas na pilha arrumada ao lado dos guardanapos. Ela aponta para o número que tem impresso nele.

– Olha, vou ficar de olho. Pode ligar e me chamar, aí eu digo se o vi. Não posso fazer promessas. – Ela franze a testa. – Você não tem mesmo celular?

Eu balanço a cabeça, e ela cruza os braços, a expressão no rosto esperando por um *obrigada*, eu acho, e isso só me irrita mais. Dobro o cardápio e o enfio na bolsa junto com a foto, tentando ignorar o calor que está subindo pelo meu corpo, a vergonha horrível de não conseguir o que eu quero. Já é ruim ter acontecido, pior ser obrigada a demonstrar.

– Vo-você está mentindo – eu digo, pois não vou deixar que ela me obrigue a passar vergonha.

Ela me encara por um bom tempo.

– Quer saber, garota? Não precisa ligar. E seu café acabou.

Ela volta para a cozinha, e eu fico olhando. *Bom trabalho, Sadie, sua idiota do caralho. E agora?*

E agora?

Eu expiro devagar.

– Ei. – A voz soa leve como uma pena, insegura. Viro a cabeça, e a mulher está me olhando. – Nunca vi ninguém peitar as mentiras da Ruby.

– ... – Atravesso o bloqueio na marra e solto um pequeno ofego. – Você

sa-sabe p-por que ela está me-mentindo?

– Não estou aqui há tanto tempo assim. Só o suficiente pra saber que ela sabe ser uma filha da puta quando quer. – Ela olha para as mãos. As unhas compridas e pontudas estão pintadas de rosa, e imagino a sensação delas na pele. Tudo numa pessoa pode ser uma arma se ela for inteligente. – Olha, tem um cara... às vezes ele está atrás da lanchonete, às vezes no posto... se ainda não foi expulso, pelo menos. Se tiver sido, você consegue encontrar ele perto dos latões de lixo no final do estacionamento. Seu nome é Caddy Sinclair. Ele é alto, magro. Pode ser que tenha alguma coisa a dizer.

– Tra-trafficante? – eu pergunto, mas é uma pergunta que se responde, e ela nem diz nada. Eu desço do banco e coloco uma nota de cinco na bancada porque sei aonde tenho que ir agora. – Obrigada. Eu a-agradeço mesmo.

– Não me agradeça ainda – diz ela. – Ele não faz nada de graça e ninguém fala com ele sem precisar, então acho que seria bom você pensar direitinho se quer mesmo fazer isso.

– O-obrigada – eu digo de novo.

Ela estica a mão para o meu café pela metade, coloca as mãos em volta e diz com amargura:

– Sei algumas coisas sobre pais ausentes.

– Você veio atrás do Especial da Ruby?

A voz parece catarro, rouca e nada atraente. Saio da luz e vou para as sombras compridas da parada até estar na frente do Caddy e ele estar na minha frente. Contornei a lanchonete e o posto, e o sujeito não estava lá. Ele está no último lugar que me mandaram procurar: nos fundos do estacionamento, ao lado dos latões de lixo. Está encostado em um deles, rodeado por uma escuridão que, por um momento, quase lhe confere um tamanho maior, até que meus olhos se ajustam e vejo como o porte dele é patético. Ele é magro, os olhos são enevoados e sem vida. Barba por fazer cobre suas bochechas e seu queixo pontudo.

– N-não.

Ele está fumando. Dá um longo trago no cigarro aninhado entre os dedos. Vejo a ponta vermelha se acender e se apagar, e sinto um formigamento desagradável no pescoço ao me lembrar do Keith. Não quero falar no assunto, mas ainda tenho a cicatriz na nuca e fiquei com medo de fogo por

muito tempo depois. Quando tinha quatorze anos, eu me obriguei a passar uma noite com uma caixa de fósforos e os acendi, segurando-os pelo tempo que aguentei. Minhas mãos tremeram, mas fiquei firme. Sempre esqueço que o medo não é algo invencível, mas sempre aprendo de novo, e acho que isso é melhor do que nunca aprender.

Caddy joga o cigarro no chão e o apaga com o pé.

– Sua mãe não ensinou nada sobre abordar homens perigosos no escuro?

– Q-quando eu vir um homem pe-perigoso, vou me-me lembrar di-disso.

Eu não tenho nenhum sentimento de autopreservação. Era isso que May Beth me dizia. *Você não ligaria de morrer desde que a última palavra fosse sua*. Já era difícil gaguejar, e mais ainda bancar a espertinha ao mesmo tempo.

Caddy se afasta lentamente do latão de lixo e pousa o olhar sombrio em mim.

– Va-va-va-va *vai* me-me-me *mesmo*?

Não é a primeira imitação tosca de mim mesma que ouço, mas tenho vontade de arrancar a língua dele da boca e estrangulá-lo com ela de qualquer modo.

– Eu pe-pe-pe... – *Calma*, eu penso, querendo dar um tapa em mim mesma por pensar isso. *Calma* não ajuda em nada. *Calma* é o que as pessoas que não sabem de nada me mandam fazer, como se a diferença entre ter gagueira e não ter fosse um certo nível de uma porra de paz interior. Até Mattie sabia que não devia me mandar ficar *calma*. – Eu pe-preciso falar com você.

Ele tosse e cospe uma coisa que parece cola no chão. Meu estômago revira.

– É mesmo?

– Eu q-q-quero...

– Não perguntei o que você quer.

Pego a foto e coloco na frente da porra da cara dele porque já está bem claro que tenho que fazer isso de um jeito diferente do que fiz com a Ruby. Como é que se diz? *É melhor pedir perdão do que pedir permissão*?

Mas eu também nunca fui boa em dizer *desculpa*.

– V-você conhece esse ho-homem? Pe-preciso s-saber onde encontrar e-ele.

Caddy ri e passa por mim, o ombro ossudo esbarrando no meu e me

obrigando a recuperar o equilíbrio meio sem jeito. A confiança na maneira de mover o corpo não é a de um cara que não bate cinquenta e cinco quilos nem encharcado. Tento memorizar a maneira como os ombros dele se movem.

– Não sou a porcaria de um achados e perdidos de gente.

– Eu posso pa... eu posso pagar.

Ele para e se vira para mim, passando a língua sobre os dentes enquanto pensa no que eu disse. Em um passo rápido, ele diminui o espaço entre nós e arranca a foto das minhas mãos. Se eu estivesse segurando com força, ainda estaria segurando metade. Meu primeiro instinto é pegar de volta, mas me controlo a tempo. Acho que movimentos repentinos não funcionariam a meu favor.

– O que você quer com o Darren Marshall?

Tento não mostrar no rosto o choque de ouvir o nome dele. Darren Marshall. Então é assim que o Keith se chama agora. Ou talvez Keith fosse o nome que ele usava quando morava com a gente, e Darren seja o verdadeiro; parte de mim quer que isso seja verdade. É bom arrancar uma camada rápido assim. Não sinto nada de bom há muito tempo.

Darren Marshall.

– Sou fi-filha dele.

– Ele nunca falou de filha nenhuma.

– P-por que fa-falaria?

Ele aperta os olhos e segura a foto na pouca luz que há. As mangas soltas e largas da camisa descem o suficiente para eu ver a constelação de marcas de injeção no seu braço esquerdo. May Beth dizia que era uma doença e me fez dizer a mesma coisa para a Mattie, mas não acredito, porque as pessoas não decidem ficar doentes, não é? *Demonstre um pouco de compaixão, faça isso por sua irmã. Odeie o pecado, ame o pecador.* Como se o vício da minha mãe drogada fosse um fracasso pessoal meu porque não consegui colocar minha *compaixão* na frente de todas as formas que ela me fez passar fome.

– Tem alguma coisa a dizer?

Ele sabe exatamente para onde estou olhando.

– Não.

– Bom, não é possível. – Ele abre um sorriso leve e chega perto de mim de novo. – É dinheiro? Você estava cagando quando ele foi embora, mas agora está passando fome, é isso? Por que acha que um homem deve mais a você do que a vida que ele lhe deu, hein? – Ele fica em silêncio por um momento e

me observa. – Tenho que dizer, garota, não vejo muita semelhança. – Eu levanto o queixo e ele ri baixo, um pouco incrédulo ao olhar de novo para a foto. – Já ouviu falar de *bancar a trouxa*?

Bancar a trouxa. Expressão idiomática. Eu acho. É tipo ir atrás de *coisa nenhuma*, mas às vezes coisa nenhuma é tudo o que você tem, e às vezes coisa nenhuma pode virar *alguma coisa*. E tenho mais do que nada. Sei que o cara da foto está vivo. Se ele está vivo, pode ser encontrado.

Eu pego a foto da mão do Caddy.

– Então eu sou t-trouxa.

– Eu conheci o Darren, mas ele não aparece aqui há muito tempo. Pode ser que eu saiba alguma coisa sobre isso também – diz ele, e minha garganta se aperta porque, como falei, consigo ouvir uma mentira a um quilômetro de distância.

Caddy não está mentindo.

– Vai ter preço – acrescenta ele.

– Já fa-falei que vou pa-pagar. Q-quanto?

– Quem falou em dinheiro?

Pego a foto de volta e ele me segura pelo braço, e o aperto surpreendente dos dedos do sujeito com pernas de aranha me faz querer que minha pele se solte só para eu não precisar sentir. O calor dele. Uma porta bate atrás de nós. Eu viro a cabeça em direção ao barulho.

Tem um caminhão rosnando no escuro como um cachorro preto. Uma garota corre até ele. Ela é pequena de um jeito que me lembra a Mattie, e olho para seu corpinho feito de ossinhos e a vejo parar no lado do passageiro. Ela observa por um momento longo e doloroso, e não tem nada que eu possa fazer para impedir o que acontece em seguida. Vejo essa garota, que não é Mattie, abrir a porta. A cabine do caminhão se acende brevemente enquanto ela entra. Ela fecha a porta. A luz de dentro do caminhão se apaga e a engole.

Caddy enfia os dedos em mim, as unhas afiadas.

– M-me so-solta.

Ele me solta e tosse em seu braço dobrado.

– Vai ter preço – diz ele de novo.

Ele inclina a cabeça de lado, os olhos avaliando meu corpo, e, mais hesitante do que da última vez, coloca a mão no meu braço e me leva para a escuridão. Chega perto de mim, mexe na fivela do cinto, sussurra qualquer coisa no meu ouvido que não dá nem para fingir que é carinhoso. O hálito

dele é azedo. Encaro seus olhos, e seus olhos estão vermelhos.

AS GAROTAS

T1E1

WEST McCRAY:

A primeira metade do álbum da May Beth só tem fotos da Sadie. Ela era um bebê pequeno e feliz, com cabelo castanho, olhos cinzentos e pele rosada e saudável. Não se parecia em nada com a mãe.

MAY BETH FOSTER:

Sadie era idêntica à sua avó Irene, e Claire não conseguia suportar esse fato. Se você visse a Claire com a Sadie, ficaria pensando por que ela teria um bebê. Ela odiava segurar a menina no colo, odiava dar de mamar ou botar a filha para dormir. Eu não estou sendo dramática. A Claire *odiava*. Eu demonstrava a Sadie o máximo de amor que podia, mas nunca foi o suficiente para compensar o amor que a garota não recebia da mãe.

WEST McCRAY:

Quem era o pai da Sadie?

MAY BETH FOSTER:

Não sei. Acho que nem a Claire sabia. Ela disse que o sobrenome dele era Hunter, então foi isso que botou na certidão de nascimento.

WEST McCRAY:

De acordo com May Beth, Sadie teve uma infância solitária naqueles primeiros seis anos sem a Mattie. O vício da Claire suplantou o amor e deixou a filha carente de atenção.

Sadie era muito tímida por causa da gagueira que desenvolveu quando tinha dois anos. Não havia uma causa evidente. Poderia ser genética. Ou hereditária. Nenhuma outra pessoa da família conhecida da Sadie gaguejava, mas o lado paterno é desconhecido. May Beth encontrou uma gravação que fez quando a menina tinha três anos; e nós tivemos que arrumar um toca-fitas

para poder ouvir.

MAY BETH FOSTER [GRAVAÇÃO]:

Quer falar com o gravador, querida? [PAUSA] Não? Posso tocar pra você, e você vai poder ouvir sua voz.

SADIE HUNTER [TRÊS ANOS] [GRAVAÇÃO]:

É ma-mágica!

MAY BETH FOSTER [GRAVAÇÃO]:

É, amorzinho, é mágica. Fala aqui, diz oi!

SADIE HUNTER [GRAVAÇÃO]:

M-mas eu q... eu quero o-o... eu q... o...

MAY BETH FOSTER [GRAVAÇÃO]:

A gente tem que gravar primeiro.

SADIE HUNTER [GRAVAÇÃO]:

M-mas eu q-quer o-o-ouvir!

WEST McCRAY:

Sadie nunca superou a gagueira. Uma intervenção logo cedo provavelmente teria ajudado, mas May Beth nunca conseguiu convencer Claire a fazer alguma coisa. A escola acabou sendo um inferno para a Sadie. As crianças não são gentis com coisas que não entendem, e, na opinião da May Beth, faltou certa compreensão aos professores da Sadie.

MAY BETH FOSTER:

Sadie acabou ficando bem apesar deles, não por causa deles. Eles achavam que a gagueira significava que ela era burra. Só vou dizer isso.

WEST McCRAY:

Edward Colburn, de quarenta e quatro anos, nunca se esqueceu da Sadie. Ele tinha acabado de começar a carreira como professor na Parkdale Elementary quando ela foi para a turma dele. Parkdale, como mencionei, fica a quarenta minutos de Cold Creek e recebe alunos de outras cidades, para que possam estudar. É assim que Edward se lembra da antiga aluna no primeiro ano:

EDWARD COLBURN:

Tiravam sarro dela por causa da gagueira, e isso fez com que se retraísse... Nós nos esforçamos para ajudar, mas vocês precisam entender que Parkdale sempre teve duas coisas: pouco dinheiro e muitos alunos. Adicione a isso

uma mãe que não era nada receptiva às nossas preocupações e, bom... Não é uma receita de sucesso pessoal para uma criança. E acontece com mais frequência do que você gostaria de pensar, não só em áreas vulneráveis. Sadie era uma criança perdida e distante. Ela não parecia ter muitos ou sequer um interesse próprio. Era reservada, mas mais do que isso... eu quase diria que era vazia.

MAY BETH FOSTER:

Mas aí Mattie chegou.

WEST McCRAY:

No álbum da May Beth, a chegada da Mattie está marcada por uma Polaroid de um bebezinho de um dia nos braços de seis anos da Sadie. O jeito como a Sadie olha para a irmã recém-nascida é quase impossível de descrever. É insuportavelmente carinhoso.

WEST McCRAY *[PARA MAY BETH]*:

Olha só como ela está olhando pra Mattie... uau.

MAY BETH FOSTER:

Não é incrível? Sadie amava a Mattie com todo o coração, e esse amor lhe deu um propósito. Sadie decidiu que cuidar da irmã seria o trabalho de sua vida. Por mais nova que fosse, ela sabia que Claire não daria conta.

WEST McCRAY:

Você pode descrever o relacionamento das garotas com a mãe?

MAY BETH FOSTER:

Claire gostava da Mattie porque elas eram parecidas. Ela era a bonequinha da Claire, não a filha. Deu à Mattie um nome sulista. E Mattie achava que Claire era maravilhosa...

Mas isso era coisa da Sadie.

WEST McCRAY:

Como assim?

MAY BETH FOSTER:

Sadie sempre acobertou Claire, até mentia por ela. Fez Mattie achar que Claire estava doente... Acho que ela pensava que, se fizesse isso, Mattie sofreria menos quando a Claire, inevitavelmente, a decepcionasse. Não sei se foi o melhor para alguma delas. Foi muito difícil pra Sadie, principalmente

depois que Claire foi embora. Não sei se Mattie chegou a entender tudo que a Sadie fez por ela nesse sentido. Talvez se tivesse vivido por mais tempo...

WEST McCRAY:

As fotos da Mattie são difíceis de olhar. Ela tinha cabelo louro, liso escorrido e brilhante, olhos azuis cintilantes e o rosto do mesmo formato de coração de Claire. É quase impossível ver esse tipo de vitalidade sabendo como a história da garotinha terminou.

WEST McCRAY [PARA MAY BETH]:

Não posso deixar de notar que a Mattie não olha para a Sadie com a mesma reverência.

MAY BETH FOSTER:

Mattie amava a irmã mais velha. Mattie *era louca* pela Sadie, mas era como se Sadie fosse a mãe da Mattie, e esse tipo de dinâmica é diferente. Os seis anos de diferença também têm seu papel. Cuidar da Mattie tirou Sadie da caverna e a obrigou a usar a voz, mesmo com a gagueira. Mas quando a Sadie não sentia vontade de falar ou não conseguia, Mattie sabia do que Sadie precisava só de olhar pra ela. Portanto, não se engane, elas eram apaixonadas uma pela outra, cada uma de seu jeito. Não sei se todas as irmãs são como essas duas. Tenho três e as amo muito, mas nunca fomos assim.

WEST McCRAY:

A cada página virada do álbum, a voz da May Beth vai ficando menos firme. Quando chegamos ao final, seus olhos se enchem de lágrimas.

MAY BETH FOSTER:

Ah.

WEST McCRAY:

Que foi?

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Ela vira o álbum para mim. De um lado tem uma foto das garotas. Elas estão deitadas no sofá com plástico em cima da May Beth, um cobertor vermelho e laranja de tricô sobre as duas. Tem uma tigela enorme de pipoca no colo da Mattie. Elas estão hipnotizadas pelo que está passando na televisão; mais tarde, May Beth me conta que devia ser um filme antigo. As garotas amavam os clássicos. Sadie especificamente gostava de qualquer filme com Bette

Davis. Mas o que chamou a atenção da May Beth nesse momento foi a página seguinte. Estava vazia. Tinha uma foto ali, ela insiste, e folheia o álbum freneticamente para ver se acabou se soltando e foi parar onde não devia. Ela verifica o chão ao nosso redor para o caso de ter caído. Não está em lugar nenhum.

MAY BETH FOSTER:

Mas onde... Não sei onde pode ter ido parar... era uma foto... as garotas estavam nela... era... era... Não consigo lembrar exatamente o que era... mas *sei* que tinha as garotas nela. Elas estavam aqui. Elas estavam bem aqui.

sadie

Eu vou matar um homem.

Vou roubar a luz dos olhos dele. Quero ver sua luz se apagar. Não se deve usar violência como resposta à violência, mas às vezes eu acho que é a única resposta. Não é menos do que ele fez com a Mattie, então não é menos do que ele merece.

Não espero trazer Mattie de volta. Nada vai trazê-la de volta.

Não é questão de encontrar paz. Nunca haverá paz.

Não tenho ilusão nenhuma sobre como vai sobrar pouco de mim depois que eu fizer isso. Mas imagine ter que viver todos os dias sabendo que a pessoa que matou sua irmã está respirando o ar que ela não pode respirar, enchendo os pulmões com ele, sentindo sua doçura. Imagine ele tendo a sensação do chão debaixo dos pés enquanto o corpo dela está enterrado abaixo.

Isso é o mais longe que já fui de qualquer coisa que conheça.

Estou no banco da frente, virando a faca retrátil na mão sem parar. Tem um cheiro de água suja no ar. Fecho os olhos e volto a abri-los e ainda estou no banco da frente, ainda girando a faca, o ar ainda pesado com o cheiro de sujeira do lago. Fecho os olhos e os abro de novo, e parece um daqueles sonhos em que estamos correndo e todo esforço que fazemos para ir adiante é recompensado com a certeza de que você vai ter que fazer tudo de novo e de novo e não tem linha de chegada e você não sabe como se fazer parar.

– Mattie.

O *M* do nome dela é um toque leve de lábios. Os dois *ts* não permanecem por tanto tempo.

Quando ela tinha cinco anos e eu tinha onze, Mattie se enfiava na minha cama, morrendo de medo do escuro, desesperada para que eu dissesse alguma coisa que a acalmasse. Minhas palavras quebradas nunca eram suficientes; eu só podia oferecer minha presença, e ela pegava o que podia, encostava a

cabeça no meu ombro e adormecia assim. De manhã, minhas cobertas estariam emaranhadas em volta do corpinho dela, e meu travesseiro sempre ia parar debaixo da sua cabeça. Quando eu tinha onze anos e Mattie cinco, ela queria falar como eu e andava por aí picotando as palavras até que o Keith deu um tapa na bunda dela e disse *Ninguém fala assim porque quer*, e apesar de ter sentido ódio dele por isso, eu falei para a Mattie que ele estava certo. Quando Mattie tinha cinco anos e eu onze, eu já não conseguia fingir que cada frase tinha chance de sair da minha boca direito. Parei de falar por duas semanas pela mera dor da percepção, até que Mattie me olhou com os olhos impossivelmente arregalados e disse: *Me diz o que você quer dizer*.

Keith não é meu pai, mas às vezes fingia ser, deixava que as pessoas cometessem esse erro e me desafiava silenciosamente a corrigir. Ele comprava bala pra mim no posto de gasolina mesmo que eu não estivesse pedindo, depois fazia um show na hora de botar na minha mão só porque queria me obrigar a dizer um *obrigada* forçado. Ele me colocava sentada à mesa à noite e me obrigava a memorizar orações para o prazer da May Beth, e Mattie estava certa de sentir medo do escuro nessa época, porque, à noite, ele entrava no meu quarto e me obrigava a recitá-las.

Quando eu tinha dezenove anos e Mattie tinha treze, Keith voltou.

Viro a faca retrátil na palma da mão suada mais uma vez, sentindo o peso do cabo preto simples e a lâmina implacável guardada dentro.

Era dele, muito tempo atrás.

É minha agora.

Vou entalhar meu nome na alma dele.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 2

WEST McCRAY:

No nosso último episódio, apresentei a vocês as duas personagens centrais desse podcast seriado, as irmãs Mattie Southern e Sadie Hunter. Mattie foi brutalmente assassinada, e seu corpo foi deixado nos arredores da cidade onde morava, Cold Creek, no Colorado. Sadie está desaparecida, e seu carro foi abandonado a centenas de quilômetros, com todos os seus pertences ainda dentro. A avó de consideração das garotas, May Beth Foster, pediu minha ajuda para encontrar Sadie e trazê-la de volta para casa.

Para quem está começando a ouvir agora, este é um podcast em forma de série, então, se você ainda não escutou o nosso primeiro episódio, é melhor ouvir agora. Nós temos mais história para contar do que tempo para isso, mas acho que isso serve pra todo mundo.

[TEMA DE AS GAROTAS]

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

Claire foi embora quando Sadie tinha dezesseis anos, o que significa que Mattie tinha dez. Àquela altura, a mãe delas tinha sucumbido totalmente ao vício, e a partida dela foi a conclusão mais lógica dessa história. A última conversa da May Beth com a Claire foi dois dias antes de ela abandonar a vida e as filhas em Cold Creek.

MAY BETH FOSTER:

Ela queria meu dinheiro, e eu sabia pra quê. Disse que era para as garotas, pra comida, e eu disse *Bom, me diz o que você precisa e eu compro no Stackett's pra você*, e ela disse *Não, eu preciso do dinheiro*. E brigamos mais feio do

que nunca. Tentei não pressionar ela demais porque ela não me deixava ver as meninas quando eu fazia isso...

Eu mandei ela dar um jeito na vida, disse que ela ainda era nova pra virar o jogo e que Deus a recompensaria pela dificuldade, mas ela também tinha que fazer a parte dela. Ela bateu com o telefone na minha cara com tanta força que meus ouvidos zuniram a noite toda.

WEST McCRAY:

No dia seguinte, May Beth viajou de férias por duas semanas para visitar a filha na Flórida. No outro dia, Claire foi embora.

Mattie tinha acabado de entrar no quinto ano e estava gostando da escola. Sadie dividia o tempo entre o ensino médio, do qual, de acordo com May Beth, ela não gostava, e o trabalho no posto de gasolina McKinnon.

Seu chefe, Marty McKinnon, mora em Cold Creek há quarenta e cinco anos e pretende continuar ali até seus últimos dias. Ele é um homem imponente, corpulento e de rosto vermelho, mas é conhecido pela cidade como um gigante gentil. Ele lhe daria a própria camisa se você tivesse coragem de pedir.

MARTY McKINNON:

Sadie era uma menina boa, trabalhadora. Eu não precisava da ajuda tanto quanto ela, se é que você me entende. Ela, hã, ela tinha procurado emprego por toda a cidade antes de vir parar comigo. Estavam falando sobre isso no bar, no Joel's, sabe. Debochando dela, como...

WEST McCRAY:

O que disseram?

MARTY McKINNON:

Só achavam engraçado a ideia de que ela pudesse fazer alguma coisa que merecesse pagamento. Sadie pesava um pouco mais do que uma pena e mal conseguia falar, então como seria possível botar ela pra trabalhar? Esse tipo de coisa... Bom, achei muito injusto, então, quando ela apareceu no posto, eu ofereci um trabalho. Ela ficou tão agradecida que foi a primeira e única vez que me abraçou. Se você conhecesse a Sadie, saberia que ela não era... ela não se abria muito. Parecia que você estava arrancando um dente só de perguntar se ela estava bem. Acho que é porque ela sempre morria de medo

de que as pessoas chamassem o conselho tutelar e ela acabasse separada da Mattie. Mas isso era improvável.

WEST McCRAY:

Por que você diz isso? Parece meio óbvio que as garotas precisavam de ajuda.

MARTY McKINNON:

É, mas todo mundo aqui precisa, entende? Nós não costumamos arranjar mais problema do que já temos. Mesmo assim, essa questão preocupava a Sadie, e ela achava que a partida da Claire seria o fim delas, como se a May Beth fosse permitir que isso acontecesse. Por isso, ela não disse nada pra ninguém e fez a Mattie jurar não dizer também. Uma semana depois, por volta das quatro da manhã, eu recebi uma ligação. Era a Mattie, desesperada. Ela achava que Sadie estava morrendo. Fui até lá, e Sadie estava doente como um cachorro. Estava tão mal que a levei ao hospital. Botaram umas coisas na veia dela e ela ficou bem... mas foi muito estranho.

MAY BETH FOSTER:

Acho que foi estresse pela Claire ter ido embora.

MARTY McKINNON:

A gente estava na sala de espera e Mattie *surtou*, começou a chorar como louca, e Mattie sempre foi meio dramática, como a Claire era, mas não foi isso. Ela estava morrendo de medo. Eu comprei bala pra ela, tentei fazer ela se acalmar, e ela me contou que a Claire tinha ido embora e que, se alguém descobrisse, ela e Sadie nunca mais se veriam. Meu Deus, a menina estava tão nervosa que vomitou em cima de mim. Foi uma bagunça. A primeira coisa que eu fiz foi ligar pra May Beth, na Flórida, e ela voltou no mesmo dia. Ela ama mesmo aquelas garotas. Sadie ficou com muita raiva da Mattie porque ela me contou, e de mim porque eu contei pra May Beth, e da May Beth só porque ela sabia, e acho que ela ficou sem falar com a gente por uma semana.

MAY BETH FOSTER:

É engraçado, eu sempre achei que a Claire acabaria indo embora um dia, mas mesmo assim não estava pronta. Sadie nunca teve mãe, então nem sabia como era perdê-la. A única coisa que dava medo na Sadie era perder a família que ela ainda tinha, que era a Mattie. E a Mattie... Mattie ficou arrasada.

WEST McCRAY:

Me conta mais.

MAY BETH FOSTER:

Achei que ela ia acabar morrendo. Achei mesmo. Mattie ficou tão deprimida que não queria comer. Perdeu um peso que não podia perder. Quase não dormia... tinha uns pesadelos de que a Claire estava indo embora e abria os olhos e percebia que não era só um sonho. Nem Sadie conseguia fazer ela ficar calma. Ela ficou histérica boa parte do tempo, quase catatônica no resto. Falei pra Sadie que a gente precisava levar a Mattie no médico, mas... Sadie não quis saber, e, pra ser sincera, eu mesma não via um final feliz caso fizéssemos isso. Sadie largou a escola, então. Achou que estar em casa talvez pudesse ajudar.

WEST McCRAY:

E ajudou?

MAY BETH FOSTER:

Não. Só uma coisa fez diferença pra Mattie.

WEST McCRAY:

Uns três meses depois que a Claire foi embora, e pela primeira e única vez, as garotas receberam notícia da mãe. Chegou no formato de um cartão-postal, que depois foi encontrado no meio dos pertences da Sadie. Havia uma fileira de palmeiras na frente de um céu azul lindo. *Saudações da ensolarada L.A.!*, diz o cartão. *Queria que você estivesse aqui!* Está endereçado somente para Mattie, e com a caligrafia enrolada da Claire, diz: *Seja minha boa menina, Mats.*

MAY BETH FOSTER:

Mattie ganhou vida depois disso. Dali em diante, ela desenvolveu uma fixação por Los Angeles: elas *tinham* que ir lá procurar a Claire, tinham que ir, a mãe delas queria que elas fossem e recomeçassem a vida...

Odeio que isso tenha acontecido, por mais agradecida que tenha ficado na época. Devolveu cor às bochechas da Mattie, nos deu nossa garota de volta, mas, meu Deus, o relacionamento dela e da Sadie nunca mais foi o mesmo depois disso.

WEST McCRAY:

Sadie se recusou a procurar a Claire?

MAY BETH FOSTER:

Isso não era possível por vários motivos. Dinheiro. As meninas não tinham dinheiro pra isso. Não sabiam em que parte da cidade a mãe delas estava... Pense bem. Claire provavelmente escreveu aquilo quando estava chapada. Não pedia que as filhas a procurassem. Aquele cartão-postal era uma despedida. Mattie só não entendeu ou não aceitou. E acho que... Sadie poderia ter fingido que estava na dúvida se ia ou não, só pelo bem da irmã, mas não fez isso...

WEST McCRAY:

Mattie culpou Sadie pela Claire ter ido embora?

MAY BETH FOSTER:

Não, mas culpou Sadie por não terem ido atrás dela.

WEST McCRAY:

O que a Claire quis dizer quando disse pra Mattie ser “*minha* boa menina”?

MAY BETH FOSTER:

Quando a Mattie estava sendo *a boa menina da Claire*, ela em geral enchia o saco da Sadie. Tenho a sensação de que estou fazendo Mattie parecer uma péssima menina, e não é isso. Ela só era... pequena. Mattie amava a Sadie, mas idolatrava a Claire.

WEST McCRAY:

Depois do cartão-postal, as coisas foram se deteriorando devagar entre as garotas.

MAY BETH FOSTER:

Foi de partir o coração ver como a Mattie agia com a Sadie. Era cruel. Sadie perdoava tudo. Ela sabia de onde vinha a raiva e aguentava. Isso não quer dizer que ela era santa; ela não era. Ficava impaciente, dizia pra Mattie que ela estava sendo burra, que não havia esperança... foi a primeira rachadura que surgiu entre as duas, e então só aumentou. É incrível quando penso por quanto tempo e com que força Mattie se agarrou à Claire quando Sadie só estava tentando se agarrar à Mattie.

No mês anterior à morte da Mattie, as coisas estavam piores do que nunca entre as duas. Mattie estava se tornando mulher, e essa é uma época perigosa

na vida de qualquer garota. Ela estava se tornando uma pessoa com vontade própria, e essa pessoa tinha ideias diferentes das de Sadie de como as coisas deveriam ser. E Sadie nunca disse nada, mas sei que ficou muito magoada com isso.

Não consigo... se Claire não tivesse enviado aquilo, se tivesse só rompido silenciosamente, acho que a Mattie teria aceitado. Mas ela tinha que ferrar as coisas lá de Los Angeles, e foi esse o motivo da briga das irmãs na noite em que Mattie desapareceu.

WEST McCRAY:

A única coisa com a qual todo mundo parece concordar é sobre o catalisador para o desaparecimento da Mattie: ela tentou ir embora de Cold Creek para ir atrás da mãe. Entrou na picape de um assassino esperando que fosse o primeiro passo da longa viagem até Los Angeles.

MAY BETH FOSTER:

Mattie nunca teria feito uma coisa assim se não tivesse recebido o cartão-postal. Sei que isso ficou na cabeça da Sadie e também sei... sei que, se a Sadie estiver por aí agora, isso ainda está na cabeça dela.

sadie

Alguma coisa bate na minha janela.

Tum.

Abro meus olhos duma vez só e levanto a cabeça, o pescoço protestando pelo ângulo horrível em que estava com uma série rápida de estalos alarmantes. Meu corpo está só parcialmente erguido quando entendo a situação. Duas crianças, garotos, de uns dez ou onze anos, parados a cerca de um metro e meio do carro. Os dois são tão magros que a May Beth teria dito que estão *subnutridos*. Um está com uma bola de basquete nas mãos. Está me encarando. Eu também o encaro. Ele joga a bola na minha janela. *Tum*. Quica de volta para as mãos dele. Ele mira de novo, e sou tomada de raiva. Estico a mão para o banco da frente, a palma direto na buzina do carro. Eu aperto e deixo a mão lá.

Eles saem correndo.

Deixo o estrondo anasalado da buzina se espalhar pela região desolada do bairro enquanto vejo as pernas finas dos garotos os levarem embora. Tiro a mão quando viram a esquina, e tudo fica silencioso e imóvel. Estou estacionada em um beco sem saída cheio de casas em vários estágios de construção, com um outdoor grande anunciando uma data de término de obra que parece impossivelmente próxima. Tem um lago com cara de pântano à minha frente, os insetos que o sobrevoam fazendo pequenas ondulações.

Dou uma ligada no carro só para ver o relógio. Oito da manhã. Jesus. May Beth diz que é grosseria incomodar as pessoas antes das nove da manhã e, de qualquer modo, aparecer na casa de alguém às nove também não é decente, a não ser que seja emergência. Esfrego a nuca e pego a mochila no chão, remexo dentro até encontrar uma garrafa de água pela metade, minha escova de dentes e pasta. Escovo os dentes, abro a porta do carro, me inclino para fora e uso o resto da água para enxaguar a boca e cuspir. Meu estômago ronca, estou com fome. Tenho meio saco de batata sabor vinagre e sal no

porta-luvas. Mal peguei e o saco já está vazio, lambo dos dedos o pozinho salgado e avinagrado. Mattie ficaria puta da vida se me visse fazendo isso, me diria que eu nunca deixaria que *ela* tomasse um café da manhã tão pouco saudável. Afinal, sempre que eu fazia alguma coisa, ela, por princípio, também queria fazer, porque irmãzinhas são assim.

Prejudicaria seu crescimento, eu diria. *Não quero que você seja um camarãozinho pra sempre.*

Mas Mattie teria ficado mais alta do que eu. Dava pra perceber só de olhar pra suas pernas. Eram muito mais compridas do que o resto do corpo, e se você ficasse olhando por muito tempo o resto começava a parecer bem estranho. Os braços finos demais, a cintura baixa demais, as mãos grandes demais. Ela sempre esperou o momento em que finalmente iria me olhar de cima, e mamãe sempre avisou que aconteceria, sempre falava isso quando a Mattie e eu estávamos pegando no pé uma da outra, porque mamãe sempre ficava do lado da Mattie pra tudo. A gente podia estar brigando pela cor do céu e a Mattie podia dizer que era roxo, e a mamãe diria que ela estava certa só por causa da minha cara quando ela fazia isso. Não consigo nem botar em palavras como é engolir um momento assim, mas sei dizer exatamente quão amargo é o gosto.

Eu me visto e troco minha camiseta Henley, que já está muito usada, minha calcinha e minha calça jeans por uma legging preta, uma calcinha limpa e uma camiseta só meio limpa. Vou ter que arrumar um lugar para lavar roupa logo, isso se conseguir me convencer a gastar esse dinheiro. Pego a escova e passo devagar pelo cabelo embaraçado, só para passar o tempo, e faço um rabo de cavalo. Dou uma lambida no polegar e ajeito as sobancelhas. Passo a língua nos dentes e arranco um pedaço de pele morta do lábio, depois ligo o carro e sigo por Wagner.

Wagner me lembra uma fênix antes de morrer e renascer. A área em construção, onde passei a noite, evoca um lugar que vai surgir depois que o resto pegar fogo; uma região movimentada e para turistas, aparecendo das cinzas. Agora, para todo lado que olho vejo o tipo de coisa que me lembra Cold Creek. Pessoas lutando pra ajeitar seu espaço um pouco melhor do que o do vizinho, sendo que nenhum é realmente bom.

Estaciono o carro em uma escola de fundamental I com uma aparência lamentável, ando pelo estacionamento e vou até atrás do parquinho, porque em frente ao parquinho tem uma casa. Enfio as mãos nos bolsos e me preparo

enquanto ando. Tem gente nos balanços, de costas pra mim. Um homem e uma garota, lado a lado. Quando o homem estica o braço por trás da corrente do balanço pra botar a mão no ombro pequeno e ossudo dela, eu vou mais devagar.

– Você está bem? – murmura o homem pra ela, os pés roçando no chão com o movimento lento do balanço. A voz está suave e muito carinhosa. – Sei que é uma adaptação, mas sou um cara *legal* de se ter por perto... e, se você precisar conversar, estou aqui pra você.

Os ombros da garota se contraem, todos os músculos dela se apertam com a sensação dos dedos calejados nas partes mais expostas do corpo. Ela não diz nada e nem vai dizer nada, e sei por que não vai, por que a língua fica quieta. Ela não confia nele. A gentileza dele é do tipo que não chega aos olhos, e ela pode ser só uma garota magrela de onze anos, mas é inteligente. Ela reconhece a calmaria antes de uma tempestade, uma calmaria que cresce em direção a um caos maior. Tudo naquele cara legal não combina muito bem com a paisagem da vida deles. Ele está sério demais, preocupado demais, presente demais quando ela acha que está sozinha. Ele é muitas outras coisas que ela não consegue identificar por palavras, como a forma como ele está tocando nela agora, que é mais familiar do que deveria ser e mais íntima do que deveria ser permitido.

– Vai ficar tudo bem, Sadie – diz o homem.

•••••

Marlee Singer.

Foi esse o nome que Caddy me deu quando encostei a faca no pescoço dele, o cinto aberto caindo frouxo sobre a calça jeans. Senti suas palavras na lâmina. *Marlee Singer*. E mais: *Mora em Wagner*. *Ela pode te contar sobre Darren Marshall*. Mandeí ele descer a calça toda antes de eu afastar a faca só pra poder ter tempo de escapar.

O cascalho se move embaixo dos meus pés quando sigo pelo caminho que leva à porta da casa da Marlee. Não há sinal de vida atrás da porta, nenhum movimento curioso de cortinas na janela. Eu bato e espero. Um carro passa. Eu passo a mão pelo cabelo e me volto para olhar a rua. Eram 9h45 quando olhei pela última vez, mas pode ser que ela ainda esteja na cama. Eu me viro para a casa, na esperança de ver alguma coisa no segundo andar, mas não tem

nada.

Eu ando pela lateral da casa e espio pela primeira janela que encontro.

Uma sala. Chego mais perto, as mãos apoiadas no parapeito. Tem um sofá. Uma mesa de centro. Tem brinquedos de bebê no chão e... ao longe, ouço a porta da frente da casa sendo aberta e, momentos depois, alguém se aproximando. Sinto o peso do seu olhar no meu corpo, me avaliando ao chegar mais perto. Gotas de suor se formam na minha testa e embaixo do meu cabelo e começam a escorrer tranquilamente pela minha nuca. Quando eu me viro, encaro a mulher pela qual estou procurando.

Marlee.

– Quem é você?

Chuto que tem uns quarenta anos, ou quase. O cabelo louro platinado está preso em um rabo de cavalo alto, a boca pintada de batom vermelho. As maçãs do rosto são altas. As sobrancelhas devem ser brancas também, ou isso ou ela não tem. Ela é magrela, quase do mesmo jeito como a Mattie era magrela, mas não por estar em crescimento; é por causa de drogas ou de algum distúrbio alimentar ou por não ter dinheiro. Reconheço todas essas coisas, mas nem sempre consigo diferenciar. Ela está usando um shorts jeans cortado e uma camiseta com aquele Mickey Mouse antigo na frente, amarrada embaixo dos seios. Tem estrias meio prateadas no abdome rosado. Não vejo marcas nos braços dela, como vi nos do Caddy.

– O que acha que está fazendo? – Ela tem uma voz rígida que não consigo imaginar em um sussurro e nem em uma música.

– ...

Tem uma corda em volta do meu pescoço. Não consigo dizer nada, por tempo demais. Ela parece estar quase chamando a polícia. *Fala logo*, eu penso. *Fala de uma vez*. Keith dizia isso pra mim quando ficava de saco cheio de esperar. Se eu estivesse quase lá, ele segurava minha cara com uma das mãos, como se pudesse forçar as palavras a saírem de mim se espremesse com força.

– *Olá*. – Ela balança a mão na frente do meu rosto. – O que você pensa que está fazendo, xeretando a minha casa? Me dá um motivo pra não ligar pra polícia agora.

Eu expiro com força.

– E-estou po-procurando uma pe-pessoa.

Marlee coloca as mãos ossudas nos quadris. Acho que meus dedos

poderiam dar uma, duas, três voltas nos pulsos dela. Talvez eu conseguisse quebrar ela no meio, mas alguma coisa nela me faz pensar que eu não chegaria muito longe na tentativa, como se minha garganta fosse ser cortada antes mesmo de saber o que estava acontecendo. É difícil não respeitar isso.

– Na minha casa? – Ela dá um passo para a frente, e resisto à vontade de dar um passo para trás. – Vamos tentar fazer isso uma pergunta de cada vez, bem devagar. Quem é você?

– Le-Lera.

Às vezes fico pensando como foi que a minha mãe juntou os nomes pra formar *Sadie Lera*. Quando eu perguntava, ela sempre dizia: *Eu tinha que te chamar de alguma coisa, né?* Mas aposto que havia outra razão. Quero que haja. Mesmo que seja só porque ela gostava dos dois o suficiente e os juntou, apesar da sonoridade estranha.

– Lera...?

– Ca-caddy Sinclair me de-deu seu no-nome – eu digo. Os olhos se acendem de uma forma que não gosto. – Di-disse que você po-poderia me ajudar.

– Ah, foi? E quem você está procurando?

– Darren Ma-marshall.

Ela ri, um som áspero e desagradável que me causa arrepios na espinha.

– Tá de sacanagem – diz ela.

Não é uma pergunta.

Ela funga e passa o braço pelo nariz. O som abafado de um bebê chorando dentro da casa chega à rua. Ela me lança um olhar rápido e vai em direção ao som.

– Vai pra casa, menina – diz ela antes de ir embora.

Ouçõ a porta da frente bater.

Mas não cheguei até aqui pra voltar para casa.

Contorno a casa e me sento no degrau, as pernas esticadas à minha frente e cruzadas nos tornozelos, a bolsa ao lado do corpo. Olho para o céu e vejo o azul miosótis escurecer e ficar um pouco mais, como se diz... *cerúleo*. Olho até o sol ficar diretamente na minha linha de visão e me forçar a desviar o olhar. Deixo a pele à mostra cozinhando até ficar queimada e deixo a boca secar. Isso é automutilação? Sentir dor e não fazer nada a respeito?

Eu poderia morrer, eu penso, e a sensação é de nada.

Passa das três quando a porta da Marlee se abre e me tira do estupor. Só

levanto a cabeça quando ela diz:

– Entra logo aqui.

A porta se fecha, e começo a tarefa dolorosa de me levantar, o corpo rígido, a pele doendo e queimada do sol. Eu me obrigo a ficar ereta e entrar na casa da Marlee como se fosse minha. A casa tem cheiro de ar parado e fumaça, como se alguém tivesse feito questão de fechar todas as janelas antes de abrir um maço de Lucky Strike.

Paro em um corredor escuro na frente da escada que leva ao segundo andar. Ele se abre em duas direções diferentes, a sala, que já vi, e a cozinha. É de lá que a Marlee sai, usando uma roupa diferente agora, uma calça jeans com cortes tão artísticos nas pernas que não sei dizer se são de propósito ou não e uma regata vermelha que oferece visão completa da clavícula, onde ela tem uma tatuagem de uma faca cercada de flores, me desafiando a olhar.

– Achei que não tinha outro jeito de tirar você da minha porta – diz Marlee, e eu faço que sim e cruzo os braços. Ela cruza os dela. – Você está toda queimada.

– É.

– Vai doer amanhã.

Já está doendo.

– É, p-provavelmente.

Ela aperta os olhos.

– Por que você fala assim?

– Vo-você nu-nunca ouviu ni-ninguém ga-gaguejar?

– Claro que ouvi. Só quero saber *por quê*, só isso.

– Foi so-sorte, eu acho.

– E você está procurando... o Darren – diz ela, e eu faço que sim. Ela suspira e volta para a cozinha. – Bom, não fica aí parada.

Estou com dor, a pele parecendo apertada no corpo. Tenho que me obrigar a ir a um estado mental além da queimadura do sol só para conseguir me mexer. Quando finalmente chego à cozinha, Marlee está lá, encostada na bancada. O ambiente está bagunçado, mas não nojento. Só diz de uma mulher que não tem como dar conta da louça e de seu bebê ao mesmo tempo. A pia está cheia de pratos, tigelas, copos e mamadeiras. Em frente há uma mesinha encostada na parede, embaixo de uma janela com vista para o pátio da escola do outro lado da rua. Há duas cadeiras de cada lado. O enchimento de uma delas está saindo. Tudo é meio retrô, mas não por escolha. É tudo

misturado demais pra isso. O piso é laminado e está descascando, e as paredes são bege. As cortinas da janela são de um verde musgo. Feio.

– Que ca-casa bo-bonita.

Ela sabe que estou mentindo, mas não se importa. Marlee me avalia de cima a baixo, das pontas dos dedos dos pés até o alto da minha cabeça. Reviro a bolsa em busca da foto e a entrego. Seus dedos são compridos, e quando a cena da foto é registrada, as mãos dela tremem tão pouco que fico pensando se foi minha imaginação.

– Meu Deus – murmura ela.

– Sou fi-filha de-dele.

Não sei se preciso do ardil, mas não quero descobrir tarde demais. Marlee ri, e é o mesmo som áspero que ouvi antes. Ela me devolve a foto e abre uma gaveta, tira um maço de cigarros. Acende um e relaxa com a primeira dose de nicotina. Quando traga, todas as linhas em volta da boca se juntam com prazer.

– Você está me dizendo que *Darren Marshall* tem uma filha. – O batom dela deixa uma marca no filtro do cigarro. Vejo a luta no rosto dela, as palavras não se encaixando direito. Ela dá mais duas baforadas e tosse, e juro que ouço o que ela não consegue tirar dos pulmões se movendo lá, se acumulando. – E é você.

– Claro.

– A pequena também é dele?

– N-não.

– Quer beber alguma coisa?

Eu faço que sim. Quero beber alguma coisa e, mais do que isso, alguma coisa pra comer. Ela abre a geladeira e me passa uma Coca. O choque do alumínio frio na palma da minha mão é a melhor sensação das últimas horas. Abro a lata com um chiado satisfatório e escuto o gás sair.

– Ele não deve ter ficado muito tempo com você – diz ela.

– O su-suficiente.

– O... Darren, ele é mesmo seu pai?

Ela espera até eu estar no meio de um gole para perguntar. Deixo o gás borbulhar na boca, uma sensação gostosa e fugidia.

– Por que vo-você diz o n-nome de-dele assim?

Parece estranho na língua dela, sua voz luta com o nome.

Antes que ela possa responder, o choro baixo de criança que ouvi mais

cedo ocupa a casa, vindo de cima. Marlee diz *merda*, joga o cigarro na pia e joga água em cima. E aponta para uma das cadeiras.

– Senta a bunda ali. Já volto.

Ela só sai depois que sento a bunda na cadeira. Sai correndo da cozinha e me diz *nem pense em pegar nada*, com o rosto virado para trás. Esse tipo de aviso basta para me fazer reconsiderar a casa toda, porque, até ela dizer isso, nada pareceu de valor. Mas tem umas contas na mesa. Avisos vencidos. Vê-los gera um nó no meu estômago do tamanho de uma laranja. Esse tipo de medo a gente não esquece. O pânico esmagador de precisar de um dinheiro que você não tem.

Ela volta alguns momentos depois com um bebê encaixado no quadril. Ele tem o mesmo cabelo louro platinado da mãe, cortado em um formato infeliz de tigela. Os olhos são mais azuis do que o céu lá fora e ele tem um nariz de botãozinho no meio do rosto mais redondo que já vi. Braços e pernas gorduchos. Acho que é pra ele que vai todo o dinheiro da comida. Ele fica se contorcendo até me ver e esconder o rosto na Marlee, ficando tímido de repente com a estranha. Marlee aponta para o cadeirão dobrado no canto.

– Abre pra mim?

Cinco minutos depois, o bebê está no cadeirão e Marlee está procurando algo na geladeira de novo. O filho fica olhando para mim, e é sinistro da mesma forma que as crianças em *A cidade dos amaldiçoados* são sinistras. O único bebê de quem gostei foi a Mattie. Em toda minha vida, nunca vi nenhum tão fofo quanto ela. Ela era tão redonda, macia e fofa. Tinha um tufo de cabelo louro bem no meio da cabeça, e esse foi todo o cabelo que teve por muito tempo. Parecia uma peruca. Me fazia rir. E as mãozinhas dela estavam sempre fechadas, como se ela estivesse se preparando pra brigar, esperando o dia em que teria idade pra bater em alguma coisa. Ela amava segurar meus dedos num aperto bem forte. Ela era muito forte.

Ela era perfeita.

– Q-qual é o no-nome dele?

– Breckin.

Ela coloca o bebê no cadeirão, pega purê de maçã e lhe dá umas colheradas. Ele gargareja e faz uma bagunça, e metade cai na camiseta. Isso faz a Marlee rir, mas é uma gargalhada diferente da que ouvi. É indulgente, gentil. É o som mais gentil que percebi na voz dela desde que cheguei. Ela murmura alguma besteira para ele.

– Onde está o Da-Darren?

May Beth disse que sei ser inconveniente às vezes, o modo como interrompo conversa fiada e vou direto ao ponto quando quero alguma coisa, e que não gasto tempo suficiente com uma introdução amigável. Decidi que a única coisa que as outras pessoas podem fazer a esse respeito é amar ou odiar, porque não pretendo agir diferente. Pela expressão no rosto dela, não sei se ela odeia. Seu sorriso some, mas ela fica olhando para o Breckin.

– Menina – diz ela, e eu queria muito que as pessoas parassem de me chamar de *menina*. – Nem te conheço, e você acha que eu devia te contar o que sei sobre ele?

– Ma-mais ou me-menos.

Ela bota mais purê de maçã na boca do Breckin.

– Por que você quer achar ele?

– Eu q-queró ma-matar ele.

A colher congela a dois centímetros do rosto do Breckin, e a confusão dele é imediata. Ele bate com as mãos na bandeja do cadeirão, chamando a atenção da Marlee. Ela enfia a colher na boca do menino e depois a deixa na bandeja.

– É pi-piada – eu digo.

– Sei – responde ela.

Dedilho a aba da lata de Coca de novo e a prendo embaixo da unha pra depois soltar com um estalo.

– Quero outro cigarro – diz ela.

– Fu-fuma um.

– Eu não fumo perto do bebê.

Mas, no final, fuma, sim. Ela vai até o canto da cozinha e acende outro cigarro, tomando o cuidado de virar o rosto para longe do Breckin toda vez que expira, como se fosse fazer alguma diferença.

– Ele não aparece há uns dois anos. Vivia sempre aqui.

– No R... No Ray's.

– Às vezes. – Ela se mexe, inquieta, e morde o lábio. – De onde você é mesmo?

– N-não importa.

Ela revira os olhos.

– Vamos lá, criança. Me dá alguma coisa.

– ... – Coloco a Coca na mesa. – Eu n-não sou... Eu não sou criança.

Ela leva o cigarro à boca e morde os nós das mãos enquanto a fumaça flutua preguiçosamente em volta do rosto. Breckin não parece incomodado com o final repentino do lanche. Ele está falando sozinho, absorto com o som da própria voz.

– Estão destruindo essa cidade toda – diz ela depois de um minuto. – Tem umas construções novas sendo feitas. – Ela traga de novo e inspira tão fundo que imagino o seu futuro canceroso. – É burrice. Não sei o que estão querendo. Aqui não é como o resto do estado, sabe? Porra... Whole Foods e yoga... e se der certo pra eles, eu já não tenho grana pra morar aqui agora que é um buraco. Não sei pra onde eu iria.

– C-Cold Creek.

– O quê?

– De onde eu s-sou.

– Nunca ouvi falar. – Ela aperta os olhos. – Você sabe como ele é?

– S-sei – eu digo. *Sei melhor do que você.*

Tomo outro gole de Coca, e o gosto está ficando doce demais. Queria que batesse um ventinho. Marlee dá outra tragada no cigarro, e Breckin balança as mãos, e sinto que isso aconteceu cem vezes antes de eu passar por aqui, que já vi tudo que tem pra ver da vida deles. Olho para mim mesma, as partes vermelhas do meu peito me sufocam com o sentimento de que quero estar em outro lugar. Qualquer outro lugar.

– Você sabe que o nome dele não é Darren? – pergunta ela. Eu faço que sim. – Era esse que ele usava quando morava aqui, mas eu nunca me acostumei.

– Q-qual é o no-nome dele de verdade?

– Vamos chamá-lo de Darren por enquanto – diz ela.

– Ele era K-Keith quando eu conheci.

– Ah. – Ela morde o lábio. – Esse também não é o nome dele.

– Co-como você sa-sabe?

– Porque meu irmão estudava com ele. Eu era sete anos mais nova do que os dois. Quando terminei, eles já tinham ido embora. Eu saí daqui, me casei, me divorciei, e meu irmão, bom... Ele tinha uma vida muito boa.

– C-como ele co-conseguiu?

As pessoas daqui raramente têm vidas boas.

– Meus pais tinham dinheiro pra um filho e acabaram tendo dois. – Marlee dá de ombros. – Ele que era o menino. Foi nele que eles depositaram todas as

esperanças, então ele recebeu mais. Recebeu um curso de faculdade.

– C-como ele... era? – Não consigo resistir à pergunta. Ela sabe que estou falando do Keith. – Na-naquela época?

Ela afasta o olhar.

– Ele era pobre como a maioria de nós. Mas era quieto. Meio sujo também, como se não se cuidasse, sem higiene. Era estranho... ele fazia umas coisas estranhas, e levava muita surra por isso. Sofria bullying, eu acho. E os pais dele... eram péssimos. O pai dele bebia e sentava o cinto nele.

– Ah – eu digo.

Ela limpa a garganta.

– No ensino médio, meu irmão... O que você tem que entender sobre o meu irmão é que ele era o menino de ouro em todos os sentidos da expressão. Meu irmão tomou o Darren embaixo da asa, de certa forma, e começou a fazer questão de ser legal com ele. Quando perguntei por quê, ele disse que era importante dar esse tipo de exemplo porque *não somos melhores nem piores do que as pessoas dentre as quais nós andamos*. – Ela faz uma pausa.

– Ele era um cuzão, o meu irmão, caso eu não tenha deixado claro. Os outros garotos pararam de pegar no pé do Darren, e ele e meu irmão se tornaram inseparáveis... era meio como se... você deve ser muito nova pra se lembrar daquele desenho do cachorrinho correndo atrás do cachorrão? Bom, eu também sou. Mas era assim. Darren estava sempre atrás do meu irmão. A gente recebia ele pra jantar toda hora... – Ela para de falar. – Ele me deu meu primeiro beijo. Eu tinha dez anos e ele tinha dezessete. O Darren era assim na época.

– Co-como ele veio parar aqui em Wa-Wagner? Quanto te-tempo tem isso?

Ela dá de ombros.

– Uns dois anos. Ele estava passando. Ele sabia que eu morava aqui porque ele e meu irmão ainda se falam. Ele parou aqui e pareceu diferente, um pouco mais centrado, nem um pouco parecido com o que era quando... – Ela olha para o chão. – Veio só para jantar e acabou ficando muito mais.

– Mamã – diz Breckin em tom de súplica, e Marlee vai até ele e apoia a mão na cabeça dele. Ela se vira para mim.

– Quando ele soube que ia ficar, me disse que usaria o nome de Darren Marshall agora e que seria ótimo se eu pudesse entrar no jogo.

– E-ele disse p-por quê?

Breckin ri. Ela balança a cabeça.

– E você de-deixou ele fi-ficar me-mesmo assim?

Acho que não escondo bem a repulsa da voz, porque ela fica tensa e levanta a mão da cabeça do filho. Fica quieta por um minuto, como se esperasse eu forçar a barra, e parte de mim se sente jovem o bastante a ponto de querer. Já passei da idade em que achava que podia convencer minha mãe a deixar de lado suas piores decisões, a bebedeira, as drogas, certos homens que ela levava pra casa, pra cama. Keith. Às vezes, eu penso naquela Sadie, suplicando para a mãe a salvar da... própria mãe.

Odeio aquela versão de mim.

– Eu não tenho que responder pra você. Mas, é, deixei. – Ela balança a cabeça um pouco, franzindo a testa. – Sabe, o tempo todo em que fiquei com ele, o Darren nunca disse que tinha uma filha. Meu irmão também nunca mencionou. Ele saberia.

– Eu n-não estou me-mentindo pra vo-você – minto. Ela só olha para mim, e tenho medo de que veja a verdade se continuar por muito tempo. – E o q-que aconteceu?

– Ficamos alguns meses juntos. Ele se sentava bem aí todas as manhãs e sempre tomava café olhando pela janela.

Sigo o olhar dela para o pátio da escola. Tem duas mulheres no parquinho agora, empurrando os filhos ou as crianças de quem cuidam no balanço. Imagino o lugar durante o ano letivo, o espaço lotado de crianças correndo, brincando, rindo, sob o olhar alerta do homem à mesa da cozinha.

– Eu estava lavando roupa – diz Marlee. – Tirando as coisas dos bolsos da calça jeans antes de jogar na máquina, e achei uma foto... uma foto velha e gasta, Polaroid. Era... – Ela fecha os olhos brevemente e a testa se franze, como se conseguisse ver a imagem por trás dos olhos e desejasse poder ver qualquer outra coisa. – Não quero falar disso, mas era o tipo de coisa que não dá pra explicar nem defender. – Ela expira com um tremor e abre os olhos. – As pessoas não mudam. Só passam a esconder melhor quem realmente são. Expulsei ele daqui no mesmo dia. Não queria me envolver na ocasião e não quero me envolver agora.

Ela tira Breckin do cadeirão e encosta o rosto no pescoço do bebê. Eu coço o peito e me arrependo na mesma hora de abusar do meu toque gentil. Minha pele está pegando fogo.

– Te-teve notícia de-dele de-depois? De onde e-ele p-pode estar?

– Não.

– E s-seu irmão?

– Não falo mais com meu irmão – diz ela com voz tensa. – Ele é da opinião de que a forma como tratei o Darren foi errada, e não nos falamos mais depois disso.

– P-por favor...

– Olha, sinto muito pelo que te trouxe aqui – diz Marlee –, me sinto mal o suficiente pra estar disposta a contar tudo isso. Mas tenho um filho, e não posso deixar isso se misturar com... – Ela balança a mão. – Com o que quer que *isso* seja.

– ...

Ela me vê lutar.

– *P-por favor* – eu finalmente consigo dizer.

Ela fecha os olhos, Breckin entre nós, alheio.

– Jack Hersh. Esse é o verdadeiro nome dele. Faça alguma coisa com isso.

– E-ele n-não usa! N-não vai me a-ajudar em na-nada!

– Talvez não seja a pior coisa do mundo – diz ela com rispidez. – Você não devia ir atrás de alguém com uma alma tão doente, seja ele pai ou não. – Ela arregala os olhos. – Ele machucou você?

– Sim – eu digo, simplesmente. – E m-minha irmã também.

– Bom, sinto muito. – Ela faz uma pausa. – Mas não posso ajudar.

Devia me ajudar a conseguir alguma coisa, mas não ajuda. Não dá pra comprar as pessoas com sua dor. Elas só vão querer ir embora. Pego um dos envelopes de conta vencida dela e o viro lentamente nas mãos.

– Ei, larga isso – diz ela. – Já *falei*. Não sei onde ele está agora.

Pego a conta, dou uma olhada no número, e ela não pode me impedir porque seus braços estão ocupados com o bebê. Não aquela. Está alto demais. Pego outra, uma que está fora do envelope, e dou uma olhada no número. Aquele número dá pra mim.

Não dá pra comprar pessoas com sua dor... Mas isso não quer dizer que você não possa comprá-las.

Eu levanto a conta e tento de novo.

– E s-seu irmão?

AS GAROTAS

T1E2

WEST McCRAY:

A identificação na mochila verde da Sadie indica May Beth Foster como o contato de emergência. Ela buscou a mochila e os pertences da Sadie na Delegacia de Polícia de Farfield, em julho.

MAY BETH FOSTER:

E quero dizer uma coisa sobre a polícia de Farfield: eles estão cagando pro caso.

WEST McCRAY:

A detetive Sheila Gutierrez é pequena, tem cinquenta anos e é mãe de três filhos. Ela trabalha na Delegacia de Polícia de Farfield há quinze anos. É solidária a May Beth, mas não concordaria com o que ela diz.

DETETIVE SHEILA GUTIERREZ:

Nós fizemos tudo que podíamos para encontrar a senhorita Hunter. Fizemos uma busca, conversamos com os moradores, espalhamos boletins e alertamos a imprensa, além da polícia das áreas próximas. Não havia evidência de crime no local, e considerando o fato de que a senhorita Hunter saiu de Cold Creek por vontade própria como reação a uma tragédia pessoal, nós acreditamos que é como se fosse uma extensão disso. O carro não tinha sofrido danos. É muito possível que ela o tenha abandonado ali por opção. Fora isso, não há sinal dela. Isso não quer dizer que ficaremos menos vigilantes no futuro, e se alguém tiver informações, pedimos que nos ligue no número 555-3592.

WEST McCRAY:

May Beth deixa o carro estacionado ao lado do trailer onde mora. O Chevy é velho, mas ainda funciona. Ela encontrou uma nota de venda no porta-malas, não da Sadie e do antigo dono do Chevy, mas do antigo dono e do dono *anterior*. Fiz contato com a pessoa que vendeu o carro para a Sadie, e ela

topou um encontro em um café em Milhaven, a cinquenta quilômetros de Cold Creek, para me contar sobre o que houve.

BECKI LANGDON:

Ela é muito esquisita, sabe. *[O BEBÊ CHORA]* Ah, calma. Calma... vamos lá, mamãe está falando.

WEST McCRAY:

Becki Langdon – é “Becki com *i*”, como ela fez questão de observar em nossa troca de e-mails, apesar do fato de estar escrito e eu poder ver – é uma morena de pele branca e animada, mãe orgulhosa de um menino. O encontro da Becki com a Sadie foi rápido, mas ela lembra bem.

BECKI LANGDON:

Nós, meu ex-marido e eu, estávamos querendo vender o carro. Era meu, desde... Deus, acho que desde que era adolescente. Mas ele tinha o dele, e concluímos que precisaríamos do dinheiro para criar o bebê, e foi por isso que botamos à venda. Eu queria ter ficado com ele, porque o infeliz deu no pé depois que o Jamie nasceu, e agora minha mãe tem que me levar aos lugares no carro dela.

WEST McCRAY:

Você pode me dizer como a Sadie estava? Ou se ela disse ou deu indicação de pra quê queria o carro?

BECKI LANGDON:

Foi uma negociação bem comum. Não tinha motivo pra falar de coisas pessoais. Só que ela disse que o nome dela era Lera. Achei que ela fosse mais velha. Ela parecia mais velha nos e-mails.

WEST McCRAY:

Você tem esses e-mails? Eu gostaria de ver.

BECKI LANGDON:

Não, infelizmente. A polícia perguntou a mesma coisa, mas deletei tudo. Eu me encontrei com ela e achei ela muito agitada, com dificuldade pra falar. Fiquei preocupada porque não sabia se ela estava bem da cabeça. Não devo ter escondido muito bem porque ela foi bem grosseira.

WEST McCRAY:

O que você quer dizer com “grosseira”?

BECKI LANGDON:

Pareceu que ela ia dar pra trás. Mostrei o carro pra ela, ela me deu o dinheiro e seguimos em direções diferentes. Você acha que eu fui a última pessoa que esteve com ela?

WEST McCRAY:

Espero que não.

BECKI LANGDON:

[*RISADAS*] Ah, Deus! Não era isso que queria dizer. Minha boca, eu juro. Desculpa. [*PAUSA*] Ei, o carro... tem alguém usando agora? Tipo... será que a pessoa aceita vender de volta?

DANNY GILCHRIST [*TELEFONE*]:

O que cê tem pra mim?

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

Muitas histórias de pano de fundo e uma garota que parece ter fugido depois que a irmã foi assassinada. Sinceramente, acho que ela não quer ser encontrada. E agora, tenho que achar um jeito de contar isso pra avó de consideração.

DANNY GILCHRIST [*TELEFONE*]:

E depois?

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

E depois... o quê?

DANNY GILCHRIST [*TELEFONE*]:

Qual é a sua opinião disso tudo?

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

Acho que a Sadie fugiu, e acho que isso não dá uma história muito boa.

DANNY GILCHRIST [*TELEFONE*]:

Você sabe que tem um elemento realmente humano aqui, reunir uma garota e a pessoa que a ama e a quer de volta. Depois de trabalhar comigo no *Sempre por aí*, você devia saber disso. Então qualé, você não quer procurar a garota?

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

Eu não falei que não queria procurar a garota.

DANNY GILCHRIST [*TELEFONE*]:

Tá, que bom.

Então ela fugiu. De que ela fugiu?

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Do trauma. Das lembranças da irmã. Parece bem óbvio.

DANNY GILCHRIST [TELEPHONE]:

Aonde ela queria chegar?

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Sou todo ouvidos.

DANNY GILCHRIST [TELEPHONE]:

Você sabe aonde o rastro leva. Farfield. Você só tem os lugares onde ela esteve. Refaça os passos dela, é só o que tem pra fazer. [PAUSA] Pode ser que você encontre alguma coisa, pode ser que não, e isso não é o programa.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

É.

DANNY GILCHRIST [TELEPHONE]:

Faça o melhor que puder. É tudo que pedimos.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

O nome que a Sadie deu à Becki foi o que ficou na minha cabeça. Quando pergunto a May Beth, ela me diz que Lera é o nome do meio da Sadie.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Então ela compra um carro e usa um nome diferente... Parece que ela não quer ser encontrada, May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEPHONE]:

Mesmo se tiver começado assim, alguma coisa mudou, entendeu? Tem alguma coisa errada. Eu sinto.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Bom, eu preciso de mais do que um sentimento pra poder ir em frente.

sadie

Quero viver minha vida na internet. Tudo é perfeito lá.

Encontrei sobre Kendall Baker em um computador numa biblioteca de uma cidade genérica no caminho. Ela é linda. Uma garota com brilho. Dezoito anos, mas o tipo de dezoito de livro. O tipo de dezoito anos que vive mais rápido do que a velocidade da dor.

Uma garota que não tem motivo pra acreditar que não seja permanente.

Enquanto olhava o Instagram dela, percebo que todas as fotos, cuidadosamente montadas, da existência dela seriam maravilhosas mesmo sem todos os filtros. Kendall Baker tem uma vida social agitada. Nos dias da semana ela é uma filha e amiga perfeita, e os fins de semana são dedicados a botar pra fora a energia necessária pra manter essa fachada. Pelo feed e pelos comentários nas fotos, descubro que, na maioria dos fins de semana, ela e o irmão, Noah, e uns amigos escolhidos a dedo saem da cidade onde moram, Montgomery, e dirigem por uma hora pra encher a cara num bar chamado Cooper's.

É no Cooper's que estou agora, com Wagner a centenas de quilômetros. Chego numa quinta, estaciono do outro lado da rua e espero.

Eles só aparecem no sábado.

Kendall Baker é meu caminho até Silas Baker, irmão da Marlee. Ela não estava brincando quando disse que ele teve tudo. *Ele foi pra faculdade*. Ele foi pra faculdade. Fez muitos bons investimentos e reinvestiu na comunidade. Muito de seu dinheiro em muitos dos comércios da cidade. Ele ganhou o prêmio de Cidadão de Bem de Montgomery seis anos atrás, por *excelentes contribuições para tornar Montgomery, CO, uma cidade que temos orgulho de chamar de nossa!* Na foto que acompanhava o artigo que encontrei, Silas, radiante, branco e louro, estava cercado pela esposa e pelos filhos, e apesar de ser ele quem eu quero – quem vai me levar ao Keith – foi para os filhos dele que fiquei olhando.

E agora, a vida da Kendall Baker ganhou um poder doentio sobre mim.

O feed dela me levou a outros feeds. Em pouco tempo, consegui imaginar o mundo dela todo. Um dos amigos da Kendall, Javier Cruz (*Javi* é como o chamam, com o *J* mudo)... o jeito como tira fotos dela me faz achar que ele sente alguma coisa por ela. O jeito como ela fica perto dele me faz pensar que ela não sente o mesmo. Teve um vídeo, acho que eles estavam aqui no Cooper's, e ele estava filmando ela com a câmera do telefone. Ela, dançando como numa cena de filme, os braços esticados, as mãos flutuando na frente do corpo. Vi o vídeo várias vezes, hipnotizada pelo encanto do cinegrafista. Nunca fui beijada do jeito que quero ser beijada e nunca fui tocada do jeito que quero ser tocada. Não costumo me permitir pensar nisso, mas desde que vi aquele vídeo parece que não consigo parar.

O Cooper's é um ambiente de dois andares, com a parte externa de aparência suja e de madeira, com quartos de aluguel na parte de cima. Deixo o carro e passo por uma fila de motos, seguindo um riff áspero de guitarra até lá dentro. As paredes são cereja-escuro, banhadas de luz vermelha. Tem uma banda tocando do outro lado do salão e, na frente dela, uma pista de dança, onde as pessoas esfregam seus corpos.

É um grupo pequeno composto de pessoas de meia-idade e velhas como o planeta e um grupo anômalo de adolescentes perfeitos que têm cara de que “lá não é o lugar deles, mas eles não foram avisados”. Eles estão amontoados em uma mesa no canto, as mãos em volta de cervejas Pabst Blue Ribbon. É estranho vê-los ao vivo, e percebo que stalker as redes sociais deu a eles um certo brilho de celebridades. Kendall e Noah Baker são tão louros quanto a tia deles, mas não têm a mesma aparência anêmica que sugere fome, falta de sono e estresse. Os dois estão dourados pelo sol. O cabelo da Kendall está preso em duas marias-chiquinhas frouxas, e os lábios são carnudos e rosados. Ela tem um ar de tédio ensaiado, mas consigo perceber que não há mais nada no mundo que ela gostaria de estar fazendo. Noah tem um corte de cabelo bem curto e ombros largos. Dos dois, ele é mais parecido com o pai. Javi tem cabelo castanho desgrenhado, pele morena-clara, nariz fino e corpo magro. Uma garota que reconheço dos feeds, mas cujo nome não guardei, está sentada ao lado dele, a cabeça inclinada para trás, rindo de alguma coisa que o Noah disse. Ela tem cachos castanhos lindos que cascadeiam por cima dos ombros, a pele de um marrom caloroso com tons dourados. Tem uma pedrinha no nariz dela que brilha na luz. Ela é mais bonita do que a Kendall,

mas algo me diz que não sabe disso. Isso é uma verdadeira tragédia, falando sério. É uma tristeza quando as pessoas não percebem o próprio valor.

Vou até o bar e peço uma dose de uísque. O barman é um cara branco e forte, com cabelo preto comprido e oleoso que precisa de um corte. Ele seca as mãos no pano preso no cinto e me olha, meio cético.

– Meio nova, né? – diz ele.

A voz dele soa tão áspera quanto a banda.

Indico os adolescentes do outro lado do salão.

– Eles ta-também.

Ele serve uma dose e diz que se eu me descuidar e me meter em confusão será um problema meu, mas acho que isso não é completamente verdade. Viro a dose, sentido a pancada com uma careta e espero o efeito. Tem um limite perfeito entre sóbrio e grogue que alivia minha gagueira. Quando bebo nessa medida é mais fácil falar. Passo as mãos pelo cabelo, peço mais um e viro, apreciando a queimação. Então chego à conclusão de que paguei pelo privilégio de fazer algumas perguntas.

Antes que eu possa começar, sou distraída por um homem e uma mulher na metade do balcão do bar. Não consigo ver o rosto dele, só o dela, o contorno perfeito das bochechas pálidas, o cabelo louro fino preso com uma fivela rosa. Ela está chapada. Mal consegue segurar a cabeça em pé. Ela me lembra a minha mãe. Minha mãe conheceu o Keith em um bar. Joel's. Ela ficou bêbada e ele a levou pra casa. Às vezes eu imagino o encontro deles, ela dizendo com a voz arrastada, alterada pelas drogas e pela bebida, como é difícil criar duas garotinhas sozinha. Keith, de repente interessado, perguntando qual é o nome delas. Na minha mente, ela para pra pensar um pouco, com os olhos vidrados olhando para nada em particular.

E então, ela nos oferece.

O barman tira meu copo vazio antes de se deslocar pelo bar.

– E-ei. – Eu o chamo. – Você conhece aquele pe-pessoal?

O barman assente.

– Claro.

– Me co-conta o que você sabe.

– Bom, dois são do Si Baker. Os outros são amigos deles.

– Você conhece o S-Silas Ba-Baker?

Ele ri.

– Sei *quem* ele é, claro. É dono desse bar. Mas um cara como ele não vem

aqui. Não falo com ele diretamente. Eu nem saberia que aqueles dois são filhos dele se não ficassem dizendo isso o tempo todo.

Assinto, tentando parecer desinteressada, e fico observando o grupinho até que o Javi parece sentir meu olhar. Ele levanta a cabeça e avalia o salão. Saio meio escondida e vou para o banheiro, porque acho que não é assim que quero ser vista. Examino meu reflexo no espelho rachado acima das pias. Demorei tanto pra chegar aqui que a queimadura descascou e deixou um bronzeado quase parecido com o deles. Encontro um elástico no bolso e prendo o cabelo em um coque alto desgrenhado. Enrolo as barras do short até ficarem tão altas nas coxas quanto possível e amarro a camiseta na cintura, bem apertado. Estico os braços para cima e vejo a pele do meu abdome aparecer. O estômago solta um ronco fora de hora, querendo muito digerir algo. Belisco as bochechas e mordo os lábios até ver um pouco de cor nos dois.

Quando saio pela porta, a banda toca um som de fundo, a música nos alto-falantes romântica e lenta. Acho que não é do gosto das pessoas, porque elas saem da pista e vão para o bar. Olho para a mesa, e a Kendall está olhando para o chão. Noah, Javi e a outra garota parecem estar tentando sair da mesa, e talvez aquele vídeo que eu vi, o da Kendall dançando, não fosse só um momento maravilhosamente inesperado no tempo, mas um momento que ela faz acontecer toda hora.

O que aconteceria se eu tirasse esse momento dela?

Kendall passa na frente do Noah, mas, àquela altura, eu já tomei o lugar dela. Já me posicionei no meio da pista de dança. Kendall para quando me vê. Acho que ela não está acostumada a ser atrapalhada. Fico parada lá por bastante tempo, com os olhos dela grudados em mim, e logo os olhos *deles* grudam em mim.

Sinto o peso da curiosidade de todo mundo.

A boca perfeita da Kendall forma um perfeito *Que porra é essa?*

E essa garota.

O que ela vai fazer?

Eu estico os braços e danço. Fecho os olhos e deixo a música tomar conta de mim, me transformar em uma ideia de garota ou uma ideia de uma ideia... uma Garota Maníaca Fada Sonhadora, eu acho, o tipo que todo mundo diz que não aguenta mais, mas sempre acho que é mentira. A garota que ninguém ama nem por muito tempo nem direito, mas de quem ninguém quer abrir

mão.

Abro os olhos, e a Kendall está com cara de assassinato. Noah e a morena parecem na dúvida. Javi toma um gole da cerveja e se inclina por cima da mesa, murmurando alguma coisa pra Kendall. Ela dá de ombros, e ele sai da mesa e vem até mim. Meu coração acelera. *Eu sei seu nome*, eu penso. *Sei seu nome, mas você nem tem ideia de quem eu sou*. Ele é mais alto do que imaginei. Parece nervoso. Estico a mão para ele, e ele engole seco de um jeito muito transparente antes de responder ao meu gesto. A palma de sua mão está suada. Eu o levo para mais longe na pista de dança e guio as mãos dele para os meus quadris, e de alguma forma elas encontram as partes mais macias de mim, partes que eu nem sabia que existiam. Coloco a mão na nuca dele, as pontas dos meus dedos mexendo no cabelo, e fico impressionada com a sensação, porque nunca toquei em ninguém assim. Ele cheira a suor, mas de um jeito bom, e quando o encaro, ele está me olhando como se estivesse pensando que a situação não é real, que é coisa dos filmes que ele faz, sem nunca ter sonhado em participar... exceto que claro que sonhou – porque quem não quer ser o garoto pra quem as garotas misteriosas são feitas?

Quem não quer uma história de amor?

Eu queria que isso fosse uma história de amor. Uma história de amor sobre amantes cujas bocas se encontram como duas peças de quebra-cabeça que se encaixam perfeitamente, sobre a sensação elétrica do nome de uma pessoa na boca da outra, porque ninguém nunca o falou em voz alta daquele jeito. Sobre pessoas que passam a noite juntas olhando as estrelas até constelações inteiras existirem dentro delas. Todo mundo é perfeito daquele jeito genérico da maioria dos personagens, e toda cena perfeitamente construída nas vidas fictícias deles é de alguma forma mais real do que tudo que você sabe e já viveu. Histórias de amor, romances, deixam uma pessoa segura, sabendo que vão acabar Felizes Para Sempre, e quem não ia querer uma história assim? Gostaria que isso fosse uma história de amor porque sei o que acontece numa história como a minha, em que o único respiro fica nos espaços entre as linhas. Mas tem uma coisa que digo para mim mesma para amortecer a porrada de tudo que há por vir:

O pior já aconteceu.

A música termina.

– Oi – diz Javi, e a voz dele é grave e cantarolada.

Me faz tremer.

Eu sei seu nome.

– O-oi.

– Posso pagar uma bebida?

– Po-pode – eu digo, e em seguida: – Eu ga-gaguejo.

A boca se abre em um sorriso caloroso.

– Legal – diz ele. – Sou Javi.

– Então você é nova – diz Kendall depois que nos apresentamos todos.

A voz soa mais velha do que o resto dela, o tipo de voz que se conquista depois de anos bebendo uísque e fumando cigarros sem filtro. Não sei como isso acontece com algumas garotas, mas simplesmente acontece. Ela me avalia daquele jeito afiado específico de garotas, mas estou acostumada com pessoas me olhando duas vezes, por causa da gagueira. Não gosto, mas sei que aguento. Kendall parece não estar acostumada com que aguentem, e por ora essa é a minha vantagem.

Disse que meu nome é Lera.

– S-sou – eu digo. Estou espremida entre o Javi e a outra garota, que se chama Carrie Sandoval. A coxa dele encostada na minha. A de Carrie não encosta. Fico achando que o contato de um e a falta de contato da outra é proposital. – A-acabei de me mu-mudar.

Tomo um gole da cerveja Pabst que o Javi comprou pra mim, e tem gosto de mijo, mas depois disso e das doses, fico cantarolando e me questiono por que minha mãe nunca parava nesse ponto, porque é nele que fica tudo bem e você ainda tem controle. Eu me lembro da primeira vez que bebi só pra ver se aguentava. May Beth tentou me botar medo, disse que o que minha mãe tinha era contagioso, era hereditário, uma doença adormecida que percorre as gerações e que, se você tiver sorte, não desperta, mas por que arriscar? Eu arrisquei. Precisava. E, adivinha? Não me tornei uma viciada. Talvez esse fosse o verdadeiro motivo pra May Beth não querer que eu experimentasse; era só mais uma coisa pela qual eu jamais poderia perdoar minha mãe.

– E você simplesmente... veio parar... aqui? – pergunta ela. – No Cooper's?

– B-bom. – Eu puxo o rótulo da minha cerveja. – Seu Instagram f-fez parecer que era o lu-lugar pra s-se estar.

Noah abre um sorrisinho. Javi baixa a cabeça, boquiaberto. Kendall e

Carrie trocam um olhar incrédulo. Kendall diz:

– Você acabou de admitir que stalkeia meu Instagram?

– Eu q-queria ver como vo-você era em co-comparação ao hype.

Javi solta uma gargalhada que logo tenta enfiar de volta na boca. Olho para a Kendall e me pergunto como deve ser viver uma vida tão sem desafios que um comentário besta desses faz todo esse efeito. Tem um fogo nos olhos dela que me diz que talvez eu tenha que manejar se quiser acesso ao pai dela.

E é pra isso que estou aqui, afinal.

– Como estou indo até agora? – pergunta Kendall com tranquilidade.

– Ce-cedo demais pra dizer.

– Gostei de você, Lera – declara Noah, inclinando a garrafa para mim. Bato a minha na dele. Noah Baker tem uma voz de âncora de noticiário, mas um meio bêbado. – Pode ficar.

– E onde você mora? – pergunta Javi, e na mesma hora fica vermelho por causa da pergunta, como se fosse uma coisa pessoal demais, apesar de não muito tempo antes as mãos dele estarem nos meus quadris.

Kendall revira os olhos, mas relaxa novamente.

Carrie estala os dedos e diz, a voz doce como uma flor:

– Ei, espera... você se mudou pra casa dos Cornells? Vocês são os... Holdens, né?

Essa é a graça da cidade, eu acho. O fluxo constante de gente. Não consigo me lembrar de gente chegando e saindo de Cold Creek da mesma forma, o tipo de partida e chegada com a energia de uma promessa. Em Cold Creek, as únicas chegadas e partidas são nascimentos e mortes. A casa dos Cornells. Os Holdens. É bom demais para não aproveitar.

– Isso – eu digo.

– Fica a umas três ruas de mim – diz Javi.

– Minha cunhada vendeu a casa – diz Carrie. – É irada pra caralho. Tem uma sauna e tipo uma casa na árvore atrás, né?

Eu faço que sim. Claro.

Noah me olha.

– Seus pais estão bem, hein?

– Tão b-bem quanto os seus.

– E o que você sabe sobre eles? – pergunta Kendall.

– Seu p-pai parece ser um fi-figurão – eu digo, a encarando.

Noah bate com o punho na mesa em concordância e toma um gole de

cerveja.

– V-vocês quatro. – Eu indico todos eles. – V-vocês cresceram ju-juntos?

– Diz você – responde Kendall. – Já que você sabe tudo.

– Minha família mudou pra Montgomery quando eu estava no terceiro ano – diz Carrie. Ela indica Javi, Noah e Kendall. – Mas eles são amigos desde sempre.

– O pai deles foi meu treinador de tee-ball – diz Javi, apontando para o Noah, que vira o resto da cerveja num gole impressionante.

Ele estica a mão por cima da mesa para bater no braço do Javi.

– Vamos lá, cara. Outra rodada. Por minha conta. – Ele abre um sorriso branco reluzente. – Pra comemorar nossa nova amiga.

– N-não, obrigada.

Bato com a unha na garrafa quase vazia. Acho que mais uma é má ideia. Os garotos saem. Eu me viro pra Kendall.

– Você conhece um ca-cara chamado J-Jack Hersh?

Ela levanta a sobancelha.

– Quem?

– N-ninguém. – Eu faço uma pausa. – Ou D-Darren M-Marshall?

– De que porra você está falando?

Ficamos em silêncio. Eu nunca sei como agir com garotas. Garotas bonitas. Quero que elas gostem de mim. É uma *necessidade* estranha e quase visceral que surge dentro de mim e faz com que eu me sinta burra e fraca porque sei que é um defeito que consigo rastrear até minha mãe. Pior ainda é o fato de que consigo ver essa necessidade dentro de mim, mas nunca consigo satisfazê-la, não importa o esforço. Pergunta quantos amigos eu tive, mesmo antes da Mattie ser morta.

– Foi uma entrada e tanto – diz Carrie, e não sei se é um elogio ou um insulto.

Kendall franze o lábio.

– Sei lá. Pareceu meio familiar – diz ela.

Sinto um orgulho estranho. Foi ridículo, nada sutil.

Mas foi bom porque me trouxe até aqui.

– O Javi gostou – diz Carrie.

Kendall me encara por baixo dos cílios compridos.

– Ele é tão cagão, surpreendente que ele tenha chegado em você. É bom que você seja gentil com ele.

– Ele é f-fofo. – Eu olho para os garotos, ainda no bar. – E o Noah?

– Ele tem namorado.

Termino minha cerveja, e o telefone da Kendall toca. Ela o tira do bolso, e a tela ilumina seu rosto. Ela diz:

– É o Matt.

– Não atende – diz Carrie.

– Eu *tenho* que atender – responde Kendall com rispidez. – Você me disse pra não atender na última vez e eu não atendi, então agora eu tenho que atender, senão ele...

– O quê? Vai ser ainda mais babaca com você?

– Quem? – eu pergunto.

– Matt Brennan. O namorado babaca da Kendall. – Carrie encara Kendall até ela desviar o olhar. Kendall não dá muita atenção. – Você vai conhecer ele na MHS se a Kendall não tiver tirado a cabeça do cu e dado um pé na bunda dele como *deveria* até lá...

– M-MHS?

Isso faz Kendall afastar o olhar do telefone.

– Montgomery High School – ela diz, deixando pairar no ar um *sua idiota*. Eu forço uma gargalhada.

– A-ainda não fiz a ta-transição mental.

– Como era a sua outra escola? – pergunta Carrie.

Abro um sorriso tenso e tento me lembrar do ensino médio. Eu nunca gostei da escola; ninguém estava interessado em me conhecer se não fosse para debochar da minha fala, e quando meus colegas passaram do ponto de dar alguma atenção, eu também já tinha passado. O ensino médio sempre pareceu uma mentira elaborada, uma terra da fantasia na qual eu ficava presa por um determinado número de horas todo dia enquanto do lado de fora estava o trailer do qual minha mãe saía e, dentro dele, minha irmã. E minha irmã precisava de mim. Então, de que adiantava a matemática? Já tinha servido pra alguma coisa na vida?

O telefone da Kendall toca de novo e me salva.

Carrie geme.

– Que se *foda* ele.

– Que se foda quem? – pergunta Javi ao se sentar novamente ao meu lado, com Noah logo atrás.

– O Matt – responde Carrie, apesar do olhar de aviso que Kendall lança

para ela.

Noah estica a mão e pega o telefone da Kendall da mão dela. Ela fala para ele *devolver, seu filho da puta, devolve*, mas Carrie diz:

– Você vai nos agradecer depois.

– Jesus, Kendall, se você não vai largar ele, pelo menos faz ele implorar – diz Noah.

– Me dá meu telefone, porra – diz ela.

– Você prometeu. – Noah balança o celular na frente da cara dela antes de enfiar no bolso. – Você prometeu que ia deixar essa merda em casa hoje, e eu prometi que faria isso se você não deixasse. – Ele estica a mão por cima da mesa e cobre a boca da Kendall com a mão quando ela começa a protestar, e eu penso que, se algum garoto fizesse isso comigo, mesmo que fosse meu irmão, eu arrancaria o braço dele fora. – Então não vem encher o saco falando do Matt e toma a porra da bebida que eu trouxe.

Kendall faz cara feia, mas toma um gole rebelde da cerveja nova e mostra o dedo do meio para o Noah com a outra mão enquanto bebe.

– Ei – diz Javi para mim.

– Oi.

– Você não gaguejou agora – diz ele, e prometo a mim mesma que vai ser a única vez que vai me fazer ficar vermelha, não importa o tempo que passemos juntos. – Meu primo gaguejava um pouco, mas conseguia cantar. Tipo, ele não gaguejava quando cantava. É assim com você?

Eu faço que não, apesar de, realmente, *não* gaguejar quando canto; mas não sei cantar, e não estou afim de virar a piada da festa.

– Eu não ga-gaguejo quando estou so-sozinha.

– Legal – diz Javi, apesar de essa não ser a palavra que eu usaria. – O meu primo não gagueja mais.

– S-sorte dele.

Kendall aperta os olhos para mim.

– Você gagueja por estar nervosa? Não saquei.

Seguro a vontade de dizer para ela que não importa se ela entendeu ou não.

Javi entrelaça os dedos atrás da cabeça.

– O que você está achando de Montgomery até agora? Por que sua família veio pra cá?

– Nós... – Eu olho para a mesa por um longo momento e concluo que

talvez seja mais fácil contar uma mentira misturada com um pouco de verdade, porque assim fica mais difícil me perder. – M-minha irmãzinha morreu. A gente precisava mu-mudar de ambiente. – O que eu digo faz todo mundo calar a boca como deveria mesmo. Quando levanto o rosto, a expressão da Kendall está mais suave porque ela não é um monstro. – Mas não dá pra fu-fugir de uma co-coisa assim.

– Não deve dar mesmo – diz Javi.

– Mas pe-pensei em tentar me-mesmo assim – eu digo com a alegria que consigo. Abro um sorriso para a Kendall. – Por isso invadi a s-sua fe-festa.

– Bom. Que pena que é por isso que você veio, mas... estou feliz que tenha vindo – diz Javi, mas não parece certo. – Porque Montgomery é chato pra caralho. Está precisando de gente nova.

– Não é tão ruim – diz Carrie.

– Não, *é sim* tão ruim – responde Javi. – É a mesma merda todos os dias...

Noah amassa um guardanapo e joga na cabeça de Javi.

– Se a mesma merda de sempre é você não *fazer* merda nenhuma então eu vou ter que concordar, seu bundão. – Noah olha para mim e aponta para o Javi. – *Ele* está precisando de gente nova. Você gosta de garotos, Lera?

– Cala sua boca – diz Javi.

Eu dou de ombros.

– Às ve-vezes.

– Você, vai comprar uma bebida pra essa garota – Noah diz para o Javi, e depois, para mim: – Você, leva ele pra cama.

O rosto do Javi fica em um tom de vermelho que não achei que existisse no mundo natural.

– Você é tão babaca – murmura ele.

Noah abre um sorriso babaca para o Javi.

– Ei, se você não vai comprar uma bebida pra *ela*, pode pelo menos comprar uma pra mim.

– Mas a gente acabou de ir!

Noah vira a garrafa de cabeça para baixo.

– É, e já acabou a minha.

– Eu v-vou com você – eu digo para o Javi, e isso basta.

– Desculpa – diz Javi depois que saímos da mesa. Ele se vira um pouco para me oferecer toda a sinceridade e acaba tropeçando nos próprios pés. – Ele é muito...

– T-tudo bem.

Quando chegamos ao bar, o barman prepara uma fileira de shots, mas em vez de levar até a mesa, Javi vira um e escreve uma mensagem de texto para o Noah, vira a tela para mim e aperta o botão de enviar: *Se quiser, vem buscar*. Javi pega outro shot e empurra para mim.

– À sua irmã – diz ele.

Percebo que estou piscando para segurar as lágrimas que essa declaração inesperada provoca, a gentileza dele roubando uma parte de mim. Pego a dose com mãos trêmulas.

– A ela – eu digo, e quase não consigo engolir o álcool ardente. Eu tusso na palma da mão. – O q-que era isso?

– Jägermeister – diz ele, e sei que nunca mais vou conseguir tomar Jägermeister de novo. Vai me lembrar desse momento, dela, de engasgar com minha dor na frente de um garoto cujo nome eu sabia antes de ele saber o meu.

– Você é, hã... – Ele faz uma pausa. – Quando eu vi você dançando, fiquei tipo, *uau*.

A bebida soltou a língua dele.

– V-você age como se uma ga-garota f-fosse coisa no-nova.

– Só tô falando que você é interessante – murmura.

Reparo no Noah atravessando o salão na nossa direção e quero... espaço. Quero aproveitar esse momento sozinha com o Javi e quero que dure mais. Tem alguma coisa na situação que me deixa com vergonha. Não foi para isso que eu vim. E talvez eu esteja um pouco bêbada, mas fico achando que pode ter sido, mesmo.

– Q-quer to-tomar um po-pouco de ar?

– Quero. – Javi assente com ansiedade. – Seria ótimo.

Sair do bar dá uma sensação verdadeiramente maravilhosa; eu não tinha percebido como o ar do Cooper's estava abafado até respirar fundo o ar puro.

– O N-Noah pega mu-muito no seu p-pé, né?

– Tá na cara assim, é?

Ele enfia as mãos nos bolsos.

– C-como ele te ch-chamou? Bundão?

Javi fica vermelho.

– É... É que eu nunca fui esse cara, sabe? Nunca foi fácil pra mim... – Ele se atrapalha com as palavras. – É um pouco o motivo de eu ter me

aproximado do Noah e da Kendall. Eles são mais ligeiros. Mas essa é a ironia: eu só fico nas laterais, fingindo fazer parte.

– N-não vi nenhum dos do-dois d-dançando comigo.

Ele abre um sorriso pequeno e sincero. Não consigo me lembrar da última vez em que deixei alguém satisfeito consigo mesmo. Fico com vontade de chorar.

– Acho que não – concorda ele baixinho, como se isso importasse.

– Fiquei fe-feliz que você veio.

– Vou pra casa do Noah e da Kendall amanhã – diz ele. – Você devia ir.

– V-você acha q-que *ela* g-gostaria disso?

– A Kendall precisa de um chacoalhão. – Ele dá de ombros. – Eu vejo como ela olha pra você. Ela sabe que precisa. Já te falei, Montgomery é... é uma daquelas cidades grandes que parecem pequenas. É por isso que a gente acaba vindo pra cá todo fim de semana, só pra fugir de lá.

– Os p-pais dela v-vão estar em c-casa?

– Pode ser que estejam.

– Onde eles mo-moram?

– Rua Young, 212.

Um *clique* suave dentro de mim. Uma peça que encaixou. Isso *vai* me levar a Silas, que vai me levar a Keith e, enquanto isso...

Talvez eu possa deixar isso aqui acontecer, o que quer que seja.

– A-acho que po-pode ser legal.

– Ótimo – diz ele.

Nós contornamos o estacionamento. Eu olho para as estrelas pontilhando o céu preto como breu. Quanto mais longe do bar, mais estrelas vemos, e é lindo e a beleza me traz sofrimento. Não falei direito pra Mattie sobre esse tipo de coisa, eu acho. Sobre os pequenos milagres, como as estrelas na noite e como elas parecem mais brilhantes no inverno. O sol nascendo e se pondo de novo. Decido compartilhar o pensamento com Javi só para me libertar dele, e ele abre um pequeno sorriso e diz:

– Pequenos milagres. Gostei.

Acho que ele ia gostar de qualquer coisa que eu dissesse.

Isso é novidade pra mim.

Eu aponto. Estamos na frente do meu carro.

– É a-aqui que eu mo-moro.

– O quê?

– B-brincadeira. Mas é m-meu.

Eu destranco a porta e a abro antes mesmo de saber o que estou fazendo.

Ele entra no banco de trás e diz “Confortável”, e eu entro em seguida e olho para o perfil dele, e ele se mexe com desconforto sob o meu olhar. Eu me imagino apertando a palma da mão no peito dele, encostando o corpo no dele. Fico imaginando sentir o coração dele na palma da mão. Eu me imagino o beijando, a boca macia como ele. Eu deixaria a gentileza dele me levar para outro lugar, me permitiria fingir como seria pertencer a alguém. Eu me permitiria tirar o cabelo dele dos olhos para poder vê-los me olhando, e isso não é uma história de amor... mas, nesse espaço pequeno, o som da nossa respiração, eu me pergunto o que seria necessário para fazer com que se tornasse.

Eu engulo em seco, lambo os lábios, a lembrança gustativa do shot ainda presente.

À sua irmã.

Eu me inclino para a frente, por cima do banco, abro o porta-luvas e pego uma caneta. Entrego para ele, e ele me olha, confuso.

– D-deixei meu celular em c-casa – digo, e estico o braço. – Escreve seu nu-número, e l-ligo pra v-você logo ce-cedo.

Javi abre a caneta e segura a tampa entre os dentes. Escreve o número no meu pulso, e seu toque leve e cuidadoso me faz acreditar que estar com ele seria exatamente como imaginei. Ele me pergunta se pode pegar meu número e, como não pode, e como não sei como agir na hora, ou talvez porque só fosse mesmo o que queria fazer, dou um beijo na bochecha dele. Acho que não sei como fazer isso direito, sou desajeitada ao levar a boca até seu rosto, que tem uma barba ainda rala por fazer, mas ele não parece se importar.

– Po-pode f-ficar com isso – eu digo. – Eu t-tenho que ir a-agora.

– Já?

– Já, mas li-ligo amanhã.

– Tudo bem – diz ele. Abre um sorriso tímido e sai do carro. Depois de um segundo, se inclina para dentro e diz: – Foi muito, *muito* bom te conhecer.

Eu prometo que vou ligar porque não sei de que outro jeito responder. Eu o vejo voltar para o bar e olho para o número no meu braço e repito baixinho até estar guardado na cabeça, como qualquer garota faria.

Em seguida, pulo para o banco da frente, enfio a chave na ignição e vou para a cidade.

AS GAROTAS

T1E2

WEST McCRAY:

May Beth me deixa dar uma olhada em todos os pertences deixados no carro de Sadie. Espero obter uma compreensão melhor de onde a garota esteve, para onde ela estava indo e se conseguiu chegar lá. E, se nós tivermos sorte, onde a Sadie ainda pode estar.

Havia roupas, nada de alguma marca da moda. Tudo parece ter sido escolhido pelo conforto, funcionalidade e praticidade. Camisetas e calças, leggings, suéteres, calcinhas, dois sutiãs. Tem uma mochila verde de lona, e Sadie raramente era vista sem ela em Cold Creek, e, dentro, está sua carteira. Vazia. Também encontro uma meia barrinha de proteína, uma garrafa vazia e esmagada de água e um cardápio de entregas de um restaurante chamado Ray's Diner, localizado em uma parada de caminhões na saída de uma cidade chamada Wagner. É a única pista que eu tenho. Pergunto à detetive Gutierrez se a polícia de Farfield investigou isso.

DETETIVE SHEILA GUTIERREZ [*TELEFONE*]:

Uma investigação superficial feita no Ray's não gerou nenhuma informação nova. Foi um tiro no escuro; é uma lanchonete de parada de caminhão, as pessoas estão sempre indo e vindo. Além disso, o Ray's distribui o cardápio pela região, não tinha como não ser um tiro no escuro. Foi mais eficiente concentrar o nosso tempo e os nossos recursos na área em que o carro foi encontrado.

[*SOM DE UM MOTOR FREANDO*]

WEST McCRAY:

A parada de caminhão se chama Whittler, e chego lá em uma noite de terça, depois de pegar um avião em Nova York. Estou hospedado em um motel na

cidade mais próxima, Wagner.

Se acreditar nas palavras da detetive Sheila Gutierrez, isto é perda de tempo. Por outro lado, a desconfiança geral da May Beth acerca da eficácia da polícia de Fairfield nunca sai da minha cabeça. Pra resumir: tenho que ver com meus próprios olhos.

Como Sadie veio parar nesse lugar específico, se é que veio para cá, é um mistério tão grande quanto todo o resto relacionado ao desaparecimento dela. Procurava algo em particular ou foi só uma parada aleatória no caminho?

[SONS DE UMA LANCHONETE, CONVERSA MURMURADA, COMIDA SENDO PREPARADA, RUÍDO DE PRATOS]

RUBY LOCKWOOD:

Posso tirar seu pedido?

WEST McCRAY:

Ruby Lockwood é uma mulher formidável, com cachos negros presos no alto da cabeça. As linhas no rosto dão a aparência de ser um pouco mais velha do que realmente é; ela tem sessenta e poucos anos. Trabalha no Ray's Diner há trinta anos e passou vinte deles casada com o dono, Ray.

RUBY LOCKWOOD:

Ray era quinze anos mais velho. Quando comecei aqui, era um buraco, mas eu era só garçonne e fiquei na minha. Mas aí ele se apaixonou por mim, eu acabei me apaixonando por ele, a gente juntou os trapos e me dediquei a transformar este lugar numa coisa especial. Pode perguntar pra qualquer um... aqui, pergunta pro Lenny! Lenny Henderson. Lenny, esse cara é do rádio.

LENNY HENDERSON:

É mesmo? As pessoas ainda ouvem rádio?

RUBY LOCKWOOD:

Diz pra ele como aqui é um lugar especial.

LENNY HENDERSON:

Eu sempre gosto de vir ao Ray's, é bem aconchegante. A Ruby trata os clientes regulares como a família que ela nunca quis ter. *[RUBY RI]* E o bolo de carne é melhor do que o que a minha mãe faz, mas não vai contar pra ela que eu disse isso.

WEST McCRAY:

Bom, está gravado aqui, mas ninguém ouviu mais rádio.

[ELES RIEM]

WEST McCRAY:

Não sei como o Ray's era antes da Ruby ajeitar o lugar, mas posso dizer em que ela o transformou. Tem alguma coisa de automaticamente nostálgico no ambiente quando você entra pela porta, ou melhor... tem uma *ideia* de nostalgia. O Ray's Diner tem aquela sensação dos Estados Unidos dos anos 1950, com as bancadas de fórmica, bancos de vinil vermelho e detalhes turquesa. Tem o cheiro de um jantar de Ação de Graças de filme. Estou com muita fome e peço o bolo de carne. Lenny está certo; é melhor do que o bolo de carne que a minha mãe faz.

O Ray morreu alguns anos atrás de câncer de garganta.

RUBY LOCKWOOD:

A gente ia mudar o nome pra Ruby & Ray's. A gente ia fazer uma reinauguração grandiosa e tudo. Mas aí ele ficou doente e morreu, e não pareceu correto mudar o nome. Sinto falta dele todos os dias da minha vida. Ele era a minha alma gêmea, e agora esta lanchonete é o mais próximo que vou poder estar dele, até ser minha hora de partir.

Não tenho nenhuma intenção de me aposentar.

WEST McCRAY:

Ruby diz que nunca falou com a polícia de Fairfield sobre Sadie.

RUBY LOCKWOOD:

Você me convenceu de que minha memória estava ruim; eu não me esqueceria de ter falado com a polícia se tivessem vindo aqui. Mas aí pensei: Saul.

WEST McCRAY:

Saul é o cunhado de Ruby, irmão mais novo do falecido Ray Lockwood. É um homem careca que acabou de fazer quarenta anos e tem os braços fechados de tatuagens coloridas, ambos. Ele é o responsável quando Ruby não está. E Ruby não estava no dia em que a polícia de Fairfield foi fazer uma visita pra perguntar sobre nossa garota desaparecida.

SAUL LOCKWOOD:

Foi um cara novo, eu acho, o policial que veio. Ele perguntou se eu vi a menina e me mostrou uma foto. Não pareceu familiar...

RUBY LOCKWOOD:

Mas você é péssimo com rostos.

SAUL LOCKWOOD:

Ele interrogou alguns garçons e mostrou a foto, e ninguém se lembrou de ter visto ela. Ele deixou a foto comigo, se me lembro bem, e me disse pra perguntar pras pessoas que estavam trabalhando na ocasião...

RUBY LOCKWOOD:

Você não perguntou pra mim. Eu não me lembro de ter visto uma foto dessa garota. Aposto que você jogou fora, não foi, Saul?

SAUL LOCKWOOD:

Talvez. Não tomei muito cuidado com a foto. Caramba. Uma garota desaparecida? Aqui? Dá uma olhada nas garotas que trabalham no estacionamento! Todas estão desaparecidas. Nós temos um negócio aqui. Muita gente passa aqui. Não tem como me lembrar de todo mundo.

RUBY LOCKWOOD:

Saul não está mentindo. É verdade que nós temos menos clientes regulares e mais gente que está aqui de passagem, mas, diferente de *algumas* pessoas, eu nunca me esqueço um de rosto.

WEST McCRAY:

Bom, eu tenho uma foto aqui, então vamos descobrir se você viu essa garota.

RUBY LOCKWOOD:

Tudo bem, passa pra cá e... ah.

WEST McCRAY:

Ruby estava me contando a verdade. Essa mulher nunca se esquece de um rosto.

sadie

Mesmo no escuro, Montgomery é linda.

Não tenho escolha senão odiar essa cidade. É um cenário de filme que ganhou vida. As casas aqui são lindas, bem enfileiradas, todas decoradas com bom gosto e cercadas por jardins impecáveis. Bandeiras americanas estendidas com um orgulho silencioso. Nas entradas das garagens, carros que devem custar tanto quanto uma casa mais simples. Na rua principal, é loja atrás de loja, todas exibindo uma estética rústica e artesanal que grita *trabalhamos com produtos regionais!* Regionais ou orgânicos ou as duas coisas. Cervejas locais. Um estúdio de ioga. Uma loja de produtos de maconha. Um café anunciando doses de clorofila. Um pôster anunciando um show ao ar livre no parque, no fim de semana, de uma banda da qual nunca ouvi falar. Uma das ruas está fechada, cheia de barracas para uma feira de rua de manhã. Passo pela escola de ensino médio vazia, esperando o começo das aulas no outono, e imagino um monte de adolescentes de dentes brancos, a Kendall, o Noah, a Carrie e o Javi entre eles, saindo pelas portas, todos com uniformes iguaizinhos da escola – afinal, o que mais eles vestiriam? De um lado da cidade, tem um parquinho com muro de escalada e uma área de recreação com sprays de água, e os escorregadores e balanços parecem tão... *novos*.

Sei que não devia me permitir desejar, mas sempre que eu ficava fraca e cedia a essa vontade, o trailer crescia e virava uma casa, e a área ao redor virava um amplo quintal, no qual eu podia me deitar ao sol sem ser bisbilhotada por vizinhos intrometidos. Uma geladeira vazia ficava cheia. No verão, todos os aposentos abafados ficavam frescos de repente, e, no inverno, não era preciso me esconder embaixo de cem cobertores para me aquecer. A rua principal de Cold Creek se transformava em uma rua com loja atrás de loja atrás de loja, todas vendendo coisas que meu dinheiro poderia comprar. Montgomery vai quase além do que eu posso entender, porque é muito mais

do que passou pela minha cabeça querer. Odeio a cidade. Odeio as pessoas que moram aqui. May Beth sempre me disse que não posso fazer isso; não posso odiar as pessoas por terem mais do que eu, mas ela está errada. Posso sim. Eu odeio. É o muro perfeito entre você e o tipo de desejo que envenena as suas entranhas e te vira ao avesso.

Silas Baker mora em uma casa numa colina – óbvio. Eu não acreditaria que ele era irmão da Marlee caso não tivesse ouvido dela mesma. Acho que não existe linha reta entre uma pessoa e outra, não importa o que você ache que consegue ou não perceber só de olhar, e menos ainda pelo que sai de suas bocas. É estranho pensar em Silas escolhendo Keith e não a irmã. Não consigo me imaginar escolhendo qualquer outra pessoa no lugar da Mattie. Nunca. Fico pensando no quanto Marlee contou ao Silas sobre o Keith. De qualquer modo, não há o menor sinal do tipo de pobreza dela aqui. Às vezes, por mais bem-sucedido que alguém seja, fica uma mancha que não dá pra limpar, mas o Silas Baker limpou bem a dele, escondeu debaixo de uma fortuna. A casa é grande e tem dois andares, cheia de ângulos modernos, com janelas enormes que permitem ver tudo o que há dentro, se você conseguir chegar perto o suficiente para olhar. O telhado é inclinado e coberto de painéis solares. Tem um Mercedes moderno na entrada de carros.

Passo dirigindo devagar e estaciono bem longe para ficar invisível, mas não tanto a ponto de não conseguir ver a entrada de carros e a porta da frente pelo retrovisor. Encosto a cabeça na janela. Uma hora depois, uma picape vermelha monstruosa, do tipo que exige uma escada só pra botar o pé no apoio, passa pela rua, na mão errada. Entra no caminho de carros dos Bakers e quase bate no Mercedes. Depois de um longo minuto, o Noah sai cambaleando. Ele contorna a picape e arrasta a irmã pelo lado do passageiro. Eles estão bem mais bêbados do que quando os deixei. Fico pensando se o Javi está mal assim, se fez a burrice de ir dirigindo pra casa. Eles caminham de um jeito torto e feio até a porta, e é sofrido assisti-los por dez minutos tentando enfiar a chave na fechadura. O tempo todo, enquanto eles fazem isso, minha irmã está morta.

– Ela morreu – eu sussurro, e não sei por que é isso que escolho dizer em voz alta, porque dói falar, sentir a verdade dessas palavras passar pelos meus lábios, ver que são reais nesse mundo.

Mas *ela morreu* é o motivo de eu ainda estar viva.

Ela morreu é o motivo de eu ter decidido assassinar um homem.

Quantas pessoas vivem com esse tipo de informação dentro delas?

Mas eu preferia que a Mattie estivesse do meu lado. Preferia que ela estivesse olhando entediada pela janela, tão perfeita e imóvel que eu ficaria sem ar. Eu faria algo como bagunçar o cabelo dela, porque minha irmã ficava louca quando eu fazia isso. Mattie não suportava quando os fios finos e compridos se emaranhavam, porque seria preciso usar todos os dentes de um pente e treze ave-marias para desembaraçar. Ela empurrava minhas mãos, e eu a segurava pelos pulsos e ficava maravilhada com o quanto ela era pequena e o quanto havia sido menor antes. Quando Mattie era menor, eu amava pegar seus pequenos pulsos e segurar nas palmas das mãos, e isso parece ter sido ontem. Não sei para onde o tempo foi entre essa época e o agora. Treze anos. É muito tempo, e eu vivi durante ele.

Treze, Mattie.

Eu mantive você viva por treze anos.

Acordando-a de manhã, preparando as refeições dela, levando-a até o ônibus da escola, esperando-a na parada quando o dia acabava, me matando só para que a gente pudesse seguir em frente, e, quando eu falo assim, não sei como consegui. Não sei onde, por baixo disso tudo, meu corpo seria encontrado. E não ligo. Eu faria tudo de novo e de novo pela eternidade se precisasse.

Não sei por que isso não basta para trazê-la de volta.

Eu me lembro de quando ela nasceu. Minha mãe nunca teve aparência melhor do que quando estava grávida da Mattie. Não que estivesse saudável – ela ainda tinha a palidez de drogada –, mas a Mattie fez parecer que ela podia ser alguma coisa. Quando começou a ter contrações, ela me mandou ir para a casa da May Beth, e fiquei lá até ela voltar com um bebê nos braços. Ela entregou a Mattie para mim primeiro e se trancou no quarto da May Beth por três horas, porque precisava “descansar”. Fiquei tão feliz. Eu queria tanto ser irmã mais velha, nem precisei ser convencida. May Beth ficou com medo de eu não gostar da intrusa, porque a maioria das crianças odeia essa divisão repentina de atenção da mãe, mas a Mattie não podia tirar o que eu não tinha. Ali, havia a promessa de alguma coisa. Eu sabia que eu podia ser o mundo dela. Sabia que ela seria minha.

Eu só queria ser importante pra alguém.

Abro a janela e fico olhando para a casa dos Bakers. Os primeiros sinais de vida surgem com o amanhecer, bem mais cedo do que eu acreditava que

qualquer coisa viria a acontecer. O céu acabou de ficar meio pálido com a ideia da chegada do sol e estou quase cochilando, um filete de baba escorrendo do meu queixo até a gola da camisa. Quando ouço o apito de uma trava de carro sendo aberta. Acordo sobressaltada, a cena embaçada à minha frente ganhando foco aos poucos.

Silas Baker é mais do que a foto online o fez parecer. Louro como a Marlee, mas mais saudável, claramente sem os entraves de pequenas coisas como, ah, o aluguel. Comida. Criar uma família sem nada. Ele é grande. Tem ombros largos e o tipo de estilo executivo casual que disfarça os músculos por baixo. Tem algo de requintado no jeito dele, a ponto de distrair. Ele é quase um boneco Ken, e acho que, se eu estivesse perto dele, não veria uma marca no rosto.

Ele olha para a rua silenciosa e entra no Mercedes. Não há dúvida se vou atrás ou não, porque o que está acontecendo aqui criou um excesso de perguntas em mim, sendo a primeira *que porra é essa?* Levo a mão à chave, mas fico com medo de ser óbvia demais. Ele não parece ter reparado em mim ainda. Meus dedos pairam sobre a ignição enquanto eu tento decidir como fazer isso. Não achei que fosse seguir ninguém hoje. Além disso, eu nunca segui ninguém. Claro que já vi fazerem... nos filmes.

O Mercedes sai da porta de casa, e tenho que ligar meu carro se quiser seguir o dele. O relógio no painel diz que são quinze para as sete. As palmas das minhas mãos suam conforme nós dois vamos dirigindo pela rua. Quando ele vira em uma esquina que nos leva à rua principal, há um leve congestionamento, que tira um pouco da atenção de mim. Tem vendedores chegando para a feira. Dois carros entram entre o meu e o dele, e assim fica bem melhor. Quando estamos na rodovia que sai da cidade, me sinto menos evidente, apesar de o sol estar alto agora e de não haver onde me esconder. Dirigimos uns oito quilômetros e Silas faz uma virada abrupta para uma estrada de terra que parece seguir eternamente até o nada. Eu paro no ponto da virada, conto até sessenta e vou atrás. O espaço entre nós me deixa com medo de o perder, e enfio o pé no acelerador, mas fico com medo de isso chamar muita atenção e aliviar a pressão.

Tem fazendas em toda parte; campos malcuidados dos dois lados. Um mundo no fim do mundo. É isso que parece, que estou dirigindo para o nada. Não sei o que ele pode estar fazendo aqui. O carro dele vira para a esquerda e parece desaparecer, e quase entro na mesma esquerda, mas tenho uma

sensação na boca do estômago e vou um pouco mais devagar. O Mercedes está parado em uma estrada lateral que leva até... uma casa. Pelo vislumbre rápido que tenho, percebo que está abandonada.

Silas está me esperando passar.

Porra.

Só encontro um lugar para parar um quilômetro e meio depois, uma pequena clareira na frente de um portão com uma placa de NÃO ENTRE e que leva para sabe-se lá onde. Se Silas Baker passar por aqui, ele vai ver meu carro, mas é uma aposta que tenho que fazer. Tiro a chave da ignição, enfio no bolso e saio, trancando as portas correndo. Já está quente do lado de fora, um daqueles dias que dá pra perceber que vai ficar abafado a ponto de a gente engasgar. Eu respiro fundo e saio correndo, corro o quilômetro e meio de volta até onde Silas entrou. Quando estou quase lá, minha blusa está encharcada de suor e sinto meu cheiro. Preciso tomar banho. Já precisava, mas depois resolvo isso. Eu me esgueiro pela rua e vejo o Mercedes ao longe, estacionado ao lado da casa. Silas não está mais no lado do motorista. Meu coração bate com cautela. Não sei o que está acontecendo. O caminho até a casa é fácil, mas tropeço na grama alta e me agacho. Os insetos voam na minha cara, nos meus braços e nas minhas pernas antes de pousarem na minha pele e me picarem. A grama faz cócegas e arranha minhas canelas. Começo a andar, meus pés se movendo desajeitados no chão, que parece seco como a minha garganta. Fico com o ouvido alerta em busca de sons dele, mas não ouço nada.

Vou tão devagar que levo uma eternidade para chegar à casa, e a melhor palavra que posso usar para descrever o lugar é *podre*. Deve ter mais de cinquenta anos. Tem dois andares e uma varanda telada, pronta para desmoronar. A porta da frente está pendurada nas dobradiças enferrujadas, e a maior parte das janelas do primeiro andar foram cobertas por tapumes de madeira, exceto por uma, que permite ver o lado de dentro. As janelas do segundo andar estão todas livres e quebradas. A casa foi pichada com inscrições bonitas e feias. *Joey ama Andy*. Uma mulher nua reclinada entre o espaço de duas janelas. Hera pintada na base e subindo até onde dá. Satanás e a língua bifurcada. Uma série de olhares alertas. *Carrie odeia Leanne*. *Chupador de pau*.

Chego na janela quebrada e espio. É pior dentro do que fora, com espaço para a natureza, ervas daninhas surgindo entre as tábuas do piso. Tem uma

coisa que parece um batente para outra sala cheia de lixo aparecendo. Não vejo Silas, mas, se ele entrar pela porta da frente, só vai precisar virar a cabeça para ter uma visão clara de mim.

Eu escuto. Nada. Vou para longe da janela e procuro o melhor lugar para me posicionar. Estico o pescoço para cima até ver o segundo andar e percebo que não é porque não vejo Silas que ele não pode me ver. Merda. Eu não devia ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Ando lentamente para lateral da casa e estou quase lá quando ouço a porta da frente se abrir. Perco toda a noção de controle, de segurança, e me atiro ao redor dela, ouvindo meu corpo se chocar com o canto da casa ao mesmo tempo que a porta se fecha. Eu mordo o lábio e sinto a madeira lascada afundar nos meus ombros. Ele está lá. Sei que está. A pausa pesada que vem em seguida deixa claro que ele sabe que não está sozinho. E então:

– Quem está aí?

A voz dele é grave, com uma autoridade tranquila, e eu espero, as palmas das mãos apertadas no chão. Os passos soam em todo aquele vazio, um passo, dois passos, três passos, e percebo que estou totalmente sozinha. Eu me dou conta de que, se Silas Baker me encontrasse ali, poderia me fazer gritar, e só nós dois ouviríamos.

Mattie, no pomar, gritando.

Uma brisa leve se move pela grama. Quase parece o mar. Se eu fechasse os olhos, poderia me imaginar ali. Não vou fechar os olhos.

– Olá – diz ele de novo. Mais baixo agora.

O vento simplesmente... para.

E tudo fica silencioso demais.

Passos de novo. Os sapatos esmagando o que tem no chão... indo em direção ao carro. Só expiro quando ouço o motor, e só me mexo bem depois que tenho certeza de que ele foi embora para onde quer que ele vá depois disso. Me levanto devagar, o sangue voltando para minhas juntas dormentes. Fico recostada na casa por um longo momento, até que me viro para ela.

O que você estava fazendo aqui, Silas?

Vou até a frente da casa e subo com cuidado na varanda, contornando as partes que parecem mais podres. Hesito antes de segurar a maçaneta, imaginando que ainda está quente do toque dele, apesar de saber que não vai ser assim. Abro a porta e entro, levando um susto quando ela bate atrás de mim. Aperto o punho no peito e me obrigo a ficar calma.

Só um pouco de luz do dia consegue chegar ao primeiro andar, por aquela única janela quebrada pela qual espiei. O ambiente está mofado, sujo e tem cheiro de podre. Espirro oito vezes seguidas, o que faz meus olhos lacrimejarem tanto que não consigo enxergar. Eu os limpo e aperto os olhos pela escuridão e começo minha exploração de aposento em aposento, contornando o lixo e os detritos, alguns reconhecíveis, a maioria, não. Estou tensa. Os pequenos barulhos que estou fazendo parecem altos demais, e fico olhando para trás, com medo de ele reaparecer. Mas ele não reaparece.

Até o momento.

Vejo uma lata de Coca que, pelo design, parece ser dos anos 1980. Se não dessa época, pelo menos de antes de eu nascer. Passo pelos fantasmas de uma cozinha, uma sala de jantar e uma sala de estar antes de me ver em frente a uma escada praticamente intacta que leva ao segundo andar. A luz do sol entra pela janela quebrada no alto e ilumina a marca de uma mão na poeira do corrimão velho de madeira.

Por aqui, sussurra a marca.

A escada desabou na metade da subida e deixou um vão grande que vai ser complicado de pular. Devia ser fácil para um cara alto como o Silas, que parecia ter mais de um metro e oitenta. Estico a perna direita por cima do vão, apoio o pé no degrau que restou mais próximo e uso o corrimão para me dar impulso. O corrimão sacode de forma alarmante, e o pequeno esforço exige mais de mim do que deveria, me deixando enjoada e trêmula. É melhor eu fazer uma refeição decente, e rápido. Sei como é sentir fome e me saio melhor nisso do que a maioria das pessoas, mas estou usando as minhas últimas reservas. Não costumo me permitir ficar inútil.

A escada faz ruídos assustadores enquanto eu subo pelos degraus que sobraram e finalmente boto os dois pés no patamar. É bem menor lá em cima do que parece pelo lado de fora, e está muito mais limpo do que o andar inferior. A escadaria desabada é um entrave suficiente para os vândalos, eu acho.

Eu olho ao redor. Não sei aonde Silas teria ido dali; não há pistas como a marca de mão. Em um quarto, tem uma cama sem colchão e lençóis mofados, móveis quebrados. O outro parece vazio, exceto por uma parede onde tem uma pintura pequena de uma floresta. De alguma forma, sobreviveu ao lugar, sabe-se lá por quanto tempo. No banheiro, a pia foi arrancada da parede e tem estilhaços do espelho de um armário quebrado espalhados pelo chão. Uma

banheira de porcelana sem pés, com manchas e rachaduras, abriga uma privada quebrada dentro. O piso parece ter absorvido anos de maltratos causados pela água. Tenho medo de pisar nele. Esfrego a testa suada porque está quente lá dentro, sufocante. Puxo a gola da camisa.

Por que uma pessoa como Silas Baker iria ali?

O quadro.

Volto para o quarto vazio e paro na frente do quadro. É uma pintura a óleo, sem assinatura, e parece errada. É... intencional demais. Encosto o dedo na superfície irregular da tela e o arrasto até a beirada imaculada da moldura.

Não tem pó nenhum.

Pego o quadro pelos cantos e o coloco no chão. Atrás do quadro, tem um buraco perfeito feito na parede e, no buraco, tem uma caixa de metal pequena com um cadeado. Eu enfio a mão e fico surpresa com o quanto é leve. Sacudo a caixa, e o som que chega aos meus ouvidos me faz pensar em dinheiro. É isso?

Silas Baker, escondendo dinheiro vivo... pra quê?

Importa?

Eu pegaria o dinheiro dele. Sempre preciso de dinheiro.

Decido ir embora com a caixa nas mãos, dou o salto perigoso pelo vão da escada e vou para o lado de fora. Quando chego a um ambiente aberto, procuro uma pedra com a qual quebrar o cadeado, porque tudo é quebrável quando se usa força suficiente. Acabo encontrando uma pedra boa, cinza e irregular, com um certo peso, fecho a mão em volta e acerto a caixa com força. A pedra bate no cadeado e cai no chão. O impacto rasga a pele dos meus dedos e me faz lacrimejar. Seguro a mão contra o peito e preciso de todo o meu esforço para não chorar.

Eu tento de novo.

E de novo.

E de novo.

O sol sobe mais e mais no céu. Meu estômago se embrulha com o calor, que deixa minha cabeça tonta. O suor da minha blusa seca, mas ela fica encharcada de novo. O cadeado não se quebra, mas a aba presa por ele se arrebenta, e, quando isso acontece, quando é arrancada, nem percebo. Bato na caixa de metal de novo e ela se vira de lado, espalhando seu conteúdo.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 3

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

RUBY LOCKWOOD:

Eu vi, sim. Mas ela estava loura.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Então... acho que consegui encontrar alguma coisa sobre essa garota. Não sei a que exatamente vai me levar... mas é mais do que eu tinha quando comecei.

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

Você não parece muito empolgado.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

É que eu acho que vou encontrar Sadie e a garota só vai querer que eu deixe ela em paz. Você consegue perceber isso, não percebe, Danny?

[TEMA DE AS GAROTAS]

WEST McCRAY [LANCHONETE]:

Você está me dizendo que a cor do cabelo estava diferente desta foto? Ela estava loura e não morena?

RUBY LOCKWOOD:

É, e pelo que parece, foi ela mesma que pintou o cabelo. E estava magérrima, um fiapo de pessoa, não havia muito dela. Ela também não falava direito. Isso se destacava mais do que o resto. Ela gaguejava.

SAUL LOCKWOOD:

Ah! É... eu me lembrei agora. Ela pediu um... café. Eu pensei que a garota tinha fugido de casa. Ela te tirou do sério, não foi, Roo?

WEST McCRAY:

Então você *falou* com ela?

RUBY LOCKWOOD:

Foi ela que falou *comigo*. Essa garota não estava só de passagem. Ela estava procurando por uma pessoa e fez questão de vir aqui me perguntar.

WEST McCRAY:

Quem ela estava procurando?

RUBY LOCKWOOD:

O pai.

WEST McCRAY:

O quê?

RUBY LOCKWOOD:

Ela estava procurando o pai, foi o que ela disse. Tinha uma foto dele e tudo. Sabia o nome dele, sabia que ele tinha sido cliente regular aqui na lanchonete alguns anos atrás. Queria fazer contato com ele e queria saber qualquer coisa que eu soubesse.

WEST McCRAY:

O que você disse?

RUBY LOCKWOOD:

Eu disse que nunca tinha visto o sujeito. Mas ela pareceu muito desesperada, e senti pena e pedi o número do telefone dela e disse que ia ligar se ele aparecesse.

WEST McCRAY:

Você ainda tem o número?

RUBY LOCKWOOD:

Bom, olha só, ela disse que não tinha telefone, e essa foi a *segunda* coisa estranha nela, porque todos os adolescentes do mundo e até as vovós têm celular hoje em dia, né? Eu tenho um. Caramba, até minha mãe de noventa e um anos tem. Acabei dando a ela um cardápio e falei pra ela ligar pra cá e falar comigo pra saber se ele tinha aparecido.

WEST McCRAY:

Volta um pouco. Você disse que essa foi a segunda coisa estranha nela. Qual foi a primeira?

RUBY LOCKWOOD:

Eu sabia que o homem que ela estava procurando não tinha filhos.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

O nome dele é Darren M. Vou omitir o sobrenome até encontrá-lo. Fiz uma busca online e encontrei vários resultados, mas nenhum dos Darrens com quem fiz contato era o que eu estava procurando.

WEST McCRAY [*PARA RUBY*]:

E você conhecia ele.

RUBY LOCKWOOD:

Claro que conhecia. Na verdade, ele me contou que foi cliente regular ao longo dos anos. Quando estava de passagem, ele sempre fazia questão de parar e comer uma torta de maçã, mas foi só quando ele morou em Wagner que *eu* o considerei cliente regular. Ele ficou morando uns meses com uma mulher na cidade, e almoçava aqui sozinho todos os dias. Um cara legal. Ficava na dele. Nunca arrumava confusão.

WEST McCRAY:

Você sabe o nome da mulher com quem ele ficou?

RUBY LOCKWOOD:

Foi a Marlee Singer.

WEST McCRAY:

Você ainda tem contato com o Darren?

RUBY LOCKWOOD:

Não. Quando terminou com a Marlee, ele foi embora daqui. Depois disso, não vi ele nem de vez em quando. Eu tinha o número dele porque o Ray estava vivo na época, estava chegando perto do fim, e o Darren me pediu pra avisar quando o Ray falecesse. Ele mandou as flores mais lindas quando isso aconteceu, rosas brancas e mosquitinhos. Achei uma coisa tão atenciosa da parte dele. Mas não tenho mais esse número.

WEST McCRAY:

Será que você pode procurar e me avisar se encontrar? Se eu conseguisse falar com ele, poderia ajudar muito.

RUBY LOCKWOOD:

Duvido que encontre. Mas estou dizendo, o Darren não tem filhos.

WEST McCRAY:

Você fala com tanta certeza sobre isso, mas se ele morou aqui por pouco tempo, parece viável supor que tem muita coisa sobre ele que você nem chegou a saber.

RUBY LOCKWOOD:

Eu tenho certeza porque eu *perguntei*. Ele se sentou onde você está agora, ficamos conversando sobre trivialidades, e eu perguntei se ele tinha filhos e ele disse que não. Que importância tem pra mim se ele tem filhos? O que ele tem a ganhar por mentir pra mim? Nada.

WEST McCRAY:

O que a Sadie tem a ganhar mentindo pra você?

RUBY LOCKWOOD:

[*RISADAS*] Corta essa. Você acha que ela é a primeira garota a tentar fazer pressão em um sujeito que chama de pai? E tem outra coisa, ela foi bem grosseira.

WEST McCRAY:

Grosseira como?

RUBY LOCKWOOD:

Quando eu falei que nunca tinha visto o Darren, ela me chamou de mentirosa. Pode acreditar em mim, estou *dizendo*: ela queria aplicar algum tipo de golpe. Ela não gostou quando percebi.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

Quando termino de conversar com a Ruby Lockwood, antes de procurar pelo Darren na internet, eu tento fazer contato com Marlee Singer, mas ela não atende o telefone. Em seguida, eu ligo para May Beth. Quando conto tudo o que descobri, ela fica perplexa.

MAY BETH FOSTER [*TELEFONE*]:

Não. Não, isso não pode estar certo. A Sadie não sabia quem era o pai. Ela sempre disse que não ligava.

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

Bom, o sobrenome do sujeito não é Hunter, se é que ele é mesmo o pai dela.

MAY BETH FOSTER [*TELEFONE*]:

Darren...

Estou lhe dizendo, eu nunca ouvi esse nome na vida. *[PAUSA]* Mas acho que isso não quer dizer nada. A Claire levou muitos homens para dentro de casa, antes e depois de Irene morrer... Meu Deus. Sadie está mesmo procurando pelo pai dela? Foi o que ela disse?

WEST McCRAY *[PARA RUBY, NA LANCHONETE]*:

Tem alguma chance de alguma outra pessoa da lanchonete ter feito contato com a Sadie?

RUBY LOCKWOOD:

Não faço ideia se teve alguém sem ser o Saul e eu. Ela só ficou aqui por... não deve ter sido nem uma hora.

WEST McCRAY:

Se eu deixar uma foto da Sadie com você, você acha que pode pendurar em algum lugar? Perguntar por aí?

RUBY LOCKWOOD:

Claro.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Um dia depois, recebo um telefonema de um homem chamado Caddy Sinclair.

sadie

O café se chama Lili's.

Eu entro e passo pela fila absurda na registradora, tentando não inspirar o aroma de comida, de cafeína. Tenho a sensação de que nunca mais vou querer comer. Tenho a sensação de que, se eu não comer alguma coisa logo, não vou chegar muito mais longe. Meu corpo está tremendo, sacolejando, e estou congelada, apesar de estar quente, meus dentes estão batendo. Não sei como fazer isso passar. Preciso que passe. Entro no banheiro e me lavo na pia com interrupções frustrantes conforme as mulheres entram e saem. Eu só quero ficar limpa. Com as mãos trêmulas, uso o sabonete floral barato e as toalhas de papel ásperas pra limpar um pouco meus braços e minhas pernas. A sujeira da casa vai embora, revelando uma série de cortes pequenos nas minhas canelas que eu não tinha reparado quando andei pelo mato. Enfio a mão por baixo da blusa e limpo o suor embaixo dos seios. Meu cabelo só aguenta mais um dia até eu ter que arrumar um jeito de lavar. Eu o prendo em um coque apertado. Eu me inclino para a frente sobre a pia e solto um choro baixo, sussurrando *calma, calma, calma* até sentir a porcelana fria embaixo dos dedos.

Ele tomou o Darren embaixo da asa, de certa forma, começou a fazer questão de ser legal com ele. Porra, Marlee. Ele tomou o Darren embaixo da...

Porra, Marlee. Tenho certeza de que o Silas conseguiu sentir aquela mesma alma doentia se esgueirando, alguém com quem ele podia ser ele mesmo. Ele só disfarçava melhor do que o Keith. Mas a Marlee devia saber, tinha que saber. Eu não falo mais com o meu irmão. Por que outro motivo ela abriria mão do único relacionamento que tinha com a única pessoa que podia bancar a vida dela? Eu bato com o punho na pia, porque não tenho nada mais em que bater. Ela sabia.

E agora, eu sei.

Eu passo a mão pela boca. Meus olhos estão arregalados e enlouquecidos, e não consigo me ver por trás deles. Só consigo ver o que vi.

Devo matar ele?

Devo matar o Silas Baker?

Eu roubei a faca retrátil do Keith na noite em que a mamãe botou ele pra fora.

Por vários motivos, aquela noite não terminou como deveria, mas eu achei que poderia matar ele, mesmo sendo metade da garota que eu sou agora, uma coisinha cheia de vida. Pode ser também que eu não achasse que ia matar, eu talvez fosse nova demais pra imaginar uma coisa tão final, tão irreversível. Mas eu queria muito machucá-lo, pra que ele ficasse com medo de mim do jeito que eu precisava.

Do jeito que ele devia ter medo de mim agora.

Ele deixava a faca na mesa de cabeceira do quarto da minha mãe, ao lado da Bíblia. Uma vez, algumas semanas depois de ir morar com a gente, ele me chamou, me colocou sentada em seu colo e me mostrou. *Sadie, olha isso*, ele disse, e vi a lâmina sair do cabo antes mesmo de perceber que era uma faca. *Aqui é a ponta que trabalha*, disse ele, e gesticulou para a ponta. *Não quero nunca ver isso nas suas mãos, entendeu?*

Enfio a mão no bolso, passo as pontas dos dedos pelos contornos e me lembro de como ficou nas minhas mãos quando elas eram bem menores. Quase não fazia sentido. Quando a usei com o Caddy, fiquei surpresa ao ver como parecia perfeita na minha mão.

Não posso passar por essa cidade e ir embora deixando tudo do jeito que encontrei.

Eu encosto os dedos na testa.

Tenho que impedir.

Mas, o Keith.

Mas, espera.

Uma mulher entra. Eu me viro para ela, a mente em disparada. Ela é de meia-idade e tem a pele negra. Pergunta muito docemente se estou bem. Digo que estou e pergunto se posso usar o celular dela. A pergunta sai da minha boca mais picotada do que o habitual, as sílabas tônicas todas pioradas com a minha gagueira. Ela diz “Claro” com uma voz suave, e alguma coisa na resposta me abala, e não sei se é o alívio de existir gentileza no mundo ou a

culpa de a gentileza existir em um mundo que não a merece. Eu ligo para o Javi. Ele atende no terceiro toque, a voz arrastada de sono, e eu peço pra ele se encontrar comigo aqui e ele diz com rapidez e empolgação *tá, tá, já estou indo, não sai daí*. A mulher sorri pra mim quando devolvo o celular a ela.

Volto para o café e espero perto da porta, cutucando a unha até sangrar. Javi chega oito minutos depois, fazendo um esforço enorme pra parecer casual, mas, pela oscilação do peito, percebo que ele deve ter vindo correndo. Tem uma palidez meio doentia na pele e um odor meio alcoólico no suor. Resquícios da noite anterior.

A noite anterior parece tão distante agora.

– Oi – diz ele, e não consigo retribuir seu sorriso. Ele não repara. Ele se balança nos calcanhares e desvia o olhar para a registradora antes de juntar as mãos. Tudo que ele diz em seguida sai corrido, nervoso. – Ainda está meio cedo pra gente ir pra casa do Noah. A gente podia dar um tempo pra eles acordarem, pode ser? Eu nem tomei café. Está com fome? Vamos comer. Eu pago. O que você quer?

Eu não quero comer.

Eu tenho que comer.

Se fosse uma situação normal, fico pensando se eu tentaria ser delicada, se fingiria ser uma garota com pouco apetite, ou, melhor ainda, sem apetite. Digo que quero o combo de carnes e a bebida mais calórica no maior tamanho, e ele não consegue disfarçar a surpresa, mas se recupera rápido e faz o pedido. Em pouco tempo, estamos com a comida, e, a pedido meu, nos sentamos a uma mesa no canto dos fundos do café, o mais longe possível da agitação. A julgar pelo pedido do Javi, o apetite dele não fica atrás do meu, mas ele come de um jeito que sugere que não estava com fome. Ele está ainda mais tímido e mais inseguro agora que está sóbrio.

Olho para a minha refeição, meu estômago revirando ao pensar na comida, mas eu tenho que comer.

Tenho que comer se quiser fazer qualquer coisa agora.

Fecho os olhos brevemente e enfio uma fatia de maçã na boca. Mastigo com cuidado até virar uma pasta e percebo que não sinto o gosto. Não é nada na minha língua. Ignoro o pânico crescente e dou outra mordida na maçã, tentando me obrigar a ir além de tudo que está errado e sentir uma coisa crocante, doce e fresca.

Depois de um momento agonizante, o sabor chega às minhas papilas

gustativas, e de repente fica doce *demais*.

Eu não gostava de maçã.

May Beth disse que, quando eu era pequena, filha única, eu vivia com fome, morrendo de fome, esticando os bracinhos para a comida, e, mesmo assim, era chata pra comer. Ela disse que eu só entendia açúcar e gordura, e que, se ela tentasse me dar qualquer coisa saudável para o crescimento dos ossos, eu chorava até ficar com os olhos inchados e não conseguir enxergar. Nesses momentos, ela me enganava. Colocava maçã na minha língua e dizia que era doce. Não demorou para que eu percebesse e desse uma mordida nela que arrancou sangue. Mas, aí, a Mattie nasceu, e a May Beth disse que ela acabaria sendo mais fresca do que eu se eu não desse o bom exemplo, e me perguntou se eu queria ver minha irmãzinha sofrendo por causa de comida.

Eu não conseguia pensar em nada que quisesse menos.

– Posso fazer uma pergunta?

Coloco um pedaço de queijo na língua, e fica ali, dentro da boca. Tenho que tomar um gole longo de smoothie para me forçar a engolir.

– C-claro.

Ele se inclina para a frente e observa meu rosto.

– Qual é o problema, Lera?

– M-me deixa comer – eu digo. – M-me de-deixa terminar de co-comer primeiro.

Ele fica sentado, constrangido e paciente, enquanto eu consumo o café da manhã que ele comprou pra mim. É um exercício horrível e absurdo de autopreservação colocar comida na boca, instruir a mim mesma conscientemente a *engolir*, porque, se eu não fizer isso, vai ficar parada ali, na boca. Toda essa produção só pra chegar ao momento seguinte. Javi abre um sorrisinho, e ouço a voz dele na noite anterior, em meio ao barulho no bar: *O pai deles foi meu treinador de tee-ball*.

Às vezes, me sinto feita da ausência da Mattie, esse vazio completo dentro de mim, e a única coisa que o torna suportável, que o aquieta, é me mover, botar distância entre o assassinato dela e *chegar* mais perto da promessa de tirar a vida do Keith. Só que ainda dói. Sempre dói. Em outras ocasiões, só consigo sentir o peso, o peso todo, de toda a Sadie que fui, de todas as escolhas que ela fez, e tudo que ela pode ter entendido errado a ponto de vir parar aqui. Agora. Assim. Sozinha.

Consigo tomar metade do smoothie, e meu estômago diz chega, e então eu

seguro a beirada da mesa, lutando contra a rejeição do meu corpo às coisas normais e automáticas. Eu me lembro da última vez que me senti assim. Depois que a Mattie morreu.

– Lera. – Javi estica a mão por cima da mesa e toca no meu braço. – O que foi?

AS GAROTAS

T1E3

WEST McCRAY:

Caddy Sinclair é um homem branco, alto e magrelo, por volta dos trinta e poucos anos. Ele mora em Wagner e divide o apartamento com o irmão. Passa a maior parte dos dias na parada de Whittler, do lado de fora ou, quando tem dinheiro, comendo um dos famosos especiais da Ruby. O sujeito é uma lenda da região; todo mundo sabe o nome dele e isso, segundo Caddy, é exatamente o problema dele.

CADDY SINCLAIR:

Eu não me importaria de ser deixado em paz.

WEST McCRAY:

Ora, então eu agradeço você ter vindo falar comigo.

CADDY SINCLAIR:

Sei lá. Eu não estou fazendo favor nenhum pra você. Se você encontrar essa garota, eu quero saber.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Caddy é uma contradição bem interessante; antes de querer ser deixado em paz, uma pesquisa rápida do nome dele no Google revela um adolescente que queria desesperadamente ser o próximo Eminem. Se vocês entrarem no site musiccamp.com e procurarem o usuário “Sick Caddy”, podem ouvir seis demos que ele gravou no porão de um amigo. Se estiverem na nossa página oficial do podcast, vão encontrar um player no link deste episódio. Mas me façam um favor antes de ouvirem: leiam o aviso sobre o conteúdo.

CADDY SINCLAIR:

Aquilo foi diferente... uma época idiota da minha vida. Não vou falar sobre isso. Todo garoto acha que tem o necessário pra ser uma coisa maravilhosa,

quando não é merda nenhuma. Depois, aprende que é melhor ser nada mesmo. *[TOSSE]* Então, você quer saber da garota, é? Ela sumiu?

WEST McCRAY:

Sim, ela está desaparecida. Estou tentando ajudar a família a encontrá-la.

CADDY SINCLAIR:

Ela deve estar morta.

WEST McCRAY:

E você saberia alguma coisa sobre isso se ela estiver?

CADDY SINCLAIR:

Não. Posso fumar? *[UMA PAUSA, O SOM DE UM ISQUEIRO]* A última vez que *eu* vi a garota ela estava viva, mas, se estiver tão louca quanto estava quando me encontrei com ela, e se for pra cima das pessoas erradas como veio pra cima de mim... bom, dá pra perder a vida por bem menos nesse mundo.

WEST McCRAY:

Vamos voltar um pouco. Você me disse quando conversamos por telefone que a Sadie procurou você querendo informações sobre o Darren. Ela nunca tinha vindo a Wagner antes, pelo que eu sei, então, como ela soube que precisava falar com você?

CADDY SINCLAIR:

Acho que alguém lá dentro falou pra ela sobre mim. Não faço a menor ideia. Mas essa parte não é importante; pode ter sido qualquer pessoa. Sou o cara que procuram aqui. Se alguém quer alguma coisa... bom, se as pessoas querem saber alguma coisa, elas me procuram. Eu sempre sei que porra está acontecendo simplesmente porque... sei.

WEST McCRAY:

Você conheceu o Darren?

WEST McCRAY:

Não éramos amigos, mas, se me visse na lanchonete, a gente conversava. Ruby conhecia ele melhor. Não sabia que ele tinha uma filha.

WEST McCRAY:

Então foi *isso* que a Sadie disse para você. Que ela era filha do Darren.

CADDY SINCLAIR:

É, ela me mostrou a foto dele, e era o Darren, sim.

WEST McCRAY:

Por acaso, você tem uma foto dele?

CADDY SINCLAIR:

Não, mas posso dizer como ele era: branco, alto, largo. Cabelo escuro. Só um cara normal. Não tinha nada de específico se destacando.

WEST McCRAY:

Me conta o que aconteceu depois.

CADDY SINCLAIR:

Ela puxou uma faca pra mim.

WEST McCRAY:

É mesmo? Do nada?

CADDY SINCLAIR:

É. Ela me mandou contar tudo o que eu sabia sobre o Darren, senão eu ia ver.

WEST McCRAY:

E você contou?

CADDY SINCLAIR:

Estou parecendo vivo?

WEST McCRAY:

O que você contou?

CADDY SINCLAIR:

Contei a verdade. Contei que tudo o que eu sabia sobre o Darren era que, alguns anos atrás, ele estava com a Marlee Singer e que ela devia conhecer ele melhor do que eu. Contei que a Marlee morava em Wagner. A garota foi embora. Não parecia bem da cabeça. Se encontrar ela, me avisa. Quero isso registrado porque vou processar aquela vaca por agressão. É ilegal carregar uma faca retrátil.

WEST McCRAY:

Obrigado pelo seu tempo, Caddy.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

A Sadie era uma pessoa violenta, May Beth?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Não. Não! Nunca. Quer dizer... poderia ter sido, mas da mesma forma que qualquer outra pessoa. Não era uma coisa *dela*. Não era da natureza dela, se é isso que você quer dizer.

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

O Caddy disse que a Sadie tinha uma faca retrátil. Que o ameaçou com a faca. Não tinha faca nenhuma nos pertences dela.

MAY BETH FOSTER [*TELEFONE*]:

Então, ele está mentindo. Sadie não... ela não faria... se não está nas coisas dela, ele está mentindo.

WEST McCRAY [*TELEFONE*]:

Ou pode ainda estar com ela.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

Se ainda está com ela ou não, acho que a verdadeira pergunta é por que ela achava que precisaria de uma faca.

sadie

Estou em frente à casa de Silas Barker de novo.

Um suor frio surge na minha nuca quando paro atrás do Mercedes dele. Isso deve significar que ele está em casa. A comida do Lili's revira desconfortavelmente no meu estômago. Saio do carro, enfio a chave no bolso e vou até a porta da frente quando ouço as gargalhadas, que parecem ser da Kendall e do Noah, vindas dos fundos da casa. Vou contornando devagar, até chegar ao quintal e os encontrar lá, deitados ao lado da piscina.

O lado particular da propriedade dos Bakers não é menos impressionante do que a fachada externa. A piscina, construída no terreno, é comprida, larga e funda, com um trampolim de mergulho. Tem quatro espreguiçadeiras, duas de cada lado, com mesas chiques de metal entre elas.

O quintal é luxuoso; a grama é verde, com plantas e flores vibrantes ocupando os dois lados. Tem um deque de pinho que leva a uma porta de vidro de correr para o interior da casa. Noah está sobre um colchão de ar na água. Kendall está resplandecente em um biquíni vermelho bem pequeno, pegando sol em cima de uma toalha macia estampada com um monograma. Tudo à nossa volta parece abençoado por estar onde está, e tento absorver o luxo do ambiente, de tudo que estou vendo em comparação a tudo que vi hoje. A única coisa que minha cabeça consegue elaborar é *isso não é real...*

– Cadê o Javi? – pergunta Noah, inclinando a cabeça para mim.

– N-não sei. – Eu dou de ombros. – Ele di-disse que me e-encontraria aqui.

– Ah. – Noah pega o celular, que está em cima do abdome, e digita uma mensagem de texto. Espera um minuto e diz: – Não respondeu. Pode ser que esteja a caminho.

– Você não estava usando isso ontem? – pergunta Kendall.

Noah ri.

– N-não fui p-pra ca-casa ontem à no-noite.

Kendall se apoia nos cotovelos, e a ação projeta os seios impressionantes de uma forma que acho que é para me intimidar.

– Como assim?

– É m-muito di-difícil estar lá.

– Bom, espero que você não se importe de fazer isso durante a manhã toda – diz Noah. – Estamos trancados do lado de fora porque, quando a gente chegou em casa ontem à noite, *alguém* – ele aponta um dedo acusador para a irmã – não teve a decência de fingir que estava sóbria. Estamos de castigo por um mês inteiro.

Eu olho ao redor.

– Que ca-castigo.

Noah sorri.

– Não conheço você tão bem, Lera, mas estou detectando um toque de sarcasmo.

– Só um to-toque – eu respondo. – Ca-cadê seus pa-pais?

Olho para a casa quase esperando ver o rosto de Silas Baker na janela, olhando para o ambiente da piscina. *Onde está você, Silas...*

– Papai foi até a floresta – informa Kendall.

– O quê? – Noah ergue uma sobrancelha. – Ele está metido em alguma merda de novo?

Kendall se estica languidamente, os braços acima da cabeça, os dedos apontando para o nada.

– A mamãe ouviu ele acordando com o sol hoje pra ir ao escritório. E ela me disse que ele chegou tarde pra caramba do tee-ball ontem à noite. Ele prometeu que ficaria o fim de semana todo em casa, sem trabalhar, mas mentiu. Agora, ela está puta da vida, então, ela saiu com a Jean e não está atendendo o telefone. O jantar de família de domingo vai ser *ótimo*.

– K-Kendall – eu digo abruptamente. – Vo-você p-pode me e-emprestar um bi-biquíni?

– Não vai caber em você.

Ela indica o próprio peito.

– Meu Deus – diz Noah, porque acho que ele tem limite. – Você pode emprestar uma regata ou um short ou qualquer coisa. – Ele bate as pernas, leva o colchão inflável até a beirada da piscina e sai. – Vou tentar o Javi de novo. Não é a cara dele não responder.

– Vocês que sabem – diz Kendall.

Ela geme e se levanta como se ficar de pé fosse a última coisa que ela quisesse fazer, e isso desperta uma onda de raiva em mim que é quase imediatamente apagada por uma coisa que é bem pior.

Ela não sabe que o pai dela é um monstro.

– Vem – murmura, e eu a sigo para dentro de casa. – Você pode pegar uma sunga do Noah e uma camiseta velha dele...

– N-não go-gosta de emprestar, é?

– Sem querer ofender, mas você parece que precisa de um banho.

– S-sem q-querer ofender, m-mas v-você pa-parece uma fi-filha da puta.

Ela para e se vira para mim, um sorriso aberto.

– Você sempre pode ir embora.

Eu não digo nada. Ela balança a cabeça como se fosse o fim da conversa, e nós entramos pela porta dos fundos. Imagino como deve ser passar por ali todos os dias só porque é sua casa e você mora ali. Fico com a sensação que tive quando vi Montgomery pela primeira vez: se não posso ter isso para mim, só quero ver tudo destruído.

Dentro, a casa é incrivelmente imaculada, monocromática. As fotos da família na parede são profissionais, preto e branco, todas tiradas junto ao canteiro de flores do lado de fora. Observo cada uma quando passo, vou seguindo a progressão do Noah e da Kendall de bebês de colo a crianças pequenas a pré-adolescentes desajeitados e a como eles são agora. A mãe deles, uma loura pequena com cabelos ondulados que vão ficando cada vez mais curtos. Silas e o jeito como não muda. A parte mais ofensiva dele é como ele parece inofensivo. Qualquer um olharia para ele e acharia que não oferece perigo.

Os retratos de família mudam de repente para Silas e os times de tee-ball.

– Olha o Javi aqui – diz Kendall, me sobressaltando.

Ela aponta para ele em uma foto. Não consigo olhar.

– O que você tem? – pergunta ela.

– S-só estou de re-ressaca.

– Eu não. – Ela parece satisfeita.

Nós passamos pela sala, onde tem um sofá branco, e só de olhar fico nervosa, só de pensar. Quando tinha nove anos, a Mattie passou por uma fase desastrada. Na verdade, acho que essa fase nunca acabou, mas, quando ela tinha nove anos, foi a pior fase. Não teve um centímetro do trailer onde ela não tivesse derramado alguma coisa.

Kendall me leva até a cozinha. É toda de bancadas de mármore cinza e branco, eletrodomésticos de aço inoxidável. A mesa fica em frente a uma janela com vista para o jardim na lateral da casa, e consigo ver a beirada do deque. O resto do aposento é virado em direção à porta da frente.

– Espera um segundo – diz ela, abrindo a geladeira. – Estou morrendo de fome.

A porta da frente se abre.

– Kendall, de quem é o carro lá fora?

Meu corpo vira gelo.

Silas está de costas para nós quando fecha a porta. Ele está com um buquê de rosas brancas e mosquitinhos em uma das mãos. Ele passa a outra na parte de trás do cabelo louro curto antes de se virar para nós e, quando faz isso, olha imediatamente para mim.

– Quem é essa? – pergunta ele.

– Pai, essa é Lera Holden – diz Kendall. – Ela é nova na cidade. Eu contei pra você sobre ela ontem? Não lembro.

– Claro que não lembra – diz ele secamente. Ele inclina a cabeça e me avalia de cima a baixo, e meus dedos tremem. – Os Holdens... vocês foram morar na casa dos Cornells, né? – Consigo fazer que sim. – Eu soube que eles tinham uma filha. É seu carro lá fora?

Silas faz a pergunta com um sorriso, e o sorriso dele é todo dentes.

Eu olho para a Kendall. O corpo dela está metade dentro da geladeira.

– P-posso usar o ba-banheiro?

Silas reage à minha gagueira, fazendo uma careta quase que imperceptível.

– Claro – diz ele. – Fica no andar de cima. É a terceira porta à direita.

Eu passo por ele sem agradecer e dobro uma esquina que leva a uma escada, meu corpo mole pelo alívio quando, finalmente, fico fora do campo de visão dele. É preciso um esforço consciente para eu andar com um pé na frente do outro e chegar ao alto do patamar. Lá, eu presto atenção.

Um murmúrio baixo. A voz dele. As respostas roucas da Kendall. Eu sigo pelo corredor e encontro o banheiro. Abro a porta e dou um passo chocado para trás.

– S-sai! – grita uma garota. – Q-quero q-que vo-você s-saia d-daqui!

Ela tem onze anos e está nua na banheira. Os joelhos estão encolhidos até o peito e os braços estão em volta, tentando esconder os botões dos seios. Quando se inclina para a frente, as costas ficam à mostra, e os nós da coluna

ficam dolorosamente visíveis. Ela aperta a cabeça nos joelhos e vira um olhar de ódio para a esquerda, para o homem encostado na pia. Ele está ocupando o banheiro inteiro. Os braços dele estão cruzados, mas ele não está se mexendo. Ela quer desesperadamente que ele saia, disse em voz alta e tudo, mas ele não se mexe.

– Não precisa – diz ele lentamente – reagir assim.

– S-sai d-daqui! Ca-cadê a m-minha mãe? *Mãe!*

– O que você acha que ela vai fazer?

A garota abre a boca e fecha, e ele sorri um pouco, com uma certa tristeza, como se tivesse acabado de admitir para ela uma coisa que nenhum dos dois gostou de ouvir. Ela vira a cabeça para longe dele, e vejo o subir e descer suave dos ombros enquanto ela inspira e expira, aquela pulsação rápida revelando o quanto ela está com raiva. A água está esfriando. Ela não vai se levantar enquanto ele não sair.

Mas ele não vai sair.

– Sadie – diz ele para ela. – Nós somos família agora.

Uma gargalhada soa no andar de cima. Eu me viro para lá e de novo para o banheiro vazio, o coração disparado. Desde que a Mattie morreu, tem sido assim, essas coisas feias aparecendo, me obrigando a testemunhá-las porque viver tudo aquilo não foi suficiente. Quando a Mattie estava viva, eu podia esconder dentro de mim porque tinha coisas a fazer, eu tinha que cuidar dela.

E agora...

Eu ainda tenho coisas a fazer.

Aperto as mãos sobre os olhos e as afasto para olhar em volta. Aquele aposento, claro, não é menos espetacular do que qualquer outra parte da casa. É tão maior do que qualquer outro aposento com privada tem direito de ser. Tem um chuveiro e uma banheira separados. As toalhas no toalheiro parecem mais macias do que qualquer coisa em que já sequei minhas mãos. O espelho na frente das duas pias, dispostas lado a lado, é rodeado por luzes.

Fecho a porta com bastante barulho, para o caso de estarem ouvindo no corredor, até encontrar o quarto que deve ser do Silas e da esposa. Tem uma cama king size no meio, coberta por um edredom branco limpo. A porta do closet está entreaberta. Uma penteadeira ocupa um canto do quarto, e uma escrivaninha de mogno com um laptop ocupa outro. Vou nas pontas dos pés até lá e movo o cursor. A tela se acende e abre a caixa para digitação de senha. Merda... tem uma fotografia colorida na escrivaninha, dele e das

crianças. Eu pego e viro a foto, mas não tem nada atrás. Eu levanto o laptop. Nada.

Abro todas as gavetas, remexo nelas, mexo nos papéis e nas tralhas em busca de qualquer coisa que pudesse ser um caderno ou bloco com uma porcaria de lista de senhas (as pessoas ainda são burras a ponto de fazer isso, não são?) e não encontro nada. Luto contra a vontade de bater a gaveta e tiro o cabelo do rosto, frustrada. Já estou no andar de cima há muito tempo.

Eu tenho que descer.

Saio do quarto, vou até o banheiro e dou uma descarga antes de descer.

Encontro Silas ainda na cozinha, encostado na ilha, olhando o celular.

O celular.

Kendall sumiu. Eu viro o rosto para a janela. Consigo ouvir o Noah e a irmã conversando baixo por trás do vidro.

– Quer uma bebida ou alguma outra coisa, Lera?

Faço um sinal afirmativo sem olhar para ele, e ele coloca o celular na ilha e vai até a geladeira. Estico a mão rapidamente para tocar na tela para que fique destravada, mas não tenho tempo de enfiar o celular no bolso.

Silas não me pergunta o que eu quero, só coloca uma garrafa de água entre nós. Pega uma para si, e o vejo girar a tampinha. As mãos dele são grandes, com veias serpenteando por cima, os dedos grossos.

Parecem... fortes.

– Bem-vinda ao bairro. – Silas indica a garrafa de água, e eu a abro. – Acho que minha esposa fez uma cesta de presente pra sua mãe e seu pai. A gente ia entregar este fim de semana, mas você pode levar pra casa. O que está achando de Montgomery até agora?

Dou de ombros e tomo um gole de água, e é um alívio gelado na minha garganta seca. Meus olhos se desviam para a tela destravada do celular dele. Não sei quanto tempo vai demorar para apagar sozinha. Alguns minutos, cinco, dez se eu tiver sorte...

– A casa dos Cornells é bem bonita.

– É.

Porque eu tenho que falar alguma hora, né.

– O que você mais gosta lá?

– T-tem quatro pa-paredes e um te-teto.

– Vai ser muito bom pra Montgomery ter seus pais na comunidade. Sei que não é divertido virar a vida de cabeça pra baixo, principalmente no

último ano do ensino médio. A pesquisa do seu pai em... – Ele para de falar e franze a testa. – Em que era mesmo?

– A-alguma co-coisa... – *Porra*. – Importante.

Ele ri baixo e as linhas nas laterais dos olhos se destacam.

– Certo. – De repente, a gargalhada some do nada, e é horrível quando alguém é capaz de fazer isso, ligar e desligar as risadas em tempo menor do que o necessário para piscar. – Seu carro... achei que o vi mais cedo.

Eu coloco a água na mesa.

– O-onde?

O silêncio entre nós pesa, e só consigo pensar que quero ir para longe dele. Quero ir para longe dele, *quero ir para longe dele agora...*

Ele faz uma pausa.

– Deixa pra lá.

A porta de trás se abre, e o Noah coloca a cabeça dentro da cozinha, pingando água no piso de madeira.

– Ei, pai, pode pegar uma bebida pra mim e o sanduíche de rosbife que sobrou na geladeira? Lera, você vem aqui pra fora?

– Claro – diz Silas.

– Noah...

Noah se vira ao ouvir a voz da Kendall. Silas vira de costas para mim quando abre a geladeira. Pego o celular dele e enfio no bolso e, então...

Não me lembro da corrida apressada pelo corredor. Não me lembro de abrir e fechar a porta. Estou do lado de fora, respirando pesado, como se tivesse corrido uma maratona, e abro a porta do carro com dificuldade, enfio uma parte do corpo no banco do motorista. Passo pelos contatos de Silas com mãos suadas. Não tem Keith. Não tem Darren. Mas tem Jack, *Jack H. Langford*. Um lugar chamado Langford, *rua Twining, 451, Langford... 451...*

– Eu gostaria do meu celular de volta agora.

AS GAROTAS

T1E3

WEST McCRAY

De certa forma, a cidade de Wagner me lembra Cold Creek.

Tem menos lojas na rua principal do que deveria, e as casas parecem meio... derrotadas. Mas tem uma coisa de bom que Cold Creek não tem: uma sensação de promessa.

Um subúrbio está nascendo. Um novo condomínio vai mobilizar um crescimento econômico, é o que se espera... embora isso possa aumentar o preço e obrigar alguns residentes antigos a saírem. Marlee Singer é uma dessas residentes. Ela tem trinta e muitos anos, cabelo louro platinado. É mãe de um menino de um ano e meio. Mora em frente a um parquinho de escola que, à tarde, durante o ano letivo, fica lotado de crianças no escorregador e disputando o balanço.

Ela finalmente atende uma das minhas ligações, no dia em que já tenho um voo de volta para Nova York. Quando digo que gostaria de falar sobre Sadie e Darren, Marlee só concorda em gravar que não tem absolutamente nada a dizer. Ela e Darren passaram pouco tempo juntos, não deu certo e, não, eles não têm mais contato. Ela não tem o número dele e também não tem fotos. Não é uma época da qual ela gosta de se lembrar, o que leva a ainda mais perguntas que ela também não está disposta a responder.

MARLEE SINGER *[TELEFONE]*:

Durou três meses. Ele nunca disse nada sobre uma filha. Nós não temos mais contato. Não tenho como falar com ele. Prefiro assim. Nem penso nele se outra pessoa não falar no nome dele, então obrigada por isso.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Mas Caddy Sinclair disse que orientou Sadie Hunter a procurar você, para

perguntar sobre Darren. Pareceu bem claro que ela estava indo procurar você. Só estou tentando entender o que aconteceu.

MARLEE SINGER [TELEFONE]:

Estou dizendo que nunca vi essa garota e que, se ela veio me procurar, não sei nada sobre isso.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Sou obrigado a acreditar na palavra de Marlee Singer, apesar de não ter certeza se deveria. Mas adiei meu voo por causa dela, então, vou para um motel e repasso tudo que sei sobre o desaparecimento de Sadie até o momento. Não tem nada que eu tenha deixado passar que possa virar uma nova pista. O que me deixa mais frustrado é que, fora o fato de ter pintado o cabelo de loiro e de ter passado a usar o nome do meio com as pessoas, Sadie não parecia estar se esforçando muito para apagar o rastro. Não pareceu que seria tão difícil encontrar a garota. Eu digo isso para May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Eu estava pensando... Claire teve muitos homens em sua vida, mas só uns três ficaram por mais tempo do que a maioria. Eles talvez saibam alguma coisa. Teve o Keith; ele estava lá quando as garotas eram pequenas. Teve o Arthur McQuarry, mas ele já morreu. E também o Paul. O Paul foi o último homem que morou com a Claire antes de ela ir embora. Se algum deles ficou bem íntimo dela, pode ser que a Claire tenha contado alguma coisa sobre esse tal Darren.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Vou ver se os dois que estão vivos aceitam falar comigo.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Mas o pai dela... eu não consigo entender. Não faço ideia do que a Sadie podia querer com esse homem. Ela queria ajuda? Dinheiro? Eu teria dado qualquer coisa que ela pedisse, ela não sabia disso? Passei a vida toda ajudando aquelas garotas. Eu não ia parar de repente.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Eu sei, May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Só... procura esses homens de quem falei.

sadie

Eu achava que Keith já era um pesadelo suficiente.

Eu não imaginava que a violência dele se espalharia tanto e me levaria a mais pesadelos. Silas Baker está muito zangado. Ele está zangado de um jeito que está tentando fingir que não está, mas estou vendo. Sou a única pessoa nessa cidade que o enxerga. A mão dele está esticada, e a minha está segurando o celular dele. *Rua Twining, 451, Langford. Rua Twining, 451...* ele arranca o celular da minha mão e eu nem pisco. *Langford. Rua Twining, 451.*

– Quem é você? – A voz dele soa grave e perigosa.

– ...

– Quem é você?

– Sou L-Lera. H...

– Não. Não é. – Ele olha para a rua vazia. – Porque conheci os Holdens hoje de manhã. Eles têm uma filha, mas não é você. – Ele olha para mim. Uma das mãos segura o carro, a outra o alto da porta aberta. – Você me seguiu.

Eu balanço a cabeça.

– Você me seguiu de manhã. Eu vi seu carro.

– N-não sei do q-quê vo-você está fa-falando.

Ele aperta mais a porta. Vejo os nós dos dedos ficarem brancos. O olhar dele percorre meu corpo, meus olhos, tentando entender; se ele me conhece, se já me conheceu, se *deveria* me conhecer. A atenção se volta para trás, para dentro do meu carro. As roupas sujas no banco de trás, embalagens de comida amassada. Minha bolsa verde no banco do passageiro. Ele estica a mão pela minha frente para pegá-la, e eu o empurro com força suficiente para ele cambalear. Tento pegar a porta do carro e fechar, mas ele se recupera rápido e abre completamente, fazendo-a gemer.

– Você pegou meu celular. O que mais pegou?

– S-sai... sai da-daqui, ca-*caralho*!

Ele me empurra no banco, a mão apertando meu pescoço para me segurar no lugar. Inclina-se para dentro e tenta pegar minha bolsa, e sufoco com a pressão. Meus dedos procuram a faca retrátil no bolso. Eu pego a faca e aperto o botão, e a ponta afiada cutuca a barriga dele. Ele olha com surpresa para a faca e ergue os olhos lentamente até os meus, e eu penso, *sim*.

É aqui que eu mato Silas Baker.

Empurro a faca na mesma hora que a mão dele vai para trás do meu pescoço. Ele bate com a minha cara no volante. O choque e a dor invadem meus sentidos, e meu corpo fica inerte. A faca escorrega dos meus dedos e cai no chão. Ele me puxa para fora do carro e percebo em choque que tem sangue em mim, mas não é dele.

Deveria ser dele.

E... *ah*, aqui está, a dor atrasada e atordoante do impacto. *Ele quebrou a porra do meu nariz?* As mãos dele me apertando machucam. Tem sangue escorrendo das minhas narinas, e agora está nele também.

– Quem é você?

Viro os olhos para o lado, torcendo para ver alguém encostado na janela de uma das casas ao redor, pronto para chamar a polícia, mas não tem ninguém. O único som que escuto é a respiração pesada dele. O peito dele sobe e desce. Eu lambo os lábios. Estão com gosto de cobre.

– Você sabe o tamanho do problema em que se meteu? Vou chamar a polícia.

– N-não vai – eu digo com voz rouca. – Não *po-pode*.

O pouco fingimento que existe entre nós desaparece.

– O que você acha que sabe? – sussurra ele. A respiração dele está quente na minha cara, insuportavelmente próxima. Como não respondo, ele me pega pelas bochechas, aperta como o Keith. – O que você acha que sabe, hein? Você quer dinheiro, é isso? O que acha...

Preciso usar as duas mãos para tirá-lo de cima de mim. Ele me empurra para baixo, e meu queixo bate no chão antes do resto do corpo, minha pele ralando no asfalto. Eu cuspo, rolo de costas, olho para ele e, então, grito. Ele vem em direção a mim e eu me afasto, com terra e pedrinhas ralando meus cotovelos. Eu grito mais alto, deixo minha voz se tornar uma nota clara e feia na vida perfeita dele.

– Pai, mas o que...

Silas dá vários passos para trás ao ouvir o filho.

– Ah, meu Deus, papai...

Kendall.

Noah e Kendall olham estupidamente a cena que se desenrola na frente deles, sem conseguirem interpretar. Eles veem sangue, me veem no chão, veem o pai parado ao meu lado e não se mexem. Nenhum dos dois se mexe para me ajudar.

– Ela não é quem diz que é. – Silas aponta para mim, e eu me levanto devagar, vendo o sangue do meu nariz pingar no chão. – Eu conheci os Holdens, estive com eles hoje de manhã, e esta *não* é a filha deles. Ela é algum tipo de... andarilha. Uma ladra! Ela tentou roubar meu celular, puxou uma faca pra mim...

– Ah, meu Deus. – Kendall vai em direção à casa. – Vou chamar a polícia...

– *Não!* – Silas grita, e ela para na mesma hora. Ele aponta para mim. – Você... sai daqui, sai da minha propriedade... *sai daqui!*

Dou passos hesitantes e atordoados até o carro. Silas se afasta de mim, e a Kendall se aproxima e segura o braço dele, puxando-o para perto. Dou uma fungada e me arrependo na mesma hora, o gosto de sangue denso e metálico no fundo da minha garganta. Entro no meu carro devagar e saio do caminho da garagem. Quando chego ao final da rua, estou tremendo tanto que não sei como estou dirigindo. Na minha cabeça tem três, não, quatro palavras:

Rua Twining, 451, Langford... Rua Twining, 451... Langford.

Quando a casa de Silas Baker parece distante o suficiente, eu paro o carro.

Muito, muito tempo antes, quando a minha mãe tinha acabado de sair de casa, eu tive uma febre de quarenta graus. May Beth estava a muitos estados de distância, visitando familiares, e eu estava tão doente que nem sabia meu próprio nome, mesmo com a Mattie repetindo várias vezes.

Sadie, acho que você está doente.

Sadie, você tem que me dizer o que fazer...

Sadie, acho que você está morrendo.

Ela acabou telefonando para o meu chefe, o Marty, que me buscou na picape e me levou para o hospital a uma hora de distância, onde enfiaram soro no meu braço e esperaram os números no termômetro baixarem. May Beth interrompeu as férias só para cuidar de mim, e fiquei com tanta raiva de todo mundo que não falei com ninguém por uma semana.

A coisa toda acabou saindo caro demais para nós.

Eu olho para mim mesma. Minha camisa está encharcada com meu próprio sangue, meu nariz ainda está sangrando. Ainda bem que a Mattie não está mais viva para ver isso, porque consigo imaginar as mãos dela tremendo inutilmente ao meu lado, porque ela nunca sabia o que fazer quando eu precisava de alguma coisa, quando eu precisava de ajuda. Nunca. Mas não dá para botar a culpa nela. Ela era uma criança.

Crianças não deviam ter que se preocupar com esse tipo de coisa.

Não é certo, de jeito nenhum.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 4

[TEMA DE AS GAROTAS]

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

Arthur, Keith e Paul.

Esses foram os nomes que a May Beth me deu. Homens que ficaram com a Claire por tempo suficiente para talvez saberem alguma coisa sobre Darren M., o homem que a Sadie alega ser o pai dela.

Arthur está morto, como a May Beth me disse que estava. Ele morou com a Claire e as garotas por seis meses, quando a Sadie tinha treze anos e a Mattie, sete. Sofreu overdose dois anos depois. May Beth não tem muito a dizer sobre ele. Ele era traficante. Sobre o Keith não há registro em lugar nenhum. Botei uma equipe atrás dele. Pelos relatos da May Beth, o Keith durou mais tempo. Ele entrou na vida das garotas quando a Mattie tinha cinco anos e a Sadie, onze.

MAY BETH FOSTER:

Ele foi o único homem que procurou se esforçar de verdade. Cuidava das garotas da melhor forma que a Claire permitia. Keith foi meu favorito.

WEST McCRAY:

Por quê?

MAY BETH FOSTER:

Bom, sempre que a Claire levava um homem pra casa... meu coração despencava, porque sempre terminava pior do que tinha começado. E sempre começava mal. Com o Keith não começou mal. Ele ficou com Claire em um bar, o Joel's, conheceu ela lá... ela sempre ia lá... e trouxe ela pra casa. E estava totalmente sóbrio. Isso chamou minha atenção. Não como uma coisa

ruim, mas é que a Claire costumava arrumar homens tão complicados quanto ela. Naquela primeira noite, ele colocou ela na cama e se apresentou pra mim. Gostei dele na mesma hora. Ele me tratou... ele me tratou com *respeito*. Me tratou como se eu fosse a avó de sangue das garotas. Isso foi importante pra mim. Aí eu descobri que ele era um homem temente a Deus, e eu acredito muito no poder da oração. Ele ensinou um pouco de religião pras garotas. Então foi assim, eu gostava muito dele. Ele só ia ficar o fim de semana. Mas acabou ficando um ano, e, se dependesse de mim, teria ficado pra sempre.

WEST McCRAY:

Descreva o relacionamento dele com as garotas.

MAY BETH FOSTER:

Ele me disse que sempre sonhou em ter filhos e que aquilo era o mais perto que já tinha chegado e do que teria. Mattie achava ele maravilhoso... ele tinha um senso de humor juvenil, e ela era nova o suficiente pra apreciar. Sadie... bom, ela nunca gostou do Keith.

WEST McCRAY:

E por quê?

MAY BETH FOSTER:

Ele estava sempre sóbrio, como eu já te disse. Sei que isso pode soar estranho, mas... o fato é que ele não usava drogas. Não atrapalhava a Claire quando ela queria usar, mas ele mesmo estava sempre limpo. Só aceitava a Claire como ela era e queria ser parte da vida delas. Talvez isso seja uma doença, permitir... mas ele tentou criar uma estrutura pras garotas, e, até aquele momento, a Sadie achava que essa era a função dela. Ele era um intruso aos olhos dela.

WEST McCRAY:

Seria esperado que ela quisesse um pouco daquela estabilidade pra ela, que um adulto de verdade na vida dela a permitisse ser criança de novo.

MAY BETH FOSTER:

Ela não sabia ser criança. A Mattie sobrevivia graças ao esforço da Sadie, e a Sadie morria de medo de perder isso.

WEST McCRAY:

Como as coisas terminaram entre a Claire e o Keith?

MAY BETH FOSTER:

Foi horrível. Pelo menos nisso eles seguiram o padrão. Ela expulsou o Keith de casa no meio da noite. Ouvi a Claire gritando com ele do outro lado do terreno. Foi um milagre ninguém ter chamado a polícia. Eu olhei pela janela, e ela tinha jogado tudo dele na grama, e ele estava gritando com ela.

Claire se cansava deles, sabe. Quando achava que tinha tirado tudo o que podia deles, eles tinham que ir embora. Esse caso não foi diferente. O Keith pegou todas as coisas e foi embora. Ele passou por mim e me viu olhando pela janela. Deu um tchauzinho. Eu nunca mais vi ele.

Pra falar a verdade, chorei por causa dele.

WEST McCRAY:

Paul Good trabalha em uma madeireira no Noroeste. E tem toda a aparência de quem o faz: é um cara alto, musculoso, ruivo, barbudo e com um rosto bronzeado e maltratado pelo sol. Não foi difícil contatá-lo, mas ele demorou quase uma semana para decidir se queria gravar. Ele ficou oito meses com a Claire Southern, sim, mas foi uma época difícil da vida dele. Ele já tinha usado drogas. Teve depressão. Depois de quatro anos limpo, não sabia se queria lembrar.

PAUL GOOD [TELEFONE]:

Não sei se tenho muita coisa pra dizer... nem o que exatamente você quer que eu diga.

Eu olho para aquela época e penso... eu era um *garoto*. Estava péssimo. Agora, eu tenho família. Tenho esposa, uma filhinha minha. Não sei o que eu achava que estava fazendo naquela época. Não... isso é mentira. [RISADAS] Eu achava que amava a Claire.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Como vocês dois se conheceram?

PAUL GOOD [TELEFONE]:

Ah, Jesus. Eu tinha saído do bar e estava dirigindo pra casa. Era em Abernathy na época. Eu também estava bêbado. Eu não devia dizer isso. Foi burrice, mas minha vida não é mais assim. Ela estava andando. Estava andando no escuro, do lado errado da estrada. [RISADAS] É incrível eu não ter matado ela. Eu parei e perguntei se ela precisava de carona, e ela disse que

sim, e assim que entrou no carro, ela começou a chorar. Ela havia tido uma noite difícil, bebido em uma boa parte dela... mas estava mais sóbria do que eu. Falou sem parar até a casa dela. Quando cheguei lá, ela me disse que eu era um bom ouvinte e que talvez pudesse, sabe como é, fazer aquilo por ela de novo. Ela não me convidou pra entrar naquela noite, mas, cara... ela me pegou.

A primeira parte do nosso relacionamento foi por telefone. E eu me apaixonei pela vida que ela vendeu pra mim, que era bem diferente da realidade... pela forma como a Claire falou, a mãe estava doente e ela estava cuidando da mãe. Aí, ficou grávida. Aí, a mãe morreu, e ela ficou grávida de novo e estava criando duas meninas sozinhas. Ela pareceu tão dedicada às filhas, e eu sempre quis ter filhos.

Fui morar lá com as três, e a realidade apareceu. Havia sinais de que ela tinha problemas... ela bebia demais. Pelo telefone, dava pra perceber quando ela tinha bebido. Ela cochilava. Isso era a heroína. Quando fui perceber o tamanho do problema, ela já era tudo pra mim. Eu não ligava muito pras meninas, mas *amava* a Claire. Assim, comecei a usar também. Fiquei doente por ela.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Paul entrou na vida das garotas quando a Sadie tinha quinze anos e a Mattie tinha nove.

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Elas não me odiavam nem nada, só não me *queriam*. Então, eu ficava fora do caminho delas e elas do meu. Mas acho que elas mereciam coisa melhor do que eu. Não havia muita consistência na vida delas, e eu via que a Sadie estava tentando dar isso pra Mattie. Eu deixei ela fazer isso.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Como a Sadie era?

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Ela era teimosa pra caramba. Odiava a mãe. Sadie achava que sabia mais que a Claire no que dizia respeito à Mattie, e provavelmente sabia mesmo, se você quer saber a verdade. Mas a garota e a Claire sempre estavam uma no pescoço da outra... e a Claire preferia a Mattie, então as coisas ficavam bem feias às vezes. Não sei. Como eu te disse, a gente ficava longe do caminho

um do outro, e, quando eu sentia que ia começar nova uma briga, eu saía de perto. Eu só queria saber mesmo da Claire e do crack.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Me conta como acabou.

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

A Claire se cansou de mim, e eu estava ficando sem dinheiro. Um dia, cheguei em casa e peguei ela com outro cara. Foi o fim. Ela não me respeitava. O pior era que eu ainda amava a Claire, mas não podia ficar com ela depois daquilo. Mas o pior mesmo...

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

O quê?

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Depois que fui embora, foi como se uma neblina sumisse da minha mente. Eu percebi que não estava vivendo a vida que deveria, que eu não *queria* ser viciado. Então, fiz as malas e fui embora da cidade... acabei aqui, fiquei limpo. Parece simples falando assim. Não teve nada de simples. Mas sair da órbita da Claire foi o primeiro passo. Aquele lugar... aquelas garotas... davam uma sensação... não sei se devo dizer.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Eu gostaria de ouvir.

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Como se as três estivessem condenadas. Acho que eu sempre soube que não haveria final feliz pra elas. Quando você me ligou, contou o que tinha acontecido com elas... sei lá. Eu gostaria de dizer que estou surpreso, mas não estou. Mas é triste. Muito triste.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Paul, em todo o tempo que você ficou com a Claire, ela mencionou algum Darren?

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Acredito que não.

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Então, você nunca ouviu esse nome?

PAUL GOOD [TELEPHONE]:

Isso mesmo.

WEST McCRAY:

Quando termino de falar com o Paul, faço uma ligação pra May Beth.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Estamos meio empacados em termos do que mais eu posso fazer agora.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

O que isso quer dizer? Você vai desistir?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Eu não vou desistir, só quer dizer que tenho que procurar ainda mais e tentar encontrar uma nova pista. Se eu não encontrar, temos que torcer para que aconteça algum novo desenvolvimento nesse caso.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Bom, isso me parece o mesmo que desistir. Nós não temos esse tempo. A Sadie está por aí, e qualquer coisa, qualquer coisa pode estar acontecendo com ela...

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Pode demorar pra aparecer algo assim, May Beth. Sei que não é o que você quer ouvir, mas você tem que ser paciente, tá? Você tem que ser paciente.

[PAUSA LONGA]

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Eu talvez tenha uma coisa.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

O quê?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Talvez... talvez eu tenha uma coisa que você possa usar. Não sei. *[PAUSA]* Eu só não quero arrumar problema pra ela, mas... mas, se ela... se ela já estiver metida em confusão e isso ajudar você a encontrar ela...

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

O que é? O que você sabe?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Não sei. Não sei o que fazer. Não quero que ela fique encrencada por causa disso, eu só... eu quero que ela fique bem. Quero ela *aqui*. *[PAUSA]* Mas não

quero ela encrencada. Ela já passou por tanta coisa.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Tudo bem... tudo bem, May Beth, você se lembra do que disse na primeira vez que me ligou?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Eu queria que você me ajudasse.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É, isso mesmo, mas você lembra como disse? Você me disse que não queria...

[PAUSA LONGA]

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Eu não quero outra garota morta.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Então, qualquer informação que você esteja ocultando... você não vai querer que essa seja a diferença entre encontrar a Sadie viva ou não, vai? Se a Sadie estiver viva e você achar que o que sabe pode metê-la em algum tipo de confusão, você precisa encarar pela perspectiva de a garota estar viva para resolver, entende? Enquanto estiver viva, ela pode resolver. Nós podemos resolver.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Eu sei, mas...

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Não posso encontrar a Sadie e menos ainda ajudá-la se não tiver todas as informações. E preciso poder confiar em você enquanto eu sigo em frente com isso. Podemos deixar de fora das gravações, se ajudar. Quer fazer isso?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Quero. Por favor.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Tudo bem. Então, vamos fazer isso.

sadie

Saudações da ensolarada L.A.! Queria que você estivesse aqui!

Estacionei no acostamento, quase fora de Montgomery.

Eu só precisava parar um minuto.

Olho para o cartão-postal, as palmeiras em fila na frente.

Eu o viro lentamente.

Seja minha boa menina, Mats.

Na noite anterior à partida da minha mãe, eu estava dormindo no sofá. Não consigo lembrar por que eu não estava na cama, mas não estava, e não poderia estar esperando a chegada dela porque eu nunca esperava. Só estava lá, deitada toda torta, os pés pendurados por cima do braço do sofá, a cabeça afundada no meio das almofadas. Ela tinha saído com um daqueles homens que ela gostava de guardar para estepe, um tipo de quem ela conseguia arrancar uma bebida ou uns trocados, mas não tinha necessariamente que trazer para casa. Eu acordei e senti os dedos dela acariciando meu cabelo de leve e me senti tão pequena, como nunca me sentia, como imagino que a Mattie devia se sentir por ter sido sempre a favorita da mamãe.

Ela pegou o controle remoto e diminuiu o volume da televisão, e, então, ficou mudando de canal, até desistir. Ela inclinou a cabeça para perto da minha e enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo para depois prender distraidamente atrás da orelha. Eu me lembro dos meus músculos se contraindo com o toque dela, me entregando, e de eu sentir muito medo de ela parar por causa disso. Ela não parou; nós continuamos o fingimento. Eu, fingindo dormir. As mãos dela na minha testa, o carinho dos dedos dela no meu cabelo. Nós ficamos assim por... talvez uma hora, talvez um pouco menos.

Eu pensei: *Ser filha é assim.*

Eu pensei: *Meu Deus, é por isso que a Mattie ama a mamãe.*

Ela levou o rosto até perto do meu e sussurrou no meu ouvido:

– Eu fiz você.

Foi quando eu percebi que ela estava sóbria. Minha mãe bêbada era o habitual. A sobriedade dela era como um soco no estômago nos raros eventos em que eu testemunhava isso. Eu a queria sóbria o tempo todo, mesmo ela não gostando mais de mim por isso. Nós ficamos assim até eu adormecer de verdade, e, de manhã, ela tinha sumido, e eu soube. Soube que tinha sido para sempre e que não tinha como eu explicar para a Mattie. Ela quase não sobreviveu.

Mas, agora, isso... Eu passo o dedo pelas beiradas do cartão.

Só adiei o inevitável.

Eu tinha dezesseis anos. Larguei a escola, o que foi bem menos complicado do que achei que seria. Eu me lembro de ficar parada do lado de fora de Parkdale, esperando que alguém me impedisse, que me dissesse que eu estava jogando meu futuro fora, mas eu não morava em um lugar em que havia esse tipo de pensamento. Para algumas pessoas, o futuro é oportunidade. Para outros, é só tempo que você não conhece. E, onde eu morava, era só tempo. Não se gasta energia tentando proteger isso. Só se tenta sobreviver, até que, um dia, não se consegue mais.

Apoio a cabeça no banco e respiro. Tiro a blusa, e o ar deixa minha pele arrepiada. A parte da frente da roupa parece uma cena de crime. Pego uma garrafa de água na bolsa e molho a parte de trás, limpa. Uso-a para limpar o rosto e os cotovelos machucados. Remexo nas minhas coisas, pego a blusa mais limpa que encontro e visto. Enfio a outra, suja de sangue, embaixo do banco traseiro, para não precisar vê-la, e olho meu rosto no espelho. O arranhão no queixo está feio. Meu nariz está inchado, dolorido ao toque. Não sei se está quebrado. Não sei o que eu faria, se estivesse.

Pelo menos, tenho um lugar novo para ir, então, não foi por nada. Passo a mão pelo rosto e dói pra caralho, e a sensação é de... peso. Estou tão cansada. Preciso muito parar. Mas tenho que ir para longe antes de pensar em fazer isso. Eu me inclino para a frente e espio pelo para-brisa. O céu ficou cinza, tem uma tempestade no horizonte. Já está chovendo quando saio do acostamento. Vejo a estrada desaparecer embaixo do carro. Sinto como se estivesse balançando em algum tipo de precipício e não consigo ver à frente.

Rua Twining, 451, Langford.

Se eu tivesse celular, poderia descobrir onde fica essa merda e qual é a distância. Na próxima cidade... na próxima cidade, vou procurar uma

biblioteca. Olho para o marcador de gasolina. Pela metade. Fecho os olhos. Não. Esfrego-os para abri-los e pisco com o brilho dos faróis que se aproximam.

Javi. Eu me obrigo a pensar nele, porque pensar nele faz meu sangue esquentar o suficiente para me despertar um pouco. Eu fui fraca em relação ao Javi, desesperada demais para sentir o gosto de uma outra vida. Com fome e cansada demais para pensar direito. *Eu tentei*, eu digo para mim mesma. *Pelo menos, eu tentei*. Como se isso significasse alguma coisa com o Silas Baker ainda estando por aí, vivo. *Foda-se, Javi*. Aperto bem os olhos por um instante, e o que encontrei naquela casa...

Minha faca encostada no abdome do Silas Baker.

Eu tentei.

De que adianta tentar e fracassar.

Afasto tudo da mente e paro o carro no sinal vermelho. Olho para a luz e a vejo ficar com as beiradas borradas, antes de ficar verde. Um momento depois, finalmente passo pela placa que diz VOCÊ ESTÁ SAINDO AGORA DE MONTGOMERY.

Chove mais forte, e a chuva transforma o mundo em uma aquarela sombria. De vez em quando, um relâmpago brilhante surge no céu. É só o começo, estou sentindo. Tem uma eletricidade no ar que está fazendo minha pele vibrar e que me diz que isso vai piorar. A estrada segue infinitamente para o nada, mas, aí... a forma de uma pessoa no acostamento da estrada. Eu aperto os olhos. A pessoa está de polegar esticado. Eu não sabia que as pessoas ainda faziam isso. Vou mais devagar, para poder dar uma olhada na pessoa. É difícil ver direito, mas...

Uma garota.

Paro devagar. Ela demora um minuto inteiro para entender, como se não conseguisse acreditar que alguém realmente parou para ela, e isso faz meu coração doer um pouco. Mas não é porque sou sensível que sou burra. Abro a janela do lado do passageiro. Ela se inclina. Usa uma jaqueta com capuz, que não ajudou muito a protegê-la da chuva. Ela poderia ser loira ou morena. Só vou saber quando o cabelo secar. A pele branca parece fustigada pela chuva, inchada e vermelha, mas, ainda assim, está melhor do que a minha.

– Vo-você não é p-psicopata, é?

Ela pisca na chuva.

– Não era da última vez que verifiquei. Você?

Não consigo sentir o tom da voz dela com o barulho do motor do carro e da chuva.

– T-talvez. P-pra onde vo-você vai?

– Markette. – Ela aponta para a frente. – Fica a uns sessenta e cinco quilômetros pra lá. Reto.

– Vo-você s-sabe onde f-fica L-Langford? P-preciso ir l-lá.

– Não, mas posso pesquisar no celular.

– Então a-acho que po-posso te dar uma c-carona.

– Eu agradeço.

Ela espera que eu a deixe entrar. Eu hesito.

– Eu n-nunca f-fiz isso antes.

– Posso pagar – diz ela. – Com dinheiro ou gasolina no próximo posto.

Eu destranco a porta.

A garota não parou de pedir desculpas desde que entrou no carro, porque, graças a ela, o banco está todo molhado. Ela tira a jaqueta e revela uma camiseta um pouco mais seca embaixo. A calça jeans parece ter sido pintada em seu corpo. Deve estar desconfortável, e me sinto mal por ela, mas não sei o que eu poderia fazer para melhorar a situação.

Ela chega para trás no banco, estica as pernas e tira a carteira do bolso. Abre e me mostra as notas e cartões de crédito dentro. Caso um homem tivesse dado carona para ela, não consigo imaginar uma coisa mais burra a fazer. É meio insultante.

Eu sou perigosa, tenho vontade de dizer para ela.

Mas, depois de hoje, acredito cada vez menos nisso.

– Só pra você saber, por mim tudo bem – diz ela, e, agora que consigo ouvir, as palavras meio que se misturam, como as atrizes falavam nos filmes antigos, e penso que, se eu falasse assim, falaria o tempo todo.

– Tudo bem.

Ela pega o celular e me pergunta qual é o nome do lugar que estou procurando. *Rua Twining, 451, Langford*. Ela digita e me informa um momento depois que fica a seiscentos e cinquenta quilômetros de distância. Peço a ela que pegue uma caneta e um pedaço de papel no porta-luvas e escreva todas as instruções para chegar lá. O carro fica silencioso enquanto ela escreve. O barulho da caneta e a respiração dela me levam àquele estado

enevoado de novo. Eu ligo o rádio. O som da voz de um homem se espalha pelo carro.

– Aqui é West McCray, da WNRK, e estou aqui hoje com...

A voz é clara e gentil, suave da mesma forma que a voz do Silas Baker era, e o embrulho no meu estômago me diz que não quero ouvir a voz de homem nenhum agora. Eu desligo o rádio. A garota abre um sorriso torto e termina de escrever as instruções, depois as entrega. Dou uma olhada rápida no papel e o coloco no painel.

– Q-qual é seu no-nome?

– Cat.

– S-Sadie.

Eu fecho os olhos brevemente. Não era esse o nome que eu pretendia dizer para ela.

– Obrigada pela carona, Sadie.

– Não f-foi na-nada, Cat.

– Parece que nós duas estávamos indo embora de Montgomery – diz ela. – E estou na estrada há... sei lá. Mas estou dizendo que são sempre os melhores lugares que são os piores. Eles devem ter tudo que se há para dar, mas não dão. Não dá pra arrancar nada deles, nem um pouco.

– Vo-você arranca c-coisas das pe-pessoas com f-frequência?

Ela vira a cabeça para mim, e parte do cabelo dela está começando a secar em emaranhados louros. Ela só sorri e pergunta:

– O que aconteceu com a sua cara?

Eu fungo e me arrependo na mesma hora.

– C-caí de cara.

– Ai.

– Um p-pouco.

– Você se importa se eu trocar de calça? Essa aqui está nojenta.

Dou de ombros, e ela pega a bolsa encharcada e vasculha seus pertences. Parece que as coisas dela não escaparam da chuva, a julgar pelos xingamentos resmungados que ela solta. Depois de um longo minuto, ela declara com triunfo, “A-há!”, e tira uma legging preta, que está tão enrolada na bolsa que, assim que sai, puxa todo o resto que tem lá dentro, e tudo se espalha pelo carro.

– Ah, porra.

Ela passa os minutos seguintes Tateando entre os bancos e embaixo deles

para ter certeza de que pegou tudo, e faz isso de um jeito que diz que ela não pode se dar ao luxo de perder nada.

Quando termina e fica satisfeita, ela tira a calça jeans dura e a calcinha, ficando nua da cintura para baixo, e veste a calça seca.

Depois que está vestida, ela suspira com satisfação.

– Melhor.

Isso é sobrevivência, o que ela está fazendo agora. Eu reconheço. Uma garota que afronta os outros se tornando, na frente deles, dez vezes maior do que realmente é. Quero dizer para Cat que ela não precisa fazer isso na minha frente, mas não adianta.

– E o que você está fazendo? – pergunta ela, e digo que estou dirigindo. Ela ri. – Por que você está indo para a rua Twining, 451, Langford, Colorado?

É surpreendente ouvir o endereço repetido de forma tão perfeita por uma estranha, mas acho que, depois de anotar tudo aquilo, deve ter ficado na cabeça dela.

– Vou f-fazer uma vi-viagem de c-carro. Com a m-minha irmã.

– Legal. – Ela olha ao redor, para o banco de trás vazio. – Cadê ela?

– V-vou pe-pegar ela lá.

– Na rua Twining, 451, em Langford?

– Esse é o p-plano.

– Mas você não sabia chegar lá? – pergunta ela. Eu engulo em seco, mas não sei o que dizer. Sinto-a me observando. Ela deixa a pergunta de lado. – Eu não tenho irmãos. Mas acho que gosto assim. Quantos anos ela tem? – Ela bate com o dedo na maçaneta da porta, e é assim que percebo que a deixei nervosa. – Mais nova ou mais velha?

– Treze. Eu t-tenho dezenove.

Ela assobia.

– Caramba. Treze. Pra mim, tem quase uma década. Se lembra dessa idade? A gente acha que sabe tudo.

– É.

– Meu Deus – murmura ela, mas tenho a sensação de que as lembranças dela de treze anos devem ser diferentes das minhas de treze anos.

Minha mãe ainda estava com aquele cara, Arthur... durou meio ano. Arthur alguma coisa. Não me lembro muito bem dele. Tudo depois do Keith pareceu um sonho, mas Arthur tinha... cabelo preto oleoso, nariz grande. A voz dele

era surpreendentemente aguda. Eu não conseguia entender o que a minha mãe via nele até eu perceber que ele sempre tinha dinheiro e sempre tinha drogas. Era traficante. A minha mãe o quebrou no final, fez ele consumir do próprio estoque. Quando terminaram, ele não tinha nada.

E aí, foi embora.

Mattie tinha oito anos, e essa foi a época em que ela começou a descobrir que havia algo de errado com a mamãe. Àquela altura, ela estava fazendo amizades na escola, e foi difícil não reparar que as mães das outras crianças não se medicavam à mesa do café da manhã, não perdiam a capacidade de formar frases ao meio-dia e não estavam apagadas no jantar. Eu me lembro de sentar em frente ao trailer com ela e recitar as frases favoritas da May Beth, porque ela me disse que eu tinha que cuidar da Mattie dessa forma, fazer com que a Mattie amasse a mãe que tinha em vez de desperdiçar a vida desejando outra, como eu. E eu amo a May Beth, mas odeio ela ter feito isso comigo. Até hoje, ela ainda age como se tivesse sido ideia minha.

A mamãe está doente, entende? Não é culpa dela. Ninguém culparia uma pessoa por ter câncer.

– ...eu era tão filha da puta. – Cat está no meio de uma frase. Ela ficou falando o tempo todo. – Eu nem conseguia imaginar ter vinte anos, mas achava que sabia tudo, sabe? Eu queria ser... – Ela faz uma pausa. – Assim, na verdade, eu queria fazer a porra que eu quisesse. Pegar carona no acostamento de uma estrada. – Ela ri. – Era bem menos feio na minha cabeça. – Antes que eu possa perguntar o quanto as coisas têm sido feias, ela pergunta: – E você?

– ... – Ela me olha enquanto fico travada. Quando o momento passa, sinto um calor no rosto e faço uma coisa que nunca faço. Eu peço desculpas. – Desculpa.

– Tudo bem.

– A-acontece q-quando estou ca-cansada. – Eu coço a testa e desejo também não ter dito isso. – Hã. S-sei lá. Eu tive q-que cuidar da mi-minha irmã. Minha m-mãe não era m-muito... – Eu balanço a mão sem vigor. – Mãe.

– Que difícil. Qual é o nome da sua irmã?

– M-Mattie.

É insuportável dizer o nome dela em voz alta para outra pessoa. Eu nem falei para o Javi. É a primeira vez que deixo outra pessoa me ouvir falar em

muito, muito tempo. Houve um momento com a May Beth em que a Mattie se tornou apenas *ela*. *Dela*. Porque eu não conseguia...

Eu não conseguia.

– O que foi? – pergunta Cat, porque está na minha cara.

– Nada.

– Desculpa se eu...

– Não é n-nada. É que eu n-não ve-vejo ela t-tem um te-tempo.

Eu expiro, trêmula. Acho que não estou me sentindo muito bem. Sinto que estou saindo de uma espécie de sonho febril. Penso em quando estava na porta da casa do Silas. No sangue que acabei de limpar do corpo. Parece que foi anos antes, mas, quando olho o relógio, vejo que não tem nem horas.

– Como ela é?

– Quem?

– A sua irmã.

Eu olho para a estrada e tento ver em que ponto a chuva pode terminar, mas, na verdade, parece que só piorou. A pouca visibilidade que havia sumiu. O céu está quase preto agora. Só estou pensando que devíamos parar quando o Chevy começa a derrapar.

Eu perco o controle.

A mão da Cat voa até a maçaneta da porta enquanto o carro derrapa para a pista oposta. Ouço-a sussurrar *ah, merda* quando puxo o volante na direção contrária, a coisa errada a fazer. Tento lembrar freneticamente o que é certo. Enfio o pé no freio. Não é a coisa certa. Quando o carro para de girar, estamos no meio da estrada e parece que estou morrendo. Um carro que se aproxima buzina e desvia de nós, conseguindo, não sei como, não derrapar na água. E tudo fica em silêncio, exceto pelo som de nós duas ofegando com o choque e o alívio de um quase acidente.

Depois de uma eternidade, Cat diz:

– Acho que a gente devia parar um pouco.

– É – eu digo quando consigo finalmente destravar os dentes.

Eu ajeito o carro e volto para o lado certo da estrada, virada para a direção correta.

Dezesseis quilômetros adiante, encontramos um lugar para estacionar, e, mesmo eu não sabendo lidar com um carro derrapando, pelo menos sei que não devo parar no acostamento com as luzes apagadas. Acabamos ao lado de um campo que está virando um lago. Cat está um pouco mais calma e está

tentando me explicar o que fazer se esse tipo de coisa acontecer de novo, e estou ficando puta da vida porque *eu sei*. Sei que devo aliviar o peso no freio e acompanhar o movimento. Só não lembrei no momento porque é diferente quando está acontecendo. Eu fecho os olhos para ela, e ela finalmente sente que está forçando a barra, pois acaba dizendo:

– Não estou ajudando.

Eu abro os olhos.

– É.

Ela se inclina em direção à janela, o nariz no vidro.

– Quando será que vai parar?

– S-sei lá.

– Pode soltar o volante, sabe.

Fico vermelha, solto os dedos do aperto mortal que estava dando no volante e tento massageá-los para dar vida a eles novamente. Cat se inclina para a frente e pega a bolsa no chão. Tira algumas das coisas dela: um mapa molhado, um rolo de sacos plásticos e um caderno inchado, e os coloca no painel. Ela diz:

– Posso aproveitar pra secar algumas das minhas coisas.

Eu aponto para o caderno.

– O q-que é isso?

– Diário. – Ela abre um sorriso e o pega, abre e me oferece uma olhada. Só vejo tinta, boa parte manchada. Algumas páginas têm pedaços de papel, ingressos e outras coisas coladas.

– Eu registro tudo. Os lugares aonde fui, as pessoas que conheci. O que acho delas.

– O q-que vo-você vai b-botar aí de m-mim?

– Ainda não decidi. – Ela abre o caderno e o coloca no painel, a capa para cima. – Acho que sou uma fugitiva. Já tem uns dois anos agora.

– Estou ve-vendo.

– E se parece com o quê?

Eu dou de ombros.

– Co-com você.

Ela abre um sorrisinho. Vira-se de novo para a janela e olha para o campo. Tem um celeiro ao longe. Parece estar se dissolvendo. Pisco com olhos pesados e balanço a cabeça.

– M-minha irmã fu-fugiu uma v-vez.

– É?

– S-só uma.

A pele do meu pescoço fica arrepiada, e olho para o banco de trás só para ver mesmo se está vazio.

– Ela dá trabalho, né?

– É.

– Adolescentes.

– Ela e-era uma ingrata, na v-verdade – eu digo. – S-sempre fa-fazia m-merda. Nunca me da-dava folga. Estava s-sempre te-tentando fugir de m-mim.

Estar cansada é pior do que estar bêbada. As coisas que você nunca quis dizer começam a sair da boca e você não consegue parar, e quando se dá conta de que não devia ter dito, é tarde demais. Parece traição. Quero voltar atrás em todas as palavras, mesmo sendo verdade, porque *não falo* assim sobre a Mattie com ninguém. Posso pensar, mas não falo assim sobre a minha família com ninguém. *Eu morreria pela Mattie*, tenho vontade de dizer, porque essa é a parte sobre a qual desejo que a Cat saiba, isso se ela tiver que saber alguma coisa. Não sobre todas as vezes que a Mattie me deixou puta da vida, porque tinha treze anos e é isso que as garotas de treze anos fazem.

– Quem sabe vocês duas possam conversar.

– Vo-você não te-tem ninguém? – eu pergunto, porque quero alguma coisa dela para cada coisa minha que eu não pretendia revelar.

– Como assim?

– P-pais.

– Ah, sim.

– Você go-gosta deles?

– Eles são legais.

– Então p-por que vo-você fu-fugiu?

– Porque foi a coisa certa a fazer.

– Por quê?

– Meu pai é um babaca.

– Vo-você acabou de di-dizer que eles eram le-legais.

– Ah, bom. – Ela ri. – Não tenho que contar a história da minha vida pra todo mundo... mas, por outro lado, o que você vai fazer com a informação? Meu pai é um babaca corporativo e me cansei de ser o saco de pancada dele, só isso. A coisa ficou feia. Minha mãe escolheu o lado errado. Blá-blá.

– Q-que triste – eu digo, e ela dá de ombros. – Eu n-não te-tenho pai.
– Não?
– Minha m-mãe teve um m-monte de n-namorados de m-merda.
– Pelo menos, assim, você tem uns descansos.
– N-não com o mon-monte que ela d-dormia por aí.
– *Respeito*, mãe da Sadie. Uma mulher tem suas necessidades. – Cat ri. Eu não. Ela observa meu rosto. – Quantos namorados? Qual foi o pior?

Eu dou de ombros.

– Fala aí.

– ...

Não tenho que contar a história da minha vida pra ninguém, mas, como ela mesma disse, o que ela vai fazer com a informação? Fico com uma das mãos no volante e tiro o cabelo da nuca com a outra, tentando procurar a cicatriz do cigarro. Quando encontro, mando a Cat olhar. Eu digo:

– E-esse.

– Merda. Ele apagou o cigarro em você?

– M-mais ou m-menos isso.

Ela estica a mão e passa a ponta do dedo pela pele alta e inchada, deixando o dedo lá por muito tempo. Fico arrepiada pela sensação de calor. Essa é a única vez que eu gosto de sentir essa cicatriz.

– O que aconteceu?

Olha pra mim quando estou falando com você.

Não é uma lembrança que valha a pena examinar aqui nesse carro.

Eu a afasto.

– N-não q-quero fa-falar sobre isso.

– Tudo bem – diz ela.

– C-como é? Fa-fazer isso?

Ela dá de ombros.

– Quando eu entro num carro com a maioria dos homens, eles só querem trepar. Quando entro num carro com mulheres, elas só querem conversar. Mas nem sempre. Às vezes, é o contrário.

– V-você é bo-bonita – eu digo, como se isso fosse uma justificativa. Sinto o rosto ficar furiosamente vermelho e tento me redimir. – Quer dizer, é f-fácil co-conversar com um rosto bo-bonito. Sei lá.

Ela se vira para mim.

– Há quanto tempo você tem essa gagueira?

– A vi-vida toda.

– É meio fofo.

Olho para o teto do carro, porque, no que ela disse, tem, ao mesmo tempo, algo de vagamente insultante e de estranhamente lisonjeiro. Minha gagueira só é fofa se eu disser que é, e eu nunca vou dizer isso. Na maior parte do tempo, é exaustivo. Mas tem algo de legal em ver que mereço o esforço da mentira da Cat. É tão bom que me faz sentir um pouco menos tudo o que está doendo. Uma vez, Mattie me perguntou... ela tinha voltado vermelha para casa porque estava interessada no Jonah Sweeten e me perguntou como a gente sabe quando gosta de alguém, e se eu gostava de algum garoto como ela gostava, e eu não soube o que dizer. Que eu tentava não pensar nesse tipo de coisa porque era sofrido, porque eu achava que nunca poderia ter aquilo, mas, quando acabava gostando de alguém, sempre acabava magoada até o âmago. Eu percebi bem cedo que o *quem* não importava tanto.

Que sempre que alguém me escuta, eu acabo amando a pessoa um pouco.

Viro a cabeça para Cat e ela me olha e eu olho para ela até não aguentar mais e virar o rosto. Ligo o rádio, e tem uma música tocando. É uma que tocou no bar na noite de ontem. Foi só ontem... meus olhos se fecham, e não sei quanto tempo ficaram assim até que tenho um sobressalto. Inspiro.

– D-desculpa – eu digo, constrangida.

– Você parece acabada – diz ela. – Literal e figurativamente.

Eu me olho no espelho, e a lateral do meu nariz, embaixo do olho, está um pouco mais inchada e roxa do que antes. As olheiras escuras de cansaço só acentuam o dano.

– Dói?

Dou de ombros, mas, sim, dói. Está doendo mais do que antes de eu entrar no carro, e vai doer mais amanhã, mas, mais do que tudo, eu estou... cansada.

Ela estica a mão e a passa pelo meu rosto, e eu me afasto do seu toque.

– Desculpa, não sei por que fiz isso.

E tenho vontade de dizer *Desculpa, não sei como permitir*. Por que não sei como permitir? Penso no Javi no banco de trás do meu carro e em tudo que não me permiti fazer com ele, e para quê? Talvez não seja uma história de amor, mas por que não posso me permitir merecer um momento de carinho?

Por quê?

– Tu-tudo b-bem – eu digo e, reunindo toda a minha coragem: – V-você po-pode... tudo b-bem se vo-você quiser f-fazer isso.

Ela estica as mãos, aninha meu rosto nelas e me dá um sorriso triste que me conta que entreguei ainda mais sobre mim. Que abri meu coração fraco e carente para o universo. Fecho os olhos e me permito sentir o calor das palmas das mãos dela nas minhas bochechas. Ela me beija. Os lábios são macios, inesperados e certos. Eu abro os olhos.

– Obrigada por me dar carona – diz ela.

– N-não foi p-pra isso que eu a d-dei ca-carona.

– Eu sei. Eu só queria agradecer.

Encosto a cabeça no volante e espero a chuva melhorar, e meus olhos se fecham e eu os abro novamente. Estou fodida. Sei que, se fechá-los mais uma vez, não vai ter volta. Todas as coisas boas que o beijo me fez sentir estão passando e a minha realidade triste está voltando com tudo. Aperto o alto do nariz e chio, mas a dor não consegue despertar as partes mais entorpecidas de mim.

– Se quiser dormir, você pode.

Eu baixo a mão.

– N-não quero – eu digo com teimosia.

– Parece que você não tem escolha – ela retruca. – Não tem problema, Sadie.

Mas tem.

Eu olho pela janela e penso nas pontas dos dedos da minha mãe apertando de leve a minha testa. *Eu fiz você*. Fico pensando se ela sabe sobre a Mattie, onde quer que esteja.

Fico pensando se ela sabe que só restou eu.

AS GAROTAS

T1E4

WEST McCRAY:

O dia do desaparecimento da Mattie começou como qualquer outro. May Beth lembra com clareza; ela sonha com esse dia todas as noites.

MAY BETH FOSTER:

Ela passou no meu trailer naquela manhã. Eu tenho uma regra: não é certo incomodar uma pessoa antes das nove. Então, o que Mattie mais gostava, se ela estivesse acordada antes disso, era bater na minha porta às nove horas e um minuto, abrir com força e gritar “Bom dia!” dentro do meu trailer. Bem na minha cara, na verdade, porque a porta fica na minha cozinha. *[RISADAS]*

Foi isso que ela fez. Ela abriu bem a porta, e eu estava à mesa tomando meu café, e ela *gritou* “Bom dia, May Beth!”, e fiquei com vontade de apertá-la, porque eu a amava tanto, mas só sorri e perguntei “Aonde você vai hoje, Mats?”, como sempre perguntava, e ela disse, “Pra todo lado”, como sempre dizia.

Falei pra ela resolver as coisas com a irmã e ficar longe de confusão.

WEST McCRAY:

A Mattie e a Sadie estavam brigando naquela semana.

MAY BETH FOSTER:

Por causa da Claire, claro.

Mattie queria ir a Los Angeles, mas sabia que elas não tinham dinheiro, então, sempre que brigavam por causa disso, ela entendia, lá no fundo, ou eu pelo menos acho que entendia, que era impossível. A Mattie dava o show dela, deixava esfriar e dava outro.

Mas ela tinha descoberto que a Sadie estava guardando dinheiro pro caso de uma emergência. Se elas acabassem não precisando, a Sadie me disse que a

Mattie levaria pra faculdade. Agora que a Mattie sabia sobre o dinheiro, ela decidiu que significava que era possível pegar um avião pra Los Angeles e procurar a Claire. Claro que Sadie falou que não ia rolar.

Elas vieram jantar cedo aqui em casa naquela tarde, e não estavam se falando. Foi horrível. Normalmente, a Sadie tentava aliviar a situação, mas não dessa vez. Quando perguntei depois, ela disse, e nunca vou esquecer: “Acho que nunca vou ser suficiente pra Mattie.”

Mattie nunca ficou satisfeita de só ter a irmã.

WEST McCRAY:

Sadie trabalhou no posto de gasolina naquela noite.

MARTY McKINNON:

Sadie podia não ser a garota mais extrovertida do mundo, mas estava claro que ela estava chateada com alguma coisa. Descobri, depois, que foi aquela briga.

WEST McCRAY:

A briga foi mencionada para o Departamento de Polícia de Abernathy pela própria Sadie, mas não teve papel significativo na investigação do assassinato da Mattie. É só outra camada de tragédia em uma história que já viu mais do que a sua cota.

MARTY McKINNON:

Foi um turno longo de trabalho, eu lembro. Sadie disse que precisava muito do dinheiro, então, dei umas horas a mais pra ela. Ela bateu o cartão bem tarde e...

MAY BETH FOSTER:

Ela veio pra minha casa. Não fazia isso sempre, só quando estava muito exausta ou, talvez... talvez querendo um pouco de cuidado materno. Fiquei feliz de fazer isso, porque as oportunidades não eram frequentes com a Sadie. Ela dormiu no meu sofá, e estava tão tranquila que não quis acordá-la. Mas devia. Não consigo deixar de imaginar o que teria acontecido se eu tivesse acordado ela. Talvez ela e a Mattie tivessem se encontrado antes da Mattie entrar na picape... porque a questão é essa: não importava o que acontecia entre elas, a Sadie sempre ia checar se a Mattie estava precisando de alguma coisa. Ela sempre deixava uma refeição na mesa ou na geladeira, que só

precisaria ser esquentada. Por mais frustrada que a Sadie ficasse com a irmã, nunca deixava de cuidar dela.

Mas, naquela noite, eu não deixei. Eu não acordei ela. Achei que seria bom pra Mattie que ela reparasse na ausência, que percebesse o quanto a Sadie fazia por ela, mesmo achando que a Sadie não acertava na maior parte das vezes. Então, mandei uma mensagem de texto pra Mattie pra avisar que a Sadie estava comigo e que não ia pra casa.

WEST McCRAY:

Mattie não recebeu a mensagem. Ela tinha deixado o celular no trailer. Sadie descobriu isso quando, no dia seguinte, mandou uma série de mensagens desesperadas para a irmãzinha, querendo saber onde ela estava. As mensagens foram as seguintes:

DESCULPA, MATTIE. PEGUEI NO SONO.

CADÊ VOCÊ?

NÃO FIZ ISSO PRA SER CHATA, EU JURO.

ESTOU SURTANDO, ME DIZ ONDE VOCÊ ESTÁ.

NÃO FAZ ISSO COMIGO.

MAY BETH FOSTER:

Eu nunca vou esquecer. Sadie voltou para minha casa e contou que a Mattie tinha sumido. Eu disse: “Tenho certeza de que sua irmã está por aí, está pela cidade, sendo uma chata por causa de tudo”. Foi exatamente o que eu disse. Eu nunca me perdoarei. E a Sadie só me olhou e disse: “A sensação está diferente”. E ela estava certa.

WEST McCRAY:

Não preciso explicar o que esse relato provoca em May Beth, porque dá pra ouvir o sofrimento na voz dela. Mas vocês precisam saber que ela está sentada à minha frente, à mesa da própria casa, o tempo todo com o olhar fixo em alguma coisa que não consigo ver, as mãos retorcendo a toalha. Ela não está fugindo da dor, e é um verdadeiro privilégio que ela a compartilhe comigo, mas a tentativa desesperada dela de controlar me diz que a dor que estou testemunhando mal arranha a superfície. Não sei como ela sobrevive, sinceramente. Ela também parece não saber.

MAY BETH FOSTER:

Está me matando um pouco a cada dia. E, se é isso que está fazendo comigo, você pode imaginar o que fez com a Sadie. Ela... virou uma casca do que era. Eu fui perdendo um pouco dela a cada dia.

WEST McCRAY:

É compreensível, então, que May Beth queira proteger Sadie de mais sofrimento. Ela tem tanto medo da informação que está escondendo de mim que me faz ir até Cold Creek só para obtê-la. Não é que não confie em mim, ela diz, mas se sentiria melhor dizendo na minha cara.

Quando chego lá, desligo o microfone, e ela me conta o que sabe. Cinco dias depois, tenho uma pista nova, e, quando ela ouve a garantia de que o que me contou não vai provocar nenhum problema para a Sadie se a encontrarmos, May Beth concorda em contar de novo no podcast.

MAY BETH FOSTER:

Quando eu falar, todo mundo vai entender por que minha opinião sobre o Departamento de Polícia de Fairfield não é boa, porque, se eles fossem cuidadosos como alegam ser, se fizessem tudo ao seu alcance para descobrir o que aconteceu com a Sadie, eles teriam encontrado isso e teriam investigado. Estava debaixo do banco do passageiro do carro dela.

WEST McCRAY:

É um cartão de crédito. Sadie não tinha nenhum cartão de crédito quando morava em Cold Creek. E esse não pertence a ela. Pertence a uma mulher chamada Cat Mather.

Ela é uma pessoa fácil de encontrar.

sadie

Sonho com corpos pequenos e quebrados.

Prostrados e feridos, catalogados e mantidos sagrados em lugares escuros. A expressão nos olhos deles é de total incompreensão, dando espaço para a dor, para o vazio. Às vezes, eles olham diretamente para mim. Outras vezes, para uma meia distância. Não tem nada que eu possa fazer. É tarde demais.

Eu sonho com o rosto da Mattie.

Acordo de repente e a lateral da minha cabeça bate no para-brisa. O latejar no meu nariz é quase insuportável... mas dá para sobreviver.

Dá para sobreviver, eu digo para mim mesma.

Ligo o carro e olho para o relógio e descubro que não dormi mais que uma hora. Estou mais cansada do que antes de ceder ao sono, e meus ossos estão doendo de um jeito que me faz sentir falta da minha cama, me faz sentir falta da ideia de uma casa. Mas o trailer nem é mais isso. Não era quando fui embora de lá. Não é um lar, se sou a única pessoa nele.

Eu bocejo. Foi o movimento ao meu lado que me acordou. Cat remexendo na bolsa, eu acho, mas, quando abri os olhos, ela estava bem parada ao meu lado, olhando para a estrada. Sigo o olhar dela. A chuva parou. Devia ter acabado de parar. O sol da tarde começa a aparecer, fazendo o asfalto brilhar.

Tem alguma coisa errada com a Cat. Tudo o que ela tinha botado no painel sumiu, está de volta na bolsa, eu acho. Uma hora não parece tempo suficiente para tudo secar.

– O q-que houve c-com vo-você? – eu pergunto.

– O quê? Nada. Eu só estava esperando você acordar.

– A-acordei. – Eu pigarreio. – Q-quer sair d-daqui?

– Parece uma boa.

Eu volto para a estrada com a Cat rígida ao meu lado. Nós seguimos pela hora seguinte em silêncio. Ela está diferente. Não consigo identificar o motivo; a única coisa que eu fiz foi dormir. Abro a janela e respiro fundo.

Consigo ver o ar, denso com a névoa depois da chuva.

– Ei, ei.

Cat bate no meu braço com uma das mãos e aponta para a esquerda com a outra. A estrada revela um posto de gasolina pequeno, e devemos estar entre o nada e lugar algum, porque está surpreendentemente movimentado. Tem duas bombas na frente e, atrás, provavelmente, os banheiros mais sujos do mundo. Eu paro. A placa ao lado das bombas diz AUTOABASTECIMENTO (SÓ DINHEIRO, PAGAR NA LOJA).

É a melhor das piores opções disponíveis, com menos de interação envolvida do que se aparecesse um frentista perguntando o que você precisa. Não estou a fim. Se a Mattie estivesse aqui, eu deixaria que ela falasse. Ela gostava de imitar uma pessoa no comando, para me poupar de receber uma olhada ou coisa pior. Porque tem pessoas piores do que a *Becki com i* (imagino a Becki, a ponta do iceberg), e juro que já conheci todas. Tem muita gente por aí disposta a se divertir às custas dos outros.

Cat tira o cinto de segurança e coloca um bolinho de dinheiro amassado na minha mão.

– Deve ser suficiente – diz ela rapidamente. Um caminhão amarelo para atrás de nós. – Hã, vou esticar as pernas... dar um pulo no banheiro.

– Tudo bem.

Ela sai do carro.

Eu a vejo contornar o posto e fico parada por mais um minuto, ou talvez bem mais de um minuto, porque, quando percebo, tem um homem mais velho batendo com os dedos na janela e me dá um susto tão grande que quase pulo no teto. Abro a janela e o encaro. Ele tem cabelo branco e sobrancelhas grossas, a pele do rosto bronzeado grossa o bastante para ser impossível saber há quanto tempo ele está no planeta. Quarenta. Sessenta. Não sei.

– Opa! Não queria te dar um susto. – A voz dele tem uma leve rouquidão da idade. – Mas aqui é autoabastecimento, e você parece estar aí há tanto tempo que achei que não tivesse visto a placa. Tem uma fila crescendo atrás de você, então...

– ...

Eu tenho um bloqueio, claro. Sinto a palavra na boca, tentando desesperadamente se libertar. Quando finalmente consegue, sai gaguejada.

– De-de-desculpa.

Eu pareço bêbada.

– Você andou bebendo? – pergunta o homem.

Eu nunca sei se me perguntarem se estou bêbada é um passo além da suposição de que sou burra, mas tudo aponta para a mesma coisa, eu acho: que tem uma coisa fundamentalmente errada em mim, e depois que a gente sente isso, só quer ir para longe.

– Se você andou bebendo, saiba que não posso deixar você ir embora dirigindo.

– Vo-você n-não po-poderia me impedir. Tenho... – eu abro um sorriso – tenho uma b-boa v-vantagem.

Mantenho o sorriso grudado na cara, apesar de sentir um calor subir pelo pescoço até as minhas orelhas e explodir nas bochechas, deixando meu rosto vermelho-tomate. As linhas duras em volta dos olhos castanhos do homem se aliviam. Ele sente pena de mim ou está constrangido. Só vou saber qual das duas coisas quando *ele* abrir a boca.

Ele limpa a garganta e faz uma oferta de paz.

– Que tal eu encher o tanque pra você?

– Vou p-pagar lá d-d-d...

Eu desisto e indico a construção.

Vou pagar lá dentro.

O ar-condicionado deixa o ambiente gelado e faz os pelos dos meus braços ficarem eriçados. Eu preciso comprar umas coisas, comida e água, mas não é uma boa ideia fazer isso em um lugar desses, onde qualquer coisa remotamente saudável é cara até de olhar, e mesmo as porcarias também são caras. Pego uma garrafa de água na geladeira e um pote poeirento de creme de amendoim em uma prateleira perto dos fundos. Pego uma colher de plástico na bancada de café, onde admiro um café de setenta e cinco centavos de uma máquina velha de metal e decido que é melhor gastar com comida. Portanto, nada de café, mas meu reflexo torto no metal é como quero que as pessoas me visualizem: a pele do rosto está puxada para cima e para baixo em tamanhos impossíveis, os olhos ficam em algum lugar perto do meio, o nariz é um traço fino com duas narinas pequenas, e eu estou toda borrada, como uma aquarela escorrida por uma tela que não consegue segurar a arte.

O sino acima da porta anuncia a entrada do homem de cabelo branco, e desejo que a Cat esteja atrás dele, talvez, mas ela não está. Eu o sigo até o balcão com meu creme de amendoim e minha água que, somados à gasolina, deixam minha carteira leve demais, mesmo com a contribuição da Cat.

O dinheiro some rápido. Saber disso não se torna menos doloroso conforme você envelhece, e é pior quando você tem que aprender ainda muito nova. A beleza da infância é não compreender completamente o custo de vida; a comida aparece na geladeira, tem um telhado acima da cabeça porque todo mundo tem e a eletricidade deve ser algum tipo de bruxaria, tipo saída de *Harry Potter*, porque quem poderia botar preço na luz? Talvez você nem acredite em magia. É que nunca precisou pensar no assunto antes. Mas, um dia, você descobre que estava andando no fio da navalha o tempo todo.

– O-obrigada – eu digo para ele.

Quando saio, a Cat não está em lugar nenhum, mas a fila atrás do meu carro parece bem irritada. Entro e levo o carro até uma vaga, e é nessa hora que percebo que tudo dela sumiu do banco do passageiro.

– Que porra é essa – eu murmuro.

Eu saio do carro. O lugar parece mais movimentado do que um segundo antes, com gente entrando e saindo da loja.

Eu junto as mãos em volta da boca.

– C-Cat?

Algumas cabeças se viram para mim, mas nenhuma é dela. Corro até os banheiros, e uma placa na porta diz para pedir a chave do lado de dentro... mas a Cat não fez isso. Ela saiu do carro, foi para trás do prédio e, agora... sumiu.

A parte de trás do posto é virada para uma ladeira íngreme em direção a um campo de flores. Prolonga-se por um quilômetro e meio até a rodovia. Não tem ninguém que eu consiga ver. Meu peito se aperta. Aconteceu alguma coisa? Alguém...

Alguém a levou?

Eu olho para trás, meu coração vibrando, a pele arrepiada. Imagino Cat, uma garota que eu nem conheço, se vendo aqui, tentando abrir a porta. Ela vê que precisa da chave. Ela precisa da chave e iria buscar, mas tem alguém atrás dela, alguém aparece atrás dela e...

Não.

Para.

Eu me lembro da busca desesperada pelos lugares mais solitários e vazios de Cold Creek, gritando o nome da Mattie de forma perfeita e sólida, esperando o momento em que a minha voz seria interrompida, porque ser interrompida significaria que eu não estava sozinha, que ela tinha voltado.

Foi a única vez na vida que eu quis gaguejar.

Fiquei chamando o nome dela, fiquei procurando. Eu não podia me permitir parar de procurar, também não podia me permitir chorar, porque nunca na vida eu correria o risco de chorar em um lugar em que a Mattie poderia me ver, porque, para a Mattie, eu devia ser forte.

Eu me lembro do momento em que finalmente cedi, em que não tinha mais força para ir contra a realidade. Deixei as lágrimas caírem e, logo em seguida, recebi uma mensagem de texto da May Beth.

A polícia está aqui. Você tem que voltar.

Uma mulher passa por mim e me assusta.

– Licença – murmura enquanto abre a porta do banheiro.

Ela está com uma chave na mão.

Onde a Cat foi parar? Corro até a frente do posto e empurro a porta com mais força do que pretendia. O sino enlouquece. A cabeça do homem de cabelo branco se vira, alarmada.

– Vo-você vi-viu uma g-garota? – eu perguntei. – Ela estava co-comigo. N-não estou co-conseguindo encontrar ela. – Ele franze a testa. – Ela era l-loura, ca-cabelo ca-cacheado...?

Ele estala os dedos.

– Eu não sabia que ela estava com você. Eu vi. Ela pegou carona com um cara num caminhão amarelo. Pararam lá fora quando você estava aqui dentro.

Eu dou um passo para trás.

– Tu-tudo bem. Obrigada.

– De nada.

Ando até o carro, e o pânico dentro de mim vira um constrangimento confuso.

Eu levo os dedos aos lábios.

A Cat me largou.

Na verdade, não ligo.

A gente nem era...

Não é...

Quando volto para o carro, percebo que o banco de trás está com uma bagunça diferente daquela que havia quando peguei a Cat.

Ela remexeu nas minhas coisas, procurando... o quê?

Abro a porta e vejo sangue. Minha camisa manchada tirada do lugar onde a enfiei, embaixo do banco, agora enrolada no tapete, a faca ao lado. Eu bato

a porta e volto para o lado do motorista.

Espero que a pessoa com quem ela pegou carona não seja pior do que eu.

AS GAROTAS

T1E4

WEST McCRAY:

Cat Mather mora em Topeka, Kansas.

Ela já foi uma garota desaparecida.

A primeira coisa que descubro quando jogo o nome dela no Google são postagens públicas desesperadas no Facebook da tia materna dela, Sally Quinn, perguntando sobre o paradeiro da sobrinha. Essas postagens têm quase dois anos. Pouco tempo depois de escrevê-las, Sally informa os amigos para parar as buscas; essencialmente, Cat se divorciou da família e não quer saber de mais ninguém e pronto. Ela é só uma fugitiva.

Cat é, em vários aspectos, o que eu esperava que a Sadie fosse. Inquieta, impetuosa, dramática. O perfil dela no Facebook é cheio de fotos com a língua para fora, o cabelo pintado de cores fortes e ousadas. Ela costuma usar camisetas com o logo da anarquia. Ou, pelo menos, costumava. Isso foi quando ela estava em casa compartilhando atualizações de status com alusões não muito sutis à infelicidade pessoal dela. *Foda-se essa família*, diz uma. *Parem o planeta, eu quero descer*, diz outra. Ela foi embora pouco depois dessa última e passou dois anos indo de um lugar a outro, até alguns meses atrás, quando foi pega atrás do volante de um carro roubado.

Agora, ela mora com a Sally e aguarda a data de comparecimento ao tribunal.

Primeiro, Cat não quer saber de falar comigo. A privacidade é importante para ela, e ela não ficou animada com a ideia de sua história criminal ser compartilhada com o mundo. Quando expliquei para Cat sobre a Sadie e sobre o cartão de crédito que encontramos no carro, ela ficou mais disposta a falar.

CAT MATHER:

É, eu fiquei com ela por um tempinho. Ela me deu carona. Mas ela me deu um pouco de medo. Sei lá.

WEST McCRAY:

Cat Mather é assim agora: uma mulher branca de vinte e três anos, com rosto simples e despretensioso que quase contradiz os atos que a botaram nessa confusão. A tia dela, Sally, me recebe na porta. Sally é uma morena simpática de meia-idade, que faz um breve resumo da família Mather no nosso trajeto curto até a sala, onde a sobrinha está esperando.

SALLY QUINN:

Ela é filha da minha irmã. Elas não se falam há muito tempo. Problemas familiares. É horrível. Cat desapareceu quando tinha dezenove anos. Tive esperanças de que esse... aborrecimento fosse ajudar as duas a se reconciliarem, mas não aconteceu. Mas, talvez, aconteça. Espero de verdade, porque o pai da Cat...

CAT MATHER:

Ei, Sal. Será que você pode deixar alguma coisa pra eu dizer?

SALLY QUINN:

[RISADAS] Aqui está ela.

Boa sorte.

WEST McCRAY:

Assim que Sally sai, Cat deixa uma coisa clara rapidamente.

CAT MATHER:

Estamos aqui pra falar da Sadie e só. Entendeu?

WEST McCRAY:

Está certo. Uma coisa que me chamou a atenção quando falei com você foi que, quando eu perguntei se você conhecia a Sadie, você disse *sim* na mesma hora. Ela tem usado outros nomes com as outras pessoas, mas foi verdadeira com você quando vocês se conheceram. Ela disse o nome real.

CAT MATHER:

Que nome ela disse para as pessoas?

WEST McCRAY:

Lera. Como seu cartão de crédito foi parar no carro dela?

CAT MATHER:

Ele estava na minha bolsa. Eu tinha para as emergências, mas preferia usar dinheiro. Eu devo ter deixado o cartão cair quando estava com ela.

WEST McCRAY:

Ela não usou.

CAT MATHER:

Ela nem teria conseguido. Eu percebi logo que tinha perdido. E bloqueei.

WEST McCRAY:

Me conta como vocês duas se conheceram.

CAT MATHER:

Nós duas estávamos saindo da cidade de Montgomery ao mesmo tempo. Eu pedi carona e ela parou pra mim.

WEST McCRAY:

Você sabe o que ela foi fazer em Montgomery?

CAT MATHER:

Não.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Montgomery é uma cidadezinha de cartão-postal.

Na verdade, é uma cidade até grande, mas é o que Danny gosta de chamar de lugar pitoresco. Vocês sabem como é, daquele tipo que faz a gente sonhar em viver lá. Lembram quando eu disse que Cold Creek não era bem o sonho americano? Bom, Montgomery é. É uma cidade universitária linda e encantadora, com economia próspera, movimentada amplamente pela população de estudantes e de *baby boomers* ricos que querem viver a aposentadoria sugando a energia dos jovens. Se vocês não estiveram lá, deveriam ir conhecer. Se for longe demais, deem uma olhada nos filmes *Ame quem está ao seu lado*, *Um belo dia de outono* e *Nossa última dança*. Foram gravados lá.

CAT MATHER:

Ela queria sair de lá. Eu percebi, porque eu também queria. Lugares assim, lugares que são tão lindos que não parecem reais, sabe? As piores coisas que você puder imaginar acontecem lá. E não estou errada. Você viu o noticiário?

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Recentemente, Montgomery foi assolada por um escândalo grotesco envolvendo um dos pilares da comunidade.

Silas Baker é, ou pelo menos *era*, um empresário local bem-visto, que fazia parte do sucesso econômico de Montgomery. Ele investiu na explosão da legalização da maconha para usos recreativos, ganhou uma fortuna e investiu novamente em sua cidade. Ele é dono de algumas lojas de departamentos, de um bar chamado Cooper's e do mercado local, e tem investimentos em vários outros negócios populares na cidade. Por isso, ele ganhou o prêmio de Cidadão de Bem de Montgomery seis anos atrás.

Há alguns meses, ele foi preso por abuso sexual das crianças que treinou em um time de tee-ball nos últimos sete anos. Essas crianças iam de cinco a oito anos de idade.

CAT MATHER:

...Acho que ela sentiu pena de mim porque estava chovendo canivete. Eu não conseguia ver um metro à frente e estava encharcada. Ela foi mais devagar quando passou por mim e acabou parando. Era um carro preto, acho que um Chevy.

WEST McCRAY:

É, era esse o carro que ela estava dirigindo.

CAT MATHER:

Ela me perguntou se eu era psicopata, e eu perguntei se ela era, e, depois que falamos isso, eu entrei no carro. Ela tinha gagueira. Estava meio esquisita. Mas não por causa da gagueira, não é isso que eu quero dizer.

WEST McCRAY:

O que você quer dizer?

CAT MATHER:

Parecia que alguém tinha arrebitado a cara dela. O nariz estava inchado, o olho estava meio roxo, o queixo estava ralado. Acho que deve ter sido naquele dia, porque foi piorando ao longo do tempo que estive com ela.

WEST McCRAY:

Ela contou o que aconteceu?

CAT MATHER:

Ela disse que caiu, mas, obviamente, era mentira.

WEST McCRAY:

Então vocês conversaram.

CAT MATHER:

Bom, a gente conversou. É um pouco constrangedor entrar em um carro com uma pessoa estranha. A gente tem que preencher o silêncio. Ela me contou que estava fazendo uma viagem de carro e que estava indo buscar a irmãzinha para ir junto com ela.

WEST McCRAY:

A irmã Mattie, que tinha sido assassinada oito meses antes.

CAT MATHER:

E, se eu soubesse disso, talvez não tivesse entrado no carro, porque isso me parece coisa de psicopata. Não que eu tenha ficado tanto tempo assim com ela, no fim das contas.

WEST McCRAY:

O que ela disse sobre a Mattie?

CAT MATHER:

Bom... ela disse que elas eram irmãs e que ela era mais velha, e que a Mattie era um saco, e só isso. Mas percebi que ela ficou incomodada. Fiquei pensando que elas podiam ter brigado e estavam tentando fazer as pazes. Mas nunca achei que a garota estivesse *morta*.

MAY BETH FOSTER [TELEPHONE]:

Ela falou como se a Mattie ainda estivesse viva?

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Foi isso que a Cat disse.

MAY BETH FOSTER [TELEPHONE]:

Tem certeza? Foi isso que a garota disse? A Sadie falou sobre a Mattie como se ela estivesse viva? Ela falou sério? A Sadie realmente estava achando isso?

WEST McCRAY [TELEPHONE]:

Pode ser que sim, pode ser que não. Pode ter sido uma coisa que ela estava dizendo pras pessoas. Nem todo mundo conta a própria história de vida pros estranhos, May Beth.

MAY BETH FOSTER [TELEPHONE]:

Mas, e se ela acreditar nisso?

CAT MATHER:

Nós estávamos viajando e o tempo foi ficando cada vez pior, e nós derrapamos...

WEST McCRAY:

Vocês derraparam?

CAT MATHER:

A chuva ficou forte e o carro derrapou, girou e foi parar no meio da estrada. Não aconteceu nada com a gente, mas o tempo não estava melhorando, e a gente decidiu parar até melhorar, e, hã, ela não estava conseguindo ficar de olhos abertos depois disso. Tipo, foi quase instantâneo. *Bam*, de repente. Achei que ela podia estar drogada.

WEST McCRAY:

Certo, então você disse que parecia que a Sadie tinha levado um soco na cara, e, aí, ela perdeu o controle do carro e não conseguia ficar com os olhos abertos. Em nenhum momento passou pela sua cabeça que ela podia estar ferida? Que podia estar com uma concussão?

CAT MATHER:

Não passou, não. Eu só... achei que ela estava drogada. Assim que ela apagou, eu comecei a procurar no carro só pra ter certeza, sabe...

WEST McCRAY:

Procurar drogas?

CAT MATHER:

É, eu estava procurando drogas. Queria saber em que estava me metendo. Não me olha assim.

WEST McCRAY:

Não estou olhando pra você de nenhum jeito, Cat.

CAT MATHER:

Eu não ia roubar nada da garota, tá? Já peguei *muita* carona por aí. A gente tem que estar preparada pra todo tipo de coisa. Tem que estar.

Uma vez peguei carona com um cara e tive um pressentimento. Ele parou num lugar, e eu procurei no carro e encontrei uma corda e uma chave de fenda debaixo do assento dele, e não estou de sacanagem, a chave de fenda parecia ter sangue seco. Não tenho como saber qual é a intenção da pessoa

quando eu entro num carro, mas, se tiver uma oportunidade de descobrir, eu aproveito.

WEST McCRAY:

O que você encontrou?

CAT MATHER:

Ela tinha uma camiseta completamente *coberta* de sangue. Estava na parte de trás do carro. Tinha também uma faca retrátil no chão, as duas coisas devem ter escorregado de debaixo do banco quando a gente derrapou.

WEST McCRAY:

Você tem certeza de que o que viu na camiseta era sangue?

CAT MATHER:

Eu sei como é sangue! Mas é que... podia ser dela, podia ser de outra pessoa. Mas a faca também? Estava de um jeito que parecia que ela estava escondendo, esse foi o problema. E, aí, comecei a achar que tinha me metido em uma roubada.

WEST McCRAY:

Você não perguntou pra ela?

CAT MATHER:

Essa pergunta é bem burra.

É que... ela parecia *legal*, sabe? Não tive pressentimento ruim com ela como tive com o cara. Mas a camiseta... se você tivesse visto, entenderia. Estava completamente coberta de sangue.

Eu fiquei no carro, pensando o tempo todo que devia sair, fiquei indecisa o tempo todo, até que ela finalmente acordou. Foi tipo uma hora depois que ela dormiu. Aí, segui com ela até chegarmos a um posto. Eu estava indo pra uma cidade chamada Markette, ainda estava longe, mas eu não podia... mesmo ela *sendo* legal, eu não podia correr o risco. Então, fugi dela no posto. Fiquei me sentindo meio mal, mas a gente faz o que precisa pra sobreviver.

WEST McCRAY:

Seria demais esperar que você soubesse pra onde ela estava indo?

CAT MATHER:

Na verdade, eu sei. Ela precisou que eu pesquisasse o caminho de um lugar no meu celular. Eu anotei pra ela e nunca tirei da cabeça.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Ela está procurando o pai.

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

Certo.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

E tenho dois relatos diferentes de testemunhas que dizem que ela tinha uma faca retrátil. Caddy disse que a Sadie o ameaçou com a faca. Cat encontrou a faca no carro dela.

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

Você falou que ela estava machucada.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

É, ela se machucou em Montgomery. O que aconteceu lá? O que tem o pai dela que a fez ir a esses lugares? E por que ela se armou? E como acabou ficando com o que parece um nariz quebrado e um olho roxo? [PAUSA]

Teve uma coisa no encontro com a Cat...

DANNY GILCHRIST [TELEFONE]:

O quê?

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Foi difícil articular para o Danny o que eu senti naquela ocasião. Eu não conseguia parar de pensar na Cat; que, se fosse *ela* que eu estivesse procurando, se fosse a tia dela quem tivesse me ligado pedindo ajuda, era ali que a história terminaria: eu sentado em frente a ela, em uma sala, com ela se recusando a falar. Mas não tinha como terminar ali, não de verdade, porque também era a Cat que ia parar nos carros com homens estranhos e chaves de fenda ensanguentadas só pra fugir do que a assombrava em casa. E tem a Sadie no carro dela, o rosto machucado e marcado. De repente, e meio tarde, pareceu real demais, as coisas pelas quais aquelas garotas tinham passado, o que pode acontecer com garotas desaparecidas. Eu não gostei disso. Mas não consegui dizer em voz alta pra ele na ocasião. Então, só mudei de assunto.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Deixa pra lá.

Tudo bem, então, a gente sabe que a Sadie não ficou em Montgomery, e eu sei onde ela foi parar. Pra onde você acha que eu devia ir primeiro?

Montgomery ou Langford? Espera, estou recebendo outra ligação.
Alô.

MAY BETH FOSTER [*TELEPHONE*]:
A Claire voltou.

sadie

Cheguei a Langford.

Quatro da manhã.

A primeira coisa que vejo é um Laundromat vinte e quatro horas e decido que só pode ser um sinal. Eu paro. Estou quase desmaiando, mas preciso disso, de um passo para me sentir mais humana. Meu rosto sente o tipo de dor que é quase doentia na sua persistência, e, quando olho no espelho, fico pensando se devo ir a uma farmácia comprar algum tipo de maquiagem para esconder os ferimentos e não assustar as pessoas. Mattie sabia mais sobre maquiagem do que eu. Uma vez, quando ela tinha onze anos, eu a peguei no banheiro com delineador líquido preto fazendo um olho de gatinha perfeito. Falei para ela que não queria ver aquela merda na cara dela até ela fazer treze anos e não sei por que criei aquela regra. Era tão ruim para ela? Pareceu uma coisa que uma mãe diria, então, me obriguei a dizer, mas o que eu realmente queria era perguntar como ela tinha feito e se podia desenhar aquelas linhas perfeitas nas minhas pálpebras.

Entro no Laundromat. Tem uma velha atrás de uma bancada, e ela parece estar se mantendo viva por força de vontade. Entrego uma cédula para ela, e ela tosse na mesma mão com a qual me passa o troco e o sabão em pó.

As máquinas são velhas. Coloco as moedas de vinte e cinco centavos nos buracos e nem me dou ao trabalho de separar as roupas. Sento em uma das cadeiras duras de plástico, ouvindo o barulho, e olho para a mulher, que ainda está me observando. Não tenho do que reclamar, considerando a minha aparência.

– P-pode me di-dizer o que tem na rua T-Twining, 451?

Ela inclina a cabeça para o lado, pensando, e diz:

– Não é o Bluebird, é?

Não sei o que é o Bluebird, mas ela pega o celular, faz sinal para que eu me aproxime e mostra uma foto borrada de um motel com várias críticas

ruins embaixo.

Um dos últimos namorados da minha mãe foi o Paul.

Ele tinha um metro e noventa e sete e era denso no corpo e na cabeça. Os braços e as pernas pareciam cotocos de árvores, e as mãos eram grandes demais para segurar. Eu não ligava para o Paul porque ele não estava nem aí para a Mattie e para mim. Se tínhamos que conviver no mesmo trailer apertado, tudo bem. Ele não agia como se estivessemos atrapalhando e, mesmo quando estávamos, não tinha problema. Poucas coisas irritavam o Paul, e acho que foi por isso que ele durou tanto tempo. Mas o Paul... ele não falava muito. Não por não ser capaz, mas porque não queria. Quando estava perto do Paul, eu observava embevecida as pessoas com as quais ele se cercava fazendo monólogos sem esperar nada em troca. Era inconfundível o jeito como elas olhavam para ele. Elas o *respeitavam*. Paul me ensinou que uma pessoa comprometida com o silêncio pode emanar importância, força. Desde que seja homem, claro. Não é uma opção quando você é uma garota, a não ser que você queira que as pessoas te achem uma vadia.

Eu queria poder ser uma sem falar.

Estou sentada no carro em frente ao Bluebird, a alguns quilômetros do Laundromat, minha pilha de roupas esfriando no banco de trás. Bato com os dedos no volante. O Bluebird. Não tem pássaro nenhum por perto, como sugere o nome, mas tem uma placa de À VENDA em frente a \$39,99 POR NOITE, SEM WI-FI.

Está velho, precisando de um revestimento novo, telhado novo... tudo novo. Estou estacionada em frente à recepção e vejo pela janela. Tem um homem idoso assistindo a uma televisão presa na parede, de costas para mim. Um filme em preto e branco.

Eu apoio a cabeça no volante.

Cadê você, Keith?

Saio do carro com a bolsa pendurada no ombro e, quando me viro para o Bluebird, o homem na recepção não está mais hipnotizado pela televisão. O sujeito se virou para a janela e olha para mim de um jeito que me faz pensar se ele me reconhece, se, um dia, meses atrás, ele procurou alguma coisa para assistir na televisão e meu rosto apareceu no noticiário e nunca saiu da cabeça dele. E, agora, aqui estou eu.

Eu atravesso o estacionamento. Assim que entro, ele diz:

– Você demorou.

Ele parece bem mais novo de perto. Deve ser grisalho prematuro, eu acho. Mas não pode ter mais de cinquenta anos. Ele tem uma pele morena clara e tatuagens nos braços e nas pernas, que desaparecem nas barras do short azul. A voz é afetada, com um tipo de afetação que demonstra fingir que somos amigos.

– Q-queró du-duas n-noites.

Ele boceja.

– Claro.

Afasto o olhar dele para a televisão atrás. É tão velha que muda de canal com um botão giratório. Está passando um filme da Bette Davis. O rosto pequeno e bonito e os olhos grandes e redondos dominam a tela. *Vitória amarga*, eu acho. Gostava desse. De vez em quando, a Mattie e eu passávamos fins de semana com a May Beth, e assistíamos aos clássicos em um dos três canais que ela tinha. Os da Bette Davis eram os meus favoritos. A Bette Davis é a minha favorita.

Na lápide dela, está escrito: *Ela fez do jeito mais difícil*.

– Só preciso de um documento pra deixar tudo pronto.

Eu afasto o olhar do filme e volto a atenção para ele.

– O q-quê?

– É a idade. Não posso alugar um quarto se você for menor.

– M-mas eu t-tenho d...

– Deixa o documento dar a informação. – Ele sorri. – Senão é capaz de a gente passar a noite toda aqui.

Eu o odeio.

– É a regra – acrescenta ele, na mesma hora em que a televisão estala. A tela fica branca e a estática faz barulho nos alto-falantes, alto demais. – Ah, mer...

Ele se controla antes de emitir a sílaba final e se vira, a mão erguida para consertar o aparelho com um tapa. Olho para a parte de trás da cabeça dele e fico pensando se conhece Keith. Se aqui for um lugar onde o Keith é *Keith*, afinal. Talvez ele seja Darren aqui. Ou, talvez, aqui seja um dos lugares onde se sente seguro para usar o nome real. Talvez ele seja Jack.

– V-você c-conhece D-Darren M-Marshall?

Ele se vira, surpreso.

– Conheço.

Às vezes, eu dou sorte.

– L-legal. – Eu faço uma pausa. – Ele é a-amigo da m-minha fa-família. Me d-disse que eu p-podia vir se estivesse por p-p-perto.

– Ora, olha só... pois é, o Darren é um bom amigo meu. O que você disse que queria? Duas noites? Solteiro ou casal?

– Solteiro.

– Dou cinco por cento de desconto. Qualquer amigo do Darren...

– Ele e-está por a-aqui? N-não v-vejo ele t-tem t-tempo.

– Não, agora não. Mas não deve demorar pra ele aparecer. Você sabe como é.

Mas não sei. Ele boceja de novo, me faz assinar pelo quarto (*Lera Holden* assina), pega meu dinheiro e me dá um cartão magnético.

– Quarto doze – diz ele. – O penúltimo na última ala.

– O-obrigada.

– Sabia que na época do meu pai as freiras achavam que dava pra acabar com isso aí com uma surra?

Ele ri. Está falando da minha gagueira. Eu olho para ele até ele ficar vermelho e procurar alguma coisa para dizer, mas não tem nada que ele possa dizer para voltar atrás.

– Tenha uma boa noite. – É isso que ele decide dizer.

É o tipo de motel que faz você sentir cada um dos seus segredos. O preço da estada é o quanto você está disposto a viver consigo mesmo. Isso é quase oitenta dólares. Fecho a porta depois que entro, fecho a cortina, tranco a porta e, depois disso, encosto a cabeça nela, porque ter quatro paredes em volta de mim me permite liberar a tensão de músculos cansados e doloridos. Eu me deixo me perder na minha própria dor. Mas só por um segundo.

Em seguida, me viro e observo meu novo ambiente.

Tem um cheiro de química no ar que não é capaz de disfarçar o calor dentro do quarto. Um papel de parede manchado, bege e com estampa de flores, tenta passar uma ideia de doçura, e fracassa. A cama é coberta por um edredom verde sem vida. Tem uma televisão antiga, também com um botão de canais, em cima de uma cômoda de madeira com beiradas lascadas. Uma mesinha vermelha com cadeiras de plástico. O carpete é de um vinho-escuro e pontinhos roxos, felpudo em algumas partes, gasto em outras. Tiro os tênis e dobro os dedos nas meias sobre o carpete áspero. Daqui, vejo os azulejos

verde-água no banheiro e uma parte do chuveiro.

E nada de pássaros azuis.

Mas um banho seria bom.

Levo uma muda de roupas limpas para o lavabo, onde fico nua e abro a torneira, que não fica tão quente quanto eu preciso; passo o tempo todo tremendo, mas é tão melhor estar limpa. Ou o mais limpa que eu consigo ficar aqui. Tem mofo nos azulejos e uma mancha em volta das beiradas da banheira. Esfrego a barrinha de sabonete de motel no corpo todo, ensaboo o cabelo. Tenho vontade de chorar de tão gostoso que é. Não é perfeito, mas é bom. Quando termino, visto uma camiseta e paro na frente do espelho acima da pia. Encosto os dedos na pele sensível do rosto, dou um gemido por causa do meu reflexo, com o olho roxo e o nariz inchado.

Apago a luz do banheiro e cambaleio até a cama, entro embaixo do cobertor. O edredom é pesado e o lençol embaixo é áspero. Meus olhos se fecham, e sinto o vazio ao meu redor, uma coisa em que finalmente posso cair.

Mas uma pequena parte de mim não relaxa.

Não sei quanto tempo fico naquele lugar intermediário, mas ouço o clique de uma porta se abrindo. Percebo a ameaça lentamente, e, mesmo ao fazê-lo, parece que não consigo despertar. E, então, os sons baixos de alguém atravessando o quarto. Sinto o afundar suave do colchão quando ele se senta.

A mão dele toca meu tornozelo.

– Sadie. Sadie, garota... só vim ver se você fez suas orações. – A voz é baixa e cantarolada, nem bem um sussurro, nem bem uma cantiga. Fico de olhos fechados, a respiração regular. – Ah, você dormiu. Tudo bem, então. – Ele dá um suspiro pesado. – Acho que vou ver se a Mattie fez as orações dela.

Abro os olhos.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 5

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

Chego em Cold Creek na madrugada escura. Só espero encontrar Claire em um horário mais agradável do dia – afinal, não é decente visitar uma pessoa antes das nove da manhã –, mas May Beth me liga assim que coloco as malas no chão e me diz, com essas palavras: “Vem pra cá agora”. Quando chego no trailer, escuto as duas brigando do lado de fora.

[SOM ABAFADO DA VOZ DE DUAS MULHERES]

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

É quase impossível compreender que a Claire está de volta. Quero falar com ela, ver o que essa mãe tem a dizer. Eu só ouvi um lado da história, e quem me contou não era uma grande fã dela. Mas a Claire...

[SOM DE PORTA ABRINDO E BATENDO]

MAY BETH FOSTER:

Ela não quer falar com você e não mudou nada.

WEST McCRAY:

O que isso quer dizer?

MAY BETH FOSTER:

Continua egoísta como sempre.

WEST McCRAY:

Eu gostaria muito de falar com ela, May Beth. Essa pode ser nossa chance de conseguir uma pista sobre o Darren.

MAY BETH FOSTER:

Vou lá daqui a pouco. Agora, ela está fumando.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

May Beth me conta que estava se preparando para dormir quando olhou pela janela e viu uma luz no quarto da Mattie. Seu primeiro pensamento foi *Sadie*. Não era a Sadie. Era a Claire, encolhida na cama da Mattie. Ela quebrou os cadeados para entrar. Quando a May Beth volta para a tentativa número dois, só escuto o furioso aumento do volume entre elas. A noite está fria. As estrelas estão espetaculares. Não as vejo muito em Nova York, e fico pensando se os residentes de Cold Creek estão tão acostumados com a vista que também acabam não reparando. Acabo esperando quase duas horas até a Claire finalmente sair.

CLAIRE SOUTHERN:

Então, você é o repórter que a May Beth mencionou.

[TEMA DE AS GAROTAS]

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Claire Southern não é o que estou esperando.

Ela está limpa de drogas, para começar, e é uma das primeiras coisas que ela me diz. Logo no primeiro olhar, pode ser verdade. Ela está diferente das fotos que eu vi. Ganhou peso, bastante, até. A pele está de um rosado saudável e os olhos estão alertas. O cabelo está comprido, abaixo dos ombros, brilhante. Ela fuma sem parar, o único vício que não consegue largar. Ela se recusa a entrar no trailer da May Beth para sentar e conversar. Quer ficar de pé na escuridão, onde vai pensar nas minhas perguntas e, se eu tiver sorte, vai responder. May Beth fica parada à porta de tela, aparecendo e sumindo lá dentro, nos ouvindo, mas acho que ela não sabe que nós sabemos.

CLAIRE SOUTHERN:

O único motivo pra eu estar falando com você é porque, eu já entendi, a May Beth não quer que eu fale. E se a única pessoa que falou de mim foi ela... bom, posso imaginar as merdas que ela disse.

WEST McCRAY:

Até onde a May Beth sabia, você estava usando drogas e sumiu.

CLAIRE SOUTHERN:

Quando eu soube que a Mattie... quando soube que a minha menina tinha

morrido em outubro, eu tentei me matar. Tentei ter uma overdose. Eu só queria estar com a minha filhinha. Mas não deu certo. Concluí que era um sinal. Um amigo me ajudou a encontrar uma clínica de reabilitação, daquelas bem radicais. Não era o melhor dos lugares, mas deu certo. Até agora, eu não recaí.

WEST McCRAY:

May Beth disse que encontrou você no quarto da Mattie.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu tenho direito.

WEST McCRAY:

Como você soube que a Mattie morreu?

CLAIRE SOUTHERN:

Eu ouvi na televisão. Foi um... um amigo meu que me mandou ligar a televisão.

WEST McCRAY:

Você sabia que a Sadie estava desaparecida?

CLAIRE SOUTHERN:

Soube hoje.

WEST McCRAY:

Por que você só voltou agora se já sabia que a Mattie estava morta e sabia que a Sadie estava aqui sozinha?

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Claire me surpreende nessa hora. Ela começa a chorar, e lhe parece ser preciso usar toda a força de vontade para permanecer onde está. Ela parece ter vontade de sair correndo. Mas não sai. Só que demora até conseguir falar.

CLAIRE SOUTHERN:

Por que acha que eu me limpei? Você mesmo disse: a Mattie estava morta. Eu sabia que a Sadie estava aqui sozinha. E queria ficar com ela.

WEST McCRAY:

Você ama sua filha?

CLAIRE SOUTHERN:

[PAUSA] Sadie merece ouvir a resposta a essa pergunta mais do que você, e você não tem o direito de me perguntar.

WEST McCRAY:

O carro dela...

CLAIRE SOUTHERN:

Ela comprou um carro?

WEST McCRAY:

Pouco antes de ela sair de Cold Creek, comprou. Isso foi em junho. Um mês depois, foi encontrado abandonado em Farfield com todos os pertences dela dentro. Sadie não foi encontrada.

Farfield tem algum significado pra você?

CLAIRE SOUTHERN:

Não.

WEST McCRAY:

Estamos tentando descobrir a importância de lá. May Beth me procurou pedindo ajuda. Estou tentando encontrar a sua filha.

CLAIRE SOUTHERN:

Por quê?

WEST McCRAY:

Por que o quê?

CLAIRE SOUTHERN:

Por que você está procurando ela?

[PORTA ABRINDO]

MAY BETH FOSTER:

Meu Deus, Claire.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu sabia que você não ia conseguir ficar fora disso. *[PARA WEST]* O que quero dizer é por que *você* está procurando ela?

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Antes que eu possa responder, May Beth entra na frente da Claire. Ela está balançando na mão o cartão-postal que a Claire mandou de Los Angeles.

MAY BETH FOSTER:

Pra que mandar isto se você não ia voltar, hein? *Pra quê?*

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Claire pega o cartão-postal e aperta os olhos para ler no escuro. Depois de um longo momento, o rosto dela se transforma. Ela começa a chorar de novo.

MAY BETH FOSTER:

Sabe como a Mattie ficou depois que você foi embora? Ela *chorou* por você...

CLAIRE SOUTHERN:

Não, não, não, você já teve seu tempo de falar e agora é a minha vez...

MAY BETH FOSTER:

Ela chorou por você. Chorou por você todos os dias e todas as noites. Não queria comer, não queria dormir. Ela teve pesadelos... Quando recebeu o cartão-postal, foi como se uma luz... foi como se uma luz tivesse se acendido. Ela tinha alguma coisa pela qual viver. Mas ela queria *você*. Aham que a Mattie entrou em uma picape com um assassino porque ela queria ir até *você*.

CLAIRE SOUTHERN [PARA WEST]:

Manda ela pra dentro. Agora.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Demoro um tempo pra persuadir a May Beth a voltar pra dentro do trailer. Claire está agitada e se recusa a falar até fumar dois cigarros, com lágrimas silenciosas descendo pelo rosto.

CLAIRE SOUTHERN:

Sabe o que todo mundo gosta de esquecer sobre mim?

Eu era uma criança. Era uma criança quando me meti naquela merda toda. Eu era uma *criança* viciada. Era uma criança quando tive a Sadie. E a minha mãe... a minha mãe estava morrendo. Eu era uma criança para aquilo também. Eu fiquei órfã. Não estou dando desculpas, mas não entendo por que a Sadie seria nova demais pra tudo que eu fiz ela passar, porque eu... eu tinha idade suficiente pras merdas todas que aconteceram na minha vida. Assim que ela nasceu, a May Beth arrancou a Sadie dos meus braços e começou a virar ela contra mim. Partiu meu *coração*. E eu deixei acontecer porque eu era uma criança e estava na merda e não conhecia outro jeito de ser. Minha

mãe estava morta. Não havia ninguém. A Sadie me odiava, e eu só podia permitir. E, aí, a Mattie veio, e... a Mattie me amava.

WEST McCRAY:

Claire, você conhece um Darren M...?

CLAIRE SOUTHERN:

O quê?

WEST McCRAY:

Conseguí refazer muitos dos passos da Sadie de Cold Creek até Farfield. Ainda não acabei, mas estou chegando lá. Até agora, parece que ela estava procurando um homem que ela alega ser o pai dela. Ela está dizendo pras pessoas que o nome dele é Darren. Ele existe, mas também não consegui encontrá-lo ainda.

CLAIRE SOUTHERN:

Então, pra que você serve?

WEST McCRAY:

Se não é o Darren, quem é o pai da Sadie?

CLAIRE SOUTHERN:

Não sei.

[PAUSA]

Acho que cheguei ao meu limite por hoje.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Claire pede licença uma última vez e se entoca no quarto extra da May Beth. Não vou arrancar mais nenhuma informação dela por enquanto. May Beth se junta a mim do lado de fora um pouco depois. Ela estava chorando e se esforça para fingir que não estava.

WEST McCRAY:

Como a Sadie ficou depois que a Mattie desapareceu?

MAY BETH FOSTER:

O quê?... Como era de se esperar. Desesperada.

WEST McCRAY:

Eu quero saber depois. Depois que encontraram o corpo da Mattie.

MAY BETH FOSTER:

Ela não queria voltar ao trailer enquanto não a encontrasse. E metade do tempo que ficou no meu, eu encontrava ela aqui fora, bem onde nós estamos agora, e... acho que ela não dormiu em nenhum momento. Ela estava fora procurando a Mattie quando a polícia veio dar a notícia, e não consigo descrever como foi ver ela ir... até eles. Dois policiais, estavam esperando. E, quando eles contaram, ela... Desculpa.

WEST McCRAY:

Tudo bem.

MAY BETH FOSTER:

Ela desabou. Parece dramático, mas não foi assim. Ela não saiu gritando e chorando nem nada, foi como se o corpo dela não conseguisse aguentar o peso. Foi quase como ver uma pessoa ser puxada pra baixo da água, ser levada. Depois ela foi pra casa dela e não queria sair, e eu fui covarde. Eu deixei ela em paz durante... dias, porque não queria ver na cara dela. Eu não sabia se aguentaria.

Quando finalmente eu tive coragem de ir até lá, a Sadie estava no sofá, e eu a alimentei, limpei o rosto dela, penteei o cabelo dela e coloquei aquela garota na cama. E, quando acordou, a Sadie estava... lá. Mas alguma coisa dentro dela tinha sumido. Eu não conseguia mais me comunicar com ela. Em nenhum outro dia depois daquilo eu consegui me comunicar com a minha menina.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Dá pra ouvir o desespero na lembrança. Mas, agora, quero que vocês imaginem isso dito para o universo, pras milhões de estrelas silenciosas no céu.

MAY BETH FOSTER:

Eu odeio a Claire. Sei que não é cristão da minha parte, mas odeio mesmo.

WEST McCRAY:

Vou ter que pedir pra você ficar com ela. Tem outras coisas que preciso conversar com ela quando ela estiver disposta. E me liga se acontecer qualquer coisa. Você pode fazer isso por mim?

MAY BETH FOSTER:

Acho que posso, mas que Deus nos ajude.

Pra onde você vai agora?

WEST McCRAY:

Pra um lugar chamado Langford.

MAY BETH FOSTER:

O que você acha que vai encontrar lá?

sadie

Uma luz fraca entra pelas persianas. O quarto vai se definindo aos poucos.

Acordar no banco de trás noite após noite nunca dá essa sensação estranha e solitária. Pelo menos eu sei o que tenho que fazer quando acordo: ir para o banco da frente. Dirigir. Procurar o Keith. Mas isso, o travesseiro macio embaixo da cabeça, o colchão de molas meio confortável embaixo do corpo, o peso tranquilizador das cobertas em cima, isso tudo me lembra de estar em casa e de todas as coisas que não estou fazendo e que nunca mais vou fazer. Ir nas pontas dos pés até o quarto da Mattie, acordá-la devagar. Dez minutos depois, se ela não tiver saído da cama, arrancar as cobertas de cima dela com pouca delicadeza. Ela sempre chegava à mesa quando os ovos mexidos estavam frios como borracha e ela sempre reclamava, mas, depois de um tempo, eu percebi que ela era extravagante e gostava dos ovos assim...

Essas eram as minhas manhãs.

Ele as tirou de mim.

Meu nariz está latejando de um jeito que preciso resolver. Eu me obrigo a sair de debaixo das cobertas, visto uma calça jeans, e é nessa hora que reparo que o relógio na mesa de cabeceira diz que são cinco da tarde. Jesus.

Saio do quarto descalça. O chão está frio e deixa os dedos dos meus pés dormentes, do jeito que eu queria que meu rosto ficasse. O estacionamento não está tão vazio quanto estava à noite. Agora, estão ali o meu carro e, na parte mais distante, outro, um pouco mais brilhante, um pouco mais novo. Passo por uma camareira que está saindo de um dos quartos vazios. Ela é alta, é a primeira coisa que reparo nela. Alta e forte, com cabelo ondulado e claro. Ela me olha por tempo demais quando eu passo, a testa franzida em uma coisa que poderia parecer preocupação. Eu baixo a cabeça, só posso imaginar como está a minha cara, e sinto um pouco de culpa. Tenho vontade de virar o rosto e dizer para ela *Está tudo bem*.

Eu estou bem.

Pego um balde cheio de gelo na máquina e volto para o quarto. Lá, eu viro o gelo numa toalha de rosto. Seguro a toalha no rosto até não conseguir sentir mais nada. O gelo derrete e a água fria escorre pelas fendas entre os meus dedos. O quarto fica mais feio na luz sem cor do fim da tarde. Jogo a toalha encharcada no chuveiro, troco de blusa, calço os sapatos e abro a persiana antes de começar a trabalhar no resto de mim. Não tem nada que eu possa fazer pelo nariz; só precisa de um tempo para cicatrizar, eu acho. Mas penteio o cabelo, que está mais macio e mais volumoso por causa do banho, e passo as mãos por ele. Aproveito essa sensação enquanto a tenho. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo. Enfio todos os meus pertences na mochila e penduro-a no ombro. Tenho mais uma noite aqui, mas, depois do que aconteceu em Montgomery, estou achando que é sempre melhor estar preparada para fugir.

Quando entro na recepção, o homem que vi à noite não está lá, e me dou conta de que não perguntei o nome dele. Em seu lugar, está um garoto. Ele parece ter vinte e poucos anos. Tem um rosto de bebê que parece novo demais para o resto do corpo, musculoso e magro. Tem covinhas nas bochechas. Ele tem cabelo castanho cacheado e um bronzado leve, como se já tivesse passado uma boa parte do verão, que mal começou, ao ar livre. Está usando um uniforme tão desprovido de pássaros azuis quanto o resto do lugar e está girando um chaveiro no dedo, ou tentando. O chaveiro escorrega e cai no chão, fazendo um estalo. Ele se abaixa para pegar e, quando se levanta, o rosto dele está vermelho. Ele prende a chave no cinto. O olhar percorre meu rosto maltratado e vai até meu peito. Eu não estou de sutiã. Eu olho para ele, vejo a curiosidade desligada virar um sentimento de quem sabe que não devia estar olhando, até ele finalmente lembrar de perguntar se pode fazer alguma coisa por mim. A voz dele é rouca. Ouvi-la me deixa sem fôlego. Eu limpo a garganta, dou um passo à frente e me encosto no balcão. Ele está usando um crachá. ELLIS. A televisão está ligada atrás dele, mas, hoje, está passando o telejornal.

– D-Darren está?

Ele pisca ao ouvir a gagueira, mas se recupera rápido... em pensamento. Não dá para se recuperar de verdade do momento em que você faz alguém se sentir uma aberração. Você tem que torcer para que a pessoa que você fez se sentir assim te trate com algum nível de simpatia, o que você provavelmente não merece.

Eu forço um sorriso que ele não merece.

– O quê? Ele voltou? Não o vi, e o Joe não falou... – Ele olha para trás de mim, como se estivesse esperando o Keith. – Normalmente, o Darren avisa quando vai estar na cidade.

– Ele me di-disse que v-vinha aqui às v-vezes.

– Como você conhece o Darren?

– É um velho amigo da família. – Eu faço uma pausa. – Ele s-só p-passa uma pa-parte do t-tempo aqui? Como é i-isso?

– Ele tem um quarto permanente. Ele e o Joe são amigos há anos. Ele fica no dez e deixa tudo dele lá, e a gente nunca aluga o quarto.

– Pa-parece um acordo b-bem r-ruim pro J-Joe.

– Que nada, o Darren é um cara legal. Salvou a vida do Joe uma vez – diz ele com orgulho, como se tivesse participado. – Mas acho que ele não está, a não ser que você saiba de alguma coisa que eu não sei.

– Ah, d-droga.

– Quanto tempo você vai ficar?

– Só m-mais um di-dia.

– Pode até ser que ele apareça, mas, se você quiser deixar um bilhete, a gente pode guardar até ele voltar.

Eu mordo o lábio por um momento.

– Você n-não p-pode me d-deixar entrar no quarto de-dele? O q-que q-quero deixar é su-surpresa.

– Pode deixar aqui e a gente entrega pra ele.

Merda.

– V-você s-sabe onde ele está? Se for pe-perto, p-posso pa-passar lá e e-entregar pra ele pe-pe-ssoalmente.

Ellis me olha por um longo momento.

– Qual é seu nome mesmo?

– Hã. – Eu dou uma fungada e faço uma careta e levo a mão ao nariz. – Ai.

– Posso perguntar o que aconteceu com você?

– Acidente de c-carro.

– Parece que dói.

– D-dói.

Olho para os passadores de cinto dele, para as chaves penduradas. Queria poder tirar escondido do corpo dele e tornar ao menos uma pequena parte disso fácil.

– Precisa de alguma coisa? – pergunta Ellis.

Eu levo o olhar ao rosto dele.

– Que ti-tipo de m-motel é este?

– Ah. – Ele dá de ombros e coça a cabeça com timidez. – Se alguém parece precisar de ajuda, eu pergunto do que a pessoa precisa, só isso.

Não gosto da sensação que essa resposta provoca. Eu nunca soube reagir à gentileza e à consideração alheias, a não ser que sentir vontade de arrancar minha própria pele fora seja a reação certa. Limpo a garganta e mudo o assunto para o que me importa.

– O q-quanto vo-você c-conhece o Da-Darren?

– Consegui esse emprego graças a ele. Nós *nos conhecemos online* um tempo atrás. Eu estava passando por umas dificuldades e ele me ajudou, pediu ao Joe pra me dar um trabalho. O Joe me deixou dormir aqui até que eu juntasse o bastante pra alugar um apartamento. Ele é um cara ótimo.

Dou um passo para trás, me perguntando se o Keith me levou até outro pesadelo como o Silas Baker. *Nos conhecemos online*. Que porra isso quer dizer? E se quiser dizer...

Se quiser dizer o que eu acho que quer, vou hesitar desta vez?

– O-online?

– É.

– Como?

– Nós temos um interesse em comum, só isso.

– E q-que interesse é e-esse?

Ele franze a testa.

– Você não me disse seu nome.

– V-verdade. N-não di-disse.

A televisão estala de novo e vira estática. Saio quando ele está de costas, as pontas dos dedos formigando, tentando sufocar o pânico crescente. Assim que saio da recepção, ando pela série de quartos até estar parada na frente do dez. Eu testo a porta. Não abre. Preciso de todo o meu controle para não arrombá-la. Passo os dedos pelo cabelo e não sei por que isso tem que ser tão difícil, por que já não passei pelo *suficiente*. Deveria ser fácil. Sempre deveria ter sido fácil. Não essa merda de casas bonitas escondendo coisas feias e podres que não consigo tirar da cabeça. Cada quilômetro entre mim e Montgomery é uma pessoa que não salvei, e minha irmã está morta. Ela está morta. Não sei por que diabos isso não é *suficiente*.

Com os dedos arranhados, eu soco a porta com força, me afasto

rapidamente e passo pelo meu quarto. Continuo andando até chegar ao fim do motel. Tem que ter um jeito de entrar no quarto do Keith. Olho para a rodovia que tem depois, para as casas espalhadas, algumas mais próximas do que outras. Langford é pequena, mas alguma coisa no ambiente me lembra Cold Creek. Vejo fumaça subindo ao longe, um barril pegando fogo no quintal de alguém. Acho que identifico as formas das pessoas ao redor, música country e gargalhadas pairando no ar.

Ando em volta do prédio, até os fundos do motel. Esse lado é uma fileira comprida de janelas, e dá para ver exatamente onde acaba a propriedade. De repente, a faixa estreita de grama cortada fica da altura da minha cintura.

Vou nas pontas dos pés até a primeira janela. São todas um pouco mais largas e mais altas do que eu. Seguro o parapeito de madeira podre e me ergo, mas caio para trás ao sentir as farpas entrando na mão. *Droga*. Depois de tirar os pedacinhos de madeira da pele, eu me ergo de novo, até conseguir ver lá dentro, e é o que eu tinha pensado... um banheiro.

Eu poderia passar por ela. Vai ser apertado, mas dá. Eu empurro o vidro e o sinto ceder um pouco. Não o suficiente para quebrá-lo. Desço e começo a contar, até passar pelo meu quarto e estar na janela do Keith. Talvez essa seja a parte fácil.

Quebrar vidro deve ser fácil.

Procuro no chão uma coisa pesada o suficiente para quebrar o vidro. Demoro um tempo. Tenho que entrar no mato alto até encontrar uma pedra boa. Assim que sinto o peso nas mãos, tenho uma lembrança da casa, de Montgomery, da caixa trancada...

Não sei se consigo passar por aquilo de novo.

Está ficando escuro. Volto até a janela do Keith e me puxo para cima. Tenho que fazer isso valer e tem que ser rápido. Não sei o que o Ellis consegue ouvir dentro da recepção, mas, quanto menos barulho eu fizer, melhor. Puxo o braço para trás e forço a pedra no vidro.

Pelo vidro.

– Ah, porra, ah, porra, ah, porra...

Eu me solto da janela. Meu braço parece uma porra de tentativa de suicídio, todo vermelho, vermelho, vermelho e cortado. A dor é *absurda*. Sou burra, sou burra, burra, burra, *burra*...

– Ah, porra...

Engulo um soluço e presto atenção no latejar no meu crânio, porque ficar

com o braço dilacerado *dói* pra caralho, mas esse vai ser o menor dos meus problemas se Ellis me ouviu. Eu espero. Não acontece nada. Acho que é seguro. Eu nem sei como foi o som do vidro quebrando, se foi alto. Só sei que minha mão se moveu para trás e, em seguida, aconteceu esse banho de sangue.

– Tá – eu sussurro. – Tá, tá, tá...

Como é cruel que a única pessoa por quem consigo firmar a voz é a que vai ficar menos tranquilizada por isso.

Eu só preciso... eu só preciso entrar naquele quarto.

Uso a pedra para tirar o que sobrou de vidro quebrado na janela, jogo a bolsa lá dentro e executo a tarefa excruciante de entrar, tentando não gritar pela dor no braço, pela pele aberta e rasgada sendo agredida pelo ar, por qualquer movimento. Tentando não sentir meu sangue grudento em toda parte em que não quero que ele esteja.

Acabo indo parar no chuveiro. O aposento está escuro, e sinto o cheiro de toalhas mofadas. Saio do chuveiro e aperto os olhos na luz fraca, e, quando vejo um monte delas, de toalhas, na pia, pego uma e a enrolo no braço, o estômago embrulhando de pensar que o tecido pode ter tocado no Keith antes de tocar em mim. Vou em silêncio até a porta e abro-a, tentando ignorar o latejar furioso no braço e o fato de que a toalha está ficando vermelha aos poucos.

O quarto do Keith parece o meu. Tem o mesmo papel sem graça nas paredes. A mesma mesa e as mesmas cadeiras. Há uma geladeira, mas acho que deve ser dele. Esse lugar... já foi uma moradia. A cama está desfeita, os cobertores, jogados de lado muitas manhãs atrás. Tem roupas por todo lado, jogadas no encosto das cadeiras, no chão ao lado da cama, na cômoda com espelho que existe logo atrás. Não sei por onde começar. Trabalho com apenas uma das mãos, abro e fecho as gavetas de roupas, enfio a mão ilesa nos bolsos das calças caídas, procurando alguma coisa, qualquer coisa, que me diga onde ele pode estar agora.

Vamos lá, filho da puta.

Olho a geladeira e tenho ânsia de vômito quando o cheiro de comida podre agride meu nariz. Puxo os cobertores da cama e jogo-os no chão, tiro a fronha dos travesseiros. Demora demais fazer isso tudo com um braço só. Viro o lugar de cabeça pra baixo da melhor forma que consigo, e, quando acho que olhei tudo, estou sem fôlego e de mãos vazias. Na mesa de cabeceira ao lado

da cama, uma caixa de fósforos chama a minha atenção. O logo impresso nela. *Cooper's*.

Dou uma gargalhada.

E me sento na cama e tento não gritar.

Chega.

Chega, Sadie.

Eu me levanto. Viro a mesa, as cadeiras, tento e não consigo empurrar a cômoda para longe da parede. Entro embaixo da cama, sufocada pela poeira, e não tem nada lá. Volto até estar com a beirada do colchão acima dos olhos. A beirada do colchão. Eu a levanto, e um ruído de triunfo escapa de mim quando vejo o pequeno envelope no meio do estrado. Estico a mão esquerda, a toalha caindo por cima da mão ruim, sem dúvida pingando no chão, e o pego. O colchão cai de volta com um ruído. Eu me sento no chão e olho o envelope enquanto aninho a mão direita no peito. O envelope parece leve, como a caixa do Silas, e uma sensação doentia de *déjà vu* toma conta de mim. Eu fecho os olhos, deixo meus dedos latejarem sobre ele, sinto o plástico bolha dentro.

Me dê forças, eu penso, para ninguém.

Por favor, me dê forças para isso.

Eu viro o envelope de cabeça para baixo.

Meu coração está batendo com tanta força que tenho medo do meu corpo falhar antes de eu saber o que encontrei. Fecho os olhos e me obrigo a respirar fundo, e, quando os abro, estou olhando para documentos e rasgos irregulares de alguma coisa. Não fotos. Não fotos, graças a Deus. Remexo nos documentos, minha garganta aperta enquanto faço contato com essa primeira... prova do Keith desde que comecei isso, uma prova que desbarata o jeito como ele sempre sumiu e apareceu da vida das pessoas.

São carteiras de motorista. Parecem bem reais, mas são falsas. A foto dele está em todas, e, quando as vejo, meu sangue ferve, me faz querer engolir todos os cacos de vidro no banheiro só para me livrar dessa imagem. Ele está diferente agora, o tempo o fez parecer ao mesmo tempo menos e mais o monstro que ele era quando estava nas nossas vidas, quando eu era criança. As linhas nos cantos dos olhos estão mais pronunciadas, a pele está funda e esticada no crânio. Quase todos os documentos têm um X de caneta preta em cima, lugares e identidades que ele queimou e não pode mais usar. Ele usou tantos nomes diferentes. *Greg, Connor, Adam... Toby, Don... Keith*. Pego

esta última e seguro-a com os dedos trêmulos.

Esse é o homem que eu conheci.

O X cobre os olhos dele, cobre boa parte do rosto, mas consigo vê-lo mesmo assim. Consigo vê-lo na minha frente à mesa no café da manhã. Sentado no sofá da sala, o olhar grudado na televisão antes de se deslocar até mim. Do lado de fora, acomodado em uma cadeira dobrável quando a gente voltava da escola, o que era melhor do que os dias em que a Mattie estava doente e ele ia me buscar sozinho e parava no acostamento pouco antes de chegarmos ao terreno dos trailers... Coloco o documento no tapete áspero, virado para baixo, e jogo no chão os rasgos que estavam no envelope. Pego um. É um pedaço de tecido rosa, macio ao toque e ondulado na beirada como... Tem uma etiqueta embaixo, e a sensação áspera dela no meu polegar me faz perceber exatamente o que estou segurando. Um pedaço de gola de camisa. Eu viro o retalho. Há um nome escrito com caneta preta fina.

Casey.

Pego o outro pedaço de tecido.

Uma estampa floral delicada. Botões de rosas.

Eu viro.

Anna.

O seguinte é azul, liso.

Joelle.

Um xadrez feminino.

Jessica.

E, finalmente, pêssego.

Sadie.

Largo o pedaço de pano e remexo na mochila até encontrar o que estou procurando. A foto. A foto dele, a Mattie, a mamãe e eu, e ali está, em mim. A camisa, em mim.

A camisa em mim.

Fico de pé lentamente, sem afastar o olhar do meu rostinho, até não conseguir olhar mais e deixar cair da mão. Eu me agacho e começo a pegar as etiquetas, os documentos, porque não posso deixar aquelas garotas ali, sozinhas, e os documentos são como uma lista de lugares aonde ele foi, e posso ir até lá. Posso ir até cada um, perguntar se o viram, fazer com que me digam para onde ele foi e... uma porta se abre atrás de mim e bate na parede.
Merda.

Eu me viro, quase esperando que seja *ele*, o Keith, finalmente, mas não é. É o Ellis.

Ele está parado à porta, o queixo no chão.

O “O que...” mal sai da boca e já o empurrei contra a parede ao lado da porta, meu corpo forçando o dele. Meu braço ensanguentado está atravessado sobre o peito dele, a toalha, caída no chão entre nós. Os reflexos dele não são páreo para a surpresa que eu sou, e é esse o tempo de que eu preciso para pegar a faca e encostar no pescoço dele. O som da nossa respiração domina o quarto. Boto mais pressão na faca e não consigo saber onde ele termina e ela começa. É vertiginosa a sensação de ter uma pessoa assim e saber, simplesmente *saber* que, se ele der um motivo...

Se ele me der um motivo.

– Vo-você é c-como ele? – eu pergunto. Ele está suando, tremendo, e eu também. Aperto o cabo da faca e o empurro com o quadril. Ele grita. – *Você é co-como e-ele?*

– *O quê?* Quem?

– K-K... – Não, não. Não Keith. – D-Darren.

– Eu...

– Vo-você trepa com garotinhas?

– *O quê?* Não! Não... – Ele quase balança a cabeça negativamente, mas a força da faca o faz parar. Ele engole em seco e o pomo de Adão treme. – Não sei de que você está falando.

– Onde vo-vocês se co-conheceram online? Em um lu-lugar de s-sexo popodre? – Eu empurro de novo, e o Ellis geme, quase ininteligível com o medo que estou botando nele. – *Onde?*

– Foi... foi... – Ele respira fundo. – *Counterwatch*. É... um jogo, tipo... um jogo online! A gente era da mesma equipe. Eu não... – Os olhos procuram freneticamente pelo quarto, e, mesmo em meio a todo esse caos, e com uma faca no pescoço, ele vê os documentos e todas as etiquetas no chão. Ele diz: – Não sei do quê você está falando.

Sinto meu corpo tremendo, minha mão tremendo no pescoço dele, e fico pensando se poderia matá-lo assim, sem querer. Alguma coisa no jeito como ele falou, *Não sei do quê você está falando*, está me afetando de um jeito incômodo, porque consigo ouvir uma mentira a um quilômetro de distância, e o Ellis...

O Ellis não está mentindo.

– Você está machucada – diz ele, e eu balanço a cabeça, porque não quero que ele faça o que está fazendo, falando comigo como se eu fosse uma louca, como se eu pudesse ser acalmada pela gentileza que ele usa na voz.

– N-não.

– Você vai me matar?

Aperto os lábios e sinto as lágrimas surgindo nos meus olhos.

Sou perigosa, eu tenho vontade de dizer. *Tenho uma faca...*

A gravidade do quanto estou fodida é uma porrada na cara.

Minha respiração entala na garganta.

– Acho que você não quer fazer isso – diz ele.

– Não – eu peço, porque... o que vai acontecer comigo quando eu afastar a mão? Ele vai chamar a polícia, ele vai chamar a polícia, e isso tudo vai ser por nada. – N-não...

– Olha – diz Ellis. – Só abaixa... abaixa a faca. Você está machucada. Vamos cuidar disso, tá? Vamos cuidar do seu braço, e você pode me contar... você pode me contar sobre o Darren, tá?

– N-não. – Eu empurro um pouco a faca, como uma promessa para mim mesma. *Eu posso fazer isso se precisar. Eu posso. Eu vou.* – Você é a-amigo de-dele. V-vai chamar a po-polícia e... – Não, não, não. – T-tem que ser eu. T-tem que ser eu...

– Me deixa te ajudar. – Ele parece prestes a chorar. – Por favor.

AS GAROTAS

T1E5

WEST McCRAY:

Langford é um lugar meio intermediário. Na verdade, não dá nem para achar que é uma cidade ao passar por lá. É um amontoado de casas, com alguns estabelecimentos comerciais aqui e acolá, sem organização nenhuma. Só há uma parada no caminho. O endereço que Cat Mather passou para mim, que é para onde a Sadie seguiu, é um motel chamado Bluebird. A descrição mais diplomática que eu posso dar para o local é *rústico*, mas, na verdade, o lugar está de pé só por um fio, a construção está desabando sobre si mesma lentamente. A fachada é suja, o telhado precisa de um conserto urgente, ou mesmo de uma substituição, e reparo em algumas janelas rachadas e quebradas aqui e ali. Não tem estética aviária nenhuma que justifique o nome e, em sessenta dias, o dono, Joe Perkins, vai entregar as chaves do estabelecimento para Marcus Danforth, que vai começar a demolição do prédio. Joe vai ter que se despedir do lugar que chama de casa há mais de cinquenta anos. Por isso, acho que dei sorte de chegar aqui no momento em que cheguei.

JOE PERKINS:

Bom, se chamava Perkinses'Inn antes de eu assumir. Meus pais eram os donos; antes *deles*, meus avós; e, antes deles, meus bisavós. Está na família há muito tempo, mas chegou ao ponto de ser mais do que eu consigo sustentar. Começou a escapar das minhas mãos. Talvez seja mais do que eu quisesse ter como responsabilidade, se você quiser a verdade. Foi passado pra mim, sabe? Eu era um garoto.

WEST McCRAY:

Você nunca soube o que queria fazer?

JOE PERKINS:

É exatamente isso, cara! Eu nunca tive a chance de pensar sobre isso. Não quero parecer ingrato... Sei que foi sorte eu nunca ter precisado arrumar um emprego na maior parte da vida. É que, quando saí do ensino médio, eu tinha isso, e queria, talvez, que os meus pais, que Deus proteja a alma deles, que eles tivessem me perguntado se eu queria cuidar do negócio. Eu não me importo, mas nunca foi meu plano.

WEST McCRAY:

Joe Perkins tem cinquenta e cinco anos. O cabelo dele é branco, seu rosto foi maltratado pelos anos e o sujeito tem muitas tatuagens cobrindo seus braços e suas pernas. Cada uma quer dizer alguma coisa, ele me conta, mas o significado de cada uma delas fica entre ele e a tinta.

JOE PERKINS:

Mas posso contar sobre esta aqui...

WEST McCRAY:

É um passarinho azul no bíceps esquerdo.

JOE PERKINS:

É a primeira tatuagem que eu fiz, e foi assim que o motel ganhou o nome novo. Todo mundo me pergunta: “Onde está o pássaro?”. E eu digo: está bem aqui. *[RISADAS]*

WEST McCRAY:

Quando falei para o Joe que eu queria falar sobre uma garota que talvez tivesse ficado no motel cinco meses atrás, ele me disse que faria o possível, mas que as pessoas que costumam passar a noite são como um borrão na vida dele. Elas nunca ficam por tempo o suficiente para deixar uma marca. Ainda assim, quando mostro uma foto da Sadie, ele lembra na mesma hora.

JOE PERKINS:

Ah, sim, ela esteve aqui. Ela falava esquisito. E estava procurando por um amigo meu. É por causa dessas duas coisas que me lembro dela.

WEST McCRAY:

O amigo era o Darren?

JOE PERKINS:

É, o Darren. Ela apareceu e perguntou se ele estava, mas ele não estava naquele momento. Não sei por que ela queria falar com ele. Acho que ela

nunca disse. Mas só a vi uma vez. Acho que só ficou uma noite... mas pode ser que tenha pago por duas. Não sei. Eu destruí os registros quando vendi o motel.

WEST McCRAY:

Me conta sobre o Darren.

JOE PERKINS:

Ele salvou a minha vida.

WEST McCRAY:

Ah, foi?

JOE PERKINS:

Foi. Eu estava dirigindo pela rodovia, vindo pra cá. Um babaca embriagado bateu em mim. Meu carro capotou algumas vezes e foi parar em uma vala. O bêbado foi embora. Ainda não sei quem foi, mas espero que esse filho da puta morra. Bom, o Darren estava atrás de mim e viu tudo. Ele parou o carro... e eu estava apagado e tinha sofrido um corte na coxa. No hospital, me disseram depois que ele estancou o sangramento antes de a ambulância chegar. Nós somos amigos desde aquele dia. Depois de tudo o que aconteceu, eu falei para ele que ele teria um quarto aqui sempre que quisesse.

WEST McCRAY:

Onde ele está agora?

JOE PERKINS:

Eu não sei. O Darren acabou aceitando a oferta do quarto. É o número dez. É o quarto dele. Eu não deixo mais ninguém ficar lá. Ele tinha total liberdade de ir e vir como bem quisesse, e era o que o Darren fazia. Ele raramente ficava mais do que umas poucas semanas.

WEST McCRAY:

É muita generosidade sua.

JOE PERKINS:

Bom, a minha vida vale muito mais do que um quarto. O que acontecia com o Darren era que ele viajava por um tempo, mas sempre voltava. Era um cara ótimo, mas nunca conseguiu botar a vida no eixo. Era um daqueles, sabe? Eu nunca fiquei tanto tempo sem ter alguma notícia dele... Ando tentando falar com meu amigo pra avisar que vendemos o motel. Mas eu não tenho

conseguido.

WEST McCRAY:
Você tem o número?

JOE PERKINS:
Tenho, e posso te dar, mas não existe mais.

WEST McCRAY:
Ele está certo.

Eu ligo, mas a ligação não é completada.

JOE PERKINS:
Tive uma sensação ruim, pra ser sincero. Ficou pior quando você me ligou querendo conversar. Uma garota aparece procurando ele, ele está desaparecido. Você está procurando ela, ela está desaparecida. [PAUSA] Quem é essa garota, afinal?

WEST McCRAY:
Ela diz que é filha dele.

JOE PERKINS:
[RISADAS] Desde que o conheci, o Darren nunca falou de filha nenhuma.

WEST McCRAY:
É o que ela diz.

JOE PERKINS:
Eu não... [RISADAS] Se tivesse uma filha, ele estaria com ela, porque ele não era esse tipo de cara... ele não abandonaria a família. Ele *salvou* a minha vida. Meu Deus, quanto mais você conta, pior eu me sinto.

WEST McCRAY:
Você pode me mostrar o quarto do Darren?

JOE PERKINS:
Não sei, cara. Quer dizer, eu tenho que arrumar as coisas... Tenho adiado, mas só quero entrar lá quando tiver certeza de que não tenho escolha. Ele só pediu que eu deixasse o quarto em paz quando ele não estivesse e eu respeitei isso, mas... você acha mesmo que ele está encrencado?

WEST McCRAY:

Não sei dizer com certeza. Só sei que eu estou procurando a Sadie, e ela estava procurando ele, e, como você falou, os dois estão desaparecidos agora.

JOE PERKINS:

O que o quarto dele vai revelar sobre isso?

WEST McCRAY:

Só vou saber quando olhar.

JOE PERKINS:

[SUSPIRO]

sadie

– Acho que seria bom ir ao hospital... deve precisar de pontos.

Estamos na recepção, fora do campo de visão da janela, meu braço está esticado por cima da mesa sobre uma toalha, feio, aberto e ainda sangrando, banhado pela luz fluorescente. Não consigo olhar por muito tempo sem ficar com vontade de vomitar. Não pareceu tão ruim no quarto do Keith. Aqui, parece péssimo. Ellis está com um kit de primeiros socorros, que parece bem antigo, entre nós. Ele ergue os olhos para mim, esperando algum tipo de confirmação, como um *tudo bem, hospital*.

– N-não.

Eu não consegui matá-lo.

Fico nauseada de não ter conseguido, porque ele é tudo que existe entre mim e o Keith agora. Eu arrisquei tudo por essa gentileza, ou seja lá o que isso for, e fico preocupada de estar com fome demais, destruída demais para fazer qualquer coisa certo. Sei que estou. Eu só achava que poderia superar, ao menos desta vez. Eu fecho os olhos brevemente.

Tem um telefone perto de nós. Ellis não se mexeu em direção a ele.

Em uma pilha arrumada na minha frente, estão as etiquetas e os documentos.

– Foi o que pensei – diz ele.

Ele chorou quando eu tirei a faca do pescoço dele. Esse é o consolo a que estou me agarrando; aos olhos *dele*, parecia que eu era capaz. Ele tem a sensação de que saiu com mais do que tinha antes do momento em que baixei a mão. Eu era perigosa. Eu tinha uma faca.

Quando voltamos para a recepção, ele remexeu embaixo da mesa e encontrou uma garrafa de Jim Beam. Tomou um gole e não me ofereceu. Quero perguntar o que ele ganha com isso. O que ele vai me obrigar a fazer por ele para eu poder terminar o que eu comecei.

– V-vai cicatrizar di-direito.

– Vai ficar feio.

Mas a maioria das coisas fica.

Ele abre um frasco de álcool isopropílico, diz “Isso vai doer” e vira o líquido no meu braço, com um pouco de vingança. Depois de um microssegundo de nada, de repente, a minha pele está pegando fogo, eu estou pegando fogo. Aperto os lábios e grito através deles, vendo pontos pretos nos olhos, e acho que ouço o Ellis dizendo *calma, calma, calma* e ofego, sem nem perceber que tinha parado de respirar. Minha pele vai se acalmando aos poucos, mas não o suficiente para eu parar de sentir.

– Tudo bem? – pergunta ele.

O Ellis não espera resposta. Ele remexe no kit, e tenho a sensação de que está tentando encontrar coisas que façam sentido para ele, mas não sabe bem o que está fazendo. Depois de um longo momento, ele escolhe alguns curativos e coloca onde acha que é certo, puxando a minha pele o máximo que consegue para fechar os ferimentos.

Depois, ele encontra uma atadura.

– Levanta o braço – diz ele.

Eu levanto o braço, e ele enrola a atadura ao redor. Trabalha só com um pouco mais de cuidado do que na hora de desinfetar. E, então, acaba. Está apertado.

Nós nos olhamos.

– Eu... – Ellis faz uma pausa. – Não sei o que fazer aqui.

– V-você d-disse que ia m-me ajudar.

– Eu acabei de ajudar. Você puxou uma porra de uma *faca* pra mim...

– V-você di-disse que era a-amigo d-dele!

– Eu... – Ele para, não sabe como terminar. Aperta a mão na testa. – Olha, o único motivo pra eu não ligar pra polícia agora é que... – Ele faz uma pausa. – É porque você acha que o cara está fazendo mal pra... crianças. E acredita que eu tenho alguma coisa a ver com isso.

– Eu s-sei que ele está – eu digo. – V-você di-disse que era a-amigo d-dele! Di-disse que v-vocês se co-conheceram online! O que m-mais eu poderia achar?

– Foi numa porra de *jogo*! Não foi por causa do... de nada... – Ele balança as mãos, agitado. – Não foi por causa das coisas que você está dizendo. Não foi esse o cara que eu conheci. Não foi esse o cara que me arrumou este emprego. É... você tem ideia de como parece maluca? Você entrou no quarto

dele e destruiu tudo! O único motivo pra eu não ter chamado a polícia depois que você se acalmou foi por causa de toda a merda que poderia sair da sua boca, que fosse tão horrível... sei lá. Eu sei lá. – Ele esfrega a mão na cabeça, a estica e encosta os dedos nos documentos. – Mas esse é ele. Só que não é o nome dele...

Encontro o que diz KEITH e puxo.

– E-ele era e-esse aqui p-pra m-mim.

Ele aponta para as etiquetas.

– O que... o que são essas coisas?

– T-troféus. Das c-crianças pra quem ele f-fez m-mal.

Ellis fica pálido, a mão vai até as etiquetas e para antes dos dedos roçarem nos tecidos malditos das garotas perdidas. Vejo-o dizer cada nome com movimentos labiais, as curvas dos lábios para cada um. Viro o rosto quando ele chega no meu.

– Como você sabe?

– ... – Eu fecho os olhos brevemente e aperto as mãos uma na outra. – Ele f-fez uma co-coisa com a m-minha irmã.

– Você não devia falar pra polícia?

– Eu v-vou de-depois que encontrar ele.

– Não – diz Ellis com firmeza. – Você tem que contar pra polícia agora e deixar...

Eu bato com a mão na mesa, uma sensação subindo pelo braço machucado e doído. Ele fica surpreso a ponto de chegar para trás na cadeira.

– N-não.

Silêncio. Ellis pega a garrafa de Jim Beam, fica de pé e toma um gole. Em seguida, anda até a janela com vista para o estacionamento e ri.

– Darren, Keith, seja lá quem ele for, ele conseguiu este emprego pra mim. Me ajudou muito. Ele salvou a *vida* do Joe. Só foi legal comigo. Eu não... não consigo acreditar.

– Então m-me d-diz que eu estou me-mentindo.

Ele não diz nada.

– Vo-você s-sabe onde ele está?

Ele fica tenso, e é a resposta de que preciso.

Estou tão perto.

Eu me levanto devagar, com cuidado. Ele me olha com cautela.

– Ellis, eu n-não t-te co-conheço e pe-peço d-desculpas p-pelo que

aconteceu n... n-naquele quarto, m-mas preciso que vo-você me d-diga onde.

– Pra você estragar a vida de um cara?

– Ou b-botar um ba-babaca d-doente onde ele m-merece.

– Mas se você estiver mentindo pra mim...

– Que di-diferença v-vai f-fazer pra vo-você? Você quer a-apostar a vida de uma g-garotinha? Vai b-botar em risco? – Eu queria ter ido até o fim. Queria ter arrancado o coração dele. Pego cada etiqueta. – C-Casey. Anna. J-Joelle. Jessica... S-Sadie.

– Então, me deixa chamar a *polícia*!

– Eu s-só p-preciso *ver* eu m-mesma. Eu *p-preciso*.

– Eu não...

– P-por f-favor.

Fico com o estômago doendo, porque, em um momento assim, eu não consigo fazer as palavras saírem da minha boca com perfeição o suficiente para convencê-lo. Não consigo descrever como é ruim essa incapacidade de me comunicar do jeito que eu quero, quando preciso. Meus olhos ardem, e lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e nem consigo imaginar como estou patética. Uma garota com a cara arreventada, o braço todo rasgado, implorando pela oportunidade de salvar outras garotas. Por que eu teria que implorar por isso?

– Se vo-você soubesse o que ele f-fez com a mi-minha irmã, vo-você não estaria f-fazendo isso co-comigo. Você t-tem que me d-deixar ir. Me diz onde ele está. F-finge que eu n-nunca estive aqui.

Os ombros dele murcham e ele expira devagar. Ele fecha os olhos bem apertado e aperta o alto do nariz, e eu percebo depois de um momento que ele também está chorando.

Eu prendo o ar.

Eu o vejo envelhecer.

AS GAROTAS

T1E5

JOE PERKINS:

Jesus Cristo.

WEST McCRAY:

Uau.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

O quarto do Darren Marshall parece que... explodiu, por falta de termo melhor. O ar está denso, abafado, atestando o fato de que ele não aparece há muito tempo. Mas, na última vez em que estive, parece que destruiu o quarto. Tem roupas na cama, no chão, em todo canto disponível. O lençol foi arrancado da cama e a mobília foi virada e afastada das paredes. Todas as gavetas do quarto estão abertas, exceto a da geladeira. Joe vai até lá primeiro. Quando abre, o fedor de comida estragada se espalha pelo quarto.

JOE PERKINS:

Ah, caramba...

[SOM DE UMA PORTA BATENDO]

WEST McCRAY:

O que aconteceu aqui, Joe?

JOE PERKINS:

Isso aqui parece a porra de uma cena de crime... meu Deus... *[SOM DE UMA PORTA SE ABRINDO, VIDRO SENDO ESMAGADO]* Ah, Cristo, não venha até aqui! A janela do banheiro está quebrada.

WEST McCRAY:

Você só reparou agora?

JOE PERKINS:

Você viu este lugar? Como posso reparar em mais uma janela quebrada? Meu

Deus.

WEST McCRAY:

Então, não era assim que o Darren deixava o quarto?

JOE PERKINS:

Espero que não... mas, sinceramente, não sei. Ele não queria que eu mandasse a camareira, e eu confiava que ele mesmo cuidava do quarto e que não tinha motivo pra duvidar, sabe? Mas, isso... parece errado. Parece que houve uma briga, sei lá... Isso é sangue?

WEST McCRAY:

Tem algumas manchas suspeitas no chão, mas é difícil saber exatamente do que são. Ando com cuidado pelo quarto e tiro fotos com o celular. A primeira coisa que chama minha atenção é a caixa de fósforos. Está na mesa de cabeceira. Pego a caixa de fósforos porque me parece familiar, mas, naquele momento, não sei bem por quê. Diz *Cooper's* na frente. Antes que eu tenha tempo de pensar demais, encontro outra coisa.

Uma fotografia, perdida no chão, meio que escondida embaixo da cama.

Conheço o lugar onde foi tirada. E conheço as pessoas nela. São quatro, e a primeira que reconheço é a Claire. Ela está mais nova, mais doente. Está ao lado de um homem, que segura uma criancinha no colo. Mattie. À direita da foto, na beirada, está Sadie.

Ela tem uns onze anos.

WEST McCRAY [*PARA JOE*]:

Ei, Joe, esse é o Darren?

JOE PERKINS:

O quê?... Ah, caramba. É ele. E essa...

Essa não é a garota que você está procurando, é?

WEST McCRAY:

É, sim.

JOE PERKINS:

O que está acontecendo aqui?

WEST McCRAY:

Com licença um minuto, Joe... Já volto.

WEST McCRAY:

Eu saio do quarto e envio a fotografia para May Beth por mensagem. Ela me liga na mesma hora.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Ah, meu Deus, é a foto. Onde você encontrou?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

O quê?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

É a foto que sumiu do meu álbum... quando eu estava mostrando as fotos das garotas, lembra que eu passei por uma página que não tinha nada? Estava faltando uma foto. Era *essa* a foto que tinha nela. As garotas, a mãe e o...

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Darren.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

O quê?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Esse é o Darren.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Não é, não. É o Keith.

sadie

Quando eu tinha sete anos e a Mattie tinha um, ela sussurrou meu nome.

Eu fui a primeira palavra dela.

Quando a Mattie tinha sete dias e eu tinha seis anos, eu parei do lado do berço e ouvi a respiração dela, fiquei olhando o peitinho subir e descer. Encostei a palma da mão nele e me senti através dela. Ela estava respirando, viva.

E eu também.

Langford está quilômetros para trás, e, à minha frente, um lugar chamado Fairfield. *Keith está lá*, disse o Ellis. *A última notícia que eu tive foi que ele estava lá.* Não sei se ele chamou a polícia ou se avisou o Keith depois que fui embora, mas qualquer vantagem que eu tinha se foi. Perdi essa vantagem quando percebi que deixei minha foto no quarto do Keith. Meu estômago se embrulhou e embrulhou de novo, e, quando me dei conta, eu estava parando o carro no acostamento, saindo do carro, ficando de joelhos no chão e vomitando bile na terra.

Eu me sento nos calcanhares e limpo a boca na manga. Remexo na bolsa, encontro os documentos e as etiquetas e fico sentada com tudo isso espalhado na estrada. Parece errado deixar tudo junto. Eu separo as caras dele dos nomes delas.

Não quero levá-las comigo.

Elas são pesadas demais para eu carregar.

Quando eu tinha onze anos e a Mattie tinha cinco, eu fiquei um ano sem dormir. O Keith e a minha mãe voltavam do bar tão tarde, ele sóbrio e ela caindo de tão doida, nenhum dos dois tentando fazer silêncio, mas principalmente ela. Eu ouvia os passos arrastados dela para o quarto, o barulho do Keith arrumando a cozinha, e, quando todos os ruídos acabavam, eu sabia o que aconteceria e sabia o que aconteceria se eu dissesse não. Se não fosse eu, ele iria até a Mattie, a não ser que eu dissesse: *Espera...*

Espera.

Até que uma noite eu não consegui.

E eu estava com a faca naquela noite, estava embaixo do meu travesseiro, apertando-a com os dedos, e, em vez de fazer o que devia ter feito, eu o mandei para ela. Na manhã seguinte, o Keith tinha ido embora, e a vergonha suja da minha fraqueza tomou conta de mim, e acho que a Mattie sentiu isso de algum modo, sentiu que havia uma parte de mim que havia desistido dela, que eu não podia protegê-la.

Eu a apertei mais forte para provar que estava errada.

Eu a senti respirando, viva.

E eu também estava.

Quando a Mattie tinha dez anos e eu tinha dezesseis, a mamãe foi embora e levou o coração da Mattie junto. Mattie passou todas as noites chorando, e era mesmo tão ruim, Mattie, só nós duas, juntas?

E, aí, o cartão-postal...

Mattie voltou com o coração nas mãos, ali, respirando, vivo...

E eu também.

Quando eu tinha dezenove anos e a Mattie tinha treze, o Keith voltou.

Adivinha quem eu vi, anunciou ela, ainda com raiva, sempre com raiva pelo trabalho que eu não queria ter pela mamãe, e nunca vendo o trabalho que eu de fato tinha por ela mesma. *Eu contei pra ele sobre a mamãe. Ele disse que ia me levar pra Los Angeles pra procurar ela.* E eu perguntei quem ela achava que tinha criado ela, porque, naquele momento, não podia ter sido eu.

Quando a Mattie tinha treze anos e eu tinha dezenove, ela saiu escondida à noite, foi até a picape estacionada sob o semáforo em uma esquina de Cold Creek e entrou, sentando no banco do passageiro. Não sei o que aconteceu depois. Se, quando o pomar de macieiras apareceu no horizonte para marcar o espaço crescente entre nós, ela finalmente sentiu a distância e mudou de ideia. Se o Keith não a deixou mudar de ideia e a arrastou, esperneando e gritando, para fora da picape e entre as árvores, onde a violentou, respirando e viva, até ela não estar mais.

E eu não estar.

Eu vou matar um homem.

– Eu vou – eu sussurro para o chão várias vezes.

Eu vou, eu vou, eu vou.

Eu tenho que matar.

Eu vou matar o homem que matou a minha irmã.

E não vou sair daquele acostamento enquanto não conseguir me fazer acreditar.

Fico sentada no chão, sinto as pedrinhas na calça jeans. Está ventando, o ar afasta o cabelo do meu rosto. Escuto como ele move o mundo ao meu redor; as árvores da estrada, as folhas cantando a música suave na noite. Olho para o céu, para as estrelas. Pequenos milagres.

Olhar para as estrelas é olhar para o passado. Já li sobre isso. Não consigo lembrar onde e não sei muito sobre isso, mas é estranho pensar nas estrelas acima de mim como sendo de um tempo tão distante da Mattie e de mim, da Mattie estar morta.

Da coisa que estou prestes a fazer.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 6

[TEMA DE AS GAROTAS]

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

O Keith e o Darren Marshall são exatamente a mesma pessoa. Eu mostro a fotografia para a Ruby Lockwood, e ela me confirma que foi o mesmo retrato que a Sadie mostrou quando foi ao Ray's Diner, perguntando pelo homem que ela alegava ser seu pai.

RUBY LOCKWOOD *[TELEFONE]*:

É essa. Foi essa foto.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

E você duvidou dela?

RUBY LOCKWOOD *[TELEFONE]*:

Eu errei?

WEST McCRAY *[AO TELEFONE COM MAY BETH]*:

Não tem possibilidade nenhuma do Keith ser o verdadeiro pai da Sadie?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Posso perguntar à Claire quando ela voltar, mas duvido.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Me diz o que você descobriu.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Sadie estava procurando um homem da infância dela. Um antigo namorado da mãe. Ela o conhecia como Keith, mas todas as pessoas com quem falei o chamaram de Darren, e foi por isso que nunca fiz a ligação. Sadie estava dizendo pras pessoas que ele é o pai dela, mas é improvável.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Tá, então quem ele é?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Não consegui encontrar nada sobre nenhum dos dois nomes. Minha equipe está trabalhando. Mas ouve isso: em Langford, naquele motel, o Bluebird. O quarto do Keith estava destruído... espera, vou te mandar as fotos.

[SONS DE TECLADO, CLIQUES DE MOUSE]

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

[ASSOBIO] Uau.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É. A fotografia que a Sadie estava mostrando por aí estava naquele quarto. Era do álbum da May Beth com fotos das garotas; ela tirou de lá e a levou. Então, vou supor que ela também esteve naquele quarto. Não sei se estava daquele jeito antes de ela entrar lá ou depois que ela saiu ou se ficou daquele jeito quando ela estava lá. De acordo com o Joe, o Keith não estava lá na mesma época que ela, então, acho que eles não se encontraram.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Ela arrombou o quarto dele.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É o que eu também estou pensando, mas... ei, espera só por um segundo...

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

O quê?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Eu esqueci. Acabei me distraíndo com a foto. Tinha uma caixa de fósforo no quarto. Do *Cooper's*. É um bar nos arredores de Montgomery.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Montgomery... a cidade por onde a Sadie passou a caminho de Langford.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

[PAUSA] Espera.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

O quê?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É propriedade do Silas Baker.

WEST McCRAY:

Silas Baker, o homem acusado de crimes sexuais contra as crianças que ele treinava no time de tee-ball. A princípio, parece coincidência, mas, quando reviro mais fundo, encontro uma notícia em que a família Baker foi procurada para comentar. E descobri que Marlee Singer é irmã mais nova dele.

Ela se recusa a atender as minhas ligações.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Eu devia ter ido pra Montgomery primeiro. Droga.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Agora você pode voltar.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Não é isso. Estou com um pressentimento ruim sobre isso, Danny.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Você também tem que seguir isso.

WEST McCRAY:

Os crimes de Silas Baker foram descobertos quando um garoto da região, Javi Cruz, de dezoito anos, ligou para a emergência e comunicou a presença de um corpo em uma casa abandonada, vinte e cinco quilômetros fora da cidade. Quando o departamento do xerife de Montgomery chegou à cena, não encontrou um corpo. Encontrou uma coleção de fotografias pornográficas de crianças. Um dos policiais reconheceu as crianças das fotos e, depois disso, foi o inferno na terra.

Eu vou até Montgomery para conversar com Javi. Ele é um rapaz interessante. Tem um metro e oitenta e nove de altura, é magro e tem a pele morena. Morou a vida toda em Montgomery. Está no último ano do ensino médio e a faculdade está em seu horizonte. Era para ser um ano de diversão, mas as coisas ficaram complicadas para o garoto, ao menos socialmente, depois do papel que ele teve na prisão do Silas Baker. Javi era amigo dos gêmeos adolescentes filhos do cara, Noah e Kendall, e até participou de um dos times de tee-ball do Silas quando era criança. Ele diz que nunca sofreu abusos.

JAVI CRUZ:

Todo mundo me odeia agora.

WEST McCRAY:

Que difícil.

JAVI CRUZ:

Bom, não *todo mundo*. E claro que as coisas pra mim não são tão ruins quanto pra aquelas crianças, mas eu perdi muitos amigos. Ainda tem muita gente leal aos Bakers. Você viu os comentários nos artigos sobre ele?

WEST McCRAY:

Estão bem divididos, no mínimo.

JAVI CRUZ:

Esta cidade nunca mais vai ser a mesma.

WEST McCRAY:

E você não sabia sobre o Silas? Nunca presenciou nenhum comportamento indesejado ou sexualmente agressivo da parte dele quando você...

JAVI CRUZ:

Não! Meu Deus, *não*. Era só tee-ball. Nós só... jogávamos *tee-ball*. Eu não sabia que ele era daquele jeito. Só soube sobre a casa quando... eu já falei, foi a garota.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Sadie.

Javi conheceu a Sadie durante o pouco tempo em que estive em Montgomery.

JAVI CRUZ:

Ela me disse que seu nome era Lera.

WEST McCRAY:

Me conta como vocês se conheceram.

JAVI CRUZ:

Eu estava no Cooper's, o bar, com o Noah e a Kendall e uma outra amiga nossa, mas ela não quer que eu mencione o nome dela e ela ainda fala comigo, então prefiro não dizer o nome dela, se não for problema pra você.

WEST McCRAY:

Claro.

JAVI CRUZ:

A gente estava bebendo. A gente nunca teve problema pra beber no Cooper's, porque o senhor Baker é o dono, e eu sei que não é certo, mas você não pode me dizer que nunca bebeu antes da idade certa. Era assim que a gente matava tempo em Montgomery no verão. Era uma noite como outra qualquer, e, aí... ela apareceu.

Ela parecia... Você vai achar idiotice.

WEST McCRAY:

Vamos ver.

JAVI CRUZ:

É um pouco difícil de explicar. A banda fez um intervalo, e colocaram uma música no aparelho de som, e aí a Lera, ou *Sadie*, começou a... dançar bem no meio do bar, sozinha na pista, e eu achei ela tão bonita, sabe? Eu só fiquei com vontade de ir lá conhecê-la. Você já conheceu alguém assim, do tipo que você só consegue pensar em ficar perto daquela pessoa? Tipo... girando na órbita dela?

WEST McCRAY:

Conheci. Eu me casei com ele.

JAVI CRUZ:

Não é? É o que estou contado para você. Eu tenho que dizer que ela não dançava muito bem. *[RISADAS]* Mas a garota não ligava, e foi isso que a deixou ainda mais linda aos meus olhos. Eu não...

Noah me chama... me chamava de “esquentabanco”.

WEST McCRAY:

Como assim?

JAVI CRUZ:

É... *era* a grande piada da turma. Tipo... vejo as coisas acontecerem, mas não participo. Só que eu me levantei e fui dançar com ela.

Eu dancei com ela.

WEST McCRAY:

O que aconteceu?

JAVI CRUZ:

Eu levei ela pra nossa mesa.

A amiga, a que não quer que eu diga o nome, achou que a Sadie era de uma família que tinha acabado de se mudar pra cidade, e a Sadie não desmentiu. Ela e a Kendall... sei lá.

A Kendall não gostou dela.

WEST McCRAY:

Por quê?

JAVI CRUZ:

Por ser a garota maluca que dança sozinha, aquela pra quem todo mundo fica olhando, sabe? Esse posto é da Kendall. Ela achou a Sadie esquisita, porque a Sadie ficou espiando o Instagram dela. Ela pesquisou sobre a Kendall e foi ao Cooper's porque sabia que a gente estaria lá.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Cada vez mais, parece que tive motivo pra duvidar da insistência da Marlee Singer em afirmar que nunca falou com a Sadie. Acredito que a Sadie conversou com a Marlee, que conhecia o Keith. Ela procurou o irmão da Marlee, o Silas Baker, e a família dele em Montgomery. Faz sentido achar que ele também conhecia o Keith.

JAVI CRUZ:

Ela disse pra gente que a família tinha se mudado pra cidade porque a irmã dela tinha morrido.

WEST McCRAY:

Ela falou mais sobre isso?

JAVI CRUZ:

Não, mas deu pra ver que era sofrido pra ela. E não fiquei surpreso quando você me contou que essa parte era verdade. Eu dei meu número pra ela, e ela prometeu me ligar de manhã. A gente ia pra casa dos Bakers juntos. Ela me ligou e pediu pra que eu me encontrasse com ela aqui.

WEST McCRAY:

Aqui é o Lili's Café. É um pequeno café na esquina da rua principal de Montgomery, com uma atmosfera doce e confortável. Javi me diz que fica uma loucura de manhã, com uma fila enorme pras pessoas comprarem o

famoso café gelado da Lili e os donuts com calda de açúcar. Está tranquilo agora.

JAVI CRUZ:

Eu comprei o café da manhã dela e nós comemos na mesma hora, e percebi que tinha alguma coisa errada. É difícil descrever, mas ela estava calada e parecia... doente. Eu perguntei o que era. Mas ela não me contou.

Ela me mostrou.

WEST McCRAY:

Sadie levou o Javi para a casa, a vinte e cinco quilômetros de Montgomery, e mostrou as fotos. Javi está visivelmente abalado quando me conta essa parte.

JAVI CRUZ:

Eu lembro que saí daquela casa gritando. Porque eu conhecia aquelas... aquelas crianças. E as fotos eram... eu... eu sonho com elas e fico com vontade de arrancar o cérebro fora e... não dá.

Desculpa... desculpa...

WEST McCRAY:

Tudo bem. Pode demorar o tempo que precisar.

JAVI CRUZ:

[EXPIRA] Eu perguntei como ela sabia. Como ela sabia que aquelas coisas estavam ali. Ela me contou que tinha passado a noite parada em frente à casa dos Bakers, que tinha visto o Silas sair de casa muito cedo e que achou estranho, então foi atrás dele até aquela casa... ela disse que ficou escondida até ele ir embora e foi procurar lá dentro e encontrou isso. Não sei se era verdade, mas ela queria que eu chamasse a polícia.

Quero dizer que fiz a coisa certa na mesma hora, quero dizer que fiz isso, mas...

WEST McCRAY:

Javi ficou abalado demais, consternado demais pra entender a dimensão do que estava acontecendo. Sadie exigiu ação imediata.

WEST McCRAY *[PARA JAVI]*:

Sadie estava disposta a chamar a polícia?

JAVI CRUZ:

Esse é o problema! Ela não quis. Disse que estava com medo.

WEST McCRAY:

Você não achou estranho ela passar a noite toda com o carro parado em frente à casa dos Bakers? Não pediu pra ela explicar isso? Parece que, desde o começo, ela tinha uma noção de que alguma coisa estava acontecendo.

JAVI CRUZ:

Quando vi as fotos, não pensei em mais nada. Aquela porra acabou comigo. Estou tendo que fazer terapia. E foi por isso que não consegui ligar logo pra polícia... a Kendall e o Noah eram os meus melhores amigos, e o senhor Baker... eu conhecia o senhor Baker desde que era *pequeno*, e nada... nada fazia sentido. Nós voltamos pra cidade, e ela ficou repetindo que eu tinha que fazer isso, porque, se eu não fizesse...

WEST McCRAY:

Se você não fizesse, o que aconteceria?

JAVI CRUZ:

Não sei. Nós voltamos pra cidade. Ela parou no Rose Mart, uma loja de conveniência aqui na rua. Tem um telefone público...

Ela disse que, se eu não conseguisse falar abertamente, era pra ligar e dizer que eu queria denunciar um corpo, desligar sem me identificar e deixar a polícia descobrir tudo.

WEST McCRAY:

Inicialmente, você disse não.

JAVI CRUZ:

Eu estava perdidinho. Morrendo de medo.

WEST McCRAY:

Quando você disse isso pra Sadie, como ela reagiu?

JAVI CRUZ:

Ela me deixou lá.

WEST McCRAY:

Mas você acabou fazendo a ligação em seguida.

ATENDENTE DO 911 *[TELEFONE]*:

Nove-um-um, qual é a emergência?

JAVI CRUZ *[TELEFONE]*:

Hã, eu quero comunicar uma pessoa morta.

WEST McCRAY:

Javi fez o que a Sadie sugeriu: deixou instruções de como chegar à casa e desligou antes de se identificar.

Depois que a pornografia tinha sido identificada, a polícia de Montgomery pesquisou as imagens de segurança do lado de fora do Rose Mart e identificou a pessoa misteriosa que tinha ligado. Olhei as imagens. Sadie não está com o Javi quando ele foi fazer a ligação. Ela já tinha ido embora. Ele para na frente do telefone, anda de um lado para o outro por dez minutos e finalmente leva o fone ao ouvido. Faz a ligação e vai pra casa, onde se fecha no quarto e não fala com ninguém até a polícia bater na porta dele.

Sadie acabou indo pra casa do Silas Baker.

JAVI CRUZ:

A Kendall e o Noah lotaram meu telefone depois. Eu nunca respondi às mensagens, mas...

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Os Bakers não estão atendendo nenhum pedido da imprensa.

JAVI CRUZ:

Eles disseram que a Sadie apareceu na casa deles porque eu mandei ela me encontrar lá, o que era mentira. Noah tentou falar comigo, mas eu não respondi nenhuma mensagem de texto.

Acho que não houve nada por um tempo, mas, aí, o senhor Baker voltou pra casa. Eles me disseram que a Sadie não era quem disse que era e que eu era um otário por me encantar por ela. Disseram que ela roubou o telefone do senhor Baker e atacou ele...

WEST McCRAY:

Atacou?

JAVI CRUZ:

É, com uma faca. Na porta da casa.

Eles disseram que ela entrou no carro e saiu antes que pudessem fazer alguma coisa, e que o senhor Baker não queria ir à delegacia porque ficou claro que ela era “perturbada”.

Enquanto isso estava acontecendo, a polícia estava naquela casa.

WEST McCRAY:

Então, a Kendall e o Noah sugeriram que as coisas ficaram violentas fisicamente entre o senhor Baker e a Sadie. Eles disseram que ela machucou ele?

JAVI CRUZ:

Eles não falaram nada sobre isso. Mas não quer dizer que ele não machucou ela, só que eles sabiam que não deviam me contar sobre isso, caso tivesse de fato ocorrido.

WEST McCRAY:

E a Sadie não estava machucada quando você se encontrou com ela na noite anterior, no Cooper’s, e nem naquela manhã, no Lili’s?

JAVI CRUZ:

Machucada... como?

WEST McCRAY:

De acordo com uma jovem que conheceu a Sadie quando ela estava saindo de Montgomery, a Sadie estava ferida. Estava com hematomas no rosto, o queixo ralado e indícios de que o nariz estava quebrado.

Se não foi na casa dos Bakers, foi logo depois.

JAVI CRUZ:

Meu Deus.

WEST McCRAY:

Enquanto você esteve com a Sadie ela mencionou um homem chamado Darren ou Keith?

JAVI CRUZ:

Não... não que eu me lembre.

Você acha que ela está bem?

WEST McCRAY:

Eu não sei, garoto, mas é justamente isso o que estou tentando descobrir.

JAVI CRUZ:

Mas você acha que ela está bem?

VOZ AUTOMÁTICA FEMININA [TELEFONE]:

Esta é a caixa postal de...

MARLEE SINGER [TELEFONE]:

Marlee Singer.

VOZ AUTOMÁTICA FEMININA [TELEFONE]:

Deixe seu recado após o bipe.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Marlee, é o West McCray aqui.

Olha, sei que você não quer que eu fique ligando, mas a questão é a seguinte: eu tenho cada vez mais provas que sugerem que você viu a Sadie, que a colocou no caminho da casa do seu irmão, o Silas. Você conhecia o Darren. Acho que é provável que o Silas também. Eu gostaria muito que pudéssemos conversar sobre isso. Só estou tentando levar uma garota de volta pra família que tanto sente falta dela.

Por favor, me liga.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Oi, May Beth. A Claire está?

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Não. Ela ainda... ela não voltou.

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Ela não voltou desde a última vez que eu liguei? Você está falando sério?

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Não. Bem, não sei se... tem algumas coisas dela aqui que eu prefiro acreditar que a Claire não abandonaria se fosse mesmo embora, mas...

WEST McCRAY [TELEFONE]:

Estou voltando pra Cold Creek. Me liga se ela aparecer.

MAY BETH FOSTER [TELEFONE]:

Por quê? O que você descobriu?

WEST McCRAY [*TELEPHONE*]:
Não sei.

sadie

Farfield, Colorado.

Sinto cada quilômetro como um corte na pele. Essa viagem foi a mais difícil. A dor, a feiura. A dor de ficar na mesma posição por horas, o jeito como as juntas nos meus dedos começaram a latejar de segurar o volante com tanta força, mas tanta, que, quando eu finalmente parar o carro, sei que ainda vou senti-lo embaixo das mãos.

Quando a placa da cidade aparece, não há alívio junto.

Farfield é a média de todos os lugares a que fui; não é tão cheia de pobreza que dói olhar, nem fere tanto quanto Montgomery com todo aquele esplendor. Aqui, algumas partes são destruídas, outras parecem estar só numa maré de azar, e, depois, existe um gradiente de riqueza crescente: bom, melhor, ótimo. O lugar onde o Keith mora fica no lado da maré de azar, a um fio de uma coisa melhor, só que virado para o lado errado. É uma casa de dois andares simples com tinta branca descascando na fachada.

Eu estaciono do outro lado da rua.

Sinto meu coração batendo, meu sangue correndo pelas veias, tudo está trabalhando como deveria. Olho a casa por muito tempo, como fiz na do Silas, me preparando para o momento em que vou ter que vê-lo antes de fazer qualquer outra coisa.

Só preciso sobreviver a esse momento para aguentar o resto.

Estou com calor, suando. Encosto a cabeça no banco e fecho os olhos por pouco tempo, ou talvez por muito tempo, porque, quando os abro, vejo uma garotinha no degrau de entrada. Ela está cercada de papéis e rabisca em todos, até que, em determinado ponto, ela abandona o desenho e pega o livro bem gasto que tem nas mãos. Ela se parece tanto com uma pessoa saída de um quadro de Norman Rockwell que não acredito que seja real. Ela é pequena. Tem uns dez anos. Está usando um short rosa de brim, uma blusa listrada, e o cabelo castanho está preso em marias-chiquinhas tão tortas que

só posso achar que foi ela mesma que fez. O livro é uma brochura, e ela o segura como se fosse uma corda de salvamento. Ela está chegando perto do fim. Está com band-aids nos dois joelhos.

O inesperado de vê-la é mais do que consigo suportar. Não sei por que eu não estava esperando. Não quero sentir, mas não consigo evitar.

Puxo as mangas do meu casaco de moletom vermelho. Está quente demais para usar isso, mas era a única coisa que eu tinha para cobrir a atadura. Meu braço dói desde Langford, com pontinhos vermelhos aparecendo pela gaze, mas não quero pensar nisso. Olho meu rosto no espelho. Está com cores que só posso achar parecidas com as de frutas batidas. Roxos e marrons e toques de amarelo. Odeio olhar porque me lembra Silas Baker, ainda por aí.

Mas, talvez, depois do Keith eu possa voltar.

Acertar as coisas desta vez.

Saio do carro, o corpo protestando por cada detalhe desse ato simples.

A garota olha quando me aproximo. Quanto mais perto chego, mais vejo que ela é frágil, meio selvagem. A pele branca como leite é pontilhada de sardas. O rosto é arguto, com um nariz comprido e olhos pequenos e castanhos. Olho para ela e ela olha para mim. Ela fecha o livro, um exemplar de *O clube das baby-sitters*. Abro um sorrisinho, e ela me olha com cautela. Não a culpo. Estou assustadora, monstruosa.

– O-oi.

– Você fala engraçado – diz ela na mesma hora, e a voz é de alguém menor do que eu imaginava.

A voz é mais fina até do que a da Mattie.

– Eu s-sou ga-gaga.

– O que aconteceu com a sua cara?

– Sou m-muito de-desajeitada.

Eu me inclino até estar da altura dela e aponto para o livro. Na capa rasgada, a Stacey está correndo até as outras integrantes do clube com os braços esticados. Eu me lembro daquele, e é estranho lembrar. Esqueço às vezes que já fui criança, que fiz coisas de criança. Que li sobre garotas que eu sonhava ser. Que fazia coisas como brincar na terra e fazer bolinhos de lama. Fazia desenhos de mim mesma. Pegava vagalumes no verão.

– A S-Stacey era a m-minha fa-favorita, mas eu s-sempre quis me v-vestir como a C-Claudia.

– Eu odeio a Stacey.

Que difícil.

– Quem é sua fa-favorita?

– A Mallory – diz ela depois de um tempo. – E a Jessi. Tenho quase a mesma idade que elas. Gosto de ler sobre garotas... da minha idade.

Ela baixa o olhar, e noto o modo como ela se acha velha, porque eu também sentia, sentia anos nas costas que mais ninguém via, desejava os momentos em que os adultos me tratavam como alguém da idade que eu realmente tinha. Fico pensando se o Keith tem a etiqueta dela, pronto para levar junto quando fosse embora. Quero tanto ter chegado a tempo, mas, se ele já está aqui, isso quer dizer que é tarde demais.

A garota se anima de repente e diz:

– Venderam a coleção inteira pra livraria do centro. Estou tentando comprar tudo antes que alguém compre, mas não tenho dinheiro.

Eu pego um dos desenhos. São melhores do que deveriam ser para alguém da idade dela, eu acho. Paisagens ranzinhas e garotinhas tristes que se parecem um pouco demais com ela. É horrível quando a dor é óbvia assim. Tenho certeza de que a mãe dela pendura os desenhos na geladeira, orgulhosa, e olha sem ver de verdade. Todos os desenhos estão assinados por NELL.

Estou te vendo, Nell.

– N-Nell – eu digo. – É vo-você.

– Eu não devo falar com estranhos.

– Eu n-não sou estranha. Eu co-conheço o n-namorado da sua m-mãe.

– Você conhece o Christopher?

O jeito como ela fala quando pergunta isso me faz querer botar fogo no mundo. A luz repentina e temerosa nos olhos dela me diz tudo que preciso saber. Vejo as mãos dela tremerem, vejo-a apertar o livro para fazer parar, para esconder.

Ela tem dez anos e já está lutando contra seus pedidos de socorro.

Eu queria poder dizer para ela que em pouco tempo ela não vai mais precisar se preocupar com isso. Que *eu sei o que está acontecendo e vai ficar tudo bem*. Ela nunca ouviu essas palavras, eu tenho certeza, assim como eu nunca ouvi, e sei que ela deve desejar ouvi-las, como eu desejava.

– E-ele está?

Vou em direção à casa, e ela exclama:

– Não! – Eu me viro para ela. – Ele está dormindo. É a hora de descanso

dele. Eu não posso acordar ele pra nada, senão ele fica com raiva.

– É p-por isso q-que vo-você está aqui f-fora?

– Consigo ler quase um livro inteiro até ele acordar.

Ela diz isso com orgulho.

– Que i-incrível. – Ela abre um sorriso. – C-cadê a sua m-mãe, Nell?

– Ela trabalha no Falcon's.

– O q-que é isso?

– Um bar.

Claro. Eu fico em pé. Meus joelhos estalam.

– Q-quando ela chega?

– Depois que vou dormir.

É quase perfeito demais. Eu poderia entrar na casa e o encontrar deitado em um sofá ou uma cama, relaxado e dormindo. Poderia parar ao lado dele, a faca dele na mão sobre o coração batendo e enfiar fundo, acabando com ele. Imagino os olhos dele se abrindo e eu sendo a última coisa que ele vê antes de morrer. Pintando um aposento todo de vermelho, indo embora. E, quando perguntarem se a Nell viu alguma coisa, ela vai dizer: *Não, eu estava do lado de fora, não posso entrar durante o descanso dele...*

A ideia, a emoção embriagante, me guia até a porta e minha mão pousa na maçaneta e começa a girar, mas ela entra em pânico. Nell corre até mim e coloca as mãozinhas no meu pulso. Mãos tão pequenas quanto as da Mattie naquela idade. *Ela não é a Mattie*, eu penso, mas meu coração quer me levar para o lugar onde ela poderia ser. *Ela não é a Mattie, ela não é a Mattie, ela não é a Mattie, ela não é a Mattie...* mas suas mãos são pequenas... e quentes...

– Você não pode entrar – ela diz com urgência.

E vivas.

– V-vem comigo – eu digo.

Ela me olha, estupefata. Mas e se ela fosse? E se eu levar só *ela*, e se eu puder tirá-la de perto do que tem depois da porta?

– N-Nell, v-vem comigo. – Ela solta a minha mão e se afasta de mim. Eu estico a mão para ela, e ela dá outro passo para trás, e eu estico a mão de novo porque não consigo me controlar, porque nós sabemos o que tem dentro. Sinto a gagueira ficar mais forte conforme o desespero cresce em mim. – A-acho que vo-você d-devia v-vir co-comigo. N-n... n-não é...

Seguro.

Então, vem comigo.

Por favor.

– Minha mãe chega daqui a pouco – diz ela, balançando a cabeça, esquecendo que me disse que a mãe está no trabalho, que só chega em casa tarde. – A minha mãe... – Eu me mexo de um jeito que ela não deve gostar, porque ela abre bem a boca e grita: – *Mãe!*

O grito me arranca da fantasia, me força a voltar para o corpo. Meu corpo dolorido, machucado e cansado. Meu coração cansado. Dou um passo desajeitado em direção a ela, e ela está morrendo de medo.

– D-desculpa. – Enfio a mão no bolso, pego a carteira, e dou uma nota de vinte para ela. – E-espera. Aqui. P-pega isso.

Ela fecha a boca e me olha com desconfiança, enquanto eu olho para os dois lados da rua. Se alguém ouviu a garotinha gritando, não veio ver o que era. Engulo em seco e balanço a cédula na cara dela. *Pega o dinheiro, Nell.* Ela tem que entender o dinheiro. Eu entendia na idade dela.

– Dá p-pra comprar m-muitos li-livros com isso.

Ela dá um passo com hesitação, não quer chegar perto demais da garota monstro com o rosto deformado. Arranca a nota de vinte da minha mão e corre pela rua. Ela não olha para trás. Eu pisco para afastar a ameaça das lágrimas e faço uma promessa para a figura que se afasta.

Vou acabar com isso.

Eu olho para a casa.

Eu entro.

Está tudo em silêncio, exceto pelo zumbido baixo de eletricidade e por um relógio tiquetaqueando. Paro em um corredor pequeno, que leva para uma porta nos fundos da casa. À esquerda, uma cozinha, e, à direita, a escada para o segundo andar. Depois de entrar, fecho a porta silenciosamente e me encosto nela, me obrigando a respirar fundo regularmente. Tem um copo de leite e um sanduíche pela metade na mesa da cozinha. Pratos secando em um escurridor. Tem um aposento depois da cozinha, e é para lá que eu vou, surpresa com o silêncio do meu próprio corpo, com como ele foi feito para esse momento. É uma sala, é onde o relógio está, a televisão, o sofá onde imaginei o Keith, uma perna pendurada para fora, a boca aberta enquanto ele dorme.

Mas ele não está lá.

Então, em cima.

Tudo é fácil até meu pé direito tocar no primeiro degrau. A escada é velha e deixa isso bem claro, gemendo alto sob o peso do meu corpo. Cada vez que soa, me sinto da mesma forma como me sentia quando estava dirigindo e o carro fazia a curva de uma colina, aquela sensação estranha de ansiedade subindo e descendo na boca do estômago.

Quando chego ao patamar, eu expiro. Só percebo o quanto estou tremendo quando estou indo me apoiar no corrimão e vejo meus dedos trêmulos.

Tem três portas, a mais próxima, aberta, revelando um banheiro. Sobram duas à esquerda. Abro a primeira porta e me vejo no quarto da Nell.

Achei que poderia acontecer.

Esperava que não.

O quarto dela é arrumado, do jeito como eu deixava o meu, como se tudo tivesse sido colocado no lugar por mãos pequenas e inseguras. A parede é coberta por um papel de parede rosa desbotado com emendas amarelas que acho que está lá há mais tempo do que ela. Tem uma cama pequena com um edredom verde-menta um pouco murcho demais, de segunda mão. Atravesso o batente e vou até a escrivaninha em frente à cama. É onde ela faz as obras de arte. Um bloco de desenho e lápis de cor com adesivos da loja de um dólar ocupam o espaço. Vou até o armário ao lado da cama e abro a porta, e sou recebida pelo cheiro de amaciante de bebê e todas as roupas impossivelmente pequenas da Nell.

Eu já fui pequena assim.

Uma vida atrás.

Remexo nas roupas com dúvida. Eu não tinha decidido fazer isso, mas, agora que estou fazendo, não consigo parar, porque eu sei. Eu sei que vou encontrar exatamente o que não quero encontrar, e está aqui, no fundo. Uma blusa com a etiqueta cortada. Tiro a blusa do cabide e a encosto no rosto, e uma onda forte e quase insuportável de dor surge. *Vou te salvar, Nell. Vou te salvar.* Mas, depois disso, eu acho que nada mais pode ser salvo. Posso impedir o Keith, mas não posso desfazer tudo que já foi feito. Como se perdoa as pessoas que deveriam te proteger? Às vezes, não sei do que mais sinto falta: de tudo que perdi ou de tudo que nunca tive.

– Sempre fiquei pensando se você ia aparecer na minha porta um dia.

Dou um passo hesitante para a frente e me firmo, a voz baixa e controlada, de repente, me deixando pequena, me transformando em uma garotinha, doente por saber que fez algo errado. Eu fiz algo errado porque, quando me

viro, o Keith está parado bem na minha frente.

Eu queria que a escuridão dele aparecesse do lado de fora, porque estaria à mostra para todo mundo ver. Como todos os monstros reais, ele está escondido em plena vista. Ele é alto, sempre foi alto. Está de calça jeans, surrada e desfiando nas barras, com fios caindo sobre os pés descalços. As pernas são compridas, os braços são firmes e musculosos de um jeito do qual não me recordo de quando eu era mais nova. O rosto continua arguto como sempre foi, escondido por sombras e precisando ser barbeado. As linhas nos cantos dos olhos estão bem mais fundas agora do que quando eu tinha onze anos, e já eram bem fundas naquela época. Oito anos. Tem oito anos que não o vejo pessoalmente, mas sinto esse tempo entre nós desaparecer. *Não sou pequena, não sou pequena, não sou pequena...* O piso geme embaixo dele. Ele se posiciona na porta, encosta no batente e bloqueia minha passagem. Fico com a blusa da Nell encostada no rosto. A pele das minhas mãos está esticada nos dedos por causa do aperto. Eu fecho os olhos. Escuto o som dele respirando, lembro o som dele respirando tarde da noite, eu lembro... *Eu não sou pequena...*

O piso geme, se move sob o peso dele...

Eu abro os olhos e levanto a cabeça.

Ele sumiu.

Eu acharia que ele nunca esteve aqui se não conseguisse o ouvir correndo pela casa, correndo de mim, e fico meio perdida, tentando entender o que acabou de acontecer, o que deixei acontecer. Largo a blusa da Nell e saio do quarto dela, desço correndo a escada, não em silêncio, porque, se ele está aqui e sabe que estou aqui, não faz mais sentido fazer silêncio. Chego no pé da escada. A porta dos fundos está aberta, a que leva ao quintal, ao bosque que tem atrás.

Vou para a porta. Passo pela porta, dou aquele primeiro passo para fora, e o mundo explode em um céu preto noturno lindo com mais estrelas do que já vi em toda a vida. Vejo-as brilharem e cintilarem nos meus olhos, brilhosas e brancas e, depois, vermelhas, e logo elas começam a desaparecer, até só ter sobrado o preto. Meu crânio parece estar se desfazendo, latejando pelo impacto de uma força desconhecida. *Ele bateu em mim*, eu percebo vagamente...

Em seguida, uma pontada de luz, uma única estrela que reaparece no horizonte para acompanhar meus batimentos, pulsando fracos e vivos. Quero

segurá-la, mas não consigo esticar os braços. Caio por ela, sinto o corpo bater no chão. Estou no chão, a cabeça disparando um pensamento atrás do outro, nenhum deles capaz de se completar, e todos começam com *Mattie...*

E parecem não terminar nunca.

AS GAROTAS

T1E6

WEST McCRAY:

Quando finalmente chego a Cold Creek, a Claire ainda não voltou.

Já tem alguns dias.

MAY BETH FOSTER:

Liguei pra todos os bares em um raio de quarenta quilômetros. Ninguém viu a Claire, mas não sei muito de quê adianta. Ela tem dinheiro aqui... talvez esteja bêbada em algum buraco que eu não conheço e outra pessoa vai pagar a conta.

WEST McCRAY:

É fácil acreditar que a Claire poderia colocar a sobriedade dela em risco ao voltar para Cold Creek, mas, quando voltou, ela veio motivada pela dor, não pela autodestruição. Esse sofrimento devia nos lembrar que Claire Southern é mais do que a soma dos defeitos. Ela não é uma pessoa perfeita... mas é uma pessoa. Uma mãe.

Eu encontro a Claire no pomar de macieiras onde o corpo da Mattie foi encontrado.

[PASSOS, CARROS AO LONGE]

WEST McCRAY:

Claire?

[LONGA PAUSA]

CLAIRE SOUTHERN:

Você está gravando?

WEST McCRAY:

Se você não tiver nada contra.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu estava dirigindo sem rumo por aí... só fiquei rodando e rodando pelas mesmas estradas sem parar. Eu não sabia muito bem o que estava fazendo. Eu vim parar aqui neste lugar algumas horas atrás, e agora estou há uma eternidade tentando ir embora daqui.

Simplesmente não consigo.

WEST McCRAY:

Sinto muito pela sua perda.

CLAIRE SOUTHERN:

É a primeira vez que me dizem isso.

WEST McCRAY:

Sinto muito por isso também.

CLAIRE SOUTHERN:

É diferente quando você acha que a pessoa vai estar sempre presente. Você acha que tem todo o tempo do mundo pra ajeitar as coisas.

WEST McCRAY:

Você achou que poderia ajeitar as coisas com a Sadie?

CLAIRE SOUTHERN:

Duvido que conseguiria. É só um consolo ter essa opção.

Você tem filhos?

WEST McCRAY:

Tenho.

CLAIRE SOUTHERN:

Quantos?

WEST McCRAY:

Só um.

Uma filha.

CLAIRE SOUTHERN:

Quantos anos?

WEST McCRAY:

Ela tem cinco.

CLAIRE SOUTHERN:

É uma boa idade.

WEST McCRAY:

É?

CLAIRE SOUTHERN:

É. Eles estão começando a ser pessoas nessa idade, mas ainda são apegados como bebês. A Sadie... a Sadie passou por uma fase assim.

WEST McCRAY:

Ah, é?

CLAIRE SOUTHERN:

Ela nunca lembrou. Acho que deve ser meio incrível eu lembrar. Mas ela passou por uma fase em que queria muito que eu a botasse na cama à noite, me implorava para isso, então eu entrava no quarto dela e passava as mãos pelo cabelo dela até ela adormecer, e teve uma vez... ela olhou para mim e disse: *Você me fez*. E eu... eu disse: *Foi. Foi, amorzinho, eu te fiz*.

WEST McCRAY:

Você ama sua filha.

CLAIRE SOUTHERN:

A minha filha me odeia.

E quero contar outra coisa sobre a Sadie. Ela era inteligente. Quando tinha sete anos, já assinava os formulários de autorização da escola e, quando foi ficando mais velha, os da Mattie também. May Beth comprava os presentes de Natal, de aniversário, e a Sadie assinava meu nome nos cartões. A Mattie nunca soube a diferença.

Quer saber de outra coisa? Eu estava... eu fiquei em Harding's Grove depois que fui embora. Eu fiquei por lá nos últimos três anos. Harding's Grove fica a umas três horas de Cold Creek.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

De todas as coisas que aprendi desde que comecei a tirar as camadas da história da Sadie, a maior certeza me pareceu o seguinte: Claire partindo à noite a caminho da cidade dos anjos, abandonando a Mattie e a Sadie, e enviando um cartão-postal com palmeiras e com a mensagem *Seja minha boa menina* atrás para Mattie e nada, como sempre, para a filha mais velha.

E a Mattie se agarrando àquelas palavras até a levarem a entrar no banco do passageiro de uma picape dirigida por um estranho que acabaria matando-a.

Para ser sincero, a enormidade do que a Claire revelou para mim naquele pomar ainda não foi totalmente absorvida.

Ela nunca foi para Los Angeles.

Sadie enviou o cartão-postal.

WEST McCRAY:

Meu Deus.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

As circunstâncias da Sadie muitas vezes a obrigaram a compensar. Quando a Claire foi embora, Sadie viu Mattie afundar em uma depressão profunda e inalcançável e, em desespero, lançou uma linha salvadora, um cartão-postal com a caligrafia da mãe, e deu certo. Mas também acabou se tornando a fenda entre as duas irmãs, uma coisa da qual o relacionamento delas jamais teria a chance de se recuperar. Por causa daquele cartão-postal, apesar de não ser, de jeito nenhum, culpa de Sadie, a Mattie fugiu e foi assassinada... e a Sadie viveu cada momento depois da morte da irmã sabendo disso.

Alguma parte dela acha que ela é responsável?

O peso daquela culpa.

Não consigo imaginar.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu amava minha mãe. Ela nunca desistiu de mim. Me amava por mais merda que eu fizesse. E talvez não tenha sido a melhor coisa do mundo pra mim, mas, Deus, quando eu penso na minha, só penso naquele amor. E quando ela morreu, acabou. May Beth... ela não tinha nada pra mim. Então, achei que a Sadie... eu achei que a Sadie tivesse algo para mim. E nós todos sabemos em que isso deu.

O ódio dela doía em mim. Eu não consegui suportar. Tive que afastar ela de mim, senão ia precisar dela. E já me resignei quanto a isso. E a Mattie... a Mattie era bem mais fácil. E nenhuma delas... nenhuma delas merecia isso.

WEST McCRAY:

Nós ainda podemos encontrar a Sadie.

CLAIRE SOUTHERN:

Mas eu posso estar bem longe quando você conseguir encontrar a minha filha.

WEST McCRAY:

Claire...

CLAIRE SOUTHERN:

O que aconteceu com a minha pequena Mattie está me matando por dentro, e eu não estou nem um pouco disposta a encarar nada além disso.

WEST McCRAY:

Acho que não é assim que funciona.

CLAIRE SOUTHERN:

É assim que eu funciono. *[UMA BREVE PAUSA]* Você devia estar com a sua filha. O que é que você está fazendo aqui procurando pela minha filha?

WEST McCRAY:

Não tinha ninguém procurando.

CLAIRE SOUTHERN:

Não é por isso.

WEST McCRAY:

Bom... ter uma filha me fez...

CLAIRE SOUTHERN:

Nem termina essa frase.

WEST McCRAY:

Claire...

CLAIRE SOUTHERN:

Você está fazendo isso porque sua filha abriu seus olhos, é isso? Ter uma garotinha faz você perceber... o quê? Que tem um mundo grande, feio e sujo por aí? E, agora, você vai tentar salvar a minha pele pra ter a satisfação de deixar o mundo um pouco mais limpo do que era?

WEST McCRAY:

Não.

[PAUSA]

CLAIRE SOUTHERN:

Eu não sou idiota, sabe. Vejo como você olha para May Beth às vezes, quando ela está falando, como se fôssemos umas pobres coitadas. Você acha que pode tirar algum proveito da nossa dor, que pode transformá-la em algo útil pra você. Um show. Um show...

Fui usada por homens a vida toda e, se você quer a verdade, acho que você não vai ser diferente.

WEST McCRAY:

Claire, se *you* quer a verdade, eu nem queria essa história. E, quanto mais tenho, menos quero, porque acho que não está indo por um caminho bom. Mas estou nisso agora, então tenho que ir até o fim.

CLAIRE SOUTHERN:

Puxa, estou me sentindo bem melhor.

WEST McCRAY:

Não sei se estou chegando perto com a Sadie, mas consegui descobrir algumas coisas. Eu preciso que você me conte tudo sobre o Keith.

CLAIRE SOUTHERN:

Keith?

WEST McCRAY:

Sabe o sujeito que a Sadie está procurando, o que ela diz ser o pai dela e está chamando de Darren? Nós descobrimos que o Darren é, na verdade, o Keith. O que você pode me contar sobre o Keith?

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Ela me pergunta se podemos voltar para o trailer, onde a May Beth está esperando. May Beth não fica feliz, mas dá uma olhada na Claire e coloca a chaleira no fogo.

CLAIRE SOUTHERN:

Preciso de uma bebida.

MAY BETH FOSTER:

Pode sair daqui agora, você não vai fazer isso.

CLAIRE SOUTHERN:

Meu Deus, May Beth, precisar de uma bebida não quer dizer que vou beber.

WEST McCRAY:

Quando você estiver pronta.

MAY BETH FOSTER:

Pronta pra quê?

WEST McCRAY:

Pra falar sobre o Keith.

CLAIRE SOUTHERN:

Keith foi um erro.

MAY BETH FOSTER:

Ele se esforçou pra ajudar e você jogou ele fora, como faz com tudo.

CLAIRE SOUTHERN:

Ela pode sair?

WEST McCRAY:

May Beth, se você não puder deixar a Claire contar do jeito como ela lembra, vou ter que pedir pra você fazer o favor de nos deixar um pouco sozinhos.

MAY BETH FOSTER:

Essa casa é *minha*. Você está de brincadeira?

WEST McCRAY:

May Beth, a questão aqui não é nenhuma de vocês duas. O que importa aqui é a Sadie.

MAY BETH FOSTER:

Tudo bem. Podem ficar, não ligo.

[PORTA ABRINDO E FECHANDO]

CLAIRE SOUTHERN:

Vamos acabar logo com isso.

WEST McCRAY:

Me conta como o Keith entrou na sua vida.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu conheci o Keith em um bar chamado Joel's. Eu não lembro muito bem,

mas o cara veio atrás de mim. Ele veio até em casa como se fosse um... um cachorrinho sóbrio. O Keith não bebia. Ele nunca tomou uma gota durante todo o tempo todo que eu passei com ele.

WEST McCRAY:

Então, por que ele estava lá?

CLAIRE SOUTHERN:

Exatamente. Ele estava procurando alguém como eu.

WEST McCRAY:

Me explica o que você quer dizer com isso.

CLAIRE SOUTHERN:

Perdida, doente... eu estava doente com o vício. Ele me ajudou a continuar doente. Sempre me dava dinheiro, cuidava pra que eu estivesse sempre bêbada e drogada...

Ele nunca me pedia nada. Só dava e dava, e eu ficava feliz em receber, desde que ele estivesse disposto a dar. Ele estava tentando me deixar sempre alienada porque...

WEST McCRAY:

Por quê?

CLAIRE SOUTHERN:

Sadie odiava ele, sabe.

WEST McCRAY:

May Beth mencionou. Disse que a Sadie se sentia ameaçada pelo Keith.

CLAIRE SOUTHERN:

Ela nunca gostava de ninguém que eu levava pra casa. Você tem que entender, mesmo se fossem homens bons, ela não gostava deles. Não eram todos ruins.

WEST McCRAY:

Keith era?

CLAIRE SOUTHERN:

Eu acabei expulsando ele de casa.

WEST McCRAY:

Por quê?

CLAIRE SOUTHERN:

Por causa do jeito dele com minhas filhas. Ele sempre estava... interessado demais, sabe? A maioria dos caras, se você conta que tem filhos, eles não querem saber de você, então você tem que *jurar* que eles sempre virão primeiro. Mas o Keith nunca quis isso.

E eu não gostei do jeito como o Keith andava olhando para a Mattie.

WEST McCRAY:

O que isso quer dizer?

CLAIRE SOUTHERN:

Quer dizer o que eu disse.

WEST McCRAY:

Claire.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu encontrei... encontrei ele no quarto dela uma noite. Na última noite.

WEST McCRAY:

Fazendo o quê?

CLAIRE SOUTHERN:

Nada, não, não sei...

Tinha alguma coisa errada. Assim que eu vi, achei errado. Ele não tinha nenhum motivo pra estar lá. Nenhum. E, às vezes, quando eu lembro melhor, a calça dele estava aberta, mas eu estava... eu estava doidona, sei lá. Eu mandei ele pra fora de casa naquela noite, e, na manhã seguinte, a Mattie acordou perguntando onde o Keith estava... e todas as vezes depois que o nome dele era mencionado, ela ficava bem, então não acho... acho que devo ter chegado a tempo.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Claire é uma mulher difícil de avaliar pelo tom de voz. Ela relata essas coisas de um jeito seco e distante, como se fosse para se manter separada do que diz. É preciso ver o jeito como ela se encolhe a cada palavra que sai dos lábios dela. O jeito como mexe nos cigarros, mas não consegue chegar a acendê-los. As mãos tremem. Isso a perturba muito.

WEST McCRAY:

Claire, eu preciso perguntar outra coisa.

CLAIRE SOUTHERN:

Não.

WEST McCRAY:

A Sadie alguma vez falou...

CLAIRE SOUTHERN:

Não.

Não sei.

WEST McCRAY:

O Keith abusou da Sadie?

CLAIRE SOUTHERN:

[CHORANDO] Não sei.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Está claro que a Sadie tinha alguma coisa a resolver com o Keith. Seria isso? Ou ele conseguiu fazer mal à Mattie? Claire pode ter salvado a filha por uma noite, mas o Keith morou com elas por um ano.

MAY BETH FOSTER:

Não consigo acreditar... Não consigo acreditar no que você está dizendo sobre ele.

CLAIRE SOUTHERN:

É a verdade.

MAY BETH FOSTER:

Todas as vezes que me encontrava, a Sadie sempre me dizia o quanto odiava o Keith. Eu nunca dei ouvidos para ela. Achei que a garota estava sendo *infantil*, mas... a Sadie nunca era infantil.

CLAIRE SOUTHERN:

Não começa, May Beth.

MAY BETH FOSTER:

Não estou falando nada, Claire. Graças a Deus... graças a Deus você fez ele parar.

WEST McCRAY:

Parece que a Sadie estava procurando o Keith porque tinha contas a acertar.

MAY BETH FOSTER:

Mas eu não entendi por que a Sadie iria atrás dele agora, depois de tanto tempo.

WEST McCRAY:

Tem outra coisa. Keith teve um relacionamento com uma mulher, e o irmão dela foi preso recentemente por abusar sexualmente de crianças. Ele foi preso por causa da Sadie. Conto tudo sobre isso depois, mas, sem a Sadie, é seguro supor que ele ainda estaria se aproveitando de crianças. Não sei a extensão da ligação desse homem com o Keith, mas, pelo que a Claire está me dizendo, parece que eles têm essa predileção em comum.

CLAIRE SOUTHERN:

E o que a irmã tem a dizer sobre isso?

WEST McCRAY:

Ela se recusa a falar comigo.

CLAIRE SOUTHERN:

Isso é confirmação suficiente, não é? *[PAUSA]* Sadie fez mesmo ele ir preso?

[TELEFONE TOCANDO]

WEST McCRAY:

Desculpem. Eu tenho que atender. West McCray falando.

JOE PERKINS *[TELEFONE]*:

Oi, é o Joe Perkins, do Bluebird. Peço desculpas por estar ligando tão tarde, mas você me disse pra ligar se surgisse alguma coisa...

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Tudo bem, Joe. O que você tem pra me contar?

JOE PERKINS *[TELEFONE]*:

Eu estava conversando com um dos garotos que trabalhavam no motel... Ele foi despedido assim que eu vendi o lugar. Ellis Jacobs. Eu contei que você apareceu aqui fazendo perguntas, e ele disse que você precisa vir aqui assim que puder pra ouvir o que ele tem pra contar. É sobre a sua garota.

AS GAROTAS

EPISÓDIO 7

[TEMA DE AS GAROTAS]

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

Ellis Jacobs tem vinte e cinco anos e é branco, mas o rosto de garoto faz parecer que tem cinco anos a menos. Ele teve uma vida difícil e é o primeiro a contar sobre isso. Foi expulso de casa quando tinha uns dezessete anos. O rapaz insiste que não foi por ser um garoto ruim. O namorado da mãe dele na época não gostava muito dele.

ELLIS JACOBS:

Eles podem até estar casados agora, não tenho ideia. Ele era um babaca, era abusivo e me batia muito, e, às vezes, é assim que as coisas são, eu acho.

WEST McCRAY:

Ele ficou sem ter onde morar até quase vinte e quatro anos.

ELLIS JACOBS:

Não foi tão ruim como é pra algumas pessoas. Eu dormia muito no sofá das pessoas. Tinha muitos bons amigos. Mas estava tendo dificuldade de encontrar meu rumo.

WEST McCRAY:

E, aí, ele conheceu o Keith.

Mas Ellis o conheceu como Darren.

ELLIS JACOBS:

O que aconteceu foi que entrei em um jogo online quando estava na casa de um amigo. Um jogo multiplayer. Dá pra conversar com as pessoas enquanto a gente joga, e foi assim que eu conheci o Darren. Não houve nada de sinistro, nós só fizemos amizade e ele me disse que sabia como era ter que ir

de casa em casa. Ele queria ajudar.

WEST McCRAY:

Assim, do nada? Vocês nem se conheciam direito e ele já te ofereceu uma ajuda?

ELLIS JACOBS:

Eu estou resumindo a história para você. Bastante. Nós dois tivemos mais de mil horas naquele jogo. Isso é tempo suficiente pra conhecer uma pessoa, ou pelo menos para acreditar que conhece alguém.

WEST McCRAY:

O que ele falou sobre si mesmo?

ELLIS JACOBS:

Bom, é como eu falei: ele disse que era andarilho, que passou boa parte da vida distante da família. Que o pai batia nele...

Agora, fico pensando se era verdade, mas não sei. Ele arrumou um emprego pra mim no Bluebird quando eu mais precisei. Nunca me deu motivo pra eu achar que ele era... mau. Ele foi bom pra mim.

Ele salvou a vida do Joe, caramba.

Joe falava do Darren como se ele fosse um irmão, como se fosse um cara que faria qualquer coisa pra você se você pedisse, mas que nunca conseguia dar um jeito na própria vida, sabe como é?

WEST McCRAY:

Me conta como foi conhecer a Sadie.

ELLIS JACOBS:

Eu estava trabalhando aquela noite toda. Não sabia nada sobre ela quando peguei no serviço depois do Joe. Ela apareceu na recepção bem tarde, e o rosto dela estava arrebitado. Ela não parecia bem. A primeira pessoa sobre quem perguntou foi o Darren.

WEST McCRAY:

Mas ele não estava lá naquele fim de semana.

ELLIS JACOBS:

Não, mas também não aparecia tinha muito tempo. Foi o período mais longo

que ficamos sem ver ele. E ele ainda não apareceu.

WEST McCRAY:

Darren escondia o paradeiro dele de você?

ELLIS JACOBS:

Não do Joe, nem de mim. Mas nós sabíamos... sabe como é, o combinado era a gente não encher o saco dele sobre o lugar onde ele ia parar, nem contar pra ninguém que perguntasse. Ao menos foi o que o Joe me disse.

WEST McCRAY:

O que aconteceu com a Sadie?

ELLIS JACOBS:

A garota disse que era uma amiga da família. Fez muitas perguntas sobre ele. O que mais me chamou atenção na ocasião foi que ela foi muito persistente. Ofereci transmitir um recado pro Darren, mas ela disse não. Perguntou se ela podia deixar uma coisa pra ele no quarto dele, eu disse não. Perguntou se eu sabia onde o cara estava, e eu também não quis dizer isso. Depois disso, a garota desistiu. Ou foi o que eu achei.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

Se lembram da janela quebrada no banheiro?

Foi a Sadie.

WEST McCRAY [*PARA ELLIS*]:

E você não ouviu a janela quebrando?

ELLIS JACOBS:

Eu ficava fechado lá dentro, a televisão ligada... eu não ouvi.

WEST McCRAY:

O que fez você decidir olhar o quarto?

ELLIS JACOBS:

Ela botou a ideia na minha cabeça. Ela estava agindo de um jeito tão estranho... eu não consegui parar de pensar. Uma hora depois, eu acho, eu me levantei e fui olhar. Meus instintos estavam mandando. Pela frente do motel, não parecia estar acontecendo nada, mas fui até a janela e olhei pra dentro. As cortinas estavam fechadas, mas consegui identificar o que achei que fosse... alguma coisa se movendo.

Abri a porta, e ali estava ela.

WEST McCRAY:

Me conta tudo de que você se lembra.

ELLIS JACOBS:

Era... muita coisa ao mesmo tempo. O quarto estava revirado. Tinha sido ela. O braço estava sangrando muito...

WEST McCRAY:

Sangrando?

ELLIS JACOBS:

Ela quebrou a janela do banheiro, e não foi muito fácil. Destruiu o braço dela.

WEST McCRAY:

Você não contou nada para o Joe sobre aquela janela. Não contou nada disso ao seu chefe até ele contar para você que falou comigo.

ELLIS JACOBS:

É, isso mesmo.

É que o quarto do Darren é proibido, e achei que eu ia perder o emprego se o Joe soubesse. Eu não tinha regra nenhuma pra trabalhar lá, só *uma*, a regra mais fácil do mundo de *não* violar, então... eu deixei pra lá. Não sabia quanto tempo ia demorar pro Joe vender o motel, e eu precisava do dinheiro até não ter mais saída. Assim que o Bluebird foi comprado, ele me despediu e eu... vão derrubar o prédio. Pareceu sem sentido falar sobre isso.

WEST McCRAY:

Tudo bem, vamos continuar do ponto em que ela quebrou a janela e cortou o braço e você a encontrou.

ELLIS JACOBS:

A garota se cortou tanto que precisava de pontos. Ela não levou nenhum, mas os cortes pareciam bem profundos a ponto de precisar, e foi nessa hora que percebi o quanto ela devia querer entrar naquele quarto. Eu entrei lá e dei de cara com ela, e a garota me viu, puxou uma faca retrátil, a encostou na minha garganta e perguntou... ela perguntou... Jesus, como é difícil dizer em voz alta.

WEST McCRAY:

O que ela perguntou, Ellis?

ELLIS JACOBS:

Ela perguntou se eu era como ele.

WEST McCRAY:

Como o Darren?

ELLIS JACOBS:

É.

WEST McCRAY:

O que ela quis dizer com isso?

ELLIS JACOBS:

Ela queria saber se eu... se eu... o jeito como ela falou foi... Meu Deus, é horrível.

Ela me perguntou se eu trepo com garotinhas.

WEST McCRAY:

Essas foram as palavras dela?

ELLIS JACOBS:

Exatamente essas. Ela botou uma faca na minha garganta e perguntou se eu era... como o Darren, e foi isso que ela quis dizer quando perguntou. De todas as coisas que ela poderia ter dito, eu não... isso não chegou nem perto do que eu podia esperar.

WEST McCRAY:

O que você fez?

ELLIS JACOBS:

Eu falei que não sabia... não sabia sobre o Darren. Falei que tinha conhecido ele online em um jogo e tudo o mais. Ela ficou... Olha, quando meus pais me expulsaram de casa, eu tive que lidar com as outras pessoas conseguindo enxergar através de mim, sabe o que quero dizer?

WEST McCRAY:

Me explica.

ELLIS JACOBS:

Ah, tipo quando eu ficava orgulhoso demais ou irritado demais... eu sempre criava uma fachada pra impedir as pessoas de me darem o que eu precisava. Eu fazia mal a elas. Não, não fisicamente, mas jogava minha dor pra cima

delas porque não sabia pedir ajuda. Eu sempre tento me lembrar disso em relação às outras pessoas. Eu sempre tento ver além delas e dar ajuda, se achar que posso.

WEST McCRAY:

Então, você decidiu ajudar?

ELLIS JACOBS:

Um pouco. Quer dizer... na verdade, eu estava me cagando e tinha uma faca no meu pescoço, e eu achei mesmo que ia morrer, cara. Ela estava louca. Estava com... uma expressão louca nos olhos... e isso era o que eu tinha para trabalhar, então trabalhei em cima disso.

WEST McCRAY:

Você a acalmou.

ELLIS JACOBS:

Acho que foi.

WEST McCRAY:

Como você fez isso exatamente?

ELLIS JACOBS:

Eu disse que ela estava machucada e que eu podia ajudar, e ela podia me contar sobre o Darren, porque eu não sabia. Eu meio que consegui ver que ela... ela estava *cansada*, cara. Ela parecia estar exausta. Eu tinha isso a meu favor. Acho que isso foi parte do motivo pra ela ter baixado a faca... mas acho que também... tá, naquele momento, eu acreditei que ia morrer. Eu realmente acreditei que ela ia me matar. Mas, depois que ela foi embora... não sei. Quando a gente olha pra trás, enxerga perfeitamente. Pensando *depois*, acho que ela não tinha coragem de ir até o fim. Mesmo assim, eu chorei como um bebê quando ela me soltou.

WEST McCRAY:

Me conta o que aconteceu depois.

ELLIS JACOBS:

Nós voltamos pra recepção e eu cuidei do braço dela, e ela me contou... ela me contou sobre o Darren.

WEST McCRAY:

Por tudo que você falou, o Darren foi um bom amigo pra você. Sei que você

se ofereceu a ouvi-la em um ato de autopreservação, mas foi só isso? Você acreditou nela?

ELLIS JACOBS:

Quando alguém vai pra cima de você com uma faca e não está tentando roubar seu dinheiro nem nada, e as primeiras palavras que saem da boca da pessoa são pra perguntar se você se mete com criancinhas... tem que haver alguma coisa nisso, né? E, apesar de eu... eu juro que não conheci o Darren de quem ela falou, mas ela encontrou... ela encontrou umas coisas no quarto dele.

WEST McCRAY:

Que tipo de coisas?

ELLIS JACOBS:

Ela encontrou uns documentos falsos, e todos eram... todos eram do Darren, pelas fotos nos documentos, mas todos tinham nomes diferentes. E nenhum nome era do Darren.

WEST McCRAY:

Você se lembra de algum?

ELLIS JACOBS:

Só Keith, como você falou. Ela disse que conheceu ele como Keith. E as outras coisas que ela pegou no quarto dele eram, hã... eram etiquetas.

WEST McCRAY:

Etiquetas?

ELLIS JACOBS:

Etiquetas, tipo... cortadas de camisetas... e tinham nomes, nomes de menina, ele tinha escrito nomes de meninas nelas. Quando perguntei o que aquilo queria dizer... ela disse que eram os troféus dele... os troféus das crianças.

Sadie era um dos nomes.

WEST McCRAY:

Certo.

ELLIS JACOBS:

Mas ela não disse que ela era a Sadie, e eu nem pensei nisso até você me dizer o nome dela e eu lembrar.

WEST McCRAY:

E o que aconteceu depois?

ELLIS JACOBS:

Você está bem?

WEST McCRAY:

Estou. É só que... o que...

O que aconteceu depois disso?

ELLIS JACOBS:

Ela disse que Darren “fez uma coisa” com a irmãzinha dela e que ele fazia mal a crianças, e que esse era o motivo de ela estar procurando ele.

WEST McCRAY:

O que ela quis dizer com isso?

ELLIS JACOBS:

Ela não falou. Eu disse que, se ele era tão mau, ela devia ligar para a polícia, pra eles cuidarem disso... nós brigamos por causa disso.

WEST McCRAY:

Ela não queria?

ELLIS JACOBS:

Ela não queria. Ela falou que, primeiro, queria ter certeza de que o encontraria e, só depois, chamaria a polícia... mas ela tinha que estar lá porque, depois tudo que ele fez ela passar, ela precisava ver acontecer.

WEST McCRAY:

O que você fez?

ELLIS JACOBS:

Fiz um curativo no braço dela... quer dizer, fiz o melhor que consegui, e não foi muito bom, e deixei ela seguir o caminho dela.

WEST McCRAY:

Você mandou ela pra ele.

Você sabia onde ele estava.

ELLIS JACOBS:

Sabia.

WEST McCRAY:

Me diz que você ligou pra polícia assim que ela foi embora.

ELLIS JACOBS:

Não liguei.

WEST McCRAY:

Por que você não quis ligar? Por que falar comigo e não com a polícia?

ELLIS JACOBS:

Porque eu fiquei... sei lá! Porque se eu mandasse a polícia atrás do Darren e ela estivesse errada, eu teria traído um cara que foi legal comigo! E não posso voltar atrás nisso! Mas, se ela ia até lá e ela mesma ia ligar, e se ele era mesmo culpado, tudo ia dar certo. Eu não... sei lá, cara! Não parecia real, sabe? Eu só queria esquecer tudo. E, aí, quando o Joe disse que você estava procurando uma garota desaparecida chamada Sadie, e eu me lembrei da etiqueta...

Sei lá.

WEST McCRAY:

Meu Deus, Ellis.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

A cidade de Fairfield, Colorado, fica a um dia de carro de Langford. Quando termino de falar com Ellis Jacobs, eu me preparo para ir até lá de carro, mas sou impedido ao pensar na Sadie, indo sem parar de um lugar para o outro, abalada pela dor, culpada, exausta e ferida. É difícil pensar que alguém possa estar tão vulnerável e sozinho.

É difícil pensar nela tão vulnerável e tão sozinha.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Acho que não consigo fazer isso.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Consegue, sim.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Quando o Keith estava na vida das garotas, a Mattie tinha mais ou menos a mesma idade que a minha... que a minha filha tem hoje. E a Sadie, ela tinha apenas onze anos. O sujeito se aproveitou das duas garotinhas e elas eram só... elas eram só crianças, sabe?

Quem faz uma coisa dessas com uma criança?

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Conseguiu dormir?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Consegui.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Mentira.

WEST McCRAY:

Quando eu chego a Fairfield, são sete horas da manhã. Ellis Jacobs me contou qual foi o último lugar onde sabia que Keith estava, o mesmo endereço que ele passou para Sadie, e, quando paro em frente à casa, não espero dar nove horas para bater na porta.

[PASSOS, SONS DE BATIDA NA PORTA]

[SONS DE PORTA ABRINDO]

VOZ FEMININA:

Posso ajudar?

WEST McCRAY:

Oi. Sou West McCray. Sou jornalista da WNRK e estou procurando por uma garota que está desaparecida. Tenho motivos para acreditar que ela esteve nesta região, na sua casa, mais precisamente, e eu gostaria muito que você pudesse me ceder um pouco do seu tempo e me deixar fazer algumas perguntas sobre o caso.

VOZ FEMININA:

Não sei nada sobre nenhuma garota desaparecida.

WEST McCRAY:

Deve ter sido uns poucos meses atrás...

VOZ FEMININA:

Hã, olha, eu acabei de sair do trabalho e estou muito cansada, e está muito cedo... será que você poderia...

WEST McCRAY:

Espera, eu só preciso... só um... você conhece esse homem?

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

Eu mostro a foto do Keith. Darren.

VOZ FEMININA:

Ah, meu Deus.

WEST McCRAY:

Então, você conhece? Ele está aqui agora? Esteve?

VOZ FEMININA:

Não. Sim... quer dizer... esteve. Mas...

WEST McCRAY:

Onde ele está agora?

VOZ FEMININA:

Bom, ele...

Ele morreu.

GAROTINHA:

Mãe?

AS GAROTAS

EPISÓDIO 8

[TEMA DE AS GAROTAS]

APRESENTADOR:

As Garotas é um oferecimento da WNRK.

WEST McCRAY:

Tem um ano que apareci na porta da casa da Amanda e ela me disse que o Keith estava morto. As palavras que saíram da minha boca em seguida foram: “Acho que temos que chamar a polícia”. Depois disso, fui juntando os pedaços de tudo que sobrou, tentando montá-los de algum jeito que eu conseguisse entender. Amanda aceita me encontrar para repassar o que aconteceu naquele dia. Ela é branca, tem trinta anos e tem uma filha. Ela me pediu para não divulgar o sobrenome dela.

AMANDA:

Não sei por onde começar.

WEST McCRAY:

Como você o conheceu?

AMANDA:

Ele foi ao lugar onde eu trabalhava na época.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Amanda não mora mais em Farfield. Ela se mudou para uma nova cidade, em outro estado. Está tentando deixar para trás o relacionamento que teve com Christopher, o nome que Keith estava usando naquela época. Não tem sido fácil. Amanda é assombrada por tudo que aconteceu na época. Está tendo dificuldade de lidar com o ocorrido.

WEST McCRAY:

Você trabalhava em um bar.

AMANDA:

É. Ele apareceu uma noite, depois outra. Foi legal, atencioso. Não bebia, só comia lá. E continuou voltando. Havia alguma coisa nele... eu sentia que podia conversar com ele e sentia que ele entendia tudo que eu dizia. Sou mãe solteira e é difícil encontrar pessoas... eu tinha dificuldade de encontrar pessoas dispostas a me ouvir.

WEST McCRAY:

Você tem uma filha.

AMANDA:

[PAUSA] Tenho.

WEST McCRAY:

Quantos anos ela tinha na época?

AMANDA:

Ela tinha acabado de fazer dez.

WEST McCRAY:

Há quanto tempo você o conhecia quando ele foi morar com vocês?

AMANDA:

Mais ou menos um mês e meio. Ele estava lá em todos os meus turnos de trabalho e em todos os meus intervalos. Nos meus dias de folga. Eu estava... eu achei que estava apaixonada por ele. Me lembro de pensar que era ridículo sentir aquilo, mas, ao mesmo tempo, por que uma coisa boa não podia acontecer comigo?

Se eu soubesse que levar ele pra casa... se eu soubesse o que estava levando pra casa... minha filha nunca me disse nada. Nunca me contou que tinha alguma coisa errada. Como *mãe*, era de se pensar que eu saberia. Era de se pensar que eu...

WEST McCRAY:

Ele procurava mães solteiras de garotas pequenas, mulheres solitárias que tinham coisas demais para cuidar. Esse homem se aproveitava dessas mães tanto quanto das meninas. Você não pode se culpar, Amanda.

AMANDA:

Eu sei disso, mas saber e...

Saber e acreditar são coisas diferentes. [PAUSA] Ele não tinha emprego. Em qualquer outro momento, isso teria sido um sinal pra mim. Mas ele era tão

legal e tão bom pra minha filha que eu achava que ter alguém por perto com mais frequência, alguém de quem, na ocasião, ela pareceu *gostar*... eu achava que seria bom pra ela.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

A filha da Amanda faz terapia agora. Duas vezes por semana.

AMANDA:

Eu trabalhava e ele ficava em casa. Com ela.

WEST McCRAY:

Me conta como ele morreu.

AMANDA:

Uma das garotas do bar pediu pra trocar comigo, então, entrei um pouco mais cedo do que costumo e voltei pra casa um pouco mais cedo também. Quando cheguei em casa, minha filha estava lá e ele, não. Ela me contou que tinha ido até a livraria e, quando voltou, ele tinha sumido. Fiquei furiosa porque eu não queria que ela ficasse sozinha em casa, porque achava que não era... [*RISADAS*] Eu achava que não era se...

Desculpa.

WEST McCRAY:

Leve o tempo que precisar.

AMANDA:

Ele chegou às nove daquela mesma noite. Estava com uma aparência terrível. Estava... sujo. Imundo. Pálido, tremendo, se apoiando mais no lado esquerdo. Fiquei horrorizada. Não acreditei nos meus olhos.

WEST McCRAY:

O que ele disse que aconteceu?

AMANDA:

Ele falou que foi assaltado. Ele disse, como foi que ele falou...? “Fui roubado, levaram todo o meu dinheiro, me levaram pra dar uma volta.” Mas não disse quem foi, e, quando perguntei, ele foi bem vago. Mas ele estava sentindo dor, e alguma coisa *tinha* acontecido com ele. Isso era verdade.

WEST McCRAY:

Você não procurou a polícia.

AMANDA:

Eu queria. Implorei pra ele. Ele disse que não. Eu falei que a gente devia pelo menos ir ao hospital pra ele ser examinado, porque ele estava com dor, mas ele foi inflexível e disse que estava bem, só um pouco dolorido, e que precisava dormir pra passar. E, como se estivesse tentando provar o que disse, ele se sentou e jantou comigo. Depois, tomou um banho. Foi pra cama. Ele estava vivo. Na manhã seguinte, fui ver como ele estava, ele disse que estava bem e só queria dormir. Então, eu deixei ele dormir. Mandeí minha filha pra casa de uma amiga, para passar o dia e dormir, para não incomodá-lo. Fui trabalhar. Quando voltei pra casa, por volta da meia-noite, ele não estava mais reagindo, ainda na cama. Eu liguei pra emergência.

WEST McCRAY:

Ele tinha tentado tratar um ferimento de faca na lateral esquerda, mas não conseguiu. Infeccionou. Ele morreu no hospital de septicemia dias depois.

AMANDA:

Quando ele morreu, eu fiquei arrasada e perdi a cabeça. Não sabia a quem avisar. Eu não tinha dinheiro para um enterro. Ele não falou nada sobre ninguém da família dele... então, remexi nas coisas dele. Encontrei... na carteira... ele tinha dinheiro. Isso me surpreendeu, porque ele tinha me dito que haviam levado tudo. Os assaltantes. Na picape dele, encontrei um documento. Tinha um nome diferente. Não era Christopher.

WEST McCRAY:

Jack Hersh.

AMANDA:

Eu não entendi, mas consegui fazer contato com os pais dele, Marcia e Tyler. Eles não se falavam desde que o Chris... o Jack tinha dezoito anos. Eles foram até lá e identificaram e levaram o corpo depois que a polícia o liberou, e eu fiquei com essa... dor por um homem que eu achava que conhecia e por esse choque de não conhecer ele de verdade.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Antes de Jack Hersh ser Keith, Darren e Christopher, ele morava em Allensberg, Kansas. Depois do ensino médio, saiu de casa, como muitos fazem. Ninguém de lá nunca mais o viu. Mas as pessoas se lembravam dele.

Os residentes de Allensberg descreveram Jack como um ser solitário e

sinistro. Os pais eram cristãos devotos que costumavam se manter isolados. Mas havia boatos de que as coisas não eram muito boas em casa, que o pai do Jack bebia demais e perdia a cabeça.

Os pais dele se recusam a falar comigo.

Houve um incidente quando Jack tinha doze anos; ele se mostrou para um grupo de garotas da escola.

Marlee Singer tinha dez anos quando o irmão, Silas Baker, virou o melhor amigo do Jack. Os dois tinham dezessete anos. Aconteceu de repente, aparentemente sem explicação.

MARLEE SINGER *[TELEFONE]*:

Acho que eles se reconheceram um no outro.

WEST McCRAY:

Marlee finalmente aceitou falar comigo.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Você conheceu o Jack bem antes de se envolver romanticamente com ele. Mandou a Sadie para o seu irmão para encontrar esse homem, e sabia, ou pelo menos desconfiava, que os dois tinham as mesmas predileções, não é? Então, minha única pergunta pra você agora, Marlee, é: *por quê?* Por que você mandou ela pra eles e por que mentiu pra mim?

MARLEE SINGER *[TELEFONE]*:

Porque, se você tivesse visto a expressão nos olhos dela, você ia perceber que nada ia fazer ela parar. E eu nunca... eu nunca consegui me impor ao meu irmão. E eu não contei nada quando você veio porque fiquei com medo e achei que tinha muito a perder.

[CRIANÇA PEQUENA CHORANDO AO FUNDO]

AMANDA:

Quando o Jack morreu, a minha filha... fiquei achando que ela não tinha ficado muito chateada, mas concluí que era porque as crianças lidam com essas coisas de um jeito diferente. Agora, eu sei.

Ela ficou aliviada.

WEST McCRAY:

O que aconteceu depois que eu fui à sua casa?

AMANDA:

Nós chamamos a polícia.

WEST McCRAY:

Enquanto esperávamos, eu mostrei uma foto da Sadie, para o caso de você ter tido contato com ela sem ter percebido.

AMANDA:

A minha filha estava entre nós e disse: “Eu vi essa menina”.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

A filha da Amanda nos contou que a Sadie apareceu na mesma tarde em que o Jack foi assaltado, pelo que ela lembrava. O que ela contou sobre o encontro foi perturbador.

AMANDA:

Minha filha disse que a Sadie tentou... levá-la? Ela pegou o braço da Nell e queria que fosse com ela, e, como minha filha não quis, Sadie deu dinheiro pra ela comprar livros. Nell estava lendo vorazmente na época, vivia na livraria. Você disse que acha que a Sadie podia estar querendo tirar a minha filha de casa. Para salvar ela.

WEST McCRAY:

É nisso que prefiro acreditar.

AMANDA:

Quando eu perguntei à minha filha por que ela não tinha me contado sobre a Sadie, Nell começou a chorar. Disse que eu já tinha preocupação demais, que não queria me chatear. Mais tarde, descobri que o Jack dizia isso para minha filha com frequência, para fazer ela ficar calada. Que, se a Nell me procurasse e me dissesse que alguma coisa estava errada, eu ficaria furiosa com ela...

Estou feliz de ele estar morto.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

O relato de Nell, filha da Amanda, coloca a Sadie no mesmo local e na ocasião em que Jack Hersh foi morto. Liguei para o Danny naquela noite.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Como você está?

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Acabei de dizer para uma mãe que existe uma grande possibilidade de a filha

dela ter sido abusada sexualmente pelo homem que ela levou pra dentro de casa. Ela... gritou, Danny. Não consigo nem descrever o som.

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Sinto muito, cara.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Contei o que sei pra polícia de Fairfield. Querem ver todo o meu material. Tenho cópias, mas...

DANNY GILCHRIST *[TELEFONE]*:

Dê pra eles o que eles querem e leve o tempo que precisar.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É que... cadê ela, Danny? Se eles se encontraram e ele saiu vivo, ao menos até a infecção aparecer, cadê *ela*?

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Depois que fui interrogado pela polícia de Fairfield, voltei para Cold Creek para explicar para May Beth e para Claire tudo o que tinha acontecido, ao menos o que eu sabia, e o que não tinha.

MAY BETH FOSTER:

Ah, Sadie. Ah, minha menina.

CLAIRE SOUTHERN:

Então, onde ela está?

WEST McCRAY:

Não sei, Claire.

CLAIRE SOUTHERN:

Isso não basta.

WEST McCRAY:

Não sei o que aconteceu com ela depois que ela chegou à casa do Jack. Não sei pra onde ela foi. Jack estava lá quando ela chegou. Me parece seguro supor que eles se encontraram. Não sei o que aconteceu depois. Eles devem ter saído de casa em algum momento. O Jack voltou. A Sadie, não. O carro dela foi encontrado em uma estrada de terra. Ele morreu. Ela continua desaparecida. A polícia está investigando. Isso é tudo que eu sei.

CLAIRE SOUTHERN:

Não. May Beth disse que você ia encontrar ela. May Beth disse que o objetivo é esse, que é por isso que você está aqui. Você devia encontrar ela...

WEST McCRAY:

Eu tentei.

CLAIRE SOUTHERN:

O que isso quer dizer? Você está... está desistindo? Você acha que não tem ninguém pra procurar, é isso?

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Àquela altura, minha mente ficava revolvendo em torno do estado em que o Jack foi descrito ao voltar pra casa: sujo, com dor, ferido e, depois, morto. Eu imaginei que tinha acontecido uma briga entre ele e Sadie.

Eu queria acreditar que a Sadie tinha sobrevivido.

Mas não tinha como ter certeza.

WEST McCRAY *[PARA CLAIRE]*:

Eu tenho que repassar tudo que tenho e descobrir onde isso nos leva. Estou voltando pra Nova York.

CLAIRE SOUTHERN:

Claro que está.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

A viagem de volta para a cidade foi pesada.

Passei o fim de semana com a minha filha, e ela percebeu que havia alguma coisa errada. Eu não queria perdê-la de vista, mas, ao mesmo tempo, quase não conseguia suportar olhar para ela. Me sentia tão inquieto e descuidado quanto imaginava que a Sadie estava na época, como se precisasse fugir, voltar para a estrada, dirigir até alcançar meu objetivo. Eu tinha que encontrá-la e levá-la de volta pra casa, pra May Beth e pra mãe. Mal conseguia aguentar o fracasso que parar parecia simbolizar. Era definitivo demais. Mas eu estava em uma posição em que a única coisa que podia fazer era repassar o que tinha e esperar pela próxima coisa, fosse o que fosse.

DANNY GILCHRIST:

Tudo bem, supondo que eles finalmente tenham se encontrado, o que você acha que aconteceu entre eles?

WEST McCRAY:

Acho que eles se encontraram. Sadie ia acabar com a vida do Jack, e a coisa ficou ruim a partir daí. Pelo jeito como a Amanda descreveu o Jack quando ele voltou, não pareceu que o encontro aconteceu sem briga. Acho que a facada foi um ato de legítima defesa... da Sadie. Amanda disse que as coisas de casa não estavam fora do lugar, que não havia sinal de violência. Acho que aconteceu no lugar de onde o Jack voltou.

DANNY GILCHRIST:

Talvez onde o carro foi encontrado?

WEST McCRAY:

Possivelmente. Se Sadie não dirigiu até lá, o Jack pode ter dirigido.

DANNY GILCHRIST:

O que você acha que aconteceu com a Sadie se tiver sido o Jack que dirigiu?

WEST McCRAY:

Você está me perguntando se eu acho que ele matou a Sadie, abandonou o carro dela em uma estrada de terra e conseguiu voltar pra casa antes de morrer?

DANNY GILCHRIST:

Acho que estou.

WEST McCRAY:

Pergunta outra coisa.

DANNY GILCHRIST:

Você acha que ele matou a Mattie, não acha?

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Se aprendi uma coisa sobre a Sadie Hunter, essa coisa foi que ela quase tinha papel secundário na própria vida. Ela vivia pela Mattie, vivia pra amar, cuidar e proteger a irmãzinha, de corpo e alma.

Parece muito provável agora que o Jack tenha abusado da Sadie, mas tive dificuldade de aceitar que somente esse fato a inspiraria a persegui-lo incansavelmente como ela fez. E não sei como a Sadie soube que o Jack foi o responsável pela morte da Mattie, mas, como ela contou para o Ellis no Bluebird: *Ele fez uma coisa com a minha irmã.*

E, se for esse o caso, por que o Jack voltou para Cold Creek? E o plano dele

sempre foi voltar anos depois para encontrar a Mattie e roubá-la da família... para sempre?

Essas perguntas têm me mantido acordado à noite.

[TELEFONE TOCANDO]

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

West McCray.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

É May Beth.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

É bom ouvir a sua voz. O que houve?

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

O DNA da cena do crime da Mattie é compatível com o do Jack.

DETETIVE SHEILA GUTIERREZ:

A polícia de Fairfield, junto com a polícia de Allensberg e com a ajuda do FBI, conseguiu encontrar uma ligação entre as amostras de DNA da cena do crime da Mattie e uma amostra do Jack que tínhamos no arquivo, de um crime antigo, de roubo. Estava na base de dados do estado. Norah Stackett também confirmou que a picafe em que viu a Mattie entrar era dele. Ainda estamos procurando a senhorita Hunter. Nossa investigação está em andamento, e, se alguém tiver informações sobre Jack Hersh ou Sadie Hunter, pedimos que nos ligue no número 555-3592.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Estou indo praí.

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Não... não. Tudo bem. Não venha.

WEST McCRAY *[TELEFONE]*:

Eu gostaria muito de falar com você...

MAY BETH FOSTER *[TELEFONE]*:

Sei que vamos conversar novamente. Mas, agora, agora nós precisamos de um tempo.

WEST McCRAY *[ESTÚDIO]*:

Eu dou tempo a elas.

Muito tempo. Passo o inverno e a primavera trabalhando no programa e, quando não estou fazendo isso, continuo o meu trabalho no *Sempre por aí*. A história da Sadie começa a fazer sentido, a levar para... bom, esse é o problema. Eu ainda não sei qual é o fim. Pergunto a May Beth se ela e Claire estariam dispostas a conversar comigo para a gente descobrir. A essa altura, estamos em junho.

Ela concorda.

É meio poético chegar a Cold Creek um ano depois que a Sadie partiu. Devia estar assim quando ela pisou fora do trailer e se despediu do que restava da vida dela sem a Mattie. Os canteiros de flores estão coloridos e, surpreendentemente, Claire ainda mora com May Beth. Ela ajuda a gerenciar o Sparkling River Estates em troca do quarto e continua limpa.

MAY BETH FOSTER:

Não sei. Nem sempre é fácil. Às vezes, eu só quero... às vezes, eu não suporto a presença dela e sei que, às vezes, ela não suporta a minha. Mas parece a coisa certa a fazer. Se ela quer ficar, eu quero permitir.

WEST McCRAY:

Como você está?

MAY BETH FOSTER:

Depende da hora. [PAUSA] Estou com raiva. Estou com raiva de muita gente por muitos motivos, mas, principalmente, de mim mesma e do que não consegui ver. E, às vezes, essa é a única coisa que me tira da cama.

WEST McCRAY:

Sinto muito.

MAY BETH FOSTER:

E você está encerrando tudo? Acho que é isso, né?

WEST McCRAY:

Não completamente. Mas, se não tem muita coisa nova acontecendo, o próximo passo é contar a história da Sadie. Eu gostaria de dar esse privilégio ao mundo, contando sobre ela, como você fez comigo.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

May Beth tenta e não consegue segurar as lágrimas.

MAY BETH FOSTER:

Claire está lá dentro. Ela vai falar com você.

WEST McCRAY [*ESTÚDIO*]:

May Beth insiste que eu fique para jantar e vai ao Stackett's comprar ingredientes, me deixando sozinho com Claire, para conversarmos.

O interior do trailer da May Beth está idêntico à primeira vez que vim aqui, tantos meses antes. É como voltar no tempo, para nosso primeiro encontro, quando olhamos o álbum de fotos da Sadie e da Mattie antes de chegarmos à página com a foto que faltava.

Claire fica parada junto à pia da cozinha, seus braços estão cruzados, ela está parecendo um pouco mais segura desde que nós conversamos pela última vez. Ficamos em silêncio por um tempo, como se nós dois estivéssemos cheios de esperança de que a Sadie fosse aparecer milagrosamente, que a garota vai surgir caminhando pela entrada para destruir a narrativa uma última vez.

WEST McCRAY:

Onde você acha que ela está?

CLAIRE SOUTHERN:

Los Angeles.

Foi uma piada.

WEST McCRAY:

Estou surpreso de você ter ficado.

CLAIRE SOUTHERN:

Eu também.

Mas sabe em quê eu fico pensando?

WEST McCRAY:

Em quê?

CLAIRE SOUTHERN:

Ela pintou o cabelo de louro.

Sadie tinha cabelo castanho natural. Ela era muito parecida com a minha mãe, e eu tinha dificuldade com isso. Era muito pra mim.

Às vezes, eu acho que o que eu mais queria era sair deste lugar, e que eu sou a última pessoa no mundo que mereceria ver a Sadie se ela voltasse. Mas, aí,

eu penso, *ela pintou o cabelo de louro*, e essa é a cor da Mattie, mas é a minha também. E se alguma parte do que ela fez teve alguma coisinha a ver comigo, acho que eu devia ficar, só por precaução.

Só para o caso de ela querer voltar pra casa, pra mim.

Só para o caso de ela poder.

WEST McCRAY:

Eu espero que sim...

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Eu espero que sim.

CLAIRE SOUTHERN:

Você já pensou em qual vai ser o nome do programa?

WEST McCRAY:

Eu estava pensando em, talvez, *Sadie & Mattie*. Você teve alguma outra ideia?

CLAIRE SOUTHERN:

Acho que você devia chamar de *As garotas*. Acho que devia chamar assim por todas as garotas que acho que a Sadie deve ter salvado.

Chame de *As garotas* e faça com que as pessoas escutem, faça com que saibam que a Sadie amava a Mattie de coração. Faça com que saibam que ela amava *tanto* a Mattie que foi nisso que seu amor se transformou. Faça com que as pessoas saibam.

WEST McCRAY [ESTÚDIO]:

Penso muitas vezes no que a Claire me disse no pomar de macieiras em Cold Creek. Que, quando ela me perguntou por que eu estava procurando a Sadie, eu disse que tinha uma filha, porque pareceu a coisa mais nobre que eu podia oferecer no momento. Claire ficou com raiva de mim, e com razão, por usar a minha filha como motivo de ver a dor e o sofrimento no mundo dela e como desculpa pela minha tentativa desajeitada de consertar tudo isso.

Mas eu estava mentindo na ocasião.

Eu disse ao Danny que não queria a história porque achei que não *era* uma história, e isso também foi mentira. Não sei se a verdade é muito melhor. Garotas desaparecem o tempo todo. E não saber é maravilhoso. Eu não queria

essa história porque estava com medo. Eu estava com medo do que não encontraria e estava com medo do que encontraria.

Ainda estou.

Não cheguei a conhecer a Sadie Hunter, mas sinto que, de uma forma sutil, ainda que significativa, cheguei a conhecê-la. Vinte anos atrás, ela nasceu e foi colocada nos braços da mãe, e, seis anos depois disso, sua irmã, Mattie, foi colocada nos dela, e o mundo dela ganhou vida.

Na Mattie, a Sadie encontrou propósito, um objetivo para o seu amor. Mas o amor é complicado, é enrolado. Pode inspirar altruísmo, egoísmo, nossas maiores realizações e nossos erros mais difíceis. Nos une e pode nos separar com a mesma facilidade.

Pode nos motivar.

Quando a Sadie perdeu a Mattie, isso fez com que ela saísse de casa em Cold Creek e encarasse a solidão e a dor de todos aqueles quilômetros, só para encontrar o assassino da irmãzinha e consertar o mundo de novo, talvez até pagando com a própria vida.

Podemos nunca saber o que exatamente aconteceu entre a Sadie e o Jack, mas sei em que quero acreditar. E, agora que isso passou, é o amor da Sadie pela Mattie que resiste e preenche as lacunas, até que, se e quando, a Sadie voltar, nos conte com as palavras dela.

E, Sadie, se você estiver por aí, por favor, me avise.

Porque eu não aguento outra garota morta.

agradecimentos

A Sara Goodman, especialista nas possibilidades e no potencial das palavras, cuja edição precisa, inteligente e atenciosa sempre revela o coração dos meus livros e me torna uma escritora melhor. A Amy Tipton, cujo incansável entusiasmo, cuja infinita paciência e cujo *timing* perfeito sempre me fazem seguir em frente e continuar inspirada para criar. Elas cuidam do meu trabalho há dez anos e, além de serem realmente excelentes no que fazem, são pessoas boas de verdade. É uma alegria e um privilégio conhecê-las e trabalhar com elas.

A toda a equipe da Wednesday Books, do passado e do presente. É uma honra vê-los se dedicando tanto a *Sadie*. A Jennifer Enderlin, John Sargent, Anne Marie Tallberg, Brant Janeway, Brittani Hilles, Karen Masnica, DJ DeSmyter e Meghan Harrington – uma equipe dos sonhos. A Kerri Resnick e Agata Wierzbicka, pela capa lindíssima de *Sadie*, e a Anna Gorovoy, pelo miolo incrível de *Sadie*. A Lena Shekhter. A Lauren Hougen e Naná V. Stoelzle, pela atenção aos detalhes. A Talia Sherer, Anne Spieth e a todos do marketing de bibliotecas. À equipe de Vendas, Macmillan Audio, Creative Services, Jennie Conway, Alicia Adkins-Clancy, Vicki Lane, Eileen Rothschild, Lisa Marie Pompillo. A paixão e dedicação delas ao trabalho é inigualável.

A Ellen Pepus e Taryn Fagerness, pelo trabalho maravilhoso nos bastidores.

As percepções aguçadas de Dustin Wells foram críticas para fortalecer este manuscrito. Sou grata a ele pelo tempo e pelo feedback valioso.

A fé, o feedback e, mais do que tudo, a amizade de Lori Thibert, Emily Hainsworth, Tiffany Schmidt e Nova Ren Suma me ajudaram a enfrentar este livro e muito mais. Sou muito feliz por tê-las na vida.

Agradeço pelo feedback, pelo apoio, pela amizade, pelo tempo e pela gentileza destes bons corações: Leila Austen, Alexis Bass, Lindsey Culli,

Somaiya Daud, Laurie Devore, Debra Driza, Maurene Goo, Kris Halbrook, Kate Hart, Kody Keplinger, Michelle Krys, Steph Kuehn, Amy Lukavics, Samantha Mabry, Phoebe North, Veronica Roth, Stephanie Sinkhorn, Kara Thomas e Kaitlin Ward. Brandy Colbert. Sarah Enni. Kirsten Hubbard. Damon Ford [ash]. [Veroni]Kelly Jensen. ~*Whitney Crispell, Kim Hutt Mayhew, Baz Ramos e Samantha Seals. Carolyn Martin. Susanne e Meghan Hopkins. Meredith Galemore. Brian Williams. Will e Annika Klein. Eu não teria conseguido chegar ao fim de *Sadie* sem eles.

A Somaiya Daud e Veronica Roth, pela sabedoria e pelo ácido senso de humor.

Agradeço aos leitores, livreiros, bibliotecários, educadores, blogueiros, *vloggers* e *instagrammers* que encontraram um lugar para os meus livros em seus corações e nas prateleiras. Eles são uma parte enorme do motivo de eu conseguir fazer o que amo... e de eu amar o que faço.

A minha melhor amiga, Lori Thibert, de novo, sempre. Uma das melhores e mais talentosas pessoas que conheço. Não consigo imaginar nada disso sem a amizade de vida dela. Aprendi tanto com ela e pretendo seguir a vida com tanta graça, gentileza, humor, generosidade e inteligência quanto ela faz com a dela.

Finalmente, mas nunca menos importante, a minha família, tanto a imediata quanto a mais ampla, do Canadá aos Estados Unidos, que me ama, me encoraja e acredita em mim incondicionalmente. A minha mãe, Susan Summers, cuja força, perspicácia e sensação de encantamento são apenas três das muitas características incríveis que ela tem e que a tornam a minha heroína. As minhas avós, Marion LaVallee e Lucy Summers, duas senhoras fortes e implacavelmente amorosas. A minha irmã mais velha, Megan Gunter, osso duro de roer, que nunca vou deixar de admirar; ao meu cunhado, Jarrad Gunter, preciso como uma faca afiada; e a minha sobrinha, Cosima, que exprime o melhor dos pais dela todos os dias. Amo e sinto saudades de David Summers, Ken LaVallee, Bob Summers e Bruce Gunter, mas o que aprendi com eles é uma parte nada pequena da escritora que sou hoje.

Obrigada.

Nota do editor

Sadie é uma história de ficção. Entretanto, a violência enfrentada pelas personagens Mattie Southern e Sadie Hunter é uma realidade para muitas garotas ao redor do mundo. De acordo com um estudo feito pela RAINN (*Rape, Abuse & Incest National Network*), – uma das maiores organizações não governamentais que dão assistência às vítimas de estupro, abuso e incesto nos Estados Unidos – os agressores sexuais são conhecidos das vítimas norte-americanas em 93% dos casos.

No Brasil, segundo um boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde, entre os anos de 2011 e 2017, dos mais de 180 mil casos de violência sexual, 31,5% foram cometidos contra crianças e 45% contra adolescentes. Na grande maioria dos casos, o agressor era do gênero masculino e fazia parte do convívio familiar ou social da vítima.

Crimes não podem ser silenciados. A violência doméstica e o abuso sexual devem ser combatidos. Caso você tenha sido vítima ou conheça alguém que tenha sido violentado, denuncie.

As denúncias podem ser feitas através do Disque Direitos Humanos – Disque 100 ou pelo aplicativo Proteja Brasil. Com este aplicativo, além das denúncias, dá para localizar órgãos de proteção nas principais capitais do país. É possível, ainda, denunciar essas violências nos Conselhos Tutelares e nos CREAS / CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) e nas delegacias especializadas.

Lembre-se: também é essencial para as vítimas amparo familiar e psicológico. Não silencie, ajude. Caso não saiba o que fazer, peça ajuda. Você não está só.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1^a edição, abr. 2019



Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

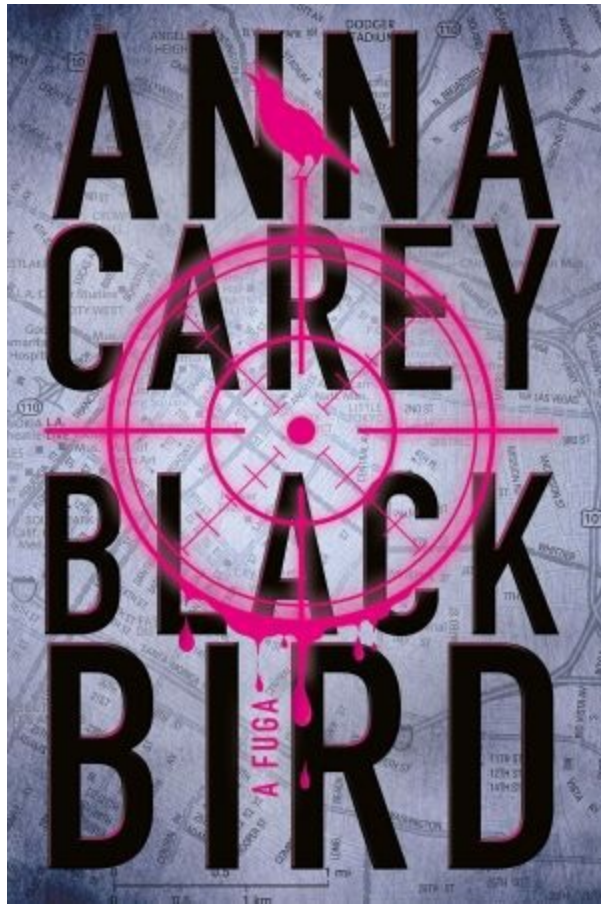
[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que

o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico,

resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



Blackbird

Carey, Anna

9788576838739

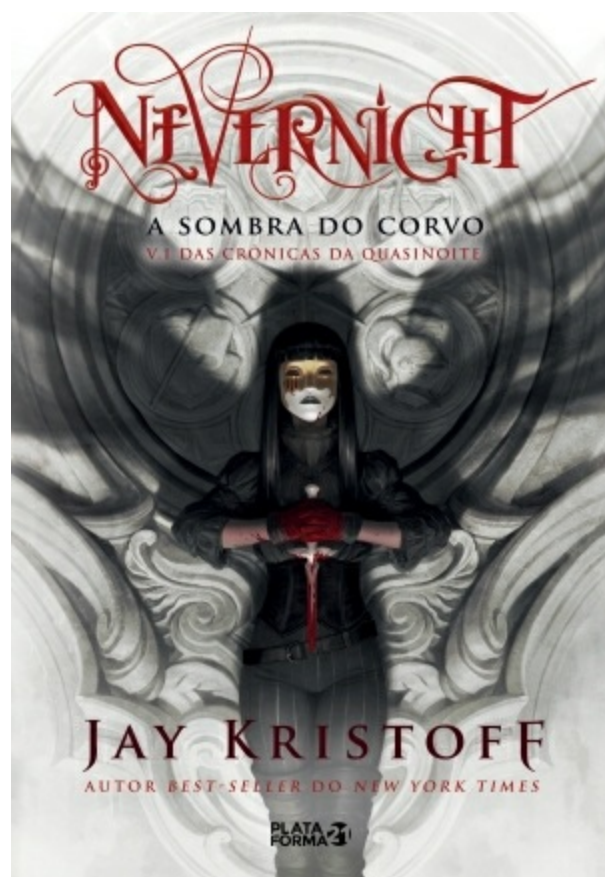
230 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma garota acorda nos trilhos do metrô de Los Angeles sem lembrar quem é. Há uma mochila a seus pés contendo uma troca de roupas, mil dólares em espécie, um número de telefone e a instrução "Não ligue para a polícia". Perguntas rodopiam em sua cabeça: Quem é ela? Como chegou ali? O que ela fez? O que significa a tatuagem de um pássaro e o código FNV02198 em seu pulso? Ela mal tem tempo para descobrir sua identidade, e logo percebe que está sendo caçada. Precisa fugir desesperadamente. Não sabe quem são eles, não sabe em quem confiar. Só há uma coisa que sabe com certeza: estão tentando matá-la.

Destaques do livro "Uma história eletrizante, contada em segunda pessoa. Este thriller inovador, de tirar o fôlego, traz ao gênero novos limites e novas ambições."
– Kirkus Reviews Os direitos de Blackbird foram vendidos para a produtora Lionsgate, responsável por adaptações para o cinema como Jogos Vorazes e Crepúsculo.

[Compre agora e leia](#)



Nevernight

Kristoff, Jay

9788592783259

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxendo e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam "traidor, traidor, traidor"... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os três sóis daquela terra não permitam que

anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

[Compre agora e leia](#)

GAROTAS DE NEVE E VIDRO



MELISSA BASHARDOUST

PLATA
FORMA 3

Garotas de neve e vidro

Bashardoust, Melissa

9788592783655

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mina é filha de um mago cruel e sua mãe está morta. Aos dezesseis anos, seu coração nunca bateu apaixonado por ninguém – na verdade, ele jamais bateu de forma alguma, e Mina sempre achou esse silêncio normal. Ela nunca suspeitou que o pai arrancara seu coração e, no lugar, colocara um coração de vidro. Então, quando Mina chega ao castelo de Primavera Branca e vê o rei pela primeira vez, ela cria um plano: ganhar o coração dele, tornar-se rainha e finalmente conhecer o amor. A única desvantagem desse plano, ao que tudo indica, é que ela se tornará madrasta. Lynet tem quinze anos e é a imagem de sua falecida mãe. Um

dia, ela descobre a verdadeira razão disso: a partir da neve, um mago a criou à semelhança da rainha morta. Mas, apesar de ser a projeção visual perfeita da falecida rainha, Lynet preferiria ser forte e majestosa como sua madrasta, Mina. E Lynet realiza seu desejo quando o pai a torna rainha dos territórios do sul, tomando assim o lugar de Mina. A madrasta, então, começa a olhar para a enteada com algo que se assemelha ao ódio, e Lynet precisa decidir o que fazer – e quem quer ser – para ter de volta a única mãe que de fato conheceu... ou simplesmente vencer Mina de uma vez por todas. Garotas de neve e vidro traça a relação de duas mulheres fadadas a serem rivais desde o princípio – a não ser que redescubram a si mesmas e deem novo significado à história que lhes foi imposta. Este aclamado conto feminista do clássico Branca de Neve nos leva a um mundo singelo e, ao mesmo tempo, maravilhoso – como nos contos de fadas. Uma releitura contemporânea para mantê-lo sempre atual e presente. "Esplêndido." – AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – Starred Review "Arrebatadora

adaptação feminista do clássico Branca de Neve num tratamento sombrio e fantástico." – KIRKUS – Starred Review "Reconto empoderador com protagonistas complexas. Inovador e atual – altamente recomendado." – SCHOOL LIBRARY JOURNAL – Starred Review "A autora reflete sobre instituições estabelecidas, identidades, individualidades, amor e livre arbítrio." – PUBLISHERS WEEKLY "Uma narrativa sofisticada que une magia, relações entre mãe e filha, além de mulheres gloriosamente poderosas buscando triunfo num mundo estritamente patriarcal." — TRACI CHEE, best-seller do New York Times e autora da série Mar de Tinta e Ouro.

[Compre agora e leia](#)



Godsgrave

Kristoff, Jay

9788592783716

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

eBook em novo formato, revisto e revisado. Nascimento. Vida. E morte. É assim que cantamos a jornada de personagens heroicos. Porém, a dona desta trama, não é uma heroína com a qual se está acostumado. Mia Corvere – o pequeno corvo – é a encarnação da vingança. Nas viragens passadas, ela era apenas uma discípula da seita de assassinos mais temida da República de Itreya. E, embora tenha falhado no teste final, foi a única capaz de resgatar o ministério da Igreja Vermelha do golpe traiçoeiro dado pelos legionários luminatii. Mia, enfim, foi ungida Lâmina. Agora ela é uma serva da Mãe da Noite. E cada vida

que executa é uma oração para a Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Mas não pensem que a garota se esqueceu daqueles que destruíram sua família, e cujo sangue realmente quer ter em suas mãos. Para saciar sua sede de vingança, a assassina será capaz de sair do caminho que a Igreja trilhou para ela, e seguir sua própria vontade. Usando de suas artimanhas, Mia Corvere fará de tudo para se tornar uma gladiatii – escravos de lutas que batalham até à morte. Com demônios feitos de sombras ao seu lado, nosso pequeno corvo vai decorar as arenas de vermelho e vísceras. Por sangue e glória, os louros de cada vitória vão aproximá-la ainda mais dos algozes de seu pai e do espetáculo sangrento com o qual ela sempre sonhou. Em Godsgrave, a República está prestes a cair.

[Compre agora e leia](#)